

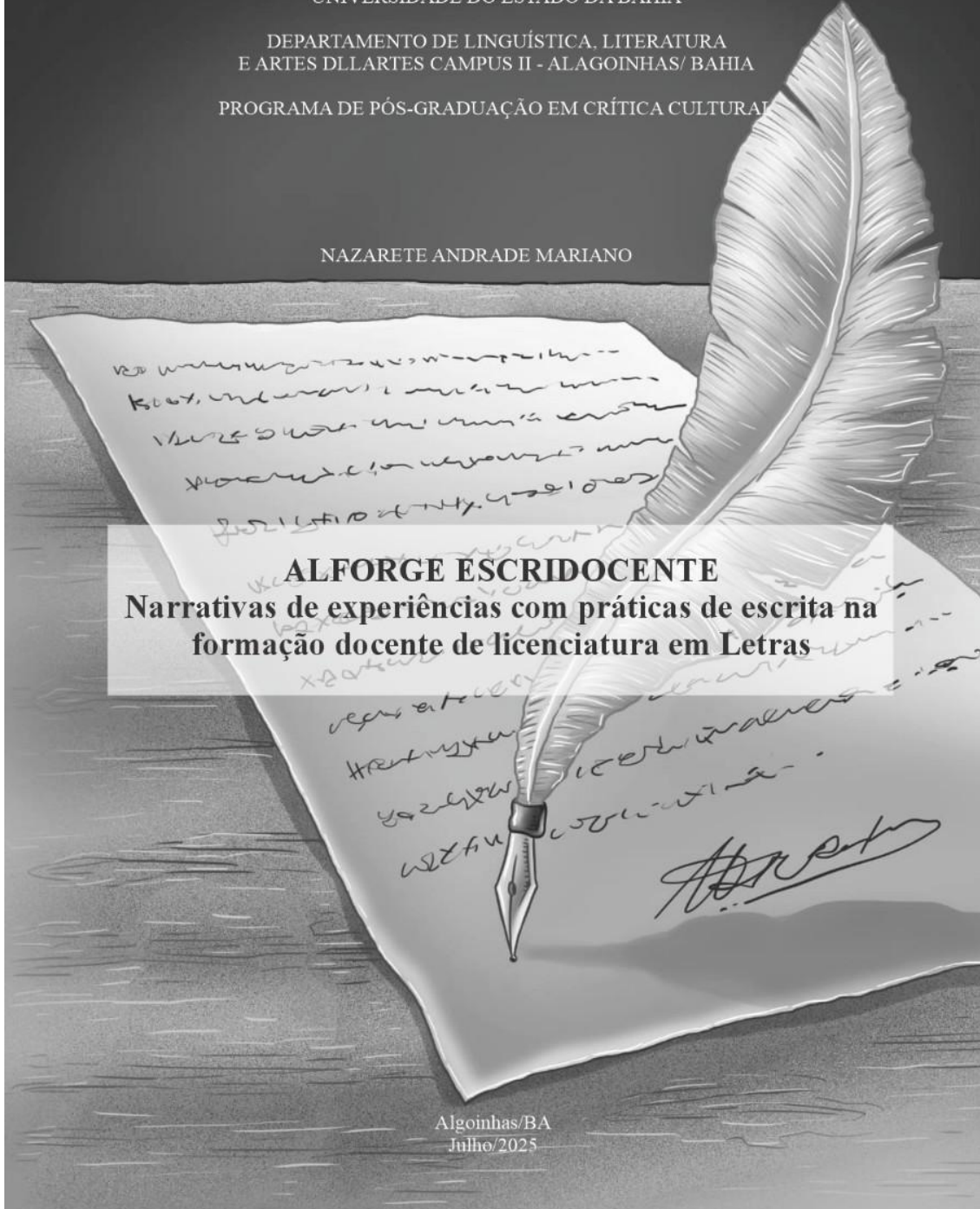


UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA
E ARTES DLLARTES CAMPUS II - ALAGOINHAS/ BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL

NAZARETE ANDRADE MARIANO



ALFORGE ESCRIDOCENTE
Narrativas de experiências com práticas de escrita na
formação docente de licenciatura em Letras

Algoinhas/BA
Julho/2025



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ARTES DLLARTES
CAMPUS II - ALAGOINHAS/ BAHIA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL

NAZARETE ANDRADE MARIANO

ALFORGE ESCRIDOCENTE

**Narrativas de experiências com práticas de escrita na formação docente de
licenciatura em Letras**

**Alagoinhas/BA
Julho/2025**



NAZARETE ANDRADE MARIANO

ALFORGE ESCRIDOCENTE

**Narrativas de experiências com práticas de escrita na formação docente de
licenciatura em Letras**

Texto de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural-modalidade doutorado - do Departamento de Educação – DEDC II da UNEB como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Crítica Cultural. Área de concentração: Letras (Linguístico-Literário)

Orientador: Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos

**Alagoinhas/BA
Julho/2025**



Sistema de Bibliotecas da UNEB
Biblioteca Carlos Drummond de Andrade – *Campus II*
Manoela Ribeiro Vieira
Bibliotecária - CRB 5/1768

M333a Mariano, Nazarete Andrade
Alforge Escridocente: narrativas de experiências com práticas de escrita na formação docente de licenciatura em letras/ Nazarete Andrade Mariano – Alagoinhas, 2025.
276f.: il

Orientador: Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Linguística, Literatura e Artes DLLARTES II. Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Doutorado em Crítica Cultural – Alagoinhas, 2025.

1. Narrativas de experiências 2. Práticas de escrita 3. Formação docente I. Santos, Cosme Batista dos II. Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Departamento de Linguística, Literatura e Artes – Campus II. III. TÍTULO

CDD – 370



ATA

Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural - PÓS-CRÍTICA

SESSÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA PÚBLICA

Em 7 de julho de 2025, às 14 hora(s), na sala de Arte Oswald de Andrade e na sala de videoconferência - Google Meet do Departamento de Linguística, Literatura e Artes, Campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, realizou-se a Sessão Pública de Defesa da Tese, da Doutoranda NAZARETE ANDRADE MARIANO, intitulada: "ALFORGE ESCRIDOCENTE NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS DE ESCRITA NA FORMAÇÃO DOCENTE DE LICENCIATURA EM LETRAS". O Professor Dr. COSME BATISTA DOS SANTOS, orientador e Presidente da Banca Examinadora, iniciou a sessão apresentando os demais examinadores: Prof.ª Dra. DANISE GRANGEIRO GONDIM - UBA, membro externo, Prof. Dr. CLECIO DOS SANTOS BUNZEN JÚNIOR - UFPE, membro externo, Prof. Dr. JOSE CARLOS FELIX - UNEB, membro interno e Prof.ª Dr.ª AUREA DA SILVA PEREIRA, membro interno. A sessão teve a duração de 4 horas e, após a exposição do trabalho e arguição da discente a Banca emitiu o seguinte parecer:

CONCEITO	APROVADO (X)	APROVADO COM RESTRIÇÃO ()	REPROVADO ()
NOTA/PARECER			
A banca examinadora aprovou a tese em questão e recomendou a publicação integral do texto. Além disso, a banca também sugere a indicação para o Prêmio Tese da Capes.			

Para lavrar a presente Ata, eu, Prof. Dr. COSME BATISTA DOS SANTOS, presidente da Banca, encerro a presente ATA, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Banca.

Alagoinhas-BA, 7 de julho de 2025



Documento assinado digitalmente
DANISE GRANGEIRO GONDIM
 Data: 06/08/2025 12:44:45-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>



Documento assinado digitalmente
COSME BATISTA DOS SANTOS
 Data: 11/07/2025 09:49:02-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) **COSME BATISTA DOS SANTOS**
 Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Orientador(a) Praticante



Documento assinado digitalmente
CLECIO DOS SANTOS BUNZEN JUNIOR
 Data: 05/08/2025 20:05:25-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) **CLECIO DOS SANTOS BUNZEN**
 Universidade Federal de Pernambuco - UFPE



Documento assinado digitalmente
AUREA DA SILVA PEREIRA
 Data: 19/09/2025 19:16:55-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) **AUREA DA SILVA PEREIRA**
 Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Examinador(a) Interno



Documento assinado digitalmente
JOSE CARLOS FELIX
 Data: 14/09/2025 08:35:57-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Examinador(a) Interno

NAZARETE ANDRADE MARIANO

Discente



Documento assinado digitalmente
NAZARETE ANDRADE MARIANO
 Data: 19/09/2025 19:24:42-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>



Às Maria(s) e aos José(s), seres sagrados in
memoriam: Maria Andrade (mãe), Lúcia Maria
Andrade (irmã), Maria Amélia (amiga de turma de
doutorado), Jerônimo José Mariano (pai) e os
Manuel José Mariano, Miguel José Mariano e tios
Nicolau José Mariano (pela memória do alforge).



PósCrítica, 07 de julho de 2025.

Aos andarilhos e andarilhas,

Não poderia fazer estes agradecimentos senão em forma de carta: um gênero que me acompanhou nas trilhas percorridas ao longo desses pouco mais de quatro anos de doutorado, como bordado de sentido, presença e marca de afetividade.

Começo referenciando, e reverenciando, as políticas públicas, em especial aquelas instituídas nas instituições públicas de ensino implantadas nos estados do Nordeste. Sem elas, não seria possível que, eu assim como tantas pessoas de origem campesina com toda a formação escolar e acadêmica na rede pública de educação, realizasse o sonho de tornar-se a primeira doutora da família.

Mas as políticas públicas já se anunciavam antes mesmo da escola: dentro de casa, na artesanaria de resistência de minha mãe, Maria Andrade, uma freiriana sem saber que era, que nos empurrava para os estudos como quem oferece aos filhos seu mais requintado ato de rebeldia. Meu pai e minha mãe nos ensinavam, com seus corpos e silêncios, o que era o agenciamento coletivo: sou a décima de treze filhos. Assim, a ideia de comunidade nasceu no convívio familiar. A eles, (em memória) minha eterna gratidão.

Agradeço à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (PósCrítica), na pessoa do Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. A cada docente e funcionárias(os), que compõem esse território de pensamento. Ao Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos, pelas orientações sempre atentas e cuidadosas. À Prof^ª Dr^ª Danise Grangeiro, pela acolhida generosa, tanto em terras portenhas quanto com minha tese. Ao Prof. Dr. Clécio dos Santos Bunzen Júnior, ao Prof. Dr. Cristian Javier Lopes, à Prof^ª Dr^ª Áurea Pereira e ao Prof. Dr. José Carlos Félix, pelas leituras atentas, afetiva e pela escuta comprometida ao meu texto de tese.

Aos meus familiares e amigos(as), obrigada por compreenderem as ausências, os silêncios e as metamorfoses que esse processo exigiu. Aos companheiros(as) de doutorado, minha gratidão pelas trocas, por se fazerem audiência e pelos vínculos construídos, com menção especial a Crizeide Freire, Gabriel Vidinha, Eider Ferreira, Lucas Costa, Genivaldo Cruz, Wellington Neves e Romeu Menezes que tornaram a turma de 2021 um lugar afetivo de troca. Aqui, deixo um agradecimento (em memória) à nossa eterna Maria Amélia, que deixou vazia a casa de nossa turma com sua ausência física, mas segue presente pelo exemplo de persistência: lutou até o último fio de cabelo cair.



As equipes das duas instituições de ensino em que estou lotada, à Escola Estadual Dona Guiomar Barreto, em Juazeiro/BA e à Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina, especial ao Curso de Licenciatura em Letras, pela compreensão e partilha de sempre.

Aqui, faço menção à professora Yolanda de Almeida, não só por ter plantado a sementinha, ainda, quando eu andarilhava como estudante, pelas veredas do curso de Letras, mas também por acompanhar as andanças desta tese com seu olhar de revisora gramatical.

Aos passantes da minha janela, que me acompanharam pelas leituras nos olhares tais quais você andarilha(o). Moro em um apartamento térreo e sempre havia a curiosidade na tentativa de decifrar o mistério de tantas horas diante da tela; agradeço-lhes pela companhia silenciosa. Aproveito para agradecer também a Cris Leal e Ana Júlia, que tantas vezes chegaram até mim, com carinho em forma de alimento, nos horários mais improváveis, que também se estendem para João Eudes Calado pelas conversas bem afiadas, que foram bálsamo para seguir nas noites a fio.

À minha família, pelo acolhimento do cansaço e das ausências. Às minhas irmãs pela cumplicidade de sempre, aos meus irmãos pela torcida. Às sobrinhas e aos sobrinhos, tanto os(as) de longe quanto os(as) de perto: agradeço por existirem em mim. A Izis Mariano, que morou comigo nos três primeiros anos do doutorado, e a Ingrid Mariano, que me acompanhou por três meses em terras portenhas, meu carinho imenso.

Amanda Andrade que sempre está se enredando com minhas narrativas, especialmente, por sua veia da narratividade e Larissa Mariano por muitas vezes me fazer sair da tela e dos livros juntamente aos seus filhotes José Pedro e Maria Júlia. A Rosa Neta Andrade, pelas celebrações e contribuições; a Maria das Graças Mariano, pela generosidade de sempre; e a Clêdes Mariano, por resistir como uma caatingueira, sempre renascendo com uma gota de chuva. Toda essa gratidão se estende aos demais, dessa gigante família.

Sou grata por pessoas amigas como Otávio Duarte, com seus acordes de violino, tornaram essa trajetória mais serena como uma bruma leve se anunciando a cada fase dessas andanças, em especial na minha defesa. A Rute Fonseca, Robismar Alencar e Miguel Segundo que se deslocaram de Juazeiro e Petrolina para se fazerem presentes na poesia e na afetividade.

A Lucimeyre Sá, amizade que nem o vento abala. À minha irmã Luciana Mariano, sempre presente mesmo morando distante, que dirigiu comigo até Alagoinhas e foi chão



em todos momentos. A Dra. Beth Amorim, pelas trocas infinitas desde o mestrado, pelas conversas, viagens, risos e memórias compartilhadas.

Por fim, um agradecimento muito particular aos escridocentes: Guilherme Resende, Lucas Coelho, Miguel Segundo e Vítor Castro, e à escridocente Camila Batista, que não foram apenas colaboradores e colaboradora da pesquisa, foram presença viva nas leituras, escutas e trocas em um processo de coautoria.

A cada pessoa que atravessou esta jornada comigo: obrigada. Esta tese não é só minha, mas também da coletividade que me formou, me acolheu e se faz agenciamento comigo, em ternura e coragem, até aqui.

Cheiro no coração, que é a morada do amor.

Nazarete Andrade Mariano



“Devo dizer palavras enquanto as houver.”
(Foucault, 1996, p. 9)



RESUMO

A presente tese investiga de que modo as narrativas de experiência com práticas autorais de escrita, desenvolvidas por graduandos(as)/extensionistas do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), afetam a constituição de saberes docentes e potencializam a emergência do(a) estudante/escritor(a)/docente, o(a) escribente, como acontecimento político, estético e pedagógico. Parte-se da compreensão de que tais narrativas, atravessadas pela linguagem e sustentadas por práticas de autoria, constituem dispositivos formativos capazes de provocar deslocamentos plurais na formação docente em Letras. O platô/campo que sustenta a investigação são as narrativas de experiências de escrita vivenciadas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), institucionalizado no curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e suas literaturas - da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina, com ênfase nas criações forjadas no gênero epistolar, que atravessa esta escrita como escolha metodológica, epistêmica e de artesanato: cartas/narrativas trocadas via aplicativos de processamento de textos, posteriormente publicadas em ebook/livro impresso e nas obras autorais construídas entre 2020 a 2024, compreendidas como territórios de enunciação, resistência e fabulação. A problematização que orienta o percurso diz respeito a que medida essas narrativas de experiência com as práticas e escrita contribuem para a construção de saberes docentes. A pesquisa envolve cinco colaboradores, denominados de escribentes, cujas trajetórias com as práticas de escritas autorais compõem o corpus central da interpretação. Por meio de uma abordagem qualitativa, de natureza cartográfica, inspirada na cartografia rizomática (Deleuze e Guattari), no dialogismo (Bakhtin), na semiologia (Barthes), nos estudos do letramento (Kleiman e Street) e nas contribuições de autores como De Certeau e Suárez, o trabalho investiga o entrelaçamento entre linguagem, formação e subjetividade. As cartas/narrativas, escritas pelos(as) estudantes e atravessadas pela minha escuta - (eu)andarela - são tomadas como dispositivos metodológicos, que delineiam uma forma de pesquisar com o outro, em que se anunciam experiências de origem, influência, desafio, silenciamento, práticas de escrita e, de modo especial, de formação. Como relevância, esta tese propõe a consolidação do(a) escribente como figura crítica e criadora no campo da formação docente, tensionando modos institucionais de ensinar e de formar-se, resistindo à normatividade e afirmando a escrita autoral como lugar de conhecimento, política de narratividade e prática inventiva de escrita, sustentada pela tríade criar/narrar/fabular.

Palavras-chave: narrativas de experiência, práticas de escrita, formação docente, cartografia rizomática, escribente.



ABSTRACT

This thesis investigates how experience-based narratives involving authorial writing practices, developed by undergraduate students/extensionists of the Extension Program *Lugar de Criação* (PLC), impact the constitution of teaching knowledge and foster the emergence of the student/writer/teacher figure - *the escrivocente* - as a political, aesthetic, and pedagogical event. It is based on the understanding that such narratives, shaped by language and sustained by practices of authorship, constitute formative dispositifs capable of provoking plural displacements in teacher education within Language and Literature programs. The plateau/field that sustains this investigation consists of narratives of writing experiences lived within the context of the *Lugar de Criação* Extension Program (PLC), institutionalized in the Undergraduate Program in Portuguese Language and Literatures at the University of Pernambuco (UPE), Petrolina campus. The emphasis is placed on creations forged in the epistolary genre, which permeates this writing as a methodological, epistemic, and artisanal choice: letters/narratives exchanged via word processing apps, later published in eBooks/printed books, as well as in authorial works produced between 2020 and 2024 - understood as territories of enunciation, resistance, and fabulation. The guiding question of the research asks to what extent these experience narratives with writing practices contribute to the construction of teaching knowledge. The study involves five collaborators, named *escrivocentes*, whose trajectories with authorial writing practices compose the core corpus of interpretation. Through a qualitative approach of cartographic nature - inspired by rhizomatic cartography (Deleuze and Guattari), dialogism (Bakhtin), semiology (Barthes), literacy studies (Kleiman and Street), and contributions from authors such as De Certeau and Suárez - the thesis explores the interweaving of language, teacher education, and subjectivity. The letters/narratives written by the students - traversed by my listening as the *(I)wanderer* - are taken as methodological dispositifs that delineate a way of researching *with* the other, in which experiences of origin, influence, challenge, silencing, writing practices, and especially of formation, are revealed. As its main contribution, this thesis proposes the consolidation of the *escrivocente* as a critical and creative figure in the field of teacher education, challenging institutional modes of teaching and becoming, resisting normativity, and affirming authorial writing as a locus of knowledge, a politics of narrativity, and an inventive practice of writing, sustained by the triad *creating/narrating/fabulating*.

Keywords: experience narratives, writing practices, teacher education, rhizomatic cartography, *escrivocente*.



RESUMEN

La presente tesis investiga de qué modo las narrativas de experiencia con prácticas autorales de escritura, desarrolladas por estudiantes de grado y extensionistas del Programa de Extensión *Lugar de Creación* (PLC), afectan la constitución de saberes docentes y potencian la emergencia del/la estudiante/escritor(a)/docente - el/la *escri docente* - como acontecimiento político, estético y pedagógico. Parte del entendimiento de que tales narrativas, atravesadas por el lenguaje y sostenidas por prácticas de autoría, constituyen dispositivos formativos capaces de provocar desplazamientos plurales en la formación docente en el campo de las Letras. El plató/campo que sostiene esta investigación está compuesto por narrativas de experiencias de escritura vividas en el contexto del Programa de Extensión *Lugar de Creación* (PLC), institucionalizado en la carrera de Licenciatura en Letras - Lengua Portuguesa y sus Literaturas - de la Universidad de Pernambuco (UPE), campus Petrolina. Se enfatizan las creaciones forjadas en el género epistolar, que atraviesa esta escritura como una elección metodológica, epistémica y artesanal: cartas/narrativas intercambiadas mediante aplicaciones de procesamiento de texto, posteriormente publicadas en formato digital e impreso, así como obras autorales construidas entre 2020 y 2024, comprendidas como territorios de enunciación, resistencia y fabulación. La pregunta que guía el recorrido de la investigación refiere a en qué medida estas narrativas de experiencia con la escritura contribuyen a la construcción de saberes docentes. La investigación involucra a cinco colaboradores, denominados *escri docentes*, cuyas trayectorias con prácticas de escritura autoral conforman el corpus central de interpretación. Mediante un enfoque cualitativo de naturaleza cartográfica - inspirado en la cartografía rizomática (Deleuze y Guattari), el dialogismo (Bakhtin), la semiología (Barthes), los estudios del letramiento (Kleiman y Street), y los aportes de autores como De Certeau y Suárez - se investiga el entrelazamiento entre lenguaje, formación y subjetividad. Las cartas/narrativas, escritas por los/as estudiantes y atravesadas por mi escucha - *(yo)andarilha* - se asumen como dispositivos metodológicos que delinean una forma de investigar *con* el otro, en la que se anuncian experiencias de origen, influencia, desafío, silenciamiento, prácticas de escritura y, de modo especial, de formación. Como aporte relevante, esta tesis propone la consolidación del/la *escri docente* como figura crítica y creadora en el campo de la formación docente, tensionando modos institucionales de enseñar y de formarse, resistiendo a la normatividad y afirmando la escritura autoral como lugar de saber, política de narratividad y práctica inventiva de escritura, sostenida en la tríada *crear/narrar/fabular*.

Palabras clave: narrativas de experiencia, prácticas de escritura, formación docente, cartografía rizomática, *escri docente*.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Capa da tese	
Figura 2 Território/ alforge/livros	36
Figura 3 Alforge aberto com livros	38
Figura 4 Preâmbulo de um porvir	44
Figura 5 Primeiros passos nas trilhas	46
Figura 6 Contexto geral do PLC	50
Figura 7 Primeira trilha	51
Figura 8 Andarilhando por outras trilhas	57
Figura 9 Vista do Velho Chico: aérea de Petrolina	60
Figura 10 Identificação dos(a) colaboradores(a)	61
Figura 11 Capa do livro <i>Presságio de um escritor</i>	62
Figura 12 Capa da obra <i>Segundo Multipolar</i>	64
Figura 13 Capa da obra <i>Versos da alma</i>	66
Figura 14 Capa da obra <i>Crontos</i>	69
Figura 15 Capa da obra <i>Natureza Feminina</i>	71
Figura 16 Retomada a obra <i>Conversa afiada</i> /formação do grupo (PLC)	75
Figura 17 Cartografia das capas das obras relacionadas às escritas autorais	79
Figura 18 Cartografia das <i>Cartas/narrativas</i>	81
Figura 19 Trilha 2: Nas andanças, encontros acontecem	87
Figura 20 Imagem ilustrativa do Mulungu	108
Figura 21 Imagem ilustrativa de uma casa de pau a pique	109
Figura 22 Casa ilustração presente livro <i>Paisagens de si</i> (2020)	110
Figura 23 Trilha 3 A fabulação bordando travessias	148
Figura 24 Trilha 4 Articulações e desdobramentos em terras portenhas	195
Figura 25 Trilha 5 Alforge Escridocente	208
Figura 26 Imagem de Miguel Segundo em sala de aula	222



Figura 27 Imagem de texto escrito durante um encontro de Miguel Segundo com estudantes do E/M	223
Figura 28 Trecho do texto <i>Aqueles olhos</i> de Lucas Coelho	240
Figura 29 Coletânea Táticas didáticas em encontros com docentes da rede estadual de educação de Pernambuco	242
Figura 30 Capa da obra <i>Encronizando</i>	248
Figura 31 Trilha 5: Alforge Escridocente	255
Figura 32 Imagem ilustrativa da andarilha nas trilhas da política de narratividade	260



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Comparativo entre duas versões do poema *Natureza Feminina* de Camila Batista. 246



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CABA Cidade Autônoma de Buenos Aires

CLG Curso de Linguística Geral

IICE Instituto de Investigação em Ciências da Educação

FFyL Faculdade de Filosofia e Letras

LGBTQIA Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexos, assexuais.

PLC Programa de Extensão Lugar de Criação

Póscritica Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

TDAH Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

UBA Universidad de Buenos Aires

UNEB Universidade do Estado da Bahia

UNIVASF Universidade Federal do Vale do São Francisco

UPE Universidade de Pernambuco



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Preâmbulo de um porvir	21
Primeiros passos	
Platôs da tese	
Estudante/escritor(a)/docente	
Tecendo o alforge	
A tríade criar/narrar/fabular	
Um proêmio das trilhas	
TRILHA 1	
TRAVESSIAS CARTOGRÁFICAS	46
1.1 Mas, por que eu, andarilha?	
1.1.1 <i>Por entre torres e colinas</i>	
1.2 Quem são os estudantes/escritores/docentes?	
1.3 Primeiras conversas afiadas em cartas/narrativas	
1.4 Alças de sustentação	
1.5 Manejando a trama da investigação	
Trilha 2	
NAS ANDANÇAS, ENCONTROS ACONTECEM	87
2.1 Cartas que fabulam	
2.2 Tecendo os fios das cenas	
2.2.1 <i>Das primeiras impressões</i>	
2.2 <i>Das origens que se entrelaçam</i>	
2.2.3 <i>Do Velho Chico que inspira</i>	
2.2.4 <i>Das influências</i>	
2.2.5 <i>Dos desafios: da falta que silencia</i>	
Trilha 3	
A FABULAÇÃO BORDANDO TRAVESSIAS	148
3.1 Um alinhavo com a escrita de si	
3.2 Traçados de um coser silenciado	
3.3 Um acontecimento em “Os bodes não me respeitavam”	
3.4 Imagens que se multiplicam	
3.4.1 <i>Em cada movimento, uma transformação</i>	
3.5 Atalhos que se convergem	



Trilha 4

ARTICULAÇÕES E DESDOBRAMENTOS EM TERRAS PORTENHAS 195

- 4.1 Das margens do Velho Chico à costaneira do Rio La Plata
- 4.2 Chegada da primavera
- 4.3 Desdobramentos da experiência com Doutorado sanduíche
 - 4.3.1 *De diferentes articulações*
 - 4.3.2 *Das propostas de simpósios*
 - 4.3.3 *Da proposta de monitoria*
- 4.4 Retorno em travessia

Trilha 5

ALFORGE ESCRIDOCENTE 208

- 5.1 As nuances nas trilhas escrivocentes
 - 5.1.1 *Segundo no desdobramento da “vestimenta escrivocente”*
 - 5.1.2 *Crontos: um movimento epistêmico*
 - 5.1.3 *Guilherme Resende em estado de escrita...*
 - 5.1.4 *A escrita como cartografia formativa*
 - 5.1.5 *Natureza Feminina: rasura como inscrição*
 - 5.1.6 *Encronizando*
- 5.2 Os vários possíveis

O ALFORGE DA PARTIDA TAMBÉM É O DA CHEGADA 254

- A tessitura da travessia
- O alforge da partida e da chegada
- Uma possível política de narratividade como acontecimento
- Uma ética de artesanaria e criação
- O alforge como figura epistemológica
- Retomando os caminhos traçados
- Aos que seguem nessas trilhas

REFERÊNCIAS 262



INTRODUÇÃO: Preâmbulo de um porvir

PósCrítica, julho de 2025.

A você, dileto(a) leitor(a), que faz uso das práticas sociais e dá sentido ao texto.

Antes de apresentar os aspectos bases desta tese, convido você a sentir um primeiro fôlego da caminhada: um momento necessário para ajustar as alças do alforge¹, respirar e acolher os primeiros passos. Neste preâmbulo, compartilho como as andanças e os deslocamentos investigativos foram se configurando, entre dúvidas, retomadas, experiências e descobertas, até que se delineou o caminho por onde trilhei: as narrativas de experiências com as práticas de escrita desenvolvidas por graduandos(as)/extensionistas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), institucionalizado no Curso de Licenciaturas² em Letras - Língua Portuguesa e suas literaturas³, da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina.

Adianto para você, que a tese a qual se sustenta nesta investigação é a de que tais narrativas, atravessadas por práticas autorais de escrita, constituem dispositivos formativos capazes de provocar deslocamentos plurais, contribuindo para a construção de saberes docentes e para a emergência do(a) estudante/escritor(a)/docente - escrivocente⁴ - como acontecimento político, estético e pedagógico.

Primeiros passos

Repouso neste primeiro fôlego, preparando-me para iniciar o caminhar com essas trilhas entrelaçadas, ora para ajustar as alças do alforge, ora para atender às exigências burocráticas do movimento acadêmico. Minhas andanças começaram com o projeto de tese, que, naquela ocasião (2019/2020), sua forma embrionária se dedicava às marcas de identidade na escrita juvenil de meninas estudantes da Educação Básica. Um recorte que

¹ Alforge: bolsa ou mochila usada para carregar objetos durante uma caminhada ou viagem. Este conceito/metáfora será desenvolvido ao longo da introdução.

² Curso universitário de Licenciatura: formação superior destinada à preparação de profissionais para o exercício da docência na educação básica, que articula saberes teóricos, práticos e pedagógicos específicos, com o objetivo de qualificar o futuro professor para atuar em diferentes níveis e modalidades educacionais.

³ O campus tem duas modalidades: Letras português/espanhol e Letras português/inglês e suas literaturas.

⁴ No decorrer da introdução será apresentado a noção de estudante/escritor/docente e na trilha cinco, será destinado à consolidação do marcador escrivocente, como um marcador crítico cultural.



já dialogava com práticas de escrita anteriormente publicadas, especialmente na coletânea *Conversa Afiada*⁵ (2019), obra que revela vozes afirmadas no manejo da escrita.

Foi com esse cenário que direcionei minhas primeiras andanças investigativas. Os contornos do meu projeto de pesquisa ganharam outros traçados, inclusive, foi esse mesmo projeto, já revisto, que, ao ser aprovado na seleção, me levou à conquista do segundo lugar na entrada para a turma regular de doutorado em 2021.1, um passo marcante na travessia da minha formação.

Vamos retroceder um pouco mais para identificar as camadas dessa caminhada. Minha pesquisa de mestrado em Crítica Cultural, (2012-2014), versou com as práticas de invenção com professoras de Língua Portuguesa da Educação Básica: mulheres, que desenvolviam atividades de leitura com estudantes do Ensino Médio. Foi nesse período que identifiquei a necessidade de aprofundar o estudo com as marcas de identidade presentes na escrita juvenil, um foco que só se consolidou após uma tentativa frustrada na seleção do doutorado em 2019. A reprovação naquele momento evidenciou que eu precisava fortalecer o arcabouço teórico para avançar na investigação.

Quando, finalmente, iniciei o doutorado com o projeto aprovado, observei que as práticas de escrita desenvolvidas pelo contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC) seriam uma possibilidade de mudança de rota. Isso exigiu que eu reposicionasse a pesquisa, trazendo essas práticas do (PLC) para o cerne da investigação, numa perspectiva, que valorizasse a diferença, a subjetividade e a diversidade. Influenciada pelos debates da filosofia da diferença e pelas demandas da linha de pesquisa - Letramento, Identidade e Formação - rompi com o projeto inicial e o ampliei para abarcar as múltiplas práticas evidenciadas no contexto do (PLC), que se revelava também um espaço para a formação docente.

Vale destacar que foi em meados de 2020 que o Programa de Extensão Lugar de Criação começou suas atividades distribuídas em três projetos - contexto, que acolheu a pesquisa de tese: o “Escrevinhar”, que acontece nas manhãs de sábados, em encontros mediados por telas, mas aquecidos pela interação, escuta e escrita partilhada; o “Lugar de Fruição”, que se evidenciava em saraus bimestrais, onde vozes e palavras se entrelaçavam em cenas de leituras e celebração das fabulações em forma de versos e

⁵ *Conversa Afiada* (2019) é uma coletânea epistolar organizada por Nazarete Mariano e Camila Batista, composta por cartas trocadas entre professores e estudantes do Ensino Médio. Os textos foram elaborados no contexto de práticas de leitura e escrita em uma escola pública da periferia de Juazeiro (BA), que serviu de inspiração para o desenvolvimento do Programa de Extensão Lugar de Criação.



prosas e o “Conversa Afiada”, em que os(as) extensionistas criam rodas de conversas com estudantes de escolas públicas para lerem, refletirem e conversarem sobre seus próprios modos de criar/narrar/fabular. Entre 2020 a 2024, desse território coletivo, floresceram 495 textos autorais, reunidos em quatro coletâneas, que testemunham não somente a potência da escrita, mas também o compromisso com a artesanaria de fabular suas narrativas em uma escrita que revela traços de si.

Além desses três projetos, nasceu também o “Táticas Didáticas”: desdobramento que passou a costurar propostas de atividades voltadas para docentes da Educação Básica, tendo como ponto de partida os textos autorais desenvolvidos no contexto do (PLC). Uma espécie de dobra entre criação e ensino, entre escrita e sala de aula, que reencena o gesto de partilhar palavras como quem semeia possibilidades de leitura e de invenção nos cotidianos escolares.

Foi nesse contexto que me pus a perambular em uma observação cartográfica mais ampla, deixando que os rastros, os encontros e os afetos traçassem os contornos do que viria a ser este trabalho. Com isso, podemos identificar que essa ampliação no campo de pesquisa permitiria uma diversidade de sujeitos, graduandos(as)/extensionistas da Licenciatura em Letras, estudantes de outras graduações, alunos(as) da Educação Básica Pública, professores(as) universitários(as) e do Ensino Médio: todos(as) envolvidos(as) em um movimento coletivo e dinâmico da escrita.

Diante dessa complexidade, tornou-se necessário realizar outros deslocamentos, direcionando a observação para as práticas de escrita dos(as) graduandos(as)/extensionistas que estiveram presentes desde o início das atividades, no primeiro semestre de 2020. Assim, o projeto, que antes parecia desconstruído, começou a ser reconstruído. Em meados de 2021, durante as observações dos encontros formativos promovidos pelo (PLC), em que os sujeitos faziam leitura de suas rasuras, de suas fabulações, em pares, como também se colocavam em audiências nesse movimento de troca.

Ali, compreendi a necessidade de investigar as narrativas de experiências com essas práticas de escrita. Assim, seguir na investigação com trocas de cartas/narrativas⁶.

⁶ O gênero epistolar atravessa esta escrita como escolha metodológica, epistêmica e estética. Metodologicamente, atua como dispositivo de escuta, interlocução e co-construção de sentidos; sistemicamente, mobiliza saberes situados oriundos da investigação e da escrita enquanto processos de produção de conhecimento, articulando o científico e o subjetivo; esteticamente, sustenta uma linguagem que combina rigor científico e estilo ensaístico. Essa opção será retomada na primeira trilha da tese.



Inicialmente, com conversas informais para saber se os colaboradores(as)⁷ se sentiriam confortáveis com o gênero epistolar. Logo, em 2021, resolvo mapear⁸. As primeiras das coletâneas produzidas no contexto do (PLC): *Lugar de Criação: em verso e prosa* (2020), *Escrita Identitária*, produzida em 2021, publicada em 2022. *O Valsar das Palavras* (2022), o *Escrevinhar* (2023) e *Memórias e Fabulações* (2024)⁹. Enquanto se fazia a leitura dessas primeiras obras, iniciamos as trocas das primeiras cartas.

Esse movimento de cartografia errante, ainda, não era definido apenas para os(as) graduandos(as)/extensionistas, que atravessaram as atividades do contexto do (PLC) desde sua fundação. No entanto, coloco-me na condição de escuta, de audiência dessas narrativas, em um diálogo, que revelou múltiplas subjetividades: temas como origens, influências, desafios, formação, silenciamento/falta e práticas de escrita, refletidas nos textos que publicaram.

Definindo em seguir com os cinco colaboradores(a): graduandos(a) e extensionistas do (PLC): no ano de 2022, o cerne da investigação estava voltado para o campo das Práticas de escrita, em diálogo com as narrativas trocadas pelas cartas. Esse processo de trocas e leituras me levou a amadurecer a pesquisa, que - no ano de 2023 - os(as) graduandos(as) publicam seus e-books autorais, utilizando os textos que estavam pulverizados nas quatro coletâneas organizadas pelo (PLC). Sabia que não poderia abarcar todas as práticas de escrita do programa; então, concentrei minha observação nos(as) extensionistas pioneiros(as), para observar a multiplicidade e as rupturas que eles traziam. Com isso, o movimento das cartas/narrativas consolidou-se como um dispositivo para a escuta dessas narrativas de experiência com as práticas de escrita.

Essa imersão, que atravessa não apenas o plano acadêmico, mas também a minha prática de ‘escrevinhar’, permitiu-me estabelecer um diálogo entre as minhas narrativas de experiências e das pessoas colaboradoras da pesquisa. A interlocução entre saberes e vivências abriu caminho para um movimento a mais com essas narrativas: publicação livro/ebook. Isso me levou a outro deslocamento. Nesse movimento, (eu)andariha¹⁰ seguiu na travessia das fronteiras que se avizinham entre Petrolina/Pernambuco e Juazeiro/Bahia para me instalar por um semestre em Buenos Aires - de agosto de 2024 a janeiro de 2025

⁷ A escolha dos(as) colaboradores(as) da pesquisa será realizada ainda nesta introdução.

⁸ Imagem do mapeamento, no decorrer da tese, inclusive, inserida na trilha I.

⁹ Ainda não houve o lançamento da coletânea referente ao ano de 2024.

¹⁰ A partícula (eu) aponta para uma presença em travessia da escrita. *Andariha* é um posicionamento epistêmico de quem caminha por entre narrativas. *(Eu)andariha*: uma figura que se inscreve na tessitura da tese.



- onde realizei um estágio doutoral (Doutorado Sanduíche)¹¹. Essa experiência expandiu, ainda mais, os horizontes da pesquisa e da minha formação acadêmica e contribuiu para seguir com as narrativas de experiências com as práticas de escrita dos graduandos/extensionistas em processo de formação na Licenciatura em Letras, com recorte para Português e suas literaturas. Assim, iniciam-se as conexões de vozes presentes nas trilhas desta tese.

Platôs da tese

Convido você a seguir comigo nessas camadas introdutoras, conectando-nos aos platôs que se agenciam ao longo da tese, cujo cerne está na relevância das narrativas de experiências com as práticas de escrita: contos, crônicas, poesia popular, desenvolvidas por graduandos/extensionistas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), vinculado à Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e suas literaturas da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, com especial atenção às cartas/narrativas. Trata-se de narrativas que podem provocar inflexões significativas na formação de graduandos(as), que também se constituem como escritores, ampliando as possibilidades de contribuírem para a constituição de saberes docentes.

Assim, esta tese tem como objetivo geral: Investigar de que modo as narrativas de experiência com práticas autorais de escrita desenvolvidas por graduandos(as)/extensionistas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC) afetam saberes docentes, compreendendo os modos de: narrar-se, formar-se e se inscrever nos atravessamentos das cartas e das obras autorais, compreendidas como dispositivos metodológicos de investigação, que delineiam a constituição do escribedocente como acontecimento político, estético e pedagógico, pela e na linguagem.

Nesse contexto, o surgimento do Programa de Extensão Lugar de Criação inaugura outras possibilidades formativas, constituindo-se como um espaço de experimentação estética e político/pedagógica, que reconhece a escrita não apenas como artefato linguístico, mas também como experiência com a criação autoral de fabulação, que se desdobra em um processo formativo em que o sujeito se desloca e se inscreve, constituindo-se na travessia entre narrativa, afetos e criação. Narrar-se torna-se, assim, um ato de resistência e reexistência, em que o(a) estudante/escritor(a)/docente se fabula

¹¹ Retomada na trilha IV.



a si e ao outro, abrindo-se à potência de uma formação plural, situada e crítica, responsiva ao contexto onde os saberes se constroem e se reinventam.

Talvez você esteja se perguntando o que, de fato, move esta tese. Pois bem: Em que medida as narrativas de experiência com as práticas de escrita autoral contribuem para a construção de saberes docentes? Essa é uma pergunta que orienta o percurso aqui traçado nas trilhas investigadas. Considerando as cenas que se tecem no diálogo entre os(a) colaboradores(a) e (eu)andarilha, é possível indagar: Nelas se anunciam experiências de origem, influência, desafio, inspiração, prática de escrita, silenciamento/falta e formação? De que maneira essas experiências, inscritas nas cartas/narrativas, que têm como platô as práticas de escrita, podem (ou não) potencializar uma formação plural dos(as) estudantes que escrevem e se tornam docentes ao narrarem suas vivências, em um ato de criação, resistência e enunciação em que o sujeito se implica, se desloca e se fabula com a linguagem?

Tais narrativas performam modos de estar e de se inscrever, atuando como deslocamentos, que emergem de encontros situados entre sujeitos, linguagem e formação. Elas são potencializadoras de sentidos atravessados por dimensões sociais, históricas, afetivas e políticas, que tensionam as formas instituídas de formação docente. Historicamente, a incorporação de práticas de escrita autoral, criação/narração/fabulação, no contexto de formação em Letras ainda se apresenta como um desafio, sobretudo entre domínio técnico presentes nas licenciaturas.

Diante disso, a definição dos objetivos específicos visa alcançar o objetivo geral da pesquisa com a articulação entre os aportes da crítica cultural, da cartografia rizomática e das narrativas de experiência com as práticas de escrita autoral, especialmente por meio das cartas trocadas com os(as) colaboradores(as). Cada objetivo opera como uma linha de investigação, tensionando teoria e prática, dados e dispositivos, sujeitos e escritas, de modo a sustentar o percurso metodológico que atravessa esta tese.

O primeiro objetivo consiste em mapear rizomaticamente, com as cartas/narrativas, as práticas de escrita autoral desenvolvidas por estudantes da Licenciatura em Letras no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), evidenciando os rastros de experiência, que emergem em enredamentos e encontros, marcados por deslocamentos subjetivos, afetivos e estéticos.

O segundo objetivo busca escutar, em uma audiência sensível, as cenas, que emergem nas cartas/narrativas e nas obras autorais produzidas por estudantes/escritores(as)/docentes, compreendendo-as como formas de narrar



experiências marcadas por memória, afetos, fabulação e docência em formação. Ao emergirem desses dispositivos, tais cenas evidenciam saberes subjetivos em trânsito, articulando influências, origens, desafios e deslocamentos no processo formativo no contexto da Licenciatura em Letras.

Como terceiro objetivo, propõe-se refletir sobre os efeitos das narrativas de experiência com práticas de escrita autoral no desenvolvimento de uma postura crítica, criativa e autêntica por parte dos estudantes/escritores(as)/docentes, considerando os deslocamentos subjetivos, que emergem dessas experiências narradas nas cartas e obras autorais, e as transformações, que produzem na constituição de um sujeito plural.

E há necessidade de um quarto objetivo para consolidar a figura do(a) escridocente como um acontecimento formativo, político e estético, e como marcador crítico cultural, compreendendo a narrativa de experiência com a escrita como uma prática atravessada pela linguagem, pela fabulação e pela docência, que se manifesta como cartografia nas cartas/narrativas e como forma de resistir, ensinar e criar para além dos limites instituídos.

Dileto(a) leitor(a), consideramos a tese, que defendemos nesta investigação; é que as narrativas de experiência com práticas autorais de escrita, desenvolvidas por graduandos/extensionistas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), operam como dispositivos formativos, que potencializam deslocamentos plurais, contribuindo para a constituição de saberes docentes e para a emergência do(a) escridocente como acontecimento político, pedagógico e estético. Ao tomar a escrita autoral como prática de linguagem atravessada por criação/narração/fabulação, compreende-se que essas experiências, expressas em cartas e obras autorais, ultrapassam a dimensão técnica da escrita e se afirmam como força constituinte de subjetividades em processo de formação. Assim, escrever torna-se também um ato de criar/narrar/fabular, abrindo espaço para modos plurais de ensinar e aprender no campo da Licenciatura em Letras.

Vale destacar também que esta tese, atravessada por essas narrativas, movimentase pelo *corpus* das obras autorais. As práticas de escrita - no contexto do (PLC) - tiveram início em 2020, culminando com a publicação dos ebooks autorais em 2023 - *Crontos*, de Vítor Castro; *Natureza Feminina*, de Camila Batista; *Presságio de um escritor*, de Lucas Coelho; *Segundo Multipolar*, de Miguel Segundo; e *Versos da alma*, de Guilherme



Resende¹² - de modo especial as *Cartas/Narrativas*, cujas trocas iniciaram-se em meados de 2022 e foram publicadas em livro/ebook no primeiro semestre de 2025. Ressalto, portanto, que o Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC) não constitui o tema/platô da pesquisa, mas o contexto institucional e formativo que tornaram possíveis e, também necessárias, as práticas de escritas investigadas pela perspectiva das narrativas de experiência.

A pesquisa nasce entre ruínas do tempo pandêmico da Covid-19, quando “nosso tempo, nosso espaço, o mundo onde transcorre nossa vida, estão interrompidos por uma tempestade, por uma peste planetária previsível, mas intempestiva e dilacerante, que já não é surpresa” (Suárez, 2021, p. 446). Foi nesse tempo suspenso que me vi envolvida num movimento com essas práticas de escrita, escutando experiências que surgiam como formas de expressão e criação de realidades outras, entrelaçadas às marcas de subjetividade desses sujeitos em seus processos formativos.

Antes de seguir, nessa andança introdutora, destaco que o Programa Lugar de Criação (PLC) se insere no campo da extensão universitária¹³, muitas vezes, vista como transmissão unilateral de saber. Inspirado na perspectiva de Freire (1983, p. 53), para quem “a educação, como prática da liberdade, não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos”, o (PLC) adota um olhar reflexivo que ressalta a força dialógica e emancipatória da extensão, abrindo caminho para a construção coletiva de saberes. Nesse cenário, o (PLC) conecta extensão, formação docente e práticas de escrita em uma rede de sentidos, onde graduandos/extensionistas são protagonistas da criação e da (trans)formação.

Vale ressaltar que a investigação rompe as fronteiras de práticas e experiências exclusivas com a extensão. Reconheçamos a presença de práticas extensionistas das universidades, assim como a materialidade de diversas abordagens ao longo do tempo; uma delas é a posição assistencialista durante o regime militar de 1964, quando a extensão se caracterizava pelo atendimento de demandas sociais em prol do “desenvolvimento de segurança nacional” (Ibid.), diferente das atividades praticadas na contemporaneidade.

Nosso escopo ultrapassa essa fronteira para pensar a dimensão dessas práticas de escrita no/para além do contexto de um programa de extensão, permitindo abranger as

¹² A identificação dos(a) colaboradores(a) será retomada na trilha I e seguirá pelas demais trilhas desta tese.

¹³ Conjunto de atividades acadêmicas e culturais promovidas pela universidade, que articulam o ensino e a pesquisa com a comunidade externa, visando a troca de saberes, a promoção da cidadania e a transformação social.



dimensões, que se entrelaçam nas narrativas de experiências com as práticas de escrita na formação docente. Estamos imersos em um processo, que envolve uma coletividade de participantes nas práticas de escrita em um cenário de criação. Assim, emerge uma “dimensão transformadora, na qual as relações entre universidade e sociedade são dialógicas e buscam a transformação social”, com possibilidades de ir além de unir as habilidades de ler e escrever: “por muito tempo, a escola apenas uniu as duas capacidades: ler e escrever dissociadas das práticas sociais” (De Certeau, 1990[2012]). Isso revela uma desconexão entre o aprendizado acadêmico e a aplicação desse conhecimento nas práticas sociais cotidianas. Seria o mesmo que reduzir essa escrita estudantil a um exercício do texto pelo texto, o que não faria sentido para a formação de uma Licenciatura em Letras.

Com essa teia de sentidos, observa-se que a escolha metodológica da pesquisa se inscreve em uma pesquisa qualitativa, que adota a cartografia rizomática com ênfase nas cartas/narrativas como dispositivo capaz de captar marcas de subjetividade nas práticas de escrita dos(as) graduandos/extensionistas, constituídas nesta tese, como cenas. Conforme afirma Suárez (2022, p. 10), é “o mundo pedagógico que emerge, insurgente e disruptivo, dessa confusão de horizontes, que dispõe de novas palavras, relatos e argumentos para se contar e se tornar público”. Tal perspectiva justifica a necessidade de um mapeamento cartográfico dessas práticas. Logo a tese se movimenta nesse dispositivo de cartas/narrativas envolvendo as narrativas de experiências com as práticas de escrita de graduandos/extensionistas em processo formativo, refletindo sobre seus efeitos na formação docente e no fortalecimento para a formação na licenciatura em Letras.

Dada a vastidão do campo que atravesso, início como quem se afasta para observar a totalidade do devir: uma andarilha que, do alto da escadaria, contempla a multiplicidade do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC). Essa contemplação não busca totalizar ou fixar, mas reconhecer o caráter de movimento, em que cada prática de escrita se desenha como uma linha de fuga, que escapa ao controle do todo, tornando impossível abarcar a totalidade das experiências, que atravessam o contexto do (PLC).

O foco reside, assim, nos dispositivos das cartas/narrativas, atravessados pelas fabulações, que habitam os livros e e-books autorais, e pelo diálogo, que suas escritas tecem entre suas experiências e as minhas. É nesse entrelaçamento dinâmico que me inscrevo como figura (eu)andarilha, posicionando-me no entrelugar das criações/narrações/fabulações de si - de estudantes/escritores(as)/docentes - para caminhar juntos, partilhando e tensionando sentidos ao longo da trajetória.



Dessa impossibilidade, emerge o recorte que escolho: as narrativas de experiência com práticas de escrita de cinco graduandos(a)/extensionistas - Camila Batista, Guilherme Resende, Lucas Coelho, Miguel Segundo e Vítor Castro - que transitam pelo contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC) durante sua formação na Licenciatura em Letras. A inclusão desses sujeitos/colaboradores(a) se dá por múltiplos critérios entrelaçados: (1) a continuidade e o engajamento em ações extensionistas ao longo do curso; (2) a autoria de obras publicadas, impressas e digitais, que articulam práticas de escrita criação/narração/fabulação com experiências de formação docente; (3) a participação efetiva nas trocas de cartas/narrativas, trama condutora da tessitura investigativa, cujas produções se destacam por problematizar a própria formação e os atravessamentos subjetivos vividos em diferentes fases da vida; e (4) o modo como suas escritas reverberam e se entrelaçam com a figura da (eu) andarilha, com a qual sou implicada, compondo uma rede de sentidos, que desloca os limites entre autoria: quem escreve; experiência - o vivido - e formação, no processo de se tornar docente.

Inserida no campo da Crítica Cultural, na área de Letras – linguístico/literária, a pesquisa se configura como uma cartografia rizomática, em conexões com múltiplos platôs, evidenciando a potência dos encontros entre vozes diversas. O diálogo com a linha de pesquisa - letramento, identidade e formação de educadores(as): concretiza-se nas narrativas de experiência com práticas de escritas autorais, compreendidas como práticas de letramento, que mobilizam subjetividades e produzem sentidos formativos em contextos de criação.

É nesse horizonte que o Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC) se delineia, no contexto da pesquisa, como uma proposta coletiva voltada à afirmação de práticas de escrita enquanto ações afirmativas junto a estudantes oriundos do ensino público, atravessadas por marcadores de escrita, território e subjetividade. Criado por docentes e estudantes do curso de Letras, o (PLC) se constitui como um espaço de experimentação estética e pedagógica, isto é, um território onde a criação/fabulação e os processos formativos se entrelaçam práticas, que desafiam modelos fixados de escrita. Essas práticas se realizam por meio de movimentos inventivos, voltadas à promoção de letramentos plurais e autorais. No plano pedagógico, trata-se de um espaço, que desloca a lógica vertical do ensino para afirmar relações horizontais de partilha e criação coletiva, em que estudantes são compreendidos(as) como sujeitos de saberes de escrita.



Desde sua origem, no primeiro semestre de 2020, o Programa se configura como um campo de criação e formação, onde as práticas de escrita se projetam como modos de existência e intervenção em interfaces sociais diversas. É nesse contexto que esta pesquisa se constitui em cartografia, projetando-se em trilha, como anunciam Deleuze e Guattari (1995[2011], p. 22), “o rizoma assume formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todas as direções até suas concreções em bulbos e tubérculos”. Tal imagem reverbera no movimento fluido das cartas/narrativas, que, além de narrarem práticas de escrita autoral, se entrelaçam como linhas de força a dois núcleos pulsantes desta investigação: as narrativas de experienciamento, tomadas como platô da pesquisa, com as práticas de escrita constituindo-se como campos de intensidade¹⁴, e o próprio Programa de Extensão Lugar de Criação, que, mais do que contexto, atua como território de invenção dessas práticas.

Dileto(a), minhas passadas nessa cena embrionária indicam que eu, na condição de andarilha, vejo-me diante de uma experiência desafiadora, sobretudo por caminhar junto às provocações crítico-culturais, tal como se funda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Póscritica), da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que convida a reverberar os signos e suas arbitrariedades. É um território, que exige do leitor um olhar atento, disponível para os desvios e reencenações do sentido. Como afirma Santos (2019, p. 249), “isso nos permite compreender porque os estudos linguísticos não devem estar separados dos estudos literários”, uma vez que os estudos culturais ou críticos culturais não devem ser dissociados de debates significativos no campo das Letras. Nesse atravessamento, sustenta o entrelaçamento das práticas de escrita pelo crivo da crítica cultural, permitindo que essas experiências literárias se articulem a outros domínios do saber. Tal perspectiva reforça a relevância de uma abordagem integrada, que compreenda as práticas de escrita no contexto do Lugar de Criação como campo potente de experimentação estética, política e epistêmica.

É nesse movimento que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes desenvolvem suas práticas de criação na fabulação literária, transitando por diversos caminhos, conforme também afirma Skliar (2023) que “a cada passo, nos confrontamos com nossa capacidade de conservar e, ao mesmo tempo, transformar aquilo que já somos”. Por isso, ‘ser’ docente não pode ser entendido como uma substância fixa e acabada.

¹⁴ Remetem à filosofia da diferença, segundo a qual a escrita, mais do que técnica, opera como força afetiva e criadora, mobilizando subjetividades, deslocamentos e fabulações que produzem modos singulares de existir e narrar-se no mundo.



Assim, nas trocas com os(a) colaboradores(a), destaco que “as cartas/narrativas revelam a complexidade da trajetória de formação docente, marcada pela busca constante de voz própria e pela transição entre o ser docente e o ser escritor(a): do formar ao se formar” (Mariano, 2025, p. 99). Esse entendimento evidencia a importância de reconhecer que as práticas de escrita - criação/narração/fabulação - desenvolvidas pelos(as) graduandos(as), são aspectos fundamentais para sua formação como docentes. Ao integrar a escrita literária em sua formação, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes são desafiados(as) a se transformarem constantemente, refletindo a dinâmica do próprio processo educativo que poderão, eventualmente, desenvolver em suas futuras carreiras.

Como destacado por Suárez (2007, p. 10) "nesse narrar e ser narrados permanentemente, os professores recriam cotidianamente o sentido da escolaridade e, nesse mesmo movimento, reconstróem inveteradamente sua identidade como coletivo profissional e laboral". Espera-se que essa influência resulte em um desenvolvimento significativo, tanto nas experiências no âmbito acadêmico quanto pessoal, evidenciando os impactos relevantes dessas práticas de escrita no fortalecimento da formação docente, em especial, do curso de Licenciatura em Letras.

Para que todo esse caminhar seja possível na constituição das trilhas investigativas, relevantes contribuições teóricas são basilares, tais como: De Certeau (1990[2012]), que contribui com a concepção de apropriação e de invenção; Deleuze e Guattari (1980; 2011; 2012), cuja abordagem do agenciamento e da cartografia rizomática deslocam para as múltiplas trajetórias com as práticas de escrita; Suárez (2007), fundamental na compreensão das narrativas de experiência nos saberes docentes; Barthes (1984[2021]), em suas incursões sobre autor, autoria, teoria e crítica cultural; Zacharias e Zeppini (2018), que exploram as fabulações escritas; Santos (2015; 2020; 2021), com suas reflexões sobre o platô da crítica cultural; além de Street (2014) que situa o letramento como prática social e intercultural, entre outros teóricos que fundamentam esse percurso.

Trazer o conceito de letramento como prática social, nos termos desta pesquisa, é deslocá-lo para além de sua definição recorrente, reconhecendo-o como espaço de enunciação, invenção e criação coletiva. Compreende-se o letramento como território em que o sujeito se inscreve para fabular e narrar, em um movimento, que se desenha no entrelaçamento de vivências singulares e coletivas, no ato performático de narrar-se como modo de se formar, e de formar, escrevendo. A escrita, assim, constitui-se não só como prática social, mediada por fatores históricos e culturais, mas também atravessada por



dimensões epistêmicas, estéticas e formativas. É um ato de criação, que afirma a existência e desloca saberes.

Esse arco referencial confere uma força epistêmica fundamental à proposta, sobretudo no que toca à dimensão crítica e criadora da linguagem, da subjetividade e da escrita na formação docente. Entretanto, torna-se salutar fortalecer os vínculos entre esse repertório filosófico/epistemológico e os debates específicos sobre a formação em Letras e os letramentos críticos¹⁵, garantindo um alinhamento consistente com a linha de pesquisa Letramento, Identidade e Formação de Educadores(as). Mais do que situar referências, essa aproximação revela uma articulação entre a crítica cultural e as demandas concretas da formação docente, conferindo densidade à ideia de que a escrita é, antes de tudo, uma prática epistemológica, formativa e política.

Nesse ponto, reside uma distinção fundante: não estamos falando apenas de experimentações literárias ou expressivas, mas de modos de letrar, de construir sujeitos docentes, que transitam por contextos marcados pela precariedade simbólica e material. A escrita deixa, assim, de ser um simples produto - a mera produção textual - para se tornar um meio potencializador de inscrição no mundo, tomada de voz e elaboração de saberes, que sustentam a formação e a atuação docente. É nessa dimensão que a tese aporta sua contribuição mais significativa, enriquecendo o debate contemporâneo sobre o papel político da escrita na formação inicial de professores.

Essa proposição tem o propósito de situá-lo(a), de modo introdutório, em aspectos pontuais da investigação que percorremos, as narrativas de experiência com as práticas de escrita dos(as) docentes em formação. Ao longo das trilhas, que juntos desbravamos, aprofundaremos esse diálogo. É nessa jornada que a tríade criar/narrar/fabular se revela não apenas como prática dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes, mas também como um modo de fazer a própria pesquisa.

Vale destacar a escolha pela narrativa de experiência na perspectiva de uma experiencição, que acontece no corpo da linguagem, em que os sentidos se abrem ao acontecimento de forma não representacional. Assim, aproxima-se do caráter de fabulação, presente nas práticas de escrita dos(as) estudantes/escritores/docentes. "O

¹⁵ Letramento crítico refere-se a um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita que vão além da simples decodificação de textos, envolvendo a problematização das relações de poder, ideologias e contextos culturais presentes nas produções discursivas. Essa abordagem enfatiza a escrita como prática crítica e criadora, que possibilita aos sujeitos não apenas interpretar, mas também intervir e transformar as realidades sociais. Fundamenta-se em autores como Paulo Freire e nos estudos de letramentos críticos, que articulam linguagem, poder e formação social. Retomaremos sobre as práticas de letramentos na terceira e demais trilhas da tese.



grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais" (Benjamin, 1994, p. 214). Nas cartas/narrativas trocadas com os(as) colaboradores desta tese, evidencia-se uma carga de pluralidade de vozes desses(as) sujeitos.

Um intercâmbio de experiência como acontecimento que nos atravessa, mais do que algo que, simplesmente, se possui ou se relata. Essa forma de narrar não se fecha na linearidade nem na fixação de significados; aproxima-se das práticas de escrita vividas e atravessadas pelo inacabado da linguagem como forma legítima de construir conhecimento. É a narrativa de uma prática de escrita, que se constitui enquanto se vive a formação docente, e que, por isso, também se constrói pensamento pedagógico. Portanto, a narrativa de experiência constitui-se no processo do vivido e/ou do vivível.

Estudante/escritor(a)/docente

Dileto(a) leitor(a), compartilho com você as razões pelas quais escolho a composição estudante/escritor(a)/docente para nomear os(as) colaboradores(as) desta travessia. Digo travessia porque o caminho, que percorremos, não é retilíneo nem fixo - é feito de dobras, encruzilhadas e reinvenções. O termo estudante aponta para o início do percurso, quando ainda se tateiam sentidos, se experimentam linguagens, se constroem - aos poucos - habilidades e afetos no gesto de aprender. Já o(a) escritor(a) acende o momento em que a palavra ganha corpo, e a experiência se faz texto: contos, crônicas, poesias, que expandem a literatura e bordam narrativas autorais, com vozes plurais no entre das margens.

Por fim, o(a) docente nomeia o gesto de partilha, quando aquele que aprende se reinventa como sujeito, que ensina atravessado pela linguagem, levando consigo a bagagem da escrita para dentro da sala de aula - lugar de criação, de escuta, de invenção cotidiana. Ao entrelaçar esses três termos em uma única composição - estudante/escritor(a)/docente - busco refletir a pluralidade de existências, que habitam os sujeitos do contexto no Programa Lugar de Criação (PLC).

Ao tensionar formas tradicionais de produção textual, abre-se espaço para uma compreensão múltipla, reconhecendo as narrativas como lugar de emergência de subjetividades, afetos e fabulações. Como afirma De Certeau (1990[2012], p. 269), "é um postulado do trabalho sempre recomeçando, que tem como princípio um não lugar de identidade e um sacrifício da coisa". Nesse sentido, a experiência dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes - escri docentes - com as práticas de escrita no contexto



do Programa “Lugar de Criação” configura como artesanaria - instância em que se forjam posturas críticas, criativas e autênticas no percurso de constituição docente.

Os(as) estudantes/escritores(as)/docentes constroem narrativas, que potencializam sua formação enquanto docentes/escritores(as). Nesse sentido, são sujeitos atravessados pela linguagem, deslocando-se entre autoria de suas escritas (livros e ebooks autorais) para comentadores(as)/narradores(as)/leitores(as) de suas fabulações - com as cartas/narrativas - assim, constituindo-se como escridocentes. Observo, ainda, o papel da escrita como dimensão formativa: por meio dela, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes experimentam outras formas de refletir, sentir e elaborar os saberes, que atravessam suas trajetórias.

Sigamos, então, para as próximas sessões desta introdução.

Tecendo o alforge

Dileto(a), apresento-te o *alforge* como um lugar-móvel, um artefato simbólico de deslocamento e travessia. Mais do que um simples bernal, ele se configura como base de sustentação, de onde emergem as alças, que firmam os caminhos da desterritorialização investigativa. Tecido pelas experiências cartográficas entrelaçadas às cartas/narrativas de experiência com as práticas de escrita.

Um *alforge*, que abriga os rastros das práticas de escrita, que se forjam ao longo da formação docente na Licenciatura em Letras. É nele que carregamos os recursos sensíveis, poéticos e conceituais colhidos nas minhas andanças investigativas, compondo, assim, um arcabouço que vibra em múltiplas trilhas e devires. Como nos provoca Skliar (2020, p. 11), “estamos imersos em um processo vital, porque nos encontramos inseridos em um movimento de desdobramento contínuo, que é tanto social quanto individual”. O alforge, portanto, é onde cabem as dobras desse processo, suas memórias, revezes, fabulações: uma cartografia em ato.



Figura 2 Território/alforge/livros.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Nesse sentido, o alforge se revela como um território de partilha de experiência narrada, que problematiza as fronteiras entre sujeito e mundo, entre corpo e pensamento, entre processo e produto. Torna-se um lugar de mediação, onde o pensar e o agir se entrelaçam e se constituem mutuamente.

Seguindo nessas tramas, faz-se necessário reconhecer, nessa dobra inicial, uma configuração como conceito/metáfora capaz de cruzar os campos do fazer e do refletir, da prática e da teoria, da existência e da criação/fabulação. Seguimos narrando como a palavra escrita que se entrelaça à memória sensível, ao corpo que escreve, aos rastros de quem ensaia dizer de si.

Você, que me acompanha até aqui, já deve ter notado: esse alforge não se abre de uma só vez. Pois é com atenção que o(a) convido a espiar esta primeira dobra, constituída em suas alças: a da escrita como afetividade. (Eu) andarilha, reencontro o gesto inaugural de visitar memórias, rasuras e desejos. A cada objeto recolhido, algo vibra - o afeto como matéria da escrita. Trago para esta narrativa algo que habita minhas tenras memórias afetivas: foi com as mãos pequenas que remexi, pela primeira vez, nos compartimentos de um alforge. Não era apenas um objeto, havia algo de mistério naquele couro gasto, impregnado de poeira da estrada e do cheiro da roça.

Nas brechas de minha infância sertaneja, o alforge surgia pendurado ao lombo dos cavalos dos tios paternos, ou mesmo de viajantes entre povoados, sempre portando apenas o necessário para a viagem, mas também algo que virava história nas intermináveis conversas em noites de lua cheia. E, mesmo sem saber nomear, era ali que começava a



fabulação. A figura da andarilha, que me acompanha e em quem me inscrevo, compartilha comigo esse alforje repleto de rasuras, que se transformam em narrativas a cada experiência com a escrita.

É com esse olhar de curiosidade que destaco a epistemologia do termo. Existem duas grafias dicionarizadas em Língua Portuguesa: “alforje” e “alforge”. Ambas são aceitas, mas o uso varia entre regiões e países. "Alforje", com “j”, é mais comum em Portugal, enquanto "alforge", com “g”, predomina no Brasil, especialmente no Nordeste. Neste contexto de pesquisa, opto por “alforge” com “g”, pois estou investigando narrativas de experiência com práticas de escrita no Sertão nordestino, vividas por estudantes de Letras: e é nessa paisagem que o termo ressoa.

Não sei se você sabe, mas o alforge é um acessório tradicional de viajantes: cavaleiros(as), motociclistas, pescadores(as), caçadores(as) - por que não, de professoras, com suas mochilas repletas de compartimentos onde objetos desaparecem e reaparecem como mágica. Artefato cotidiano e simbólico, evoca deslocamentos, improvisos, memórias de quem vive entre o tempo das chuvas e o das secas. Ao contemplar essa imagem, inscrevo-me nesta pesquisa fabulando pelos rastros da subjetividade, que se misturam à poeira dos caminhos. Sempre que possível, retorno às lembranças longínquas da minha figura fabulada em andarilha.

Não descolo tal escrita da minha origem, pois transito junto às vozes dos colaboradores desta pesquisa. Compartilhamos um alforge, que carrega poemas rabiscados, cadernos anotados, narrativas fabuladas e margens reescritas. Cada bolso abriga pedaços de um território vivido em solo epistêmico. É nessa dobra que nos detemos: a escrita como prática partilhada, que ensina e aprende, que sugere táticas, que inventa modos de ensinar escrevendo e de escrever formando. Convido você a pensar comigo a escrita como um ato também docente, prática de cuidado, de escuta e de invenção. Aquilo que é vivido se transforma ao ser narrado e, é por esse fio que seguimos.



Figura 3 Alforge aberto com livros



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Foi no vai e vem das trilhas que observei: o alforge já não abriga apenas lembranças, mas também fabulações - contos, crônicas, poemas - com suas rasuras e desvios. Um inventário em constante mutação, construído na travessia entre criar/narrar/fabular. Ao abri-lo, você também não encontrará objetos físicos, mas cenas do vivido, desdobradas em linguagem. É com essa segunda dobra que as vozes se fazem



presentes: a minha voz de (eu)andariilha, que narra na perspectiva da pesquisadora, mesclando-se à minha figura fabulada, que caminha em diversos espaços; e as vozes dos(a) colaboradores(a), que narram suas experiências de desejos de transformação, rabiscos de ideias em práticas de escrita criação/narração/fabulação. A imagem do alforge, então, sugere que o conhecimento se organize e desorganize em movimento, pela perspectiva da fabulação, da escuta e da experimentação, onde se constrói com os outros, nas errâncias. Entre papéis dobrados, poemas manuscritos e rastros de subjetividade, emergem táticas, que escapam à normatividade e revelam a potência criadora nos diversos saberes que dialogam com a docência.

Compreendi, sobretudo, que ensinar é refazer trilhas, desembrulhar silêncios, acolher a falta. Essa é a terceira dobra do alforge, que se torna companheiro, não um fardo cheio, mas um abrigo que se descortina ao que se encontra no caminho. A pesquisa, nesse trajeto, faz-se entre desvios e escutas, exigindo rasura, reescrita, edição. A tática formativa que aqui se anuncia é aberta às histórias, que transbordam das margens.

É nesse espaço que a escrita se afirma como criação: verbo, que dança, pesquisa, que não apenas relata, mas inventa. O alforge, nesse sentido, carrega o risco da experimentação. Torna-se agente, ativa e participante da criação de realidades, atravessando tempos, geografias e linguagens. Convido você a não fechar esse alforge, mas a carregá-lo consigo - sempre aberto, sempre pronto a ser preenchido com outras significações.

A tríade criar/narrar/fabular

Nessa interlocução contigo, dileto(a) leitor(a), movimento-me para apresentar uma reflexão, que também atravessa esta tese, sintetizada na metáfora-conceito criar/narrar/fabular. Essa tríade não se reduz a meras práticas textuais; ela é um campo rizomático de significações onde o signo se desdobra em múltiplos sentidos, deslocando-se, tornando-se outro a cada novo encontro. Criar/narrar/fabular: ações que tensionam e expandem as fronteiras do sentido, subvertendo a fixidez do real e propondo uma constante reinvenção do existir através da linguagem. São práticas, que não se enclausuram em espaços fechados, mas se espalham, inventando passagens e multiplicando-se em movimentos, que atravessam e constituem os sujeitos, que escrevem e vivem essas experiências: os(as) docentes em formação.

É neste bailado da criação/narração/fabulação que se manifesta a potência vital das práticas de escrita aqui analisadas. O movimento entre esses três termos compõe um



tecido onde o sentido se constrói e se desconstrói, se abre e se fecha, em uma dialética, que desvela múltiplas facetas com as práticas de escrita. São narrativas, que atravessam a experiência, que inventam mundos outros, que ressoam em multiplicidades e, por isso, desafiam as delimitações tradicionais do conhecimento e da escrita.

Permita-me compartilhar que as primeiras experiências dessa tríade foram concebidas no campo de criação do programa de extensão Lugar de Criação, onde as narrativas dos sujeitos provenientes do Sertão Médio nordestino resistem e inventam possibilidades de existência. Nesse espaço de encontro e criação, o ato de criar/narrar/fabular subverte a escrita acadêmica/literária, transformando-a em uma afirmação subjetiva, que se opõe às forças, que tentam reduzi-la a uma escrita técnica ou apenas acadêmica.

Ao escolher essa tríade como um dos marcadores crítico-cultural, somos convocados a adentrar um espaço onde se constitui e se reinventa no fazer da escrita. Criar não é apenas produzir o novo. Instaurar platô de forças, que tensionam o *status quo* é se abrir ao confronto de vozes, à heterogeneidade dos discursos, criando fendas nas estruturas normativas para que outros espaços se multipliquem em formas de subjetivação. Trata-se de um movimento que enuncia na e pela relação com o outro, modificando o horizonte do pensar e do viver em uma dinâmica responsiva.

Narrar, nas trilhas desta tese, é mais do que contar: é a tessitura de sentidos, que organiza o fluxo do vivido; é a construção de um “eu” em constante entrelaçamento com o outro; é uma tecnologia de subjetivação, que dá forma ao tempo e ao espaço da experiência, instaurando múltiplas dimensões do existir. Essa tessitura se manifesta, nesta escrita, por meio de deslocamentos de vozes - tensionando os limites do narrar como ato de escavação e de criação, como ato de colocar em trânsito modos de ser e de saber.

O ato de criar é um movimento de invenção contínua, uma abertura para o diferente, um fluxo que transcende o pensamento racional e convida a uma experimentação do pensar. Em palavras de Deleuze, “um criador não é um ser que trabalha pelo prazer; um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade.” Essa necessidade vital está ligada à força inventiva, que anima o criativo, que se manifesta na escrita desses sujeitos, que compõem o tecido vivo da pesquisa.

Fabular encerra a potência política da tríade - uma potência que atua como tecnologia de reexistência, atravessando o vivido e o imaginado, o sensível e o simbólico. Fabular, aqui, é o gesto criativo, que subverte a linearidade do tempo e a lógica dominante do discurso acadêmico; é criar brechas por onde possam emergir outras formas de dizer,



de sentir e de pensar o mundo. Ao fabular, a escrita se desloca do descritivo para o poético, do dado para os devires, do estático para o errante, inscrevendo narrativas, que desafiam as fronteiras do instituído.

Assim, criar/narrar/fabular não se configura apenas como práticas individuais dos sujeitos, mas também, como modos de existir e se constituir a partir do espaço formativo proporcionado pelo Programa Lugar de Criação (PLC). Esse espaço institucional, inserido na esfera social da produção escrita universitária, tem chance de potencializar a invenção de si pelos(as) estudantes de Letras, integrando-os em um ambiente coletivo e institucional de experimentação com as práticas de escrita, oferecendo um contexto em que a escrita e a formação docente se articulam, ampliando a constituição de saberes docentes. Dessa forma, o programa pode se configurar como uma potência na promoção de uma formação plural e dinâmica, que integra as dimensões social, coletiva e interativa da escrita.

Um proêmio das trilhas

Este primeiro momento delinea os caminhos das trilhas da tese, oferecendo uma visão geral da temática abordada. Como porta de entrada, o proêmio situa o(a) leitor(a) no foco da investigação e antecipa os movimentos que virão. A tese se organiza em cinco ‘trilhas/capítulos’, que se entrelaçam em idas e vindas, cada um estruturado por tópicos e subtópicos, que sustentam o percurso investigativo.

A Trilha 1, *Travessias cartográficas*, organiza-se em cinco tópicos que compõem o início da investigação. A pesquisadora assume a figura da (eu)andarilha, cuja escrita errante se move por rastros e vozes, delineando zonas de escuta, fabulação e aprendizagem, onde vida, formação e autoria se entrelaçam. O percurso segue com a aproximação dos(as) colaboradores(as), suas primeiras identificações e inserções no movimento dessas escritas em deslocamento. No terceiro tópico, as cartas/narrativas se afirmam como dispositivos de escuta e investigação, revelando práticas de escrita iniciadas em 2019 e revisitadas no presente como forma de reconfiguração. Em seguida, apresenta-se o alforge metodológico, sustentado por conceitos como cartografia rizomática, fabulação e práticas de escrita, que compõem esse território de criação. Por fim, delinea-se um modo de pesquisar que, em vez de buscar conclusões fixas, abre caminhos ao situar os objetivos e problematizações emergentes ao longo da tese.

A Trilha 2, *Nas andanças, encontros acontecem*, configura-se uma travessia; a escrita é compreendida como acontecimento e as cenas narradas se apresentam em dobras



de memória, afetividade, criação e docência. Ao acompanhar essas cenas, observam-se as primeiras impressões às origens, do Velho Chico às influências, dos silêncios aos desafios, do contexto do Lugar de Criação às práticas de escrita, evidencia como essas experiências fabulatórias instauram outras formas de ver, sentir e narrar o real, produzindo articulações entre subjetivação e formação docente, que não cabem nos moldes escolares.

A Trilha 3, *A fabulação bordando travessias*, borda caminhos, que entrelaçam escrita de si, escuta e fabulação como forças formativas no percurso docente. Parte-se de um alinhavo com a escrita como dobra inaugural, que inscreve os(as) licenciandos(as) a narrarem suas travessias em meio a silenciamentos históricos e subjetivos. Nos traçados de um coser silenciado, emergem vozes que, mesmo à margem, encontram na escrita modos de se presentificar. O acontecimento narrado em “Os bodes não me respeitavam” revela a escrita como um deslocamento e reinvenção de si, em que memória e corpo se misturam e se transformam. Imagens que se multiplicam compõem uma cartografia rizomática, onde as práticas de escrita se fazem em trânsito, instaurando multiplicidades e rasuras no lugar de verdades unívocas. Por fim, os atalhos que se convergem, mostram que o que parecia desvio torna-se caminho próprio, alimentado pela coletividade, pelas dobras da experiência e pela escrita como criação em movimento.

A Trilha 4, *Articulações e desdobramentos em terras portenhas*, anuncia o movimento de expansão e retorno que atravessa esta pesquisa, como quem desce das margens do Velho Chico à costaneira do Rio La Prata, em direção à primavera que floresce em outras geografias e epistemologias. O doutorado sanduíche, realizado na Universidade de Buenos Aires (UBA), foi dobra investigativa e política, que permitiu outras articulações: nas propostas de simpósios, na construção coletiva de experiências de monitoria e, sobretudo, nas interações, que reverberam além das fronteiras institucionais. Assim, a escrita se refaz no retorno - em travessia - como uma costura, que borda pontes entre territórios, tempos e saberes em contínua reinvenção.

A Trilha 5, *Alforge escrivocente*, traz como foco a consolidação da figura do(a) escrivocente como um acontecimento plural: formativo, político e estético. Nesse platô, as nuances, que atravessam as trilhas escrivocentes ganham contorno com as narrativas de experiências com as práticas de escrita, que costuram vida, docência e linguagem, forjando uma vestimenta que se refaz no percurso. O que se nomeia como “vestimenta escrivocente” aponta para modos de existir e ensinar em constante reinvenção, tecidos por narrativas, que se escrevem entre o sensível e o saber. Em *Crontos*, a escrita se

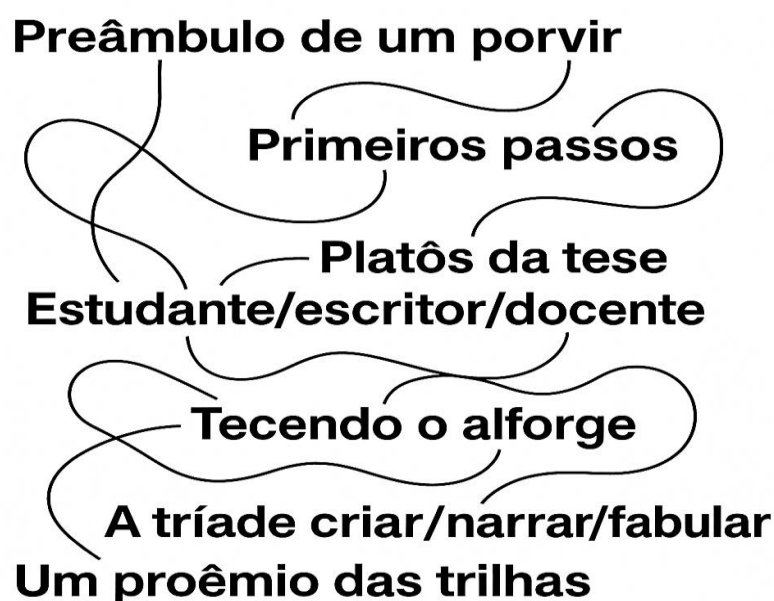


apresenta como movimento epistêmico, onde o tempo se embaralha e a fabulação produz novas formas de habitar a formação. A poética de Guilherme Resende, em estado de escrita, inscreve-se como cartografia formativa, um movimento, que convoca o corpo todo para pensar, narrar e criar. Ao revisitar o poema *Natureza Feminina*, a rasura se afirma como inscrição e potência, abrindo brechas para reescrever a si e o outro. Encronizando os percursos, essa trilha acolhe os vários possíveis, que emergem quando a escrita se torna lugar de experiência, resistência e criação na formação docente.

O alforge da partida também é o da chegada. É com essa imagem que compõe este momento das considerações finais. Trata-se de retomar os caminhos percorridos, costurando os fragmentos e rastros deixados ao longo das trilhas, não para fechá-los, mas para nos reinscrever como travessia em curso. A tessitura, que aqui se faz, convoca uma possível política de narratividade como acontecimento, em que a escrita assume uma ética de artesanaria e criação: singular, situada, coletiva. O alforge, nesse contexto, afirma-se como figura epistemológica, que sustenta as escolhas metodológicas, estéticas e políticas desta tese: lugar onde cabem as experiências, os deslocamentos, as fabulações e os afetos. Assim, as considerações se dirigem também aos que seguem nessas trilhas, abrindo outras possibilidades de criação e de resistência nas práticas de escrita e de formação docente.

A introdução, *Preâmbulo de um porvir*, configura-se com os primeiros passos desta travessia, anunciam-se os platôs, que sustentam e atravessam a escrita da tese, territórios móveis onde o pensamento se expande, se dobra e se conecta.

Figura 4 Preâmbulo de um porvir



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).



A figura do(a) estudante/escritor(a)/docente - escribedocente - emerge como sujeito em processo, cujas práticas de escrita se confundem com seus próprios modos de existir, ensinar e fabular. Tecendo o alforge, que carrega memórias, perguntas, obras autorais e experiências, delinea-se uma ética e uma política da escrita ancorada na tríade criar/narrar/fabular. No proêmio das trilhas, apresenta, portanto, não apenas o início, mas há um porvir em que a escrita se constitui em acontecimento formativo e político. Assim, a introdução se organiza com todos esses aspectos, que se desenvolvem durante a escrita da tese, abrindo espaço para fabulações, que rompem os contornos do instituído e traçam rotas outras para a formação docente.

Assim, dileto(a) leitor(a), vamos nos metamorfoseando nessas interlocuções, que seguirão pelas trilhas adentro desta tese. Na primeira, você será também um andarilho(a), que me acompanhará por todo percurso da trilha. Na segunda, o diálogo ocorrerá com você, prezado(a) caminhante; assim, continuaremos juntos nessa jornada. Por falar em trilha, na terceira, você terá a vestimenta de fabulador(a) e juntos bordaremos a tessitura desta travessia até chegar às pessoas em travessias. Da quarta trilha, partiremos para nos encontrar com o(a) escribedocente, e vamos atravessar até as considerações com o Estimado(a) interlocutor(a). Então, sigamos pelas trilhas.



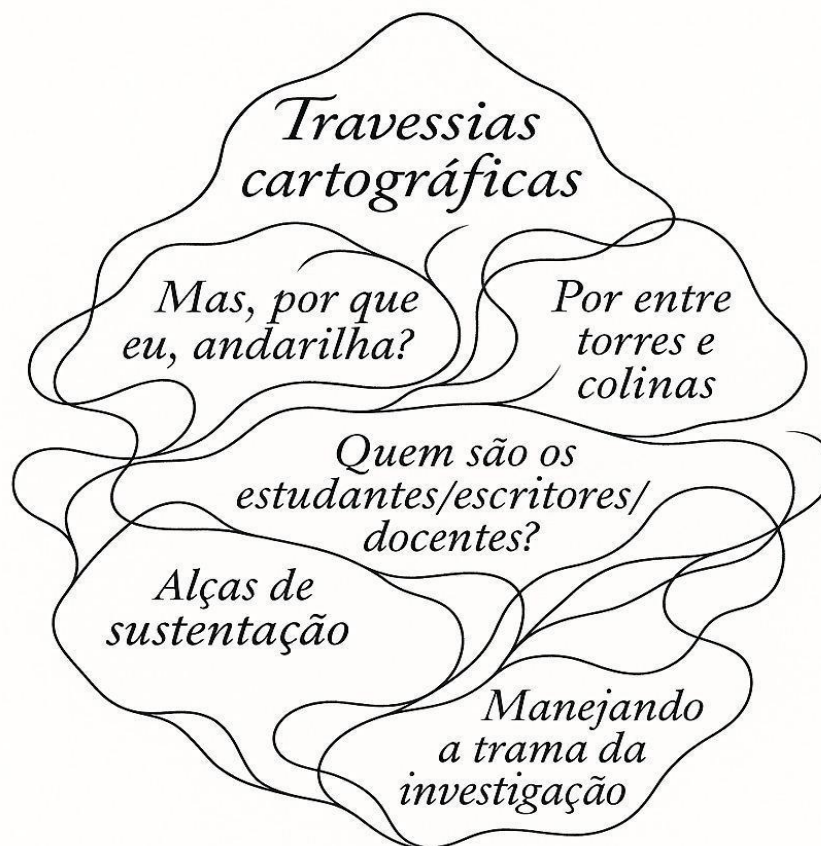
Trilha 1: TRAVESSIAS CARTOGRÁFICAS¹⁶

PósCrítica, julho de 2025.

Andarilho(a), que me acompanha nessa trilha.

No alto da colina, onde o vento sussurra memórias, inicialmente, avisto uma trilha ainda por desbravar. (Eu)andarilha, caminho entre ruínas e reinvenções, percorrendo o tempo da escuta, do silêncio e das palavras, que pedem passagem. Assim, inicio mais uma travessia. Não se trata de um percurso linear, tampouco de um roteiro previamente definido. É preciso descer do alto da colina para seguir no emaranhado da cartografia nas narrativas de experiencição com as práticas de escrita, que deixa rastros, vozes e autorias nas escritas forjadas no Lugar de Criação, um contexto de extensão, que se faz território, alforge e travessia para estudantes/escritores(as)/docentes em formação. Essas travessias se organizam da seguinte forma:

Figura 5 Primeira trilha



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

¹⁶ Mesmo considerando que os pensadores Deleuze e Guattari (1997) não propuseram esse conceito como natureza de pesquisa, cabe trazer a perspectiva da cartografia rizomática para investigar as experiências com as *cartas/narrativas* como dispositivos para a documentação narrativa.



É nesse terreno movente que esta escrita se delinea. A trilha que se inicia aqui busca cartografar práticas de escrita autoral e fabulatórias vividas no Lugar de Criação, que emergem das narrativas de experiências compartilhadas por quem se forma escrevendo. O que será cartografado são os modos como esses(as) estudantes fabulam sua presença no mundo, seus deslocamentos de autoria e suas formas de dizer sobre si, compondo uma escrita que é, ao mesmo tempo, política, poética e pedagógica.

Esta primeira trilha propõe um mapeamento, de modo rizomático, das práticas de escrita desenvolvidas por graduandos no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), narradas nas cartas trocadas ao longo da investigação, observando os primeiros atravessamentos subjetivos e os efeitos formativos, que emergem no percurso de constituição docente. Trata-se de um movimento que se delinea nas dobras, nos desvios e nos encontros. O que se busca cartografar aqui são os rastros de experiências que se fazem em linguagem: fragmentos de narrativas, fabulações, contornos de si e dos outros que se entrelaçam na formação de estudantes/escritores(as)/docentes.

Uma trilha que também apresenta as primeiras camadas da investigação: o território do PLC, os colaboradores envolvidos, suas trajetórias e obras autorais, bem como a presença da (eu)andariha: figura epistêmico/metodológica que, implicada no processo, desloca o olhar tradicional da pesquisa e propõe uma escrita, que se faz em trânsito, entre cenas, afetos e palavras. A cartografia proposta não se fixa em classificações ou categorias fechadas. Ao contrário, permite-se ser atravessada por vozes, sentidos e devires, que escapam à norma e instauram outras formas de saber, de ensinar e de escrever.

As cartas/narrativas e os textos autorais dos colaboradores não funcionam apenas como registros ou dados da pesquisa: são também dispositivos de criação, que desestabilizam a autoria como posse individual e deslocam a escrita de um lugar funcional para um campo de experiência. Nesses escritos, as práticas de escrita autoral revelam-se como espaços de formação, como fabulações, que se constituem no corpo-a-corpo com o vivido e com o dizer. A tese, nesse sentido, não parte da observação distanciada de um objeto, mas da partilha com sujeitos em formação, que escrevem, narram e se tornam docentes no entrelaçamento entre vida, linguagem e território.

Andarilho(a), não se preocupe que o lirismo não será abandonado. Pelo contrário: ele é parte constituinte da metodologia que aqui se propõe, uma escrita que fabula, que se deixa afetar e que busca, nas frestas, diferentes modos de conhecer. Mas, desde já, é



importante dizer: esta é uma tese, que resulta de uma investigação, que parte da materialidade dos encontros, dos textos e das vozes dos(as) que criam, compartilham e escrevem, entrelaçando subjetividades e saberes no cotidiano de uma formação em Letras que se quer também criação.

Se cartografar é expandir afetos, andarilhar com o movimento e devorar os estrangeiros para, através das conexões, compor as cartografias que se fazem necessárias, se faz nas trilhas em processo, aberta à mudança e à contaminação. Cartografia, nessas andanças, não se configura em mapear um território de fora, como quem observa alheio e distante do alto da colina ou das torres gêmeas. É deixar-se atravessar pela linguagem e pelo fora da observação, sentir suas dobras e zonas de contato, que são camadas, tensões e encontros que formam o tecido do território percorrido; diferentes forças, influências, desafios, faltas, silenciamentos, práticas de escrita e formação: histórias, que se cruzam, criando espaços de transformação. É um contato, que gera trocas, como as que acontecem nas cartas/narrativas, que criam aberturas para diferentes sentidos.

Andarilho(a), nesta primeira trilha, vamos identificar aspectos gerais da tese, envolvendo características básicas dos colaboradores, de suas obras autorais, como também minhas, nas andanças por esse território que compõe a escrita desta tese, além de retomar aspectos gerais da investigação apresentados inicialmente na introdução. É neste movimento que inscrevo minha travessia pelo contexto da pesquisa: o Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), espaço que se configura como campo de desenvolvimento das fabulações pelas práticas de escrita, conduzido por estudantes/extensionistas em formação na Licenciatura em Letras na Universidade de Pernambuco, campus Petrolina.

As atividades de extensão do PLC têm início em meados de 2020 e, entre 2020 e 2024, foram cartografados 495 textos publicados por autores(as) diversos(as), entre eles estudantes, docentes e egressos da educação básica, bem como estudantes e docentes universitários. Trata-se de pessoas interessadas em fabular suas narrativas com traços de subjetividade. Tanto os encontros quanto o acompanhamento das práticas de escrita ocorriam, e ainda ocorrem, de forma remota, já que há participantes de várias cidades dos estados de Pernambuco e Bahia. Houve, inclusive, uma professora, que participou diretamente da República Democrática do Congo.

Os primeiros passos nas experiências de pesquisa com as práticas de escrita nos provocam a observar esse contexto como um espaço de experimentação, em que os sujeitos se constituem no coletivo. Trata-se de uma experiência que se realiza no próprio



ato de acontecer, “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 19), afetando nossa forma de compreender o mundo. Ao investigar o processo de práticas de escrita de estudante/escritor(a)/docente, evidencia-se a complexidade de saberes ainda em processo de engendramento no campo disciplinar.

Nesse movimento de burilar a linguagem, as palavras não emergem isoladas; elas ganham sentido na relação com os sujeitos, abrindo um leque de possibilidades, inclusive aquelas que, embora repetidas no cotidiano, adquirem diferentes contornos em cada uso. Como lembra Veríssimo (2023, p. 20), “somos agenciamentos, só existimos em coletividade”. É nessa coletividade que o cartógrafo se constitui, “produzindo afetos, pois também é um emissor de signos, afetado e afetando” (Kastrup, 2016, p. 23). Desse modo, permanecemos intrinsecamente ligados ao coletivo, em interação com os outros, compondo uma trama humana em permanente invenção da linguagem e do pensamento.

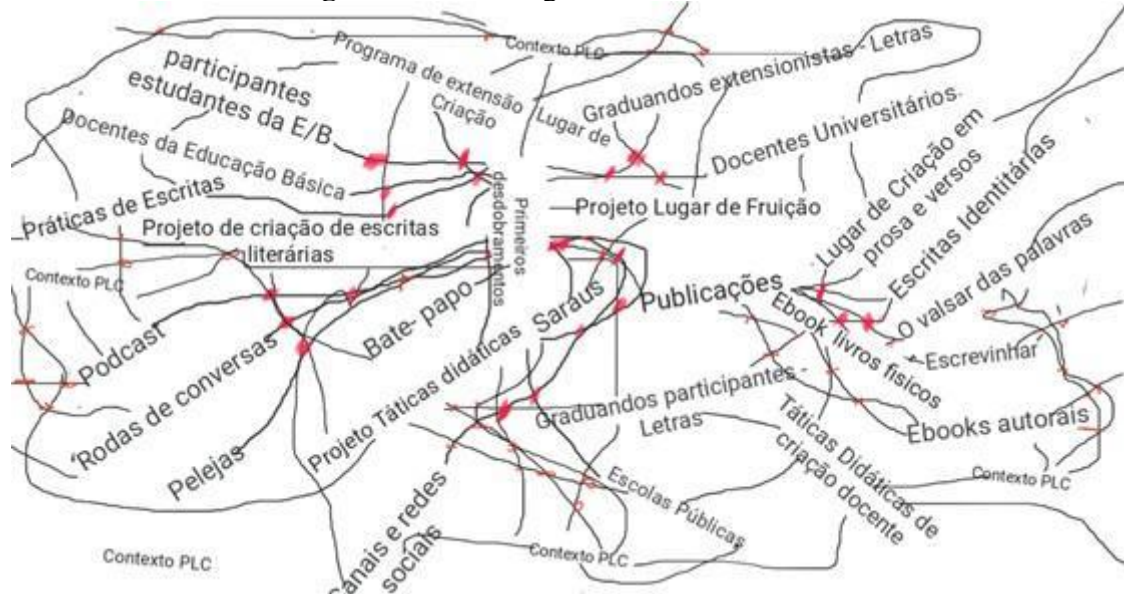
Essa conexão com a multiplicidade me conduz a descer as encostas da colina do meu torrão natal, seguindo uma linha de devir, que percorre caminhos entre pontos e pontes, avançando de modo oblíquo para tocar as fronteiras de outros encontros e, assim, engendrar diferentes formas de construção de sentido. Ao lidarem com essa multiplicidade, os sujeitos escreventes se constituem simultaneamente no passado e no presente, em relação a si mesmos e ao outro, não um outro distante, mas aquele em quem se reconhecem e com quem partilham existência.

Ao experienciar aquilo em que “somos continuamente forçados a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva” (Rolnik, 2016, p. 22), deparamo-nos com esse cenário dinâmico e, do mesmo modo, instigante. Estamos compelidos não apenas a refletir sobre as ações, mas também a agir de forma a transformar essas paisagens em constante mutação. Essa necessidade de intervenção sugere uma mudança inerente a uma experiência com a pesquisa. É como se estivéssemos imersos em um fluir constante de transformações, onde cada pensamento e ação desencadeiam distintas possibilidades de significância.

Diante de todos esses atravessamentos até aqui, as narrativas de experiências com as práticas de escrita se configuram como um motor do acontecimento, emergindo em situações inesperadas, que habitam o criativo e o performático. Cada estudante, envolvido em seu próprio universo de palavras, dá vida a personagens, desbravando territórios imaginários e explorando conceitos variados, como podemos observar a cena abaixo da dimensão contextual.



Figura 6 Contexto geral do PLC



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Essa cena ilustra de forma vívida como o ponto de transformação nas práticas de escrita criação/narração/fabulação pode dar origem a outras possibilidades na formação docente, destacando o papel central da criatividade, do envolvimento pessoal e da interação. O impossível se configurando de uma ‘casa vazia’, desprovida de qualquer registro de si, ou assemelhando-se a uma “casa alugada” para se constituir em um alforge como tática de apropriação, se constituindo em diferentes performances com a escrita.

Esse espaço é “dado ao locutor do discurso como a qualquer outro” (Certeau, 1990 [2012], p. 61), configurando-se como um espaço ativo, antes apenas intuído no vazio ainda não experienciado. Ele se faz “ponto de chegada de uma trajetória” (idem), que, ao se fundir com o ponto de partida, revela um contexto repleto de possibilidades para a continuidade de um trajeto sempre em construção.

Nesse contexto, interessa-me o que está sendo cartografado: as narrativas de experiência dessas práticas autorais de escrita, suas fissuras, seus modos de fabular o vivido e o visível e de se (re)inscreverem como estudantes/escritores(as)/docentes. A cartografia, assim, atua como um percurso metodológico, funcionando como motor movente, nas andanças, acompanhando os fluxos dos dispositivos cartas/narrativas e suas obras autorais de criação, que se insinuam nas escritas, nos encontros, nas cenas, que se evidenciam pelas cartas trocadas entre os envolvidos durante a pesquisa. Assim como eles(as), sigo nessas trilhas, como pesquisadora em movimento, andarilha, que transita entre textos e experiências, afetando-se e sendo afetada.



Figura 7 Primeiros passos nas trilhas



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Nesta imagem que inaugura a Trilha 1, o percurso da escrita é figurado como travessia: Seja transitando com os pés descalço, sentido a brisa do rio, seja nas trilhas sob o sol forte, sigamos, carregando no alforje livros e rastros de palavras que foram plantadas pelo caminho. As páginas ao vento emergem livros da terra, irrompem sentidos diversos. É nesse território sensível e movente que a escrita se dá: como passo, paisagem e fabulação. Ao traçar essa trilha, não apenas registro, mas componho com os(as) outros(as) um mapa feito de presença, narrativa e invenção.

Andarilho(a), lanço-lhe um desafio de caminhar comigo por esta trilha.

1.1 Mas, por que (eu)andarilha?

Nesse fazer das trilhas, sigo como (eu)andarilha em um movimento, que não é neutro nem distante. Esta minha figura caminha implicada, atravessa outros territórios comprometida com o que pulsa ao redor e com o que nos envolve, devorando estrangeiros para, nas misturas, nos ruídos e com as zonas de contato, revelar sentidos outros. Sou eu, a andarilha, em costuras com diferentes vozes, que componho o ritmo desta escrita, escutando com o corpo, transformando a prática investigativa em ato de criação. Atentas aos sinais, sigo pelas nuances e pormenores, entregando-me ao manejo perceptivo da pesquisa, ora ampliando os passos, ora remontando a trilha, quando necessário.



Como (eu)andareilha, percorro um caminho que abre espaço para múltiplas conexões, experiências, dobras e encontros, refletidos nos dispositivos da pesquisa: cartas/narrativas, livros/ebooks autorais, em que faço presente nas cenas das narrativas de experienciadas com práticas de escrita dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes. Nelas e com elas, faço-me audiência; interpelo quando necessário, desviando da narrativa comum conforme cada cena especificada, que me é apresentada pelos(as) colaboradores(as).

É nesse movimento entre - entre vozes, corpos, fabulações, que me posiciono epistêmico/metodologicamente como figura da andareilha, que habita o entrelugar, espaço de travessia onde o discurso não se fixa nem se centraliza. Inscrevo-me e partilho modos de fazer da escrita, deslocando-me como figura fabulada e errante nas trilhas da pesquisa. Essa escolha não é artifício, mas estética, política e epistêmica: estética pelo modo de construção na escrita; política pelo ecoar de vozes; e epistêmica por deslocar o lugar do saber, reconhecendo nas narrativas de experiência traços de subjetividade, que tensionam a ideia de uma voz única, hegemônica.

O texto se desloca, assim como as vozes, minhas e as dos(a) colaboradores(a) da investigação, atravessadas por encontros: com o outro, com o mundo, com os textos, com as dobras da experiência. Esses encontros abrem espaço para reflexões sobre as relações afetivas e discursivas, criando brechas para as escritas de quem se constitui à margem, especialmente nos ambientes acadêmicos. Esses encontros abrem espaços para reflexões sobre as relações afetivas e discursivas, criando brechas para as escritas de quem se constitui à margem, especialmente em contextos escolares/acadêmicos¹⁷.

É desse lugar que me posiciono: (eu)andareilha percorrendo as trilhas de uma tese orgânica e em camadas. Não caminho para afirmar uma voz autoral dominante, mas abrir frestas, para que múltiplas vozes coexistem, se tensionam e se entrelaçam com a minha em uma escrita em movimento. Nessa partilha, os(a) colaboradores(a) não são apenas fontes ou objetos de análise; ainda que suas vozes por vezes, em terceira pessoa, preservam o pulsar da primeira, ressoando nas citações, nas cartas que atravessam esta escrita de tese.

Com o alforge em construção e um bloco de notas em mãos, inicio a caminhada por estradas, que se desdobram em curvas diversas. Parto do alto da colina; metáfora do lugar de onde observo, antes de mergulhar, rumo à exploração de terrenos até então

¹⁷ A expressão *espaços acadêmica* abrange também os contextos formativos da Educação Básica.



desconhecidos no processo de pesquisa. São esses terrenos irregulares, que exigem um olhar atento e uma audiência aberta. Como numa travessia em metamorfose, atravesso ora terrenos arenosos, ora beiras e margens, até alcançar o cerne dessa viagem movente, em que o deslocamento ocorre em cada oportunidade criada, assim como: “viajar significa sair do lugar que habitamos no pensamento sem um destino predeterminado e estar atento a cada oportunidade de deslocamento” (Skliar, 2023, p. 47). E é nesse deslocamento constante que reconheço o esplendor das trilhas: elas me lançam a encontros imprevisíveis e a diferentes direções, como as que se desenham na imagem do contexto dessa investigação (PLC), território de partilha entre estudantes/escritores(as)/docentes e extensões da escuta.

No alto da colina, onde o vento sussurra nomes e lembranças, avisto a trilha ainda por desbravar. E (eu)andariha, como propõe Skliar, caminho entre ruínas e reinvenções, percorrendo o tempo da escuta de uma cartografia nas narrativas de experienciação com práticas de escrita forjadas no Lugar de Criação, programa de extensão, que se faz travessia para estudantes/escritores(as)/docentes em formação.

É nesse terreno movente que esta escrita se ancora. A trilha busca cartografar essas narrativas com ênfase nas estratégias estético/metodológicas, que emergem do contexto de formação, dos textos literários produzidos e das experiências compartilhadas por quem se (in)forma escrevendo. São os modos como esses estudantes fabulam sua presença no mundo, seus deslocamentos de autoria e suas formas de dizer o indizível, compondo uma escrita que é, ao mesmo tempo, política, poética e pedagógica.

É importante dizer: esta não é apenas uma viagem imaginária. É uma investigação, que parte da materialidade dos encontros, dos textos e das vozes dos(as), que criam, compartilham e escrevem, entrelaçando subjetividades e saberes no cotidiano de uma formação em Letras, especialmente da habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas, que se quer também criação.

Ao me compor nessa figura, inscrevo-me como posicionamento epistêmico, que tensiona os modos tradicionais de produção do saber. Nesse sentido, andarilhar é uma escolha que recusa lugares fixados de fala e saber encapsulado. Como (eu)andariha, movo-me com o que escapa, aquilo que surge pelos desvios nas cartas/narrativas, com que desafia a linearidade da escrita curricularizada e da própria noção hegemônica de autoria, aquela que entende o autor/escritor como uma voz autorizada a produzir sentido.

Além do bloco de notas e outros artefatos tecnológicos de investigação, o que carrego no alforge são afetos - do verbo afetar - e narrativas, que compõem a tessitura



desta tese em camadas, uma escrita, que nasce do encontro e da partilha. Caminhar, então, é criar sentidos com os próprios passos, sustentar o princípio investigativo na interlocução pelas cartas/narrativas, para acolher as formas instáveis de saber, que nascem das narrativas de experiência em verso e prosa. É nessa dobra movente entre mim e os outros, entre narrativas e fabulações, que me reconheço: (eu)andarilha, estudante/escritora/docente/investigadora de uma tese em travessia.

1.1.1 Por entre torres e colinas

Espiando através das lentes, que venho experienciando até aqui, não apenas observo. Eu me lanço no centro pulsante das fabulações, que me atravessaram e atravessam esta criação na escrita de tese. É nesse emaranhado de sentidos que começo a tecer minha própria trama. Iniciei minhas primeiras passadas como estudante em uma Escola Municipal, onde enfrentei desafios desde a alfabetização até a quarta série, o que, até então, chamava-se de primeiro grau, em uma turma multisseriada. Havia dias em que a lousa parecia um enigma e as palavras, um território a ser conquistado. Por volta dos meus dez anos de idade, passei a morar no centro urbano, onde segui os estudos em escolas públicas, quase sempre no turno da noite¹⁸, entre cansaços e sonhos guardados nas páginas do caderno. Ao olhar para trás, observo uma cena de desalento: às vezes, chegava ao curso de Licenciatura em Letras um pouco mais tarde que a maioria dos graduandos, pois trabalhava durante o dia e cursava a Licenciatura à noite.

Uma formação hegemônica de produção de conhecimento, ancorada majoritariamente em uma perspectiva conteudista e de análise estruturalista, orientava/orienta as práticas formativas. A presença de autores(as) como Koch e Elias (2006) entre as leituras obrigatórias revelava uma contribuição significativa da linguística textual, centrada na coesão, na coerência e na progressão temática como critérios para o “bom” escrever. Nessa lógica, “produzir um texto compreensível implica dominar o funcionamento dos mecanismos linguísticos que garantem sua continuidade temática e sua articulação lógica” (Koch; Elias, 2006, p. 17). No entanto, ao longo do tempo, sobretudo nas trilhas que percorro agora, fui me dando conta de que essa concepção de escrita, ainda dominante em muitos contextos formativos, opera uma contenção: ensina a funcionalidade do texto, mas pouco permite transborda-lo.

¹⁸ Era um tempo que a Escola Pública tinha quatro turnos, matutino, intermediário, vespertino e noturno.



Andarilho(a), permita que eu compartilhe algumas inquietações que me acompanha. A escrita exigida na minha formação em Letras, que, ousado dizer, nas de tantas outras pessoas, que atravessam os corredores da universidade, é marcada por moldes de correção e objetividade, por uma gramática que insiste em conter o que escapa. Mas, e as palavras que teimam em escorregar pelas bordas? E os silêncios que gritam, mesmo quando o texto exige neutralidade? O que fazer com as rasuras de uma formação esburacada, que não cabe na linearidade acadêmica?

Essas indagações me atravessam como o vento do Sertão, levantando a poeira de tudo o que tentaram calar. Não se trata de uma desordem gratuita, mas de um ato epistêmico de rasura de uma escrita, que apaga o vivido, que fecha o alforge para a invenção. Talvez seja nesse entre lugar, onde o texto vacila e hesita, que a formação se torna mais potente: quando escrevemos com os buracos, com os desvios, com o que pulsa fora da norma. É por aí que sigo, deixando rastros, mesmos que tortos, de uma escrita que se quer inteira: ainda que feita em pedaços.

Após essa trajetória entre a minha formação inicial e o desenvolvimento desta tese, observo que essa lógica normativa encontra seus limites quando confrontada com as práticas de escrita desenvolvidas no Lugar de Criação. O que pulsa não é apenas o texto bem estruturado, mas também o que rasura, que interrompe, que fabula. Assim, compreendo que há outros modos de escrever. Modos esses, que não se subordinam apenas à exigência de clareza ou correção, tampouco se deixam reduzir à função comunicativa. Ela escapa. Escava silêncios. Irrompe como um entre: fraturado e vibrante.

Uma escrita que se faz em travessia, em território e em fabulação. Em vez da linearidade exigida por manuais e esquemas de redação, os textos, que emergem de contexto como o Lugar de Criação, se constroem como mapas que afetam. Muitas vezes fragmentados, porque encenam aquilo que escapa à forma. E, para isso, nem sempre basta articular, logicamente, as ideias: é preciso também desorganizar o sentido, abrir brechas na linguagem, ensaiar um dizer que nos atravesse.

Os(as) estudantes/escritores(as)/docentes escrevem não apenas o que sabem, mas também o que desejam, o que lembram, o que não conseguem nomear, até mesmo o vazio de uma mente inquieta. Em lugar de técnica, a escrita torna-se espaço de existência e invenção. E, nesse território movente, é menos a coesão textual que importa e mais a força do movimento, que se lança sobre o papel como quem ensaia outros modos de habitar o mundo.



Assim, reconheço na escrita um lugar onde a linguagem se desloca, tornando possível o inacabado e o múltiplo, uma prática, que encontra abrigo nas dobras da experiência, fazendo do pensamento uma potência nômade, pois “os nômades estão sempre no meio” (Deleuze; Parnet, 1977[1998], p. 41). Nesse deslocamento, é possível perceber que a linguagem carrega, em seu próprio movimento, vozes outras, que se cruzam, pois, na palavra do outro, ressoam mil ecos de palavras alheias¹⁹, ativando uma memória social, que faz circular sentidos já ditos e (re)inscreve discursos anteriores na tessitura do presente.

A escrita, assim, não nasce do vazio, mas de campo tensionado por enunciações anteriores, por vozes que se entrecrocavam e se reconfiguram nas práticas de escrever. O que se fabula, então, é também um confronto com aquilo que já foi dito, e com o desejo de dizer de outro modo, em outros tempos e contextos. Escrever torna, nesse sentido, um ato de (re)inscrição, uma forma de existir por meio da linguagem, atravessada por memórias e resistências.

É nesse percurso que me inscrevo também na teatralidade resiliente de andarilha, que contorna situações mais complexas e atravessa obstáculos sem perder de vista o horizonte da docência. A docência, diga-se de passagem, me conquistou. Foi um encontro que me acolheu, que me convocou e que me impulsionou a seguir trilhando pelos terrenos ásperos e férteis do contexto educacional. Não se trata de mérito individual, tampouco de uma conquista isolada. Trata-se das labutas cotidianas, dos enfrentamentos e resistências para ocupar espaços que, por muito tempo, foram negados à nossa gente. Lugares como o das práticas de escrita - fabulação - que sequer ousamos sonhar como possíveis.

E talvez por isso, por sabermos o que significa caminhar com as palavras nas mãos, é que precisamos de ideias mais generosas para que a escrita também o seja²⁰. Ao longo dos vinte anos, que costuram a conclusão do curso de Licenciatura em Letras à tessitura desta tese, muitas cenas emergiram na minha caminhada de andarilha. Houve as aprovações em concursos, as salas de aula, os encontros e desencontros com os sistemas educacionais. Em Pernambuco (entre 2008 e 2019) - tempo em que permaneci na rede estadual até solicitar exoneração e assumir, no final daquele mesmo ano, o cargo de professora assistente na Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina.

Na Bahia, onde sigo desde 2007, as experiências também se multiplicaram. Nessa peregrinação, enveredei pelo mestrado no Programa de Pós-Graduação em Crítica

¹⁹ É uma ideia central no pensamento de Bakhtin (2020).

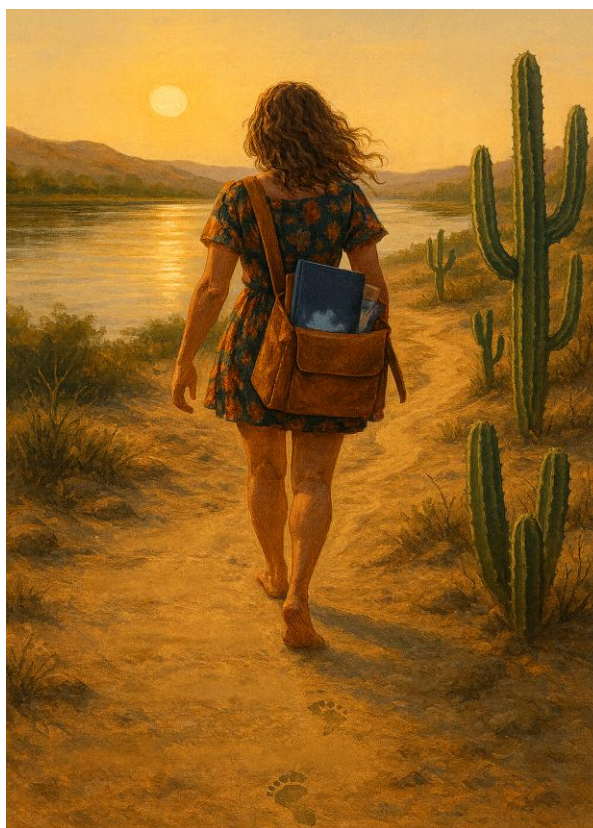
²⁰ Disponível em: [Carlos Skliar: "Educar consiste em viajar al mundo y aprender a vivir allí"](#) em 14:15.



Cultural (2012 - 2014), atravessei duas especializações e me lancei em programas de formação docente. Tudo isso sob o signo do conhecimento, que sempre me tocou, não como acúmulo, mas como experiência viva. Uma matéria, que pulsa no ensino de Língua Portuguesa e se entranha na pele da prática docente.

Foi nesse contexto, que senti o vento cortante me acompanhar, dançando em redemoinhos e fomentando narrativas. Os cactos da Caatinga revelam segredos das fabulações populares, enquanto o sol reflete minha sede por explorar vastas criações, que transbordam no horizonte. Imersa nesse emaranhado de potencialidades, fui me deparando com desafios, que se estendem além das colinas, levando-me a situações inesperadas. Ao transitar por esses caminhos, observo que “o ensino é uma prática social” (Sacristán, 2011, p. 66), concretizada na interação entre professores e estudantes, que refletem seus contextos culturais e sociais.

Figura 8 Andarilhando por outras trilhas



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

É assim que eu desço a colina em busca de outras trilhas, mesmo havendo “viagem com seus labirintos” (Skliar, 2023, p. 47). Sigo transformando as palavras em sentidos outros. Nesse percurso, enfrento desafios, mostrando que “a seca e a inundação,



a falta e o excesso, são experiências fundantes” (Haddock-Lobo, 2020, p. 13). E é nesse constante jogo de contradições e superações que encontro possibilidades para reconfigurar meu olhar sobre a formação. Nessas fabulações com as práticas de escrita criação/narração/fabulação, vejo-me imersa em cenas que dialogam com diversos fazeres, tal qual um processo de devir, pois se trata de um movimento singular, que envolve múltiplos fatores: a coexistência da potência, a diferenciação e a interação com a emergência do diferente.

É um fazer que envolve o eu e o outro em uma relação dialógica na construção de sentido²¹. Não se trata de ser semelhante ao outro, mas de reconhecer suas dimensões. O “outro” é compreendido em sua singularidade, permitindo-nos vê-lo como diferença, não como uma representação de nós mesmos. Com essas possibilidades, o alforge se constitui em um tecido de conexões, traçando linhas ao longo do caminho. São essas linhas que permitem "a flexibilidade de experimentação e improvisação para criar novos territórios e suas cartografias" (Rolnik, 2006, p. 19).

É com um sentimento de pertencimento que sou impelida de ir além do observar do alto da colina, mas a adentrar um espaço aparentemente vazio, pois nele pulsa a memória imbricada da formação, do corpo em deslocamento, da escuta do Sertão que me habita. Ao me movimentar entre cenas da vida e da escrita, compreendo que ele funda a trilha cartográfica da pesquisa, abrindo passagens metodológicas.

As fabulações, que emergem dessa travessia, tornam-se modos de investigação e de linguagem. Nesse contexto de investigação, é “igualmente uma ‘maneira de caminhar’, pertencente às ‘maneiras de fazer’” (Certeau, 1990[2012, p. 35]). São essas maneiras de criar, próprias de quem caminha com os pés na terra e a escuta nas margens, que me conduzem ao mergulho na construção da tese.

É assim, andarilho(a), que, ao me envolver com as palavras escritas por estudantes/escritores(as)/docentes, reconheço que nelas ecoam muitas vozes, que não cabem em um só corpo, uma só história ou uma só língua. Enquanto Koch nos convida a ver o texto como um tecido de sentidos construído em interação, regido por normas de coesão e coerência, debate como o de Bakhtin desloca esse olhar, lançando-nos ao terreno movente da polifonia: cada palavra carrega em si um embate de vozes, rastros de memórias, disputas de sentido. Não se trata, portanto, de produzir textos lineares ou estáveis, mas de habitar o entre.

²¹ (Bakhtin, 1979[2011]).



Um intervalo em que as palavras hesitam, retomam, rompem e se multiplicam. É nesse lugar de fissura e reinvenção que a escrita se torna travessia. O texto não como ponto de chegada, mas como dobra viva, onde a linguagem deixa de representar o mundo para participar ativamente da sua reinvenção. E é nessa dobra que sigo, entre ruínas e retalhos, carregando no alforge obras, que legitimam vozes outras, que, ao se dizerem, também me refazem.

1.2 Quem são os(as) estudantes/escritores(as)/docentes?

Antes de seguirmos nessa tessitura, vale esclarecer que o projeto de pesquisa passou pela submissão ao comitê de ética, conforme parecer substanciado do CEP sob o *número 5.644.189*. Diante desse processo inicial, podemos apresentar uma breve paisagem sobre os(a) participantes da pesquisa. Nesse sentido, traços autobiográficos como os indicados nos gráficos abaixo emergem de cartas trocadas via OneDrive por aplicativo de textos, remotamente, entre a pesquisadora e os(a) colaboradores(a), depois organizado em livro físico e ebook.

Os estudantes, a exemplo dos que cursam a Licenciatura em Letras da Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Petrolina, não vivem apenas na cidade em que o campus é instituído; boa parte da comunidade estudantil mora em cidades próximas. Cidades, geralmente, banhadas pelas águas do Velho Chico, águas, que favorecem o agronegócio na região, especialmente, no plantio de uvas, tanto para a exportação quanto para a produção de vinhos, a exemplo das cidades de Lago Grande e Santa Maria da Boa Vista, onde várias vinícolas foram instaladas; no entanto, em Juazeiro e Petrolina, a exploração do Velho Chico para o agronegócio é voltada para a exportação do cultivo de uva e de manga.

Figura 9 Vista do Velho Chico: aérea de Petrolina



Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Petrolina>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Nesses contextos que se repetem, transitam as diferenças, com suas individualidades subjetivas. Transitam as diferenças sociais, transitam estudantes, que, muitas vezes, trabalham durante o dia e estudam à noite, a exemplo daqueles(as) estudantes, que trabalham nessas fazendas de uva, de modo particular, em parreirais no raleio da uva, que chegam ao curso de Letras com o sonho da docência a tiracolo, agregado ao de publicar textos autorais.

O entusiasmo é ingrediente, que se mistura na caminhada de estudantes oriundos do Ensino Médio de Escolas Públicas para continuar trilhando sua caminhada ao conhecimento acadêmico. Boa parte deles sai de suas cidades após um dia de trabalho para cursar uma Licenciatura na UPE - Campus Petrolina, e, ainda assim, envolvem-se com Programa de extensão, pesquisa e ensino nos horários livres, que teriam para o descanso. A exemplo dos cinco colaboradores(a) que fazem parte deste estudo, atualmente, trabalham e estudam ao mesmo tempo.

Assim, convido você a olhar para essas narrativas de experiência dessas práticas como práticas criativas e formativas. Elas dizem muito sobre modos de existir e pensar, expressos por meio do conto, da crônica, da poesia popular e de outras formas de narrativas. Ao assumirem essas formas de enunciação, as narrativas tensionam o discurso hegemônico sobre a formação em Letras, historicamente centrado em uma escrita normativa, acadêmica e descolada do vivido e do vivível. Elas também se insurgem contra práticas de escrita padronizadas, que, muitas vezes, desconsideram os repertórios culturais, afetivos e linguísticos dos sujeitos em formação. Ao deslocarem esse lugar de fala dominante, essas narrativas instauram saberes outros, insurgentes, plurais e



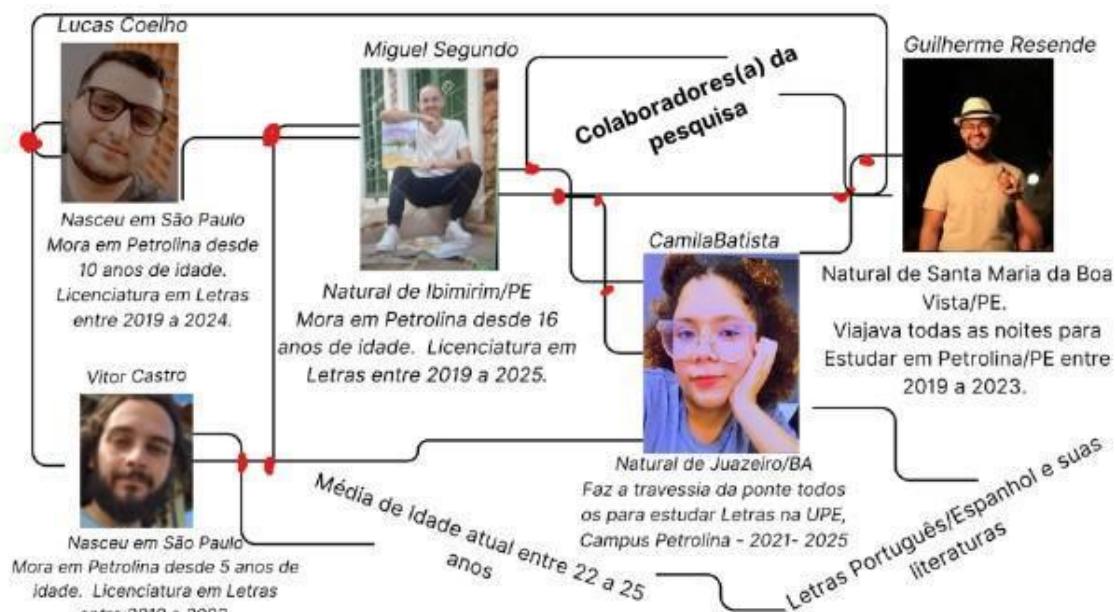
multiplicadores, que revelam formas alternativas de pensar a docência, a linguagem e a própria autoria no contexto da formação.

Podemos observar um movimento que se aproxima da literatura menor²², não menor em qualidade, mas em sua posição deslocada, nos interstícios. Uma literatura, que reterritorializa a linguagem dominante, confere voz coletiva e política aos territórios marginalizados. É nesse movimento de deslocamento que as escritas autorais dos(as) estudantes ganham sua força: não apenas como produções estéticas, mas também como práticas insurgentes, como uma reinvenção viva da docência.

Observe como o ato de escrever é experiência²³. Uma prática de inflexão, que forma e transforma. Quando os(as) estudantes narram suas vivências em contos, crônicas, poesias, não estão só escrevendo; mas também eles se escrevem, inventando-se enquanto sujeitos docentes em movimento, sujeitos que se constroem a cada palavra. É preciso lembrar: a autoria²⁴ não é um território fechado, nem uma propriedade individual.

Como se constituem esses sujeitos em suas pluralidades?

Figura 10 Identificação dos(a) colaboradores(a)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Nesta pesquisa, o conceito de colaborador(a) é ampliado para acolher as experiências singulares de estudantes que, ao longo de sua trajetória na Licenciatura em Letras, constituíram modos próprios de dizer, escrever e formar. Suas vivências,

²² Conceito de Deleuze e Guattari (1975).

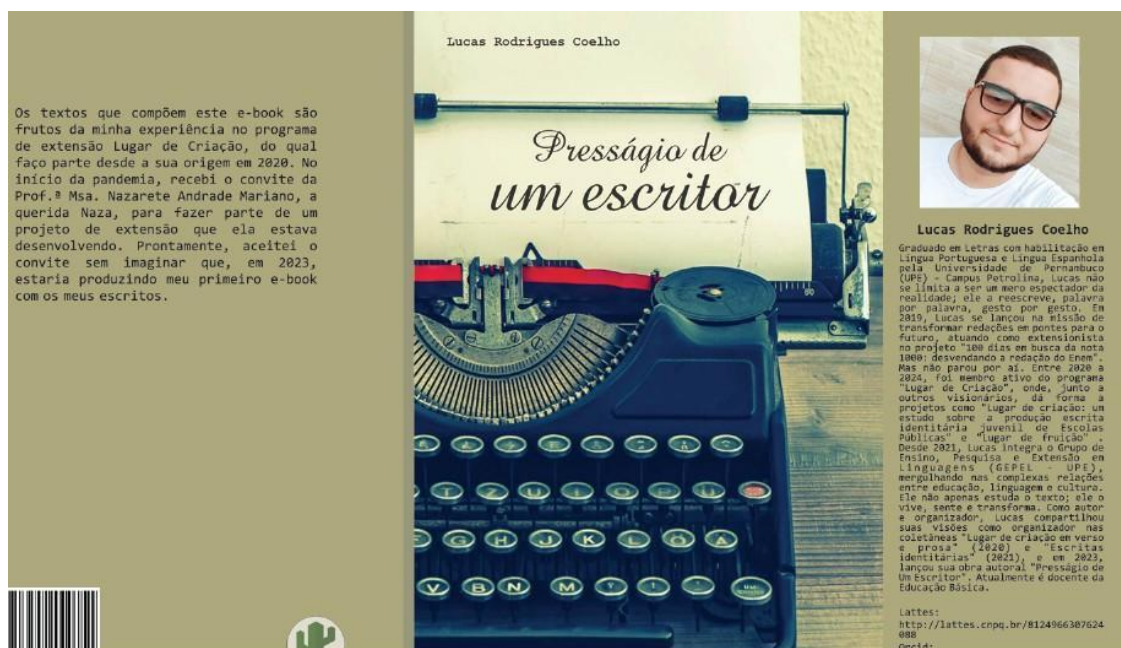
²³ Larrosa (2002).

²⁴ Barthes (1977); Blanchot (2005).



atravessadas por deslocamentos geográficos, afetivos e epistemológicos, tornaram-se parte vital de um processo coletivo de criação/fabulação. A seguir, apresento breves narrativas, que situam cada um(a) desses(a) colaboradores(a), destacando suas trajetórias no curso de Letras, bem como os vínculos com o território e com o contexto do Programa de extensão Lugar de Criação (PLC).

Figura 11 Capa da obra *Presságio de um escritor*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Lucas Coelho nasceu em São Paulo, mas carrega em sua formação e modo de vida os traços do Sertão, já que mora em Petrolina desde os dez anos de idade. cursou Licenciatura em Letras entre 2019 e 2024, período em que se envolveu com práticas de escrita autoral e crítica. Seu percurso formativo foi marcado pela vivência com o Projeto/Programa de Extensão Lugar de Criação, onde sua voz e sua escuta se consolidaram como traços fundamentais de sua escrita literária, científica e pedagógica. Lucas Coelho vem se constituindo na diversidade: *“eu posso dizer que há dois Lucas: o de antes do Lugar de Criação e o de depois. Quando desejei ser professor, não imaginei que poderíamos criar tanto nesse papel; o quanto poderíamos inovar; fazer, de fato, a diferença”* (2025, p. 57)²⁵.

Atualmente, com 24 anos de idade, Lucas Coelho atua como docente na rede privada de ensino na cidade Petrolina/PE, ao mesmo tempo que se prepara para a seleção

²⁵ Para diferenciar das citações teóricas, optei por apresentar as narrativas e trechos de textos dos colaboradores da pesquisa em itálico. Quando inseridos no corpo do texto, são destacados em itálico e entre aspas (“”); quando em formato de citação com recuo, são apresentados apenas em itálico, sem aspas.



de mestrado. Um jovem professor, que almeja pesquisar o lugar da subjetividade de professor gay na educação básica. Indício de uma narrativa de si. Pois assim se define nessa pluralidade: “costumo dizer sempre que somos compostos por vários eus: o eu-graduando, o eu-professor, o eu-extensionista, o eu-autor, o eu-família, o eu-pesquisador, etc” (2025, 137). Seja Lucas Coelho como nordestino, gay, estudante universitário, professor e escritor de suas próprias narrativas.

Ao jogar água no rosto para remover a poeira e enxergar melhor a trilha à frente, observo outros atalhos presentes nas narrativas de experiências com as práticas de escrita, que "só os poetas e escritores imaginam que a literatura continuará a ter sua função" (Calvino, 1990, p. 129). Talvez uma dessas funções seja inspirar, mesmo considerando que, ao longo dos séculos, o monopólio da escrita foi detido por uma minoria dominante, que exercia um poder sobre os subalternizados, inclusive através do controle do discurso, "produzindo um mundo separado, amuralhado, impenetrável para o não convidado" (Geraldi, 2015). Como nas sociedades, a linguagem é mutável e recursiva, ampliando "os horizontes de nossas possibilidades interativas" (p. 40). E assim, vejo-me diante da obra *Presságio de um Escritor* (2023), onde cada página parece um ‘altar’ de criação/narração/fabulação, revelando histórias que o Lucas Coelho elegantemente metaforiza.

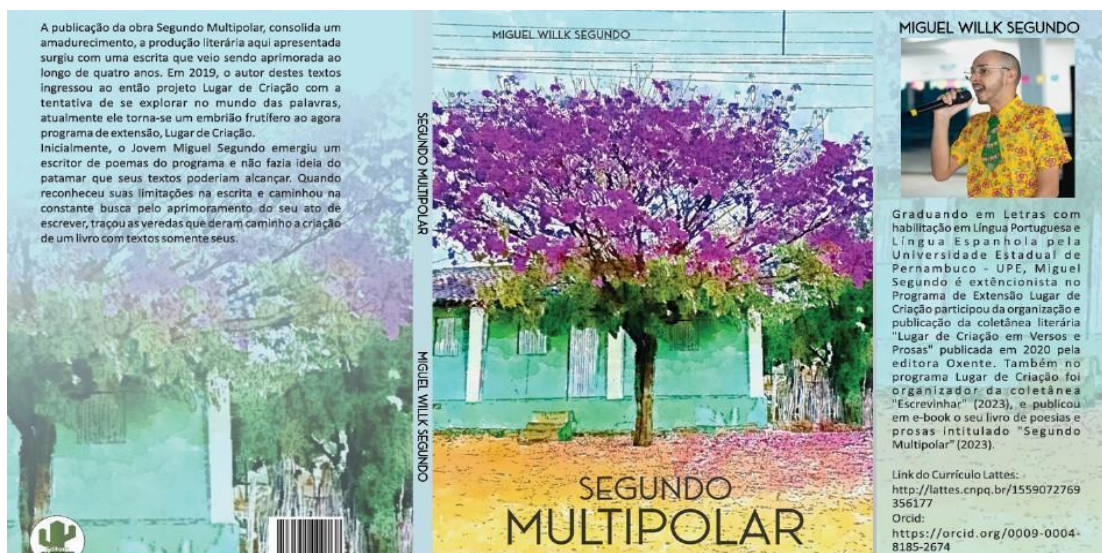
Essa obra em si, de fato, parece agir como um presságio, imbuída de mistério e antecipação do que está por vir, constituindo-se em “uma espécie de máquina de multiplicar narrações a partir de elementos figurativos com múltiplos significados possíveis, como as cartas de um baralho de tarô” (Calvino (1990, p. 137). Uma narrativa que ultrapassa os limites do tempo e do espaço, conferindo à sua escrita uma fascinante criação/narração/fabulação.

Obras como a de Lucas Coelho não se condizem com a concepção de que “o autor é considerado o próprio eterno de sua obra, e nós, seus leitores, simples usufrutuários” (Barthes, 1984[2012], p. 27). Não se trata de escritos de autores canônicos. Por isso, autores como Lucas Coelho não se enquadram como donos eternos de suas obras; pelo contrário, eles emergem do anonimato imposto pelas estruturas educacionais e não educacionais para trilharem caminhos desconhecidos na criação de narrativas outras. Nessa jornada, eles também se tornam leitores usufrutuários da própria escrita, desvelando *o véu da noite* e se constituindo em escritores independentes no verso e na prosa.



Antes mesmo de nos aventurarmos nessa busca, podemos arriscar uma observação de que, nesse contexto, o presságio se revela como descoberta; os mais diversos sujeitos podem se tornar autores de suas narrativas, inclusive de narrar suas experiências com as práticas de escrita. Lucas Coelho nos apresenta um presságio como um convite para nos libertarmos das amarras sociais e nos constituirmos narradores de nossas fabulações.

Figura 12 Capa da obra *Segundo Multipolar*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Natural de Ibimirim/PE, Miguel Segundo reside em Petrolina desde os 16 anos. Ingressou no curso de Letras em 2019 e seguirá até 2025, formando-se enquanto docente, poeta e experimentador de linguagens. Sua atuação é marcada por uma escrita atravessada por metáforas de resistência e deslocamento, que dialoga com as experiências culturais do Sertão e com uma estética própria, desenvolvida em articulação com a formação crítica e afetiva promovida pelo Lugar de Criação.

Com 22 anos de idade, Miguel está vivenciando os estágios supervisionados, além de participação em oficinas de escritas como escritor convidado em diversas escolas nas cidades de Petrolina/PE e Juazeiro/BA. E assim ele se constitui: *“um jovem gay de pele branca, mas venho de uma família de etnia que atravessa pelos elementos que constituem nosso povo - indígena, negro e branco - com costumes nordestino/brasileiro. Que agora sou um graduando que escreve durante a formação na Licenciatura em Letras, especificamente no contexto de extensão Lugar de Criação”* (2025, p. 85).

Com tantas multiplicidades presentes nos diversos trajetos, caminha pelo rizoma, onde platôs se conectam continuamente, indiferentes ao tempo cronológico. A preocupação com a passagem descontínua do tempo entre ontem, hoje e amanhã se



dissolve, subvertendo as andanças já percorridas. É assim que o alforge se atualiza na experiencição da realidade, integrando-se às linhas e rabiscos, que compõem as práticas de escrita - criação/narração/fabulação - no contexto do Lugar de Criação. O pensamento nos lança ao inesperado do acontecimento, revelando uma relação intrínseca entre transformação e a emergência do novo, especialmente na transição do graduando para a docência.

Foi assim que Miguel Segundo escolheu um título sensível para seu livro, *O Segundo Multipolar* (2023), oferecendo uma lente intrigante de uma "micropolítica ativa"²⁶: uma criação/narração/fabulação, que subverte as andanças de um graduando rumo à invenção de si como professor/escritor em formação. A fusão de prosa e poesia em Miguel Segundo nos conduz a um universo estelar, onde seu mundo multipolar se revela como um *Instrumento Celestial*, uma extensão da *Mãe Natureza*, que acolhe e ecoa vozes, capazes de provocar mudanças significativas nos contextos que o cercam. O silêncio não é uma opção, pois a existência está intrinsecamente ligada às palavras, que ora desafiam, ora oferecem consolo, funcionando como uma 'terapia' literária, que acalma a mente inquieta e alcança a sublimidade, seja de um jovem poeta ou de um escridocente.

O "Segundo Multipolar" (2023) indica presságios para que eu percorra as narrativas com esses processos de práticas de escrita, refletindo que "escrever era uma questão de anseio particular e glória pessoal" (hooks, 2013[2017], p. 10), criando diálogos múltiplos: o(a) estudante/escritor(a) /docente transforma o texto em um tecido de palavras com múltiplos sentidos. Esse entrelaçamento de ideias assemelha-se a uma câmara alquímica, onde os pensamentos são refinados e transformados em palavras, ganhando vida nas páginas.

Figura 13 Capa da obra *Versos da alma*.

²⁶ (Deleuze; Guattari, 1997[2012]).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Guilherme Resende nasceu em Santa Maria da Boa Vista/PE e, durante sua graduação, realizou diariamente a travessia até Petrolina para estudar Letras entre 2019 e 2023. Essa movimentação cotidiana não era apenas geográfica, mas também simbólica: ressignificar as distâncias para tecer uma escrita comprometida com o território, com a periferia e com o direito à voz. Assim, ele vem se constituindo “*Sou Boavistano, moro na cidade de Santa Maria da Boa Vista/PE, cidadezinha às margens do rio São Francisco, lugar de um povo guerreiro e humilde. Gosto das minhas raízes, pois identificam quem sou, de onde venho e possivelmente aonde posso chegar. E isso me anima e se codifica em uma vontade a mais pelo viver e pelo fazer, sei que nada na vida vem de mão beijada, precisamos lutar para conquistar e quero fazer isso de forma honesta*” (2025, p. 25-26).

As palavras de Guilherme Resende não apenas reiteram sua origem, mas também revelam uma ética do pertencimento e da resistência, que atravessa sua escrita e sua formação. Ao afirmar o afeto por suas raízes, ele não se limita a nomear uma identidade de origem, mas ativa uma cartografia afetiva e política, que orienta suas práticas de escrita. É nesse entrelaçamento entre território, memória e desejo que sua travessia cotidiana se converte em criação: os caminhos percorridos às margens do rio se inscrevem como margens da linguagem, onde a luta por voz e por existência se transforma em matéria poética. Sua vontade de viver e fazer, como ele próprio diz, codifica-se também em uma vontade de narrar, de fabular e de se afirmar como escriptor em processo.

Se criar é fabular, é perceptível, nessas narrativas, a influência de diversos fatores que moldam as fabulações, como o contexto cultural, as experiências individuais e coletivas, os propósitos comunicativos e o público leitor. Assim, como Guilherme Resende, as pessoas escrevem por diferentes motivos e em diversas realidades, pois “os processos de criação se constroem de modo nada ordenado” (Torrezan, 2011, p. 107).



Cada gênero de texto escrito exige habilidades e abordagens específicas, o que ressalta a importância de uma compreensão diversificada e flexível das práticas sociais de escrita. Além disso, as vivências pessoais e os diferentes espaços e tempos se manifestam de forma subjetiva nas experiências com as produções textuais.

Geralmente, o histórico do ensino de escrita escolar prescreve que “escrever é principalmente um ato utilitário” (Endruweit, 2022, p. 117). No entanto, ao se desterritorializar da ideia de que não podem escrever textos diversos, Guilherme Resende mergulha em um universo múltiplo, poetizando suas narrativas em verso e prosa, demonstrando que é possível desafiar a noção preconcebida de que estudantes e professores(as) oriundos da Educação Pública não podem se constituir como escritores(as). Assim, Guilherme Resende transforma suas vivências em narrativas potentes, atravessadas por uma poética de pertencimento.

No mesmo ano em que conclui a graduação em Letras, ele passa na seleção de Mestrado em Crítica Cultural. No auge dos seus 25 anos, com uma pesquisa sobre elementos da cultura de sua cidade, trazendo as memórias de sua gente para uma narrativa decolonial.

Em *Versos da Alma* (2023), Guilherme Resende enfatiza uma escrita que diz de si, sugerindo que os significados das palavras são contingentes e dependem dos contextos e das vivências, que as atravessam do fora onde vivem as inspirações para o ato de experienciar suas narrativas. Nesse sentido, a obra mostra que a linguagem está sempre sujeita a múltiplas interpretações, tornando-se performática, pois seus significados nunca são fixos ou universais, mas se reconfiguram em diferentes nuances de sentido.

Continuando nesse andarilhar, a obra de Guilherme Resende evoca a imagem dos pássaros em voo, livres para explorar os vastos céus da imaginação e da reflexão. Seus textos funcionam como um espelho, refletindo a trajetória de formação na Licenciatura em Letras e revelando múltiplas maneiras de capturar a beleza da experiência humana. Como o autor destaca em sua apresentação (2023, p. 17): “encontre-me à beira do desconhecido, prestes a mergulhar profundamente nos versos que habitam o âmago do meu ser. Como um navegante destemido, lanço-me nas águas misteriosas da minha própria existência, ansioso para descobrir as pérolas ocultas que repousam sob a superfície”.

Essa imagem de estar à beira do desconhecido não se limita à metáfora da introspecção. Ela se projeta na desterritorialização subjetiva, na qual o “eu” se confronta com sua alteridade e com a potência do devir, configurando em uma dimensão intensiva

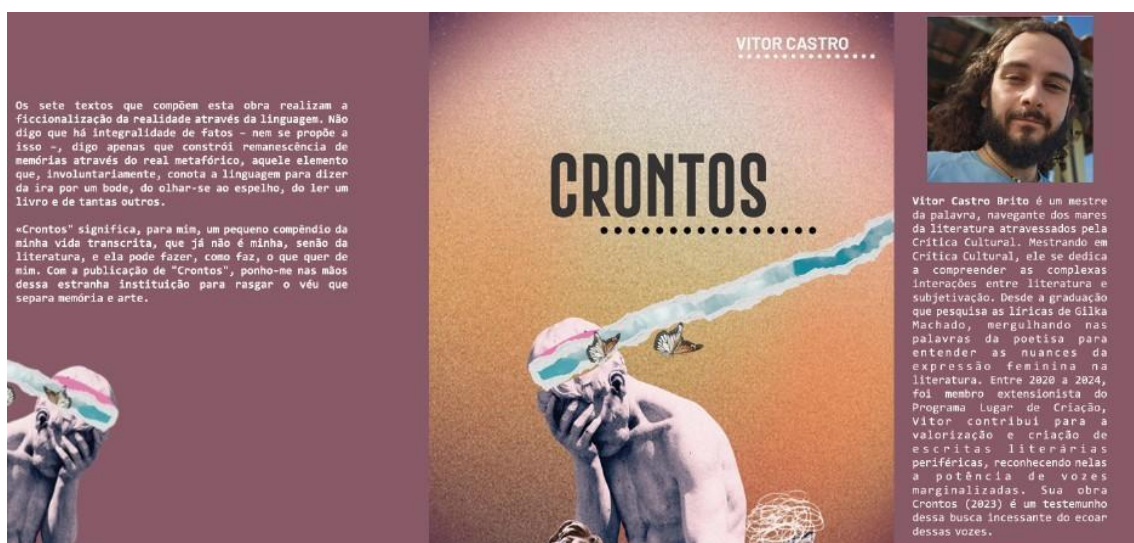


da experiência: aquilo que escapa ao já sabido, que tensiona os limites da representação e nos força a pensar.

Assim, o mergulho proposto por Guilherme Resende constitui uma convocação ao pensamento enquanto experiência. Um salto para além dos códigos formais do discurso acadêmico e das estruturas previsíveis da linguagem: “o fora para pensar as maneiras de existir” (Levy, 2011, p. 126). Ao se lançar nessas *águas misteriosas*, o escrevente desvia das rotas já traçadas e abre seu alforge para devires múltiplos. Com isso, sua escrita se torna invenção de si e do mundo. Nesse sentido, Guilherme Resende se entrega a um mergulho nas próprias práticas de escrita, criação/narração/fabulação, explorando outras possibilidades de vida em um momento de transição, pronto para enfrentar os desafios que se aproximam. Esses desafios não se limitam ao ofício da docência, nem se fecham “em círculo; procuram-se as brechas do sistema, constroem-se vias de saída” (Cavaco, 2008, p. 165). Tudo se constitui em aprendizado, tanto no processo criativo quanto nas práticas docentes, os sujeitos estão sempre em transformação.

Mergulhar nessas *águas misteriosas* de sua narrativa sugere uma jornada repleta de descobertas. As *pérolas ocultas* sob a superfície simbolizam o potencial inexplorado que repousa dentro de cada um de nós, evidenciando a crença do autor de que há tesouros preciosos a serem revelados na profundidade de suas reflexões e vivências.

Figura 14 Capa da obra *Crontos*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).



Vítor Castro nasceu em São Paulo, mas, como muitos(as) outros(as) estudantes do curso de Letras da UPE, enraizou-se em Petrolina desde a infância, aos cinco anos. Graduou-se entre 2019 e 2023, tempo em que cultivou uma escrita marcada por múltiplas linguagens e inquietações. Participante ativo de projetos/Programas de extensão, Vítor produziu textos em que o sensível e o político se entrelaçam, sobretudo em experiências que mobilizam o cotidiano como fonte de fabulação e crítica. Professor de Literatura e de Redação na rede particular de ensino, tanto na modalidade do Ensino Médio quanto em cursinhos nas cidades fronteiriças de Petrolina/PE e Juazeiro/BA.

Em março de 2024 - aos 24 anos - ingressa como mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, ampliando sua investigação iniciada durante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação, com a temática sobre as líricas de Gilka Machado. Vítor Castro se joga - e joga com a vida - como em um acontecimento, que atravessa desde as lembranças da infância, quando até o rebanho de bodes do avô não o respeitava, até o momento em que, já jovem, afirma não ser mais um tabuleiro - em uma referência à sua prosa *Damas* (2023).

Essas andanças abrem caminhos para a criação de diferentes contextos de escrita, tanto na Educação Básica quanto nas licenciaturas. Pois “o cerne do problema está na cultura escolar, que ajudou a construir uma imagem da escrita como formalidade, resultado de um treinamento para escrever na escola e fora dela” (Endruweit, 2022, p. 118). Isso inclui, a transgressão de sujeitos como Vítor Castro, que experiencia outros gêneros de texto, como a junção do conto com a crônica, resultando na obra intitulada *Crontos* (2023).

Pelo título *Crontos* (2023), Vítor Castro já prepara o leitor para o que virá: uma obra breve, mas potencializadora em significados. Essa sutil escolha nomeia algo que escapa à definição imediata, insinuando uma experiência de leitura, que se assemelha a uma operação de caça, um deleite exploratório, em que o escritor “apenas corta e cava na antecipação” (De Certeau, 1990[2012], p. 240). Já o leitor, tal qual um andarilho errante, peregrina pela obra, pois o livro é um efeito, uma construção, que se realiza quando o escritor decide que o texto está pronto para ser atravessado, recriado e sentido pelo leitor.

De gesto em gesto, *Crontos* não se entrega por completo, mas se configura como um campo de indeterminação e de coautoria, convidando o leitor a se inscrever e reinventar o texto ao lê-lo. Assim, o que podemos observar é que a leitura não é da intenção de quem escreve, mas de quem funda o sentido. Em *Crontos*, Vítor Castro instala, desde o título, o jogo entre o texto de prazer, que flui e se deixa apreender, e o



texto de gozo, que resiste, fratura e desloca o leitor para o centro da experiência significativa.

Ler Crontos, portanto, é fabular junto: a obra convida quem lê a se engajar em uma escrita paralela, a (co)escrever sentidos no próprio ato de leitura, num movimento, que tensiona os limites entre autor e leitor, sujeito e linguagem, fabulação e crítica. Vítor Castro convida o leitor a se entregar à narrativa, a andarilhar pela prosa, imerso em angústias e questionamentos enigmáticos, como parte de uma “conversa afiada”, enriquecendo a experiência da leitura. É um convite a uma entrega no afago das palavras.

Um livro que se constitui em uma coleção de textos que ressoam com memórias cotidianas, ou até mesmo com lembranças de um tempo perdido²⁷, que emergem involuntariamente, proporcionando imagens plurais. Isso contribui para a iterabilidade²⁸ do signo “Crontos”. Como é se constituir em si mesmo e ser diferente de si mesmo²⁹. Assim, Vítor Castro constrói uma narrativa permeada pela alteridade e pela diferença.

Ufa! Acordei a tempo de contemplar a janela do alvorecer, mergulhada na natureza, que sussurra sobre feminino, sobre mulheres, que tecem diversificadas tramas, revelando mais uma alvorada em versos desafiadores. Foi sob essa luz matinal que me vi imersa em tantas maneiras de narrar. Uma pesquisa se move no emaranhado das linhas, pois a “escritura é um sistema de signos” (Barthes, 1984[2012. p. 14]). Nesse movimento da arbitrariedade, cada narrativa traz evidências de experiências de um lugar “onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis” (Calvino, 1990, p. 140), nas e com a diversidade.

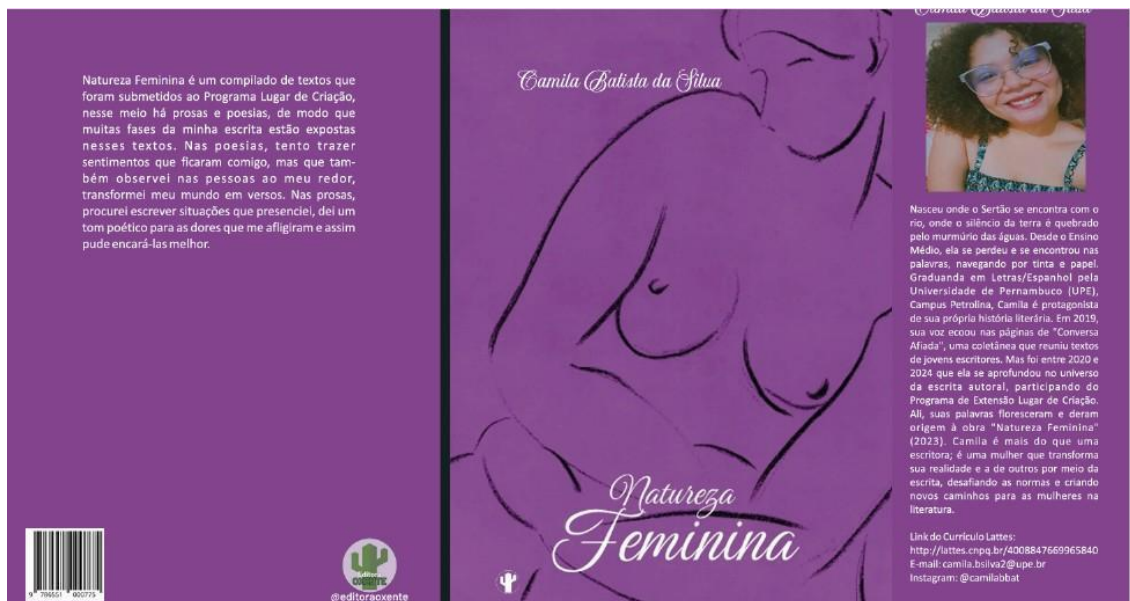
²⁷ Derrida em Referência à obra Tempo Perdido de Proust.

²⁸ Derrida usa esse termo para pensar a desconstrução nas obras “A escritura e a diferença” (1967), “Margem da filosofia” (1972) e em “Farmácia de Platão” (1981).

²⁹ Obra Derridiana “Margem da filosofia” (1972)



Figura 15 Capa da obra *Natureza Feminina*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Assim, Camila Batista também se move, uma baiana da cidade de Juazeiro, que vive, diariamente, a travessia da ponte que liga sua cidade natal a Petrolina/PE, onde cursa Letras na UPE desde 2021. Essa travessia cotidiana não é apenas física, mas também formativa, pois atravessa diferentes modos de viver e escrever no Vale do São Francisco. Como ela mesmo narra: *“nasci em Juazeiro da Bahia e foram poucas às vezes que deixei essa cidade coberta de sol com raios sobre as águas do Velho Chico, toda a minha família também se criou aqui mesmo, tendo origem no Piauí”* (2025, p. 22).

Desde 2019, Camila se dedica a construir uma escrita própria, entre o autoral e a escuta do outro, dialogando com o feminino, o afeto e a resistência. *“Quem eu venho me constituindo nunca deixa de ser complicado, afinal por muitas vezes eu não soube responder”* (2025, p. 22). Aos 22 anos de idade, ela se prepara para concluir a graduação em Letras, com uma bagagem, mesmo inicial, mas significativa, tanto na escrita quanto com experiências diversas com as práticas docentes.

É nessas entradas e saídas que recupero a imagem poética presente em sua obra *Natureza Feminina* (2023), à qual também me refiro pela sua conexão com os textos em verso e prosa. A poética de Camila Batista se multiplica em diversas direções, desdobrando-se em uma paisagem textual, que cria espaço para uma diversidade com a escrita, uma vez que *“cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro”* (Deleuze; Guattari, 1995[2011, p, 44]).



Assim, o poema *Natureza Feminina*, inicialmente publicado na obra *Conversa Afiada* (2019), desdobra-se em novas paisagens no livro autoral, que também carrega esse título. Ao atravessar tempos, suportes e experiências, reinventa sua própria narrativa, como quem retoma o fio da escrita para tecer outras tramas, agora mais densas, conscientes de sua origem e potência. Camila Batista narra: “*e essa é a importância do “Conversa Afiada”, é um livro que representa uma classe cheia de talentos que com a devida oportunidade teve a capacidade de entregar textos memoráveis. O livro “Conversa Afiada” (2019) representa a nossa resistência*” (2025, p. 48). Dessa sementinha plantada ainda no Ensino Médio, germina uma obra autoral, que floresce com ato de resistência, poética da memória e da (re)existência.

Camila Batista trilha esse caminho desde as primeiras coletâneas publicadas no contexto do Lugar de Criação até vê-las ganharem corpo e espaços nas páginas de seu primeiro livro autoral, ultrapassando as barreiras impostas à escrita de estudantes/escritores(as)/ docentes de Licenciatura em Letras, como se não fossem capazes de criar suas próprias narrativas.

São influências camaleônicas, que dão outros contornos ao sentido das palavras, indo além de seu significado literal. Mesmo em uma era em que o audiovisual domina as telas, essas criações se destacam, carregando traços de subjetividades e abrem caminhos para possibilidade de transformação na vida daqueles que estão envolvidos com a escrita e a formação. Obras, que provocam reflexões, abrindo espaço para o diálogo e incentivando a ação. Não são apenas os escritores que deixam rastros nesta pesquisa; seus corpos também emergem de uma escrita, que tenta escapar das amarras da linearidade, explorando diferentes caminhos.

Essas narrativas, que poderiam se prolongar em crônicas, poemas, contos fazem parte de uma cartografia em que as histórias de vida se entrelaçam com os modos de narrar e ensinar. Os(a) colaboradores(a) da pesquisa reinventaram os caminhos da escrita em seus próprios termos, compondo um coletivo múltiplo, potente e, ao mesmo tempo, sensível. Essa tessitura continua ao longo das trilhas da pesquisa, especialmente na Trilha II, onde cenas de nossos encontros serão entrelaçadas nessa trama narrativa.

1.3 Primeiras conversas afiadas em cartas/narrativas

Sabendo que toda palavra possibilita uma rede de significados, especialmente quando consideramos as práticas sociais em diferentes contextos, podemos observar que, assim como as línguas não são estáticas, as palavras também são marcadas por traços ou



pela sombra de rascunhos apagados, variando ao longo do tempo em resposta a múltiplos acontecimentos cotidianos. Nesse cenário, sou impactada pelas primeiras evidências de que as práticas no contexto do Programa Lugar de Criação (PLC) antecedem minha chegada como professora assistente no Curso de Letras da UPE, Campus Petrolina, demonstrando a continuidade das práticas de escrita criação/narração/fabulação desenvolvidas pela juventude estudantil. Isso me possibilita “escavar um texto, produzir desvios, feri-lo” (Veríssimo, 2020, p. 17), em um movimento que percorre tanto o alto da torre quanto o fundo de um alforge.

Como foi ressaltado por Camila em sua primeira Carta/narrativa, então, vale uma breve retrospectiva, que se entrelaça com minha trajetória como andarilha, que, em 2019, acompanhei três estudantes no Ensino Médio, proporcionando-lhes suas primeiras experiências com a produção de textos.

Essas produções resultaram em uma coletânea de dez cartas/narrativas, intitulada *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil* (Mariano; Batista, 2019), publicada no último ano de Camila Batista na Educação Básica, na Bahia. A obra marca o início de um “robusto registro para desfazer crenças e posições equivocadas” (Santos, 2020, p. 15), destacando práticas de escrita, que evidenciam o potencial criativo da juventude estudantil.

O retorno à obra *Conversa Afiada* revela-se um ponto potencializador nesta trilha, pois articula minha experiência como pesquisadora com a emergência das práticas de escrita juvenil. Por isso, é fundamental assinalar como essa experiência anterior se conecta com o campo atual da pesquisa. Pergunto-me, então: Como o legado da obra *Conversa Afiada*, enquanto ato pedagógico e político, reverbera metodologicamente na tessitura das cartas que estamos narrando agora? Em que medida esse legado antecipa a proposta atual de narrativa de experiência com as práticas de escrita de graduandos em formação na Licenciatura em Letras, desenvolvidas no contexto do (PLC)?

Observando as cartas com as narrativas de experiências, há muitas passagens, que retomam essa discussão. Guilherme Resende rememora de uma conversa entre eles - graduandos do segundo período de Letras em 2019 e as escritoras juvenis do Ensino Médio. “*As rodas de conversa que você promoveu para nossa turma logo que você chegou me influenciaram de outra forma: me fizeram enxergar a Educação Básica com outros olhos; me fizeram compreender que eu, enquanto professor, eu devo potencializar as habilidades (seja de escrita ou de leitura) dos alunos para que não seja algo efêmero e insignificante*” (2025, p. 56).



Vítor Castro também evoca, em sua narrativa, outro evento de lançamento dessas obras com os estudantes da educação básica, ocasião em que ele e outros graduandos participaram de uma mesa de discussão sobre práticas de escrita publicadas no livro *Conversa Afiada* (2019). Nesse encontro, a partilha entre quem escreve e quem lê se tornou um exercício significativo de escuta e reconhecimento. Assim, ele narra:

Exercer aquela função foi crucial para entender que eu estava fazendo algo importante dentro de um mundo intelectual e acadêmico, em cima de algo que eu acreditava, a Educação Básica. Falando nisso, foi você quem me voltou os pés para ela. Estava, quando você apareceu, com a cabeça ludibriada pelas inúmeras complexidades indefiníveis, ao menos para mim, que apresenta o mundo acadêmico. Tinha esquecido que meu objetivo era sair de lá e voltar às salas de aula do Ensino Médio, levando o que eu buscava enquanto estudante (2025, p. 90).

Nesse retorno aos corredores da escola, não apenas recupera o sentido de sua escolha profissional, mas inscreve sua autoria no lugar onde a palavra pulsa como prática de transformação. A experiência de falar sobre a própria escrita de estudantes de onde ele mesmo veio aciona uma pedagogia da presença, em que a figura do escribedor se configura como alguém, que não ensina de cima de um pedestal, mas desde a travessia, desde o ambiente partilhado da linguagem e da vida. Nessa travessia, a escola se torna novamente território de criação, não mais um destino final, mas uma ponte para diferentes fabulações.

Fortalecer essa ponte entre o “antes” e o “agora” da tese torna-se uma costura para evidenciar a continuidade do percurso investigativo. Nessas andanças, é importante destacar que as cartas que compõem *Conversa Afiada* desempenham um papel dialógico com os textos produzidos pelos estudantes daquela turma. Assim como eles, percorro outras fabulações, que podem seguir por caminhos diferentes. Nesse processo, deixo de ocupar apenas o papel de ensinante, corretora e avaliadora, permitindo-me afetar e ser afetada pelas mudanças. Um processo de transformação, pois atua “como condutor de intensidades” (Rolnik, 2016, p. 41), ressaltando a necessidade de romper com o status quo e explorar diferentes horizontes.

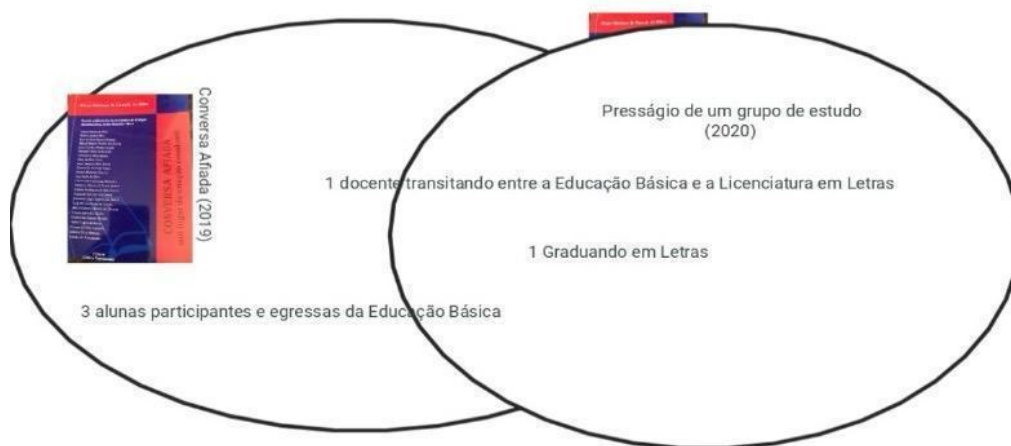
Um processo que resulta na desestruturação de padrões estabelecidos, seja cultural, social ou individualmente. Essa ruptura “recorre à sua regra, única que tem, e se pergunta se o que está ocorrendo não é devido ao fato de se ter ultrapassado o limiar tolerável de desterritorialização” (Rolnik, 2016, p. 96), desafiando o pesquisador a abandonar um ponto único e distante de observação para abraçar múltiplas perspectivas, experiências e interpretações. Isso nos convida a ampliar horizontes como ‘andarilhos(as)/pesquisadores(as)’, reconhecendo a diversidade do saber, que afeta e é



afetado pelo campo investigativo. Esse movimento nos permite observar o "fora", não como algo com um começo ou fim, mas como um “fator de a(fe)tivação” (Rolnik, 2016, p. 40), manifestado em um contexto de criação.

A oscilação de fronteiras abre espaço para as narrativas de graduandos/escritores(as)/docentes, em uma perspectiva de criação/narração/fabulação³⁰ que ultrapassa o invisível e se integra à realidade dos envolvidos no processo criativo: “é nessa busca que se tecem enredos, figuras e destinos” (Rolnik, 2016, p. 101). Essa abertura marca o início de uma cartografia de pesquisa baseada na fluidez das narrativas, envolvendo o processo de práticas de escrita de cinco colaboradores. Nesse contexto, as minhas rasuras de andarilha também se inserem, iniciando com três estudantes, que formaram um grupo de estudos no primeiro semestre de 2020.

Figura 16 Retomada a obra *Conversa Afada*/formação do grupo (PLC)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Com essa primeira cena, várias possibilidades se desdobram diante de mim. Um alforge se configura como um tecido para a experimentação e a improvisação, criando novos territórios e suas respectivas cartografias, com capacidade de construir significados e contribui para o ato criativo como um caminho de transformação, no qual há uma valorização da liberdade de exploração e a multiplicidade da criação, pois “o importante aqui é inventar” (Deleuze, 1953[2012], p. 28). Uma experiência, que se configura na diferença, na dupla captura de um devir.

³⁰ “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia” (1980) - Coautoria com Félix Guattari, as ideias de desterritorialização, multiplicidade e o rizoma influenciam profundamente a concepção de fabulação como resistência à ordem dominante. “Crítica e Clínica” (1993) - Deleuze explora a fabulação literária, principalmente no contexto de autores que criam personagens como “portadores de uma voz coletiva”, entre outras obras.



Nesse movimento, minha investigação segue por linhas sinuosas até a próxima paragem, onde me encontro com três jovens egressas do Ensino Médio de escola pública e um graduando em Letras. Esse contexto é atravessado pelo isolamento causado pela pandemia da Covid-19 no ano de 2020. Nesse cenário suspenso, retorno à potência de aprofundar práticas de escrita como contos, crônicas e poesias populares. São formas de expressão, que nos permitem sustentar o movimento criativo em meio à incerteza, abrindo caminhos de escuta e de criação em coletiva: “é a inventividade como exercício da imaginação”. As narrativas de experiências com as práticas de escrita carregam a possibilidade de desconstruir a imagem do autor sacralizado, convidando o(a) leitor(a)/estudante a “apropriar-se dele, fazer sentido a partir dele e com ele” (Durão; Cechinel, 2022, p. 23).

Lucas Coelho afirma que o Lugar de Criação pode “a longo prazo, elevar “o diálogo entre a universidade, em especial o curso de Letras, e a comunidade, além de facilitar aos acadêmicos uma aprendizagem efetiva da produção textual voltada à subjetividade e às marcas identitárias.” (2025, p. 80). Isso nos faz refletir que “histórias únicas” precisam ser desmontadas, pois elas podem “roubar a dignidade das pessoas” (Adichie, 2019, p. 27). São histórias que, ao reduzir vidas a uma única via de sentido (dor, superação ou silêncio) negam as multiplicidades de existências que transbordam as bordas do discurso dominante.

Na contramão dessas narrativas hegemônicas, práticas de escrita como essas desenvolvidas no contexto do Lugar de Criação operam um ato de resistência. Elas não se limitam a um único gênero textual, nem obedecem às formas escolarizadas da escrita acadêmica. Em sua gênese, buscam o “exílio numa língua adotiva” (Rolnik, 2006, p. 19). Essa expressão evoca não apenas o deslocamento linguístico, mas também a exclusão simbólica de quem precisa habitar uma linguagem que historicamente o excluiu. Essa língua pode ser a norma culta, o cânone literário, os discursos autorizados que moldam a autoria nos espaços institucionais.

A escrita desses(as) estudantes/escritores(as)/docentes cria frestas. Ao escrever desde as margens, abrindo uma “língua fronteira”³¹ que permite outras formas de dizer, de fabular e de pertencer, rompendo com os sistemas que nos oprimem, é preciso reinventar a linguagem que nos atravessa. Como também, escrever em primeira pessoa é um ato de resistência: “as ferramentas do senhor nunca desmontarão a casa-grande”

³¹ Gloria Anzaldúa (1987, p. 25).



(Lorde, 1984, p. 117). Não basta usar a língua do poder, é preciso reinventá-la. É nesse campo tensionado entre linguagem, poder e subjetividade que essas práticas se inscrevem. A escrita, nesse caso, torna-se lugar de insurgência e reconstrução, ao narrar suas experiências, o(a) estudante não apenas se apropria do texto, mas “faz sentido a partir dele e com ele” (Durão; Cechinel. 2022, p. 23).

Andarilho, sabemos que, sempre que possível, é necessária uma pausa para descansar os pés calejados dos pedregulhos encontrados na caminhada. Como diz o ditado: “enquanto descansamos, carregamos pedra”. O repouso é breve, pois surge uma imagem do virtual, como se quisesse “abrir o pensamento ou a arte para as forças do fora, que chama à vida à transformação” (Levy, 2009, p. 124), inserindo-se no processo de investigação.

Assim, retomar a obra *Conversa Afiada* (2019) nesta escrita de tese se dá como um movimento necessário de reinserção de experiências fundadoras. Esse livro, concebido no contexto da Educação Básica, composto por vozes de jovens escritores(as) em formação, constitui um marco inaugural de práticas de escrita autoral que, mais tarde, se desdobrariam em trajetórias potentes no interior do curso de Letras e no Programa de Extensão Lugar de Criação. Revisitar essa obra é revisitar também os primeiros lampejos de autoria, os atravessamentos subjetivos que permitiram a emergência dos estudantes/escritores(as)/docentes. É nessa escuta do passado que se reconhece o que ainda pulsa no presente: a escrita como espaço de resistência, afirmação e criação de mundos possíveis. Por isso, *Conversa Afiada* está presente em várias imagens apresentadas nas cartas/narrativas de experiências com as práticas de escrita. É um ponto de partida e de retorno, um lugar de memória e de invenção coletiva que inspira a tessitura desta tese.

1.4 Alças de sustentação

Durante a investigação, podem surgir imprevistos. Um deles é a possibilidade de aprofundar a captura das narrativas sobre o processo de criação nas trocas de cartas dos colaboradores(a) comigo, a ‘andarilha’. Essa troca exemplifica a inserção afetiva e implicada no campo de pesquisa, reforçando a ideia de que a(o) pesquisadora se envolve ativamente no processo, em diálogo constante com os sujeitos.

Nessa perspectiva, observa-se o “traçado de cartografia nos movimentos de criação da realidade de determinado contexto histórico” (Rolnik, 2006, p. 13), que destaca a interação dinâmica e viva entre as pessoas envolvidas. Assim, a pesquisa se configura



como um espaço de (co)criação, no qual não há lugar para uma postura distante ou meramente observadora. Essa necessidade de intervenção sugere uma mudança inerente a uma experiência com a pesquisa. É como se estivéssemos imersos em uma artesanaria constante de transformações, onde cada pensamento e ação desencadeiam distintas possibilidades de significância.

A investigação revela um alforge repleto de múltiplas narrativas, entrelaçadas desde o nascedouro da produção escrita até a publicação dos livros autorais. Trata-se de um percurso em que o sujeito se constitui ao refletir sobre o próprio ato de narrar, no qual a escrita é um processo de criação/narração/fabulação. Como afirma Lucas Coelho:

Desde o início, enquanto o projeto ainda não tinha nome, havia uma certeza que nos marcava: vamos nos debruçar sobre a escrita identitária/subjectiva. Eu acredito, então, que ao longo do projeto (que hoje é um programa também), cumprimos os objetivos propostos desde a premissa, tendo em vista que, no decorrer das temáticas propostas para as produções textuais, as participantes ratificam suas marcas de subjetividades (2025, p. 79).

Nesse movimento, os participantes não apenas incorporam a poética em suas práticas, mas também transmutam ‘conversas afiadas’ em fabulação na prosa e no verso, fazendo da linguagem um lugar de autoria, memória e criação. Nessa vertente, o criador, com suas ideias, está intrinsecamente ligado ao ato de criar/narrar/fabular, que visa possibilitar a expressão de murmúrios silenciados, muitas vezes, não reconhecidos nas práticas de escrita literária fixadas em pedestais elevados.

Andarilhos, heróis e heroínas comuns, frequentemente, são aniquilados no desejo de expressar, já que a escrita “só tem sentido fora de si mesma, num outro lugar, o do leitor” (De Certeau, 1990[2012], p. 269). É nesse lugar do outro que as práticas de escrita se nutrem, mesmo se revelando numa dimensão de perda, pois, como enfatizado, a escrita também se forma por meio da ausência.

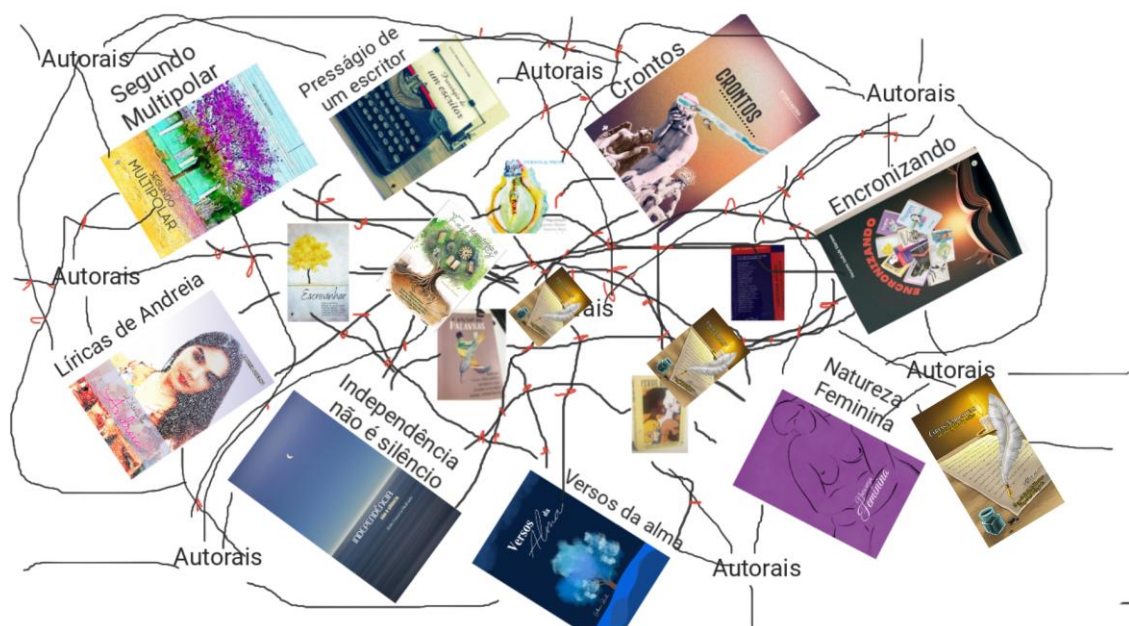
Mais uma pequena pausa para observar as brechas das coletâneas; a primeira delas inaugura o processo de publicação no contexto do (PLC), com a obra “Lugar de Criação em versos e prosa” (2020), que coincide com o ano de submissão do projeto de extensão. Um total de 41 escritores(as) e 74 textos publicados. Já na segunda publicação “Escritas Identitárias” (2022) referente aos textos de 2021, teve como resultado um aumento significativo no número de participantes e membros extensionistas, totalizando 55 escritores(as) com 141 textos, quase o dobro em comparação à primeira coletânea.

Andarilho, observe junto comigo o manejo da trama de um alforge de que sobressai de um simulacro para se fazer em possibilidades de construção de um tecido de múltiplas potencialidades, apresentando cenas, que envolvem o processo de criação dos



graduandos/escritores(as)/docentes, envolvidos em uma gama de textos criada ao longo da experiência nesse contexto de criação. Os(a) graduandos(a), que participam dessa pesquisa, retêm a pluralidade, que se desdobra em diversas formas de ações, envolvendo as práticas de escrita, criação/narração/fabulação.

Figura 16 Cartografia das capas das obras relacionadas às escritas autorais.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

As trilhas, até aqui, indicam que não se trata de uma escrita tematizada pelo olhar forasteiro, mas sim de uma escrita com potencialidades de uma autoria de sujeitos em formação. Apresenta-se uma escrita com traços de si, uma escrita para os seus e tantos outros que queiram se inscrever nessa criação/narração/fabulação. Estudantes/escritores(as)/docentes constituindo-se em narradores de si, expressando suas experiências do vivido e do vivível, em uma formação porvir, sempre em movimento, indo aos diversos lugares, com a potência de ecoar ao som de leituras diversificadas.

Às vezes, o meu trajeto também pode se tornar desafiador, levando-me a seguir com passos cautelosos, enquanto o tic-tac do relógio indica que, a cada repetição, algo diferente pode surgir. Em outras ocasiões, navego rio abaixo, como em um barco a motor, até chegar sob a Ponte Presidente Dutra, que embeleza duas cidades com as quais tenho uma certa intimidade e que, como diz a música, juntas são “uma coisa linda” (1978). É desse cenário que essas narrativas florescem.



Assim como o alforge precisa de ‘alças’ resistentes, com um tecido, que deve ser costurado com linhas fortes para garantir que os bordados se configurem em experiências. Desde os alinhavos dos escritos desta tese, exploramos platôs, que “são processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades” (Deleuze; Guattari, 1995[2011, p. 10]). Esses platôs atuam como espaços de múltiplas possibilidades, desdobrando-se em diferentes formas de pensamento na busca de capturar uma dinâmica, que não se limita à verticalidade, mas que orienta a intensidade das conexões e das potencialidades emergentes durante o processo narrativo com as práticas de escrita.

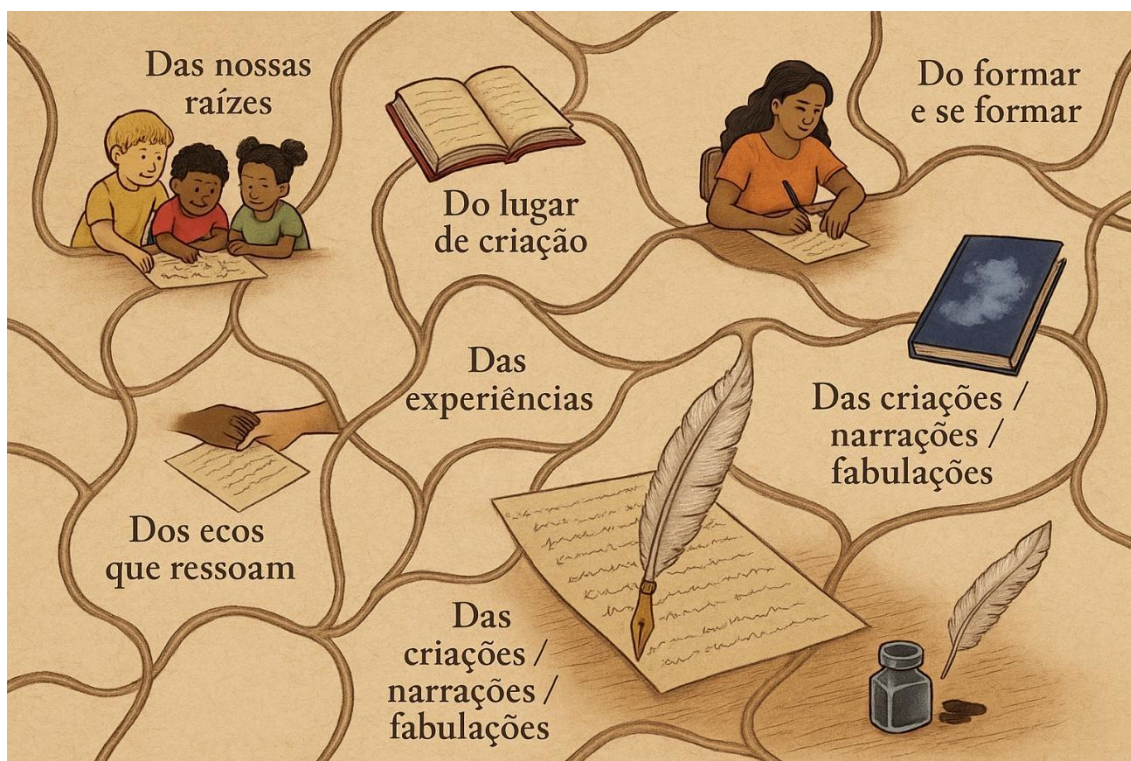
As alças que sustentam o processo de investigação se entrelaçam à abordagem da cartografia rizomática, especialmente no contexto do programa Lugar de Criação (PLC), e a experiencição com as cartas/narrativas como um dispositivo fundamental para seguir trilhando esta pesquisa. Trata-se de uma rede que se constitui nas experiências com as práticas de escrita, revelando os saberes que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes elaboram no processo formativo da Licenciatura em Letras. Essas práticas funcionam não apenas como registros ou relatos, mas como dispositivos³²: agenciamentos heterogêneos, que produzem subjetividades, operam deslocamentos e tensionam discursos normativos sobre autoria, linguagem e docência. Assim, o alforge também se reterritorializa, expandindo-se para outras dimensões metodológicas e afetivas. A própria escrita da tese se inscreve, então, como um ato inventivo e investigativo, uma prática implicada, que se movimenta não para fixar sentidos, mas para multiplicá-los. Assim, as cartas/narrativas se configuram como uma potente alça de sustentação dessa caminhada.

Ao contemplar as extremidades do alforge, nesse andarilhar, identifico cerca de 30 cartas/narrativas, envolvendo as cinco pessoas colaboradoras, que, nas reescritas, foram organizadas em blocos de seis. A surpresa gerada por essas cenas é comparável à vista do horizonte ao final de cada tarde, quando os raios solares revelam variações únicas de beleza e alquimia. De modo semelhante, observo que essas *cartas/narrativas* refletem diferentes “núcleos de sentido” (Suarez, 2007; 2011; 2020). São cenas relacionadas ao processo de criação nas escritas de fabulação dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes. Criações que “não se fabricam assim, num piscar de olhos” (Deleuze, 1987[1999, p. 3]). Há uma necessidade intrínseca que impulsiona cada sujeito a criar/narrar/fabular, gerando experiências únicas, comparáveis à beleza mutante do entardecer.

³² Foucault discute a noção de “dispositivo” especialmente na entrevista “O jogo da soberania” e em “O sujeito e o poder”. Pode ser citada no corpo do texto como (FOUCAULT, 2014).]



Figura 18 Cartografia das *Cartas/narrativas*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Mas você deve estar se perguntando como chegamos à decisão de seguir nessas trilhas com as cartas/narrativas? Pois bem, andarilho(a), essa decisão não foi tomada de forma aleatória, tampouco foi planejada com precisão cartográfica. Ela nasceu no tropeço, no entretempo das escutas, das conversas informais e da escolha de não seguir com apenas um relato de vida de forma objetiva. Observando a escrita, que pulsava no contexto do Lugar de Criação, percebemos que não cabiam moldes rígidos, nem um formato acadêmico mais tradicional. Logo, no início das andanças do doutorado, começamos criar movimentos, que pavimentaram por esse caminho.

Inicialmente, adotamos o nome de cartas simultâneas ou online, pois as trocas ocorriam via links de processador de textos. Cada colaborador recebia um link para as trocas das mesmas. No decorrer das trocas e das leituras interlocutivas, optamos por nomeá-las de cartas/narrativas, já que os(as) colaboradores(as) apresentavam, nas suas narrativas de experiência com diversas cenas: origem, influência, formação e suas práticas de escrita no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC).

Foram nessas brechas, nos desvios e nos afetos que as cartas foram se transformando em narrativas, convocando presencialidade e abrindo espaço para o inesperado. Uma das surpresas surgidas nos textos foi a presença de trechos autorais, fragmentos de poemas, contos ou crônicas, que se infiltraram nas narrativas, atravessando



as experiências com as práticas de escrita na formação docente, refletindo como essas escritas afetam a licenciatura em Letras desses(as) estudantes/escritores(as)/docentes. Estávamos, assim, diante do imprevisível, do que escapava e, justamente por isso, nos movia. Era ali que se abria a possibilidade de fabular outra forma de construir conhecimento: uma forma, que caminha com o/a outro(a) e não sobre ele(a).

Nessas cartas, os(as) colaboradores(as) da pesquisa afastam-se da função de autores de suas criações/narrações/fabulações para se tornarem narradores de suas experiências com o processo de práticas de escrita, refletindo suas diferentes “maneiras de escrever” (Deleuze; Parnet, 1977[1998], p. 11). A escrita aqui extrapola o limite da autobiografia como simples comunicação de informações, inserindo-se de forma não linear nos contextos em que a criação literária se manifesta, especialmente no âmbito do programa de extensão Lugar de Criação durante a Licenciatura em Letras. Apesar das tentativas de silenciamento, um “aviltamento que sofre, a educação é este lugar” (Zacharias; Zeppini (2018, p. 283)³³, onde os sentidos ganham vida. Esses sentidos, como propõe, “não são apenas eventos ou estados de coisas, mas acontecimentos” (Deleuze, 1969[2009, p. 5]). O que realmente importa não é o que acontece em si, mas a experiência, que emerge do acontecimento.

Essas escritas, que tradicionalmente habitavam apenas os jardins, têm a possibilidade de adentrar e valsar na sala de estar e nos grandes salões, ocupando as páginas em branco de um livro que antes não lhes pertencia. Como poetizou Fonseca-Andrade (2022, p. 63): “quem dera se eu sentisse o impacto ao dançar no salão”. Seria desejável ver essas práticas de escrita não apenas ocupando os salões, mas também as casas vazias de leituras singulares. Seja aquela que o leitor se deleita em desvendar palavras desconhecidas, seja a que um apressado andarilho tenta devorar até a última palavra, ou mesmo a que inspira o leitor a escrever, alugando um espaço para criação por tempo indeterminado. Isso porque a leitura não tem lugar, assim como os escritos produzidos por esses sujeitos se misturam a outros textos adormecidos.

Na imersão de diferentes sentidos e significados, que surgem das práticas de escrita desenvolvidas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), é possível reconhecer a potência do signo como força criadora de realidades, que “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes

³³ SOBRE APRENDER E FABULAR EM EDUCAÇÃO em <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/56/71> último acesso em 07 de nov. de 2023.



mecanismos de subjetivação”. Ele observa que “não pensamos com pensamentos, mas com palavras; não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras” (Larrosa, 2002, p. 21). Nesse horizonte, as ações discursivas se efetivam em textos que, impulsionados pela força das palavras, se transformam em discursos atravessados por múltiplas camadas de significação. São essas materialidades do dizer que, aos poucos, se convertem em narrativas sopradas pela ventania do acontecimento: palavras em movimento, que carregam em si o risco, a invenção e a possibilidade de fabular outros modos de existir.

1.5 Manejando a trama da investigação

Como quem se aventura a perambular de sol a sol, podemos observar não apenas os mapas cartográficos, mas também as pegadas deixadas nas e com palavras escritas. Trata-se de uma artesanaria tecida com fragmentos de vivências pessoais, entrelaçada com às histórias, que os autores experienciam e registram em suas folhas. A natureza dessas narrativas revela um terreno fértil, onde fronteiras se entrelaçam e se desfazem em um constante movimento cartográfico.

Nesse percurso, narrar é exercício de experienciação: são linhas que se lançam sem pretensão de linearidade, sobrepondo trilhas biográficas, acadêmicas e institucionais. Um lançar necessário de evasão, pois “partir, se evadir, é traçar uma linha” ((Deleuze; Parnet, 1977[1998]). Essa fuga ativa, longe de ser desordenada, é o que abre o alforge para devires múltiplos, sustentando, ao mesmo tempo, o rigor metodológico e a força poética que sustentam esta tese.

Com isso, trilhamos um movimento cartográfico tecido nas narrativas de experiências com as práticas de escrita, que afetam os modos de se fazer docente na e com a Licenciatura em Letras. Tal percurso evidencia que a escrita, atravessada por subjetividades e contextos diversos, configura-se como um campo de formação, invenção e fabulação de si e do outro. É nesse entrelaçamento que se sustenta a narrativa de experiência, em que práticas autorais de escrita, cartas/narrativas e obras produzidas operam como dispositivos, que articulam dois eixos centrais da pesquisa: as narrativas de experiências com as práticas de escrita em contexto de formação docente na Licenciatura em Letras (tema/platô) e o próprio Programa de Extensão Lugar de Criação (contexto).

Como também a definição dos objetivos específicos, que opera como uma linha de investigação, tensionando teoria e prática, dados e dispositivos, sujeitos e escritas. Essa escolha sustenta o percurso metodológico, que atravessa esta tese, cujo foco consiste



mapear rizomaticamente, por meio de cartas/narrativas, as práticas de escrita autoral desenvolvidas por estudantes da Licenciatura em Letras no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), evidenciando experiencições que emergem de enredamentos marcados por deslocamentos subjetivos, afetivos e estéticos. Busca-se, ainda, escutar, em uma audiência sensível, as cenas, que se desenham nas cartas/narrativas e nas obras autorais construídas por estudantes/escritores(as)/docentes, compreendendo-as como formas de narrar marcadas por memória, afetos, fabulação e processos de formação docente. Ao emergirem desses dispositivos, tais cenas revelam saberes em trânsito, articulando influências, origens, desafios e deslocamentos no processo formativo no contexto da Licenciatura em Letras.

Seguindo nessa trama, propõe-se refletir sobre os efeitos dessas narrativas no desenvolvimento de uma postura crítica, criativa e autêntica por parte dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes. Consideram-se, portanto, os deslocamentos subjetivos, que emergem dessas experiências narradas nas cartas e obras autorais, bem como as transformações, que provocam na constituição de um sujeito plural em formação.

Por fim, busca-se consolidar a figura do escridocente como um acontecimento formativo, político e estético, como marcador crítico-cultural, compreendendo a narrativa de experiência com a escrita como uma prática atravessada pela linguagem, pela fabulação e pela docência. Uma prática, que se cartografa nas cartas/narrativas e se afirma como forma de resistência, de criação e de ensino para além dos limites instituídos.

Ao final desta primeira trilha cartográfica, retorno à pergunta, que tensiona o percurso da tese: De que maneira as narrativas de experiência com as práticas de escrita, especialmente aquelas registradas no dispositivo de cartas/narrativas, afetam a construção de saberes docentes em uma formação plural, crítica e autoral de estudantes de licenciatura em Letras?

Andarilhos, de modo didático, vamos sempre retomar a nossa tese, que se defende nesta investigação. É que as narrativas de experiência com práticas autorais de escrita, desenvolvidas por graduandos(as)/extensionistas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC), constituem dispositivos capazes de produzir deslocamentos subjetivos, afetivos e estéticos, contribuindo para a construção de saberes docentes e para a emergência do escridocente como um acontecimento político, estético e pedagógico.



Retomando as reflexões iniciais dessa trilha, como quem descansa à sombra de uma frondosa caatingueira ou colhe uma boa safra de macaxeira³⁴, o movimento cartográfico explora as práticas de escrita, criação/narração/fabulação dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes, registradas em cartas/narrativas e textos publicados no contexto do Programa Lugar de Criação (PLC), possibilitam revelar um atravessamento entre o ato de ensinar/aprender e o ato de criar. Nesse processo, as subjetividades dos participantes emergem em suas criações, enquanto narram suas próprias histórias, seja em prosa ou verso.

Seguindo adiante nas demais trilhas que se abrem, faz-se necessário uma pausa estratégica para ajustar as ‘alças’ do alforje, relaxar as fivelas, reconstruir a tessitura e se preparar para continuar sua jornada. A viagem se revela através de diferentes paisagens, permitindo "penetrar em outras vidas" (Deleuze; Parnet, 1977[1998], p. 49). A cada caminhada, os encontros se intensificam, configurando uma coletividade de possibilidades, enriquecida pelas práticas de escrita: cartas/narrativas, poemas, contos, crônicas e até mesmo os “Crontos”, de quatro colaboradores e uma colaboradora na pesquisa de tese: Miguel Segundo, Vítor Castro, Lucas Coelho, Guilherme Resende e Camila Batista, contribuindo para a construção orgânica, que a investigação requer.

Longe de se restringir a um ambiente de produção textual escolarizada, o programa se abre à artesanaria de fabulação, permitindo que estudantes/docentes fabulem seus próprios modos de dizer, escrever e existir. Ao assumir o ato de escrever como ação política, o contexto do (PLC) tensiona as fronteiras entre formação acadêmica e experiência sensível, entre saber instituído e saber em trânsito, entre currículo e vida. Nesse território rizomático, escrever torna-se uma prática de resistência e de constituição de subjetividades, colocando em jogo outras pedagogias possíveis: aquelas que se escrevem com o corpo, a memória e o desejo de reinvenção.

Assim, *andarilho(a)*, a Trilha 1 delinea o território movente da pesquisa. Aqui, o que se desenha é o início de um percurso que se faz entre ruínas e reinvenções, rastreando práticas, que não obedecem a um roteiro preestabelecido, mas que insistem em criar sentidos próprios, políticos, poéticos e pedagógicos, para o que significa formar-se

³⁴ É um termo frequentemente usado em alguns estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil para se referir à raiz comestível da planta cientificamente denominada *Manihot esculentada*. A mesma raiz também é conhecida aipim, especialmente nas regiões Sul e Sudeste, e em alguns estados da região Nordeste. Além disso, pode ser chamada de mandioca, especialmente na região centro-oeste do país.



escrevendo. É nesse emaranhado de experiências que o mapa se desfaz como representação e se refaz como travessia, abrindo passagem para outras trilhas possíveis.



Trilha 2 NAS ANDANÇAS, ENCONTROS ACONTECEM

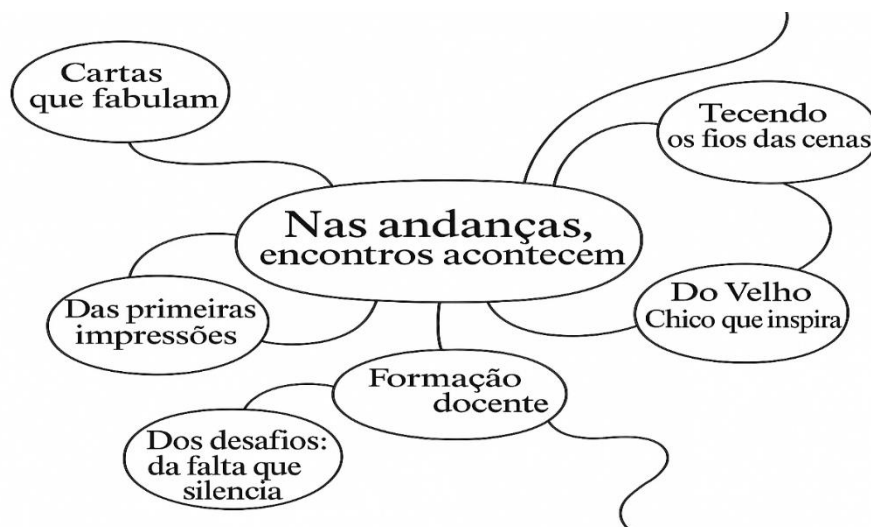
PósCrítica, julho de 2025.

Prezado(a) caminhante, que bom saber que nossas trilhas continuam se entrelaçando, sigamos!

Quem me conhece sabe que sou uma andarilha que nunca caminha só. Se não posso inventar o bonde³⁵, tento segui-lo de diferentes maneiras. Em cada passo, agrego minhas histórias as vozes daqueles com quem me encontro pelo caminho. É nessas constantes travessias entre o (eu)andarilha e o (outro)caminhante, que se tecem as histórias que compartilhamos, formadas em cada encontro de nossas andanças.

Com isso, esta trilha se configura como a materialização daquilo que se reconhece durante as travessias, ao dar corpo, linguagem e movimento ao que, no plano teórico, se delinea como uma leitura atenta das cartas/narrativas, que relatam experiências com as práticas de escrita. Se a primeira trilha realiza um mapeamento rizomático dessas narrativas, esta transita pelo reconhecimento de cenas, que se instauram ao longo das andanças. Trata-se de uma trilha, que tece narrativas capazes de produzir zonas de sentido compartilhado entre os(a) colaboradores(a) e mim, (eu)andarilha, em uma travessia comum nesta pesquisa.

Figura 19 Trilha 2: Nas andanças, encontros acontecem



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

³⁵ Sinônimo de coletividade, foi o primeiro transporte coletivo no Brasil. “Naza, segue o bonde” foi citada em uma conversa informal pelo professor/coordenador do Doutorado Sanduíche em novembro de 2024, na Universidade de Buenos Aires (UBA).



Sei que os territórios dessas andanças são arenosos, às vezes, áridos, tal qual a geografia das terras por onde transito, mas também sei que são cheios de fabulações, como as margens poéticas de um rio. É nesse entrelaçar que carregamos o alforge, constituído de feituradas, nele acolhe as vozes que transitam por esta tese, vozes que, ao escreverem, transformaram o que antes era solo individual em território partilhado. Até alcançar o cerne de uma instigante viagem: um percurso marcado por diversos encontros que, mais do que me atravessar, também transformam o que levo comigo e o modo como sigo em diferentes trilhas.

Para andarilhar pelas primeiras linhas desta trilha, carrego comigo também os ecos dos encontros com os(as) estudantes/escritores(as)/docentes, cujas vozes reverberam nas narrativas de experienciamento com as práticas de escrita, que inventamos juntos, cartas/narrativas, poemas, contos e crônicas, produções de uma juventude vai se descobrindo na e com a palavra escrita. Isso coaduna com a perspectiva de que é no encontro com as palavras que criamos realidades. Elas funcionam como ativadores de sentido, que revelam traços de subjetivação, permitindo-nos a apropriação de diferentes significados. Assim, as andanças se fazem em encontro. É no cruzar de trajetórias e saberes que o caminho se enriquece e se multiplica.

Ao longo do caminho, entre encontros que me deslocam, fui sendo tomada por diferentes sentidos daquilo que pode acontecer nas trilhas do vivido ou do visível. Alguns me surpreendem como um sopro, irrompendo de forma inesperada, quase apreendidos no instante mesmo em que ocorrem, como aquilo que se desdobra na imprevisibilidade. Isso remete à minha recente experiência, quando me desloquei, pela primeira vez, do meu torrão natal para me instalar em terras portenhas.

Lembro-me de um daqueles dias chuvosos e frios de agosto, quando o inverno parecia se alongar, como se desejasse permanecer por mais tempo do que o habitual. Há quem diga que foi para que eu pudesse experimentar o prazer de me envolver em um casaco térmico e arriscar o primeiro gole de mate³⁶. Mas o que me capturou de imediato diante dos meus olhos foi a paisagem que me cercava, enquanto a cidade, charmosa e imponente, revelava-se diante de mim como um acontecimento.

³⁶ É uma fusão tradicional muito consumida na Argentina, especialmente em Buenos Aires, feita com folhas secas de erva-mate e água quente. Um símbolo de convivência e partilha: costuma ser preparado em uma “cuia” e uma bombacha, muitas vezes é passado entre participantes de uma roda de conversa.



As folhagens secas das árvores, estendidas como um cobertor de um marrom pálido, anunciavam que o inverno ainda tinha muito a oferecer. O vento cortante fazia as pessoas apressarem os passos pelas ruas em busca do calor dos cigarros ou do conforto fervilhante do mate. Outros tantos se abrigavam nos cafés que eu avistava ao longo das avenidas. A natureza e a arquitetura da cidade pareciam sussurrar um mesmo tom, em diálogo com a permanência da estação mais fria do ano.

Atenta, eu observava tudo como um grande quadro inacabado, onde cada elemento parecia se entrelaçar em minha memória: um acontecimento em sua feitura, marcado pela imprevisibilidade que agora recupero nesta trilha e retomarei também na trilha quatro. “Um acontecimento supõe a surpresa, a exposição, o inantecipável” (Derrida, 1997[2001], p. 231). E assim, (eu), uma andarilha nas ruas portenhas. Fiz de cada momento um acontecimento: aberta ao inesperado, afetada pelo que surgia, e me expondo, inteira, a um porvir.

Esse contexto é também atravessado com as experiências dos(as) graduandos/escritores(as)/docentes, pois contribui para a maquinaria das fabulações nas práticas de escrita. São práticas, que inauguram uma paisagem de uma pesquisa, que tem algum valor, “mesmo destituído do rigor³⁷”, convidando-nos a confiar também naquilo, que se dá no entre: entre passos, palavras, faltas e silêncios. Por isso, as narrativas de experiência com as práticas de escrita que aqui emergem são acontecimentos. Não porque rompem com uma rotina previsível, mas porque inauguram diferentes possibilidades de ver, sentir e fabular o real.

Narrar essas experiências é dar forma a processos de subjetivação, que não se explicam: contam-se, multiplicam-se, atravessam-se. Como trilhas que se bifurcam, essas escritas convergem em sentido onde o eu, o outro, nas narrativas de experiência, reverberam-se. É nesse entrelaçamento que se configuram as cenas que virão adiante, frutos dos encontros que moveram corpos em um ajuntamento de palavras, deixando rastros dinâmicos do acontecimento.

O alforge, tecido de múltiplas vozes, faz-se nas cartas/narrativas, faz-se nos saberes, sustentando a travessia de descobertas. É com esse alforge que você, caminhante, pode trilhar as veredas dos sentidos construídos no seio das práticas sociais.

2.1 Cartas que fabulam

³⁷ De Certeau (1990 [2012])- Obra “ A Invenção do Cotidiano: artes de fazer”.



É nessa tessitura dos encontros, naquilo que não se antecipa, que algo pulsa e ganha corpo na escrita, ou melhor, que se faz em acontecimento. Nas trilhas que percorro com os(as) estudantes/escritores(as)/docentes, é imprevisto que confere espessura às experiências, abrindo zonas de sentido, que se instauram entre palavras. A cada carta escrita, algo se move, pois são acontecimentos, sem se constituírem em estados fixados de coisas, uma vez que o acontecimento é incorporal, está no modo como algo nos atravessa, sem que seja redutível a uma causa, a uma origem ou um efeito físico” (Deleuze, 1969[2009], p. 5).

Assim, essas cartas³⁸ se abrem às possibilidades de nos inscrever como dobra do tempo, da criação e do afeto, operando movimentos de subjetivação que não se explicam: apenas acontecem: São encontros, que se dão “em qualquer circunstância³⁹”, abrindo brechas, que nos convocam a pensar além do previsível, do normativo. É nessa dobra, que se inscreve a escrita de fabulação, inacabada, e, por isso mesmo, criadora.

A criatividade, tal como o acontecimento, pode estar em múltiplos cenários, entre sujeitos diversos, como aponta Schopke (2012, p. 82): “O sentido é um acontecimento puro, uma relação”. Cada carta, nesse contexto, vem se constituindo como travessia, configurando-se como espaço de encontro. É nesse entrelaçar que o sentido se abre como esplendor do acontecimento. Como afirma Deleuze (2009, p. 9), “o devir-ilimitado torna-se o próprio acontecimento”. E é nessa infinitude de devires que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes narram experiências de suas fabulações.

Ao observar as fabulações que entrelaçam a tessitura das cartas/narrativas, em um movimento dialógico, reconheço a importância de adentrar nesse emaranhado de linhas que imbricam experiências narradas com práticas de escrita, que chamamos de criação/narração/fabulação. No decurso da investigação, identifiquei que as experiências desses interlocutores se atravessam às minhas próprias narrativas.

Nesse percurso, retomo a compreensão de que, ao longo dos séculos, o gênero epistolar tem se constituído como uma ponte singular, capaz de conectar sujeitos de diferentes origens e temporalidades. A natureza própria das cartas nos permite escrever de modo pessoal, simultaneamente permeada por um distanciamento reflexivo da complexidade das relações sociais e afetivas nas quais estou implicada. Daí, a escolha por cartas como dispositivos singulares nesta investigação: elas me autorizam a manifestar,

³⁸ Aqui trata-se das cartas/narrativas, quanto ao estilo desta escrita de tese em carta.

³⁹ Luiz Orlandi (2014).



com liberdade, experiências e pensamentos para além das exigências rígidas dos gêneros formais.

Caminhante dessa trilha, chamo-lhe a atenção para notar que é nesse entrelaçamento entre experiências e escrita que se anunciam diferentes possibilidades no manejo com a palavra, que se configuram como ponto de encontro, escuta e invenção partilhada. Andarilha que sou, também sigo atenta aos rastros deixados pelos encontros entre sujeitos, que escrevem, narram e fabulam. Nessas travessias, brotam sentidos, que escapam os limites do instituído, alargando os contornos da literatura para além da moldura canônica.

Se temos Lispector, Drummond, Amado, Adélia, nomes que compõem o cânone que burilamos ao longo da vida, também temos Camila Batista, Lucas Coelho, Guilherme Resende, Miguel Segundo, Vítor Castro: *escridocentes* que tecem, com suas próprias linhas outros modos de dizer e de saber. Suas escritas deslocam a centralidade hegemônica e inventam pertencimentos: lugares onde a palavra se faz resistência, reinvenção, reexistência, que rompe a falta e o silêncio, por muito tempo, instaurados em suas práticas com a escrita. São veredas que esta tese deseja percorrer.

Sim, são sujeitos que, ao escreverem, se permitem engendrar no outro e em suas múltiplas vozes. Como observam Pereira e Morais (2020, p. 04), “o sujeito se constitui à medida que se relaciona com os outros”. E eu reforço: existo porque o outro existe⁴⁰. Por isso, essas vozes entrelaçadas, essas linguagens, que se cruzam e se deslocam, também escrevem aquilo que nos constitui, ou aquilo que ainda está em um porvir.

É nesse movimento de escrita com o outro, que, aos poucos, fui me deixando levar nas experiências de narrar de formas diversas. Aqui, faço uma breve parada para dizer que não me recordo de ter trocado cartas regularmente ao longo da minha vida. Lembro-me de ter recebido uma carta pessoal de uma amiga, que morava fora da cidade, mas não sei se respondi àquela correspondência. Aquilo que muitos consideravam significativo e até poético, de sair de casa, pegar um ônibus, comprar envelope e selo, enfrentar uma fila nos correios, sempre me desestimulou a tentar esse tipo de escrita. Ainda que a escrita epistolar não tenha sido parte regular do meu cotidiano, foi por meio dela que me enveredei em várias rasuras publicadas: *Quem disse que estudante EJA não escreve?* (2019); *Conversa Afiada* (2019); *Brumanda* (2023) e, a mais recente: *Cartas/Narrativas* (2025).

⁴⁰ Na perspectiva da dialogicidade bakhtiniana (1979[2011]).



É talvez por tudo isso, embora eu continue não fazendo uso de recursos tradicionais de envios de cartas⁴¹, que esse gênero epistolar passou a ocupar um lugar de destaque em minha escrita. Tal apreço se desdobra em uma compreensão mais ampla sobre o potencial das cartas no contexto da pesquisa. Identifico que esse estilo me permitiu compreender que as cartas atravessam diversas dimensões: metodológico, epistemológico e estético.

Arriscar-se em diferentes modos de manejar a escrita no gênero epistolar se configura como uma invenção “disponível a todos que escrevem” (Endruweit, 2022, p. 23). Nessas interações, as narrativas se formam, constituindo subjetividades e acolhendo uma diversidade coletiva. A flexibilidade do formato epistolar permite a experimentação com a linguagem e a forma, do padrão ao coloquial, evidenciando singularidades no processo de criação.

Além disso, as cartas são reconhecidas por suas múltiplas interpretações: literária, memorial, arquivística, ensaística, incluindo registros de experiências e reflexões sobre/com práticas docentes. É justamente essa abertura às múltiplas perspectivas que justifica a escolha do formato epistolar no corpo desta tese, inspirada nas cartas/narrativas que se teceram nas experiências partilhadas com os(a) colaboradores(a) desta pesquisa.

Foi ao longo deste percurso que me deparei com obras, que utilizam cartas para além da forma, mas como pensamento em movimento. Entre elas, destaco *Cartas de Nietzsche* (1901 [2009]), uma coletânea, que reúne diálogos sobre filosofia, moralidade e arte, funcionando como crítica contundente à sociedade e cultura de sua época. Crítica que ressoa nas interações contemporâneas. Encontrei também em *O cartão-postal: De Sócrates a Freud e além* (1980 [1997]), de Jacques Derrida, um uso inventivo do gênero epistolar. Nessa obra, Derrida desconstrói a comunicação e utiliza o cartão-postal como metáfora para tensionar as formas de enviar e receber mensagens. Ele propõe a leitura como um movimento de implicação, evidenciando o entrecruzamento de vozes, que compõem o texto, revelando a intertextualidade como eixo da escrita.

Foi pensando nessa flexibilidade, tal qual uma andariça que recosta no tronco de um frondoso angico, que me recordo de dois importantes estudiosos contemporâneos, que também transitam pelo gênero das cartas em suas andanças teóricas: um argentino portenho, Carlos Skliar, e o outro, brasileiro pernambucano, Paulo Freire. Ambos compartilham um afeto pela natureza epistolar ao longo de suas trajetórias.

⁴¹ As Cartas/Narrativas com os(as) colaboradores(as) da pesquisa foram trocadas via link de um processador de texto online e em forma de driver.



Em *Cartas Educativas* (2023), Carlos Skliar explora a educação como prática fundamentada nas relações dialógicas. Ele adota o formato epistolar para discutir temas centrais da pedagogia, destacando o reconhecimento da singularidade do outro no processo educativo. Já em *Cartas à Guiné-Bissau: Registro de uma Experiência em Educação* (1978[2014]), Paulo Freire documenta sua vivência em programas de alfabetização em Guiné-Bissau, refletindo sobre a importância do diálogo com a prática pedagógica: “somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado” (Freire, 1978, p. 15). São duas trajetórias com cartas, que refletem a educação como encontro entre sujeitos, nas quais as experiências narradas são valorizadas.

Em ambos os casos, é clara a defesa da interação para a construção de uma educação mais sensível às questões humanas. As cartas servem como um convite ao diálogo, que promova a construção conjunta do saber. Para Skliar (2023, p. 7), as *Cartas Educativas* são “um refúgio - de palavras, de tempos, de lugares - para conversar sobre o que nos acontece na educação, talvez de uma forma diferente do habitual.”⁴² As cartas possibilitam uma narrativa não-linear, permitindo que os temas se desenvolvam de forma fluida, conectados a diferentes contextos e situações.

Isso me faz lembrar de como muitos dos nossos aprenderam a ler e a escrever, em experiências como as desenvolvidas por Paulo Freire, que ganhou notoriedade alfabetizando adultos debaixo de uma árvore, em uma localidade chamada Angico. Coincidências à parte, é válido reconhecer a importância da natureza epistolar em suas obras. Além de *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1997 [2015]), Freire adota um tom íntimo e pessoal, ao afirmar: “Não é possível reduzir o ato de escrever a um exercício mecânico. O ato de escrever é mais complexo e mais demandante do que o de pensar sem escrever” (1997, p. 8). Nesse diálogo direto com as práticas docentes, ele parece conversar especialmente com as professoras.

Seguindo nessas andanças, com as leituras na perspectiva bakhtiniana, observo que cada carta se configura como enunciado concreto, situado em um contexto de produção específico e atravessado por múltiplas vozes, em tensão dialógica. Elas carregam marcas do outro, das leituras, das experiências compartilhadas, funcionando

42 Nossa tradução do Espanhol para o Português.



como espaços de polifonia⁴³ e interlocução entre sujeitos. O caráter dialógico está presente na própria produção das cartas: elas respondem perguntas, inquietações e provocações, perguntas, inquietações e provocações, que se manifestam entre os participantes da pesquisa, e, nesta tese, minha voz se incorpora a essas vozes, deixando-se afetar por elas.

É nesse movimento entre cartas trocadas, experiências partilhadas e escritas costuradas que esta tese também se deixa atravessar e, por fim, transforma-se em carta. Depois da publicação do livro *Cartas/Narrativas* (2025), fruto das trocas com os(a) colaboradores(as) da pesquisa, compreendi que não seria possível falar sobre essas práticas sem, de alguma forma, me implicar nelas. As cartas não ficaram apenas nos arquivos, servindo como apêndices; elas ecoam na forma e no corpo desta escrita que agora você têm em mãos. Tal como as cartas/narrativas, este texto/tese também se faz no lugar de escuta, de narrativa de experiências e de invenção compartilhada.

Ao adotar o formato epistolar como um dos platôs desta escrita, sinalizo o caráter metodológico, epistêmico e estético deste texto/tese, de modo que não apenas retoma uma tradição filosófica e pedagógica, de Nietzsche, Bakhtin, Derrida, de Freire a Skliar, mas também a reinscrever por outras trilhas. Nas cartas/narrativas trocadas com os(as) jovens escridocentes, o uso epistolar se abre na insurgência, afirmando outras formas de existir e dizer do universo da formação docente.

Esses deslocamentos tensionam o movimento do narrar: escrevemos cartas cartografando nos modos de aprender a ensinar, escrevemos para aprender e ensinar a escrever. Por isso, esta tese se faz carta/tessitura, dobradura de vozes que se encontram, se estranham, se transformam. Como dobra, é um convite para que você também se deixe andarilhar pelas cenas, que seguem nesta e nas próximas trilhas, no movimento das narrativas de experiência com as práticas de escrita dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes.

2.2 Tecendo os fios das cenas

Prezado(a) caminhante de trilha, faço aqui uma pausa para recuperar o ritmo da trama em fluxo. É nesse respiro que detenho o passo e me deixo tocar pelas fabulações, que movem o alforge, que se faz corpo em variação contínua, como traçado cartográfico sempre por vir. Ele se desorganiza e para se reinventar, é atravessado por intensidades,

⁴³ A polifonia, conceito desenvolvido por Mikhail Bakhtin, refere-se à coexistência e interação de múltiplas vozes, perspectivas e consciências dentro de um mesmo texto ou discurso.



que o transformam em um movimento de um “corpo sem órgãos⁴⁴”. Um conceito, que aqui se funde ao modo como esta tese vem se constituindo: uma pulsação em metamorfose, um modo de existir por afetividades, encontros e devires.

É nesse mesmo ritmo que vou me deixando atravessar pelos encontros, que movem a escrita. Trago comigo as memórias de tardes de intenso calor, de conversas demoradas e de vozes, que se inscrevem e me inscrevem. Recolho do alforge narrativas potentes de Camila Batista, que (re)escreve, desestabilizando o lugar fixado da estudante. Carrego os deslocamentos propostos por Vítor Castro, onde o real e o fabulado se entrelaçam em cenas, que performam o impossível. Absorvo a poética da alma de Guilherme Resende. Levo comigo os presságios de Lucas Coelho, que transforma silêncio em fabulação de memória. E sigo afetada pela resistência insistente de Miguel Segundo que faz da palavra travessia. Esses encontros deixam traços, que compõem meu alforge.

As relações tecidas ao longo desse percurso se afloram na escuta, na troca, na entrega, e assim, entrelaçadas, bordam as cenas, que vêm a seguir. As trilhas que se bifurcam, criando zonas de sentido onde eu, o outro e o mundo se reverberam. É “lá onde a escrita e o sujeito se encontram” (Fiorin, 2022, p. 14), que o alforge se torna nosso; partilhado, aberto ao ato de experimentar. Nele e com ele vibra a força dos encontros, o espanto das descobertas, a presença de um porvir.

É nesse contexto que a teatralidade é evidenciada como uma perspectiva epistêmica, política e estética de existência, refletindo uma dimensão performática da experiência humana, na qual o ato de criar se entrelaça a um deslocamento contínuo de papéis. Nos contos, nas crônicas, nas poesias e nas cartas/narrativas as cenas se manifestam na teatralidade da escrita, no palco de experimentações, dramatizando o cotidiano como forma de insurgência: ali onde se tensionam as fronteiras entre sujeito e personagem, real e imaginário, docência e criação/fabulação.

Foi nesse intervalo de aparente calma, enquanto eu avançava pelas curvas tortuosas, que me deparei com esse conceito descontínuo: a teatralidade enquanto performance nômade⁴⁵ na arte de criar. Ao dialogar com essas ideias, a própria escrita

⁴⁴ Deleuze e Guattari propõem o conceito de “corpo sem órgãos” em *Mil Platôs* (1980[2011]) como uma maneira de pensar o corpo (e também o pensamento, o desejo, a arte) para além de uma organização funcional fixa - um campo de intensidades, de experimentações, de devires.

⁴⁵ A noção de teatralidade em Deleuze aparece como desdobramento de sua filosofia da diferença, da linguagem e da criação. Em *Lógica do Sentido* (1969[2009]), a cena teatral é pensada como espaço paradoxal, onde o sentido emerge por deslocamentos e devires. A linguagem, nesse contexto, funciona como encenação de forças. Já em *Diferença e Repetição* (1968[2021]), o ato de criar é entendido como



desta tese se deixa atravessar por essa teatralidade performática, que se insinua nas cartas trocadas, nos contos compartilhados, nas cenas narradas, compondo um texto, que dramatiza sua travessia, como quem se encena o percurso entre tempos, vozes e territórios da escridocência.

É fazendo da escrita um espaço de insurgência estética e pedagógica, na experiência entre o viver e o aprender como cena em ato, que me vejo convidada a trilhar pelas narrativas de experiencição, conforme se delineiam nas cartas trocadas. Nesse território, atravessando *pontes* sobre *rios* e *riachos* e trilhando carreiros pela *Caatinga*⁴⁶ adentro, (eu)andrilha observo o que “faz com que as raízes aflorem” (Gallo, 2002, p. 172), e é assim que me aproximo da trama dessas ‘criações/narrações/fabulações’, identificando realidades possíveis em mundos plurais. Nessas impressões, vejo-me imersa em cenas, que se abrem nos encontros.

Com esse movimento de travessia, observo a necessidade de mais uma parada táctica antes de chegar às terras portenhas⁴⁷ e reconhecer que a teatralidade presente nas narrativas ultrapassa as cenas preliminares do alforge, tecendo um mosaico de significados emergentes das interações. Assim, as cenas que seguem são diálogos com as cartas em que os(a) colaboradores(a) da pesquisa ultrapassam a função de autores de suas criações/narrações/fabulações, tornam-se comentaristas de suas trajetórias com as práticas de escrita e suas “novas maneiras de escrever” (Deleuze; Parnet, 1977[1998], p. 11). Esses diálogos revelam traços das vivências, que marcaram suas vidas.

Meu interesse ultrapassa o sentido de uma “autobiografia como uma comunicação de informações sobre si mesmo”⁴⁸; volto-me às narrativas de experiencição, que envolvem as práticas de escrita em sua dimensão sensível e inventiva, com destaque para cenas, que contemplam as primeiras impressões; as origens; as influências; o Rio São Francisco; os desafios vividos entre a falta e o silenciamento; a formação docente e as práticas desenvolvidas no (PLC). É nesse emaranhado de vestígios de vozes que a tese encontra também sua potência fabulatória.

2.2.1 Das primeiras impressões

Performance que desfaz identidades estáveis, abrindo espaço para um pensamento nômade. Em *Crítica e Clínica* (1997[2011]), Deleuze aproxima a escrita literária da performance teatral, entendendo-a como ato clínico e político: escrever é dramatizar intensidades, dar corpo ao fora, reinventar a linguagem. Assim, a teatralidade é força que movimenta a criação em seu devir.

⁴⁶ Único bioma originalmente brasileiro.

⁴⁷ Quando vivenciei o estágio doutoral (Doutorado Sanduíche) com a equipe do Prof. Dr. Daniel Suarez na Universidade de Buenos Aires (UBA).

⁴⁸ (Bakhtin, 1979[2011], p. 139).



Prezado(a) caminhante, vamos seguindo nessa trilha, onde cinco estudantes/escritores/docentes compõem o traçado desta tese. Os mesmos se destacam ao se apresentarem por meio das narrativas de experiência com as práticas de uma escrita literária não canônica, que se desenham em percursos singulares. Cada um, à sua maneira, tece com palavras seus próprios atalhos, rasuras e desvios. Enquanto (eu)andarilha componho com eles e ela um mapa sensível feito de escuta, narrativas e reescritas.

Nesse estado de potencialidades, meu primeiro encontro com os colaboradores: Guilherme Resende, Lucas Coelho, Miguel Segundo e Vítor Castro se deu em novembro de 2019, na turma do segundo período, quando eu ensaiava meus primeiros passos como professora assistente na Licenciatura em Letras. Ao mesmo tempo, que organizávamos, com mãos entrelaçadas e ideias em ebulição, o evento de lançamento do livro “Conversa Afiada”. Camila Batista chegava como quem tece: escritora, organizadora e também presença pulsante na mesa de discussão, ao lado de Vítor Castro. Enquanto isso, Lucas Coelho, Guilherme Resende e Miguel Segundo habitavam o espaço como ouvintes atentos, partilhando impressões, que expandiam o alcance daquele encontro. Ali, já se intuía: era na diversidade de vozes e experiências que o coletivo se fazia pulsar, em um cotidiano atravessado por modos múltiplos de fabular, como quem tateia o indizível, refinando as composições e arriscando desvios, projetando sentidos em trânsito. O vivido ali vibrava como prenúncio, abrindo frestas para outro contexto, que logo se insinuaria: o (PLC).

Nesse espírito de fabulação, as primeiras impressões vão florescendo, como quem costura uma presencialidade em memória, um campo ativo de vozes, que retornam e se transformam no dizer de agora. Assim, retorno ao ano de 2017: foi ali que o percurso de Camila Batista com as práticas de escrita - criação/narração/fabulação - teve início. Na ocasião, eu era docente na escola onde ela estudava. Nosso primeiro encontro aconteceu na turma do primeiro ano do Ensino Médio. Com apenas quinze anos, Camila já ostentava sua vasta cabeleira como quem anuncia: pertencer é também insurgir, simbolizando seu pertencimento e anunciando uma corporeidade, que recusava a normatividade. Em seu corpo, um signo: a recusa de estereótipo padrão. E nos versos, essa força ganha forma: “Cabelo meu lindo, o irei mostrar” (2019, p. 31), evocando uma imagem performativa que, ao reverberar em sua expressividade cotidiana, desestabilizava o centro e



ressignificava o lugar da escrita. O que importa, já não é, mas pode ser apenas a “cultural erudita⁴⁹”, aquilo que emerge do vivido como saber insurgente.

Assim, Camila Batista mantém suas madeixas soltas tal como solta sua escrita inventiva, recusando-se a ser aprisionada por expectativas alheias. Suas habilidades na arte de escrever vêm de experiências singulares com a linguagem, que escapam aos moldes da escrita escolarizada e normativa. Como Camila Batista narra: “Talvez essa seja uma das maiores lições que aprendi ao longo desses anos: não preciso provar nada para ninguém, nem para mim mesma” (2025, p. 151). Essa atitude pode ser compreendida como um exemplo de escrita menor, que “faz uso da língua maior, mas a deturpa, escapa à sua homogeneidade, cria novos sentidos e ritmos” (Deleuze e Guattari, 1980[2013], p. 17), sobretudo por sua capacidade de tensionar a linguagem dominante desde dentro, criando brechas por onde ecoam vozes outras, ritmos desviantes e subjetividades em trânsito. Com sua poética, Camila Batista segue neste lugar:

*Somos um romance inacabado, que foi traçado, mas nunca encerrado.
Somos o que podemos, ainda não o que queremos.
Um grito alto e implacável que foi silenciado.
Construímos uma história que diariamente sonhamos.
E com ousadia seguimos cantando⁵⁰ (2023, p.30).*

Essa escrita menor, nesse contexto, não se define apenas por sua origem marginal em relação aos centros hegemônicos de produção textual, mas sobretudo por sua capacidade de tensionar a linguagem dominante, criando brechas por onde ecoam vozes outras, ritmos desviantes e subjetividades em trânsito. Camila, ao inventar modos próprios de dizer e ao recusar parâmetros de validação tradicionalmente esperados, reconfigura os contornos da autoria e se inscreve em uma política de criação, que desloca, (re)inventa e intensifica na linguagem subjetiva.

É justamente nessa dimensão inventiva que a escrita de Camila Batista ressoa com minhas práticas de andarilha pelo universo da escrita, cujos rastros também se fazem notar nos desvios da norma, nos atravessamentos subjetivos e nas escolhas, que privilegiam o errante ao estável, o rascunho ao molde, o fragmento à totalidade. “surge nessa caminhada a cena da insegurança, comum, principalmente aos egressos da Escola Pública, em especial, porque sempre teve alguém desqualificando nossas escritas, mas como somos insistentes, seguimos em meio às inseguranças” (Mariano, 2025, p. 147). Colocamo-nos em trânsito, entre espaços, gêneros, tempos e vozes, compartilhamos a experiência menor

⁴⁹ Giard (1990[2012], p. 13).

⁵⁰ Trecho citado na 6ª carta/narrativa (2025, p. 151).



de escrever como forma de escavar a linguagem, de instaurar nela fissuras, que possibilitam dizer o indizível⁵¹.

Minha escrita, ao me deixar atravessar pelas vozes dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes que encontro, também assume um modo menor de existir no campo da pesquisa: um modo, que não busca representar ou totalizar, mas compor com os movimentos dos/das outros(as), em uma fabulação autoral. Nesse sentido, ambas as escritas, a de Camila e a minha (eu)andarilha, recusam os grandes relatos, as formas canônicas e as hierarquias do saber, afirmando-se como práticas de criação, que agenciam subjetividades em devir⁵², que resistem às disciplinas e constroem trilhas outras, muitas vezes invisibilizadas ao olhar institucional. É nesse entrelugar que se inscrevem as nossas criações/narrações/fabulações: táticas de escrita, que operam na emergência de outros modos de existir.

Essa possibilidade de uma escrita menor se anuncia desde muito cedo na trajetória de Camila Batista, quando a linguagem se revela, pela primeira vez, como epifania. Em uma de suas cartas, ela recorda que: “*Se não me falha a memória, eu estava no auge dos meus cinco anos quando consegui ler pela primeira vez. Lembro-me de pular com o livro em mãos, porque quando as letras viraram palavras e as palavras viraram frases me pareceu algo magnífico*” (2023, p. 40)⁵³. Essa lembrança não é apenas uma memória inaugural, mas um acontecimento, que desloca a linguagem de sua função disciplinar e a reinaugura como potência criadora.

Nessa explosão de sentido, ecoa também a minha experiência enquanto (eu)andarilha: “*Mesmo antes de aprender a ler e escrever, eu já vivia um processo de letramento, até as pedrinhas faziam parte daquele alforge, pois catávamos no quintal de casa para brincar de somar, dividir e, posteriormente, eu e muitos dos irmãos, ficávamos brincando para certificar quem já tinha aprendido a multiplicar*” (Mariano, 2024, p. 11). Um desejo de seguir escrevendo com o que pulsa, o que escapa, o que encontra abrigo nos desvios.

⁵¹ Cixous (1975[2019], p. 45) afirma que escrever é “abrir uma brecha no discurso, fazer jorrar o que estava retido, aprisionado”, revelando uma força vital que conecta linguagem e corpo. Essa perspectiva encontra eco na escrita de Camila e a minha de andarilha, ambas movidas por uma urgência de dizer o que transborda os contornos normativos da língua.

⁵² Barthes (1973, p. 57) nos fala da escrita como “campo de prazer”, onde a linguagem deixa de servir à transparência e se entrega ao jogo, ao desvio, ao excesso. De modo próximo, De Certeau (1990[2012], p. 191) propõe pensar a escrita como “tática de errância”.

⁵³ Trecho citado na carta 1 “Manias de inventar histórias na cidade do sol”, no ebook “Cartas/Narrativas” (2025, p. 22).



Tanto para Camila Batista quanto para mim, andarilhas em tenra idade, já se delineava um “agenciamento coletivo” entrelaçado ao “agenciamento maquinário” do livro, revelando o brilho resplandecente do acontecimento. Percursos caracterizados por um constante movimento, expressando-se em construções discursivas, que “estabelecem um contrato com o outro(a) - interlocutor(a) - numa rede de lugares e de relações” (De Certeau, 1990[2012], p. 40). Essa dinâmica se manifesta tanto nas falas quanto nas rasuras ambivalentes, permitindo a expressão de individualidades inseridas em uma teia de conexões, que ampliam o significado de cada trajetória até o curso de Licenciatura em Letras.

Por um lado, a jovem estudante Camila Batista transita do Ensino Médio para a Licenciatura em Letras - Português/Espanhol e suas literaturas - rompendo com mecanismos educacionais, que operam como disciplinadores. Ela mergulha em seus gostos pela leitura, que vão dos mangás japoneses até Beauvoir e desafia as expectativas projetadas sobre ela. Recusa os enquadramentos como o uso da saia longa, optando por calças jeans e não se deixando influenciar por discursos sexistas, racistas e misóginos. Pelo contrário, transforma suas práticas de escrita como microtecnologias de resistência, afirmando sua pluralidade, escolhendo tematizar, em seus textos, conflitos e fissuras, que tensionam os discursos reacionários e hegemônicos.

Por outro, (eu)andarilha, vinte anos antes do ingresso de Camila à formação docente, também percorri os corredores do mesmo campus, semelhantemente movida pelo desejo de manejar as práticas de leitura e de escrita. Se Camila se lança no enfrentamento de discursos normativos com sua escrita combativa, eu me inscrevo por entre fendas menos visíveis, compondo percursos em que a linguagem se experimenta como travessia, como escrita, que se desloca das formas convencionais para afirmar vozes dissonantes, produzindo brechas inventivas nas estruturas do saber e do dizer. Assim, em tempos distintos, mas por trilhas, que se tangenciam, nossas escritas se reconhecem como modos de existir e afirmam o poder fabulatório do texto.

Com esse resplendor, Camila Batista ingressa no curso de Licenciatura em Letras - Português/Espanhol e suas literaturas. Em 2020, é aprovada no ENEM, mas fica aguardando o retorno das aulas para começar sua graduação; durante esse período de isolamento causado pela Covid 19, envolve-se com o Lugar de Criação, dando continuidade às suas práticas de escrita iniciadas durante o Ensino Médio. Essa inserção no (PLC) não é apenas uma espera: já faz parte de movimento de travessia, uma continuidade de brechas inventadas pela escrita. O Lugar Criação surge com uma dobra,



um espaço de invenção de táticas onde a autoria se elabora à revelia da lógica estrutural do saber escolar. Naquele momento, vislumbravam-se experiências antes vistas como periféricas, que começavam a ganhar corpo, unidade e voz evidenciados na fabulação em resistência.

Essas maneiras de criar, de fazer com a escrita se constituem tais quais “as mil práticas pelas quais usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (De Certeau, 2012, p. 41). Essas inúmeras maneiras de fazer, estão relacionadas à capacidade de usar táticas criativas, articuladas às vivências presentes no cotidiano, permitindo que o sujeito realize algo considerado original. É no detalhe, esse fragmento, muitas vezes despercebido, que a escrita encontra sua potência de fabulação: são as margens, que dão corpo à invenção.

O meu constante movimento de andarilha inquieta reverbera em passadas insurgentes, fazendo com que, no início de 2020, duas situações marcaram o meu processo de criação literária. A primeira foi a criação de livro narrativo com traços biográficos de uma personagem construída com base na realidade, configurando na obra *Paisagens de si* (2020). Segundo, resolvi me juntar aos estudantes da Universidade de Pernambuco (UPE), onde, até então, sou professora assistente da Licenciatura em Letras e três autoras, entre elas, Camila Batista, para continuar essas práticas de escrita, que tive como resultado a obra *Conversa Afiada* (2019).

As andanças pelo Sertão reservam experiências gratificantes, sobretudo aquelas que escapam do planejado e se inscrevem no campo do inesperado. Nesse trajeto, (eu)andarilha me identifico nos diferentes linguajares, não apenas os meus, mas também os de nossa gente: pessoas, que inventam seus dizeres para melhor se comunicar. Essas vozes, mesmo fora de um padrão, usam a linguagem de forma criativa, desafiando a normatividade da língua formalizada por meio de uma inventividade artesanal⁵⁴. Tal perspectiva se aproxima da concepção de que a linguagem é um mapa, não um decalque⁵⁵, pois um espaço pode ser mapeado em múltiplas perspectivas, em contraposição à lógica da reprodução e da imitação.

⁵⁴ De Certeau ao destacar os modos cotidianos de criação, mesmo dentro de estruturas normativas. Cf. DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 45.

⁵⁵ “A linguagem é um mapa e não um decalque”, afirmam Deleuze e Guattari ao discutir os usos criativos e múltiplos da linguagem. Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 14.



Com o alforge a tiracolo, caminho pelas trilhas do universo das Letras, atenta aos silenciamentos e faltas que atravessam os sistemas de linguagem e soterram saberes enraizados no cotidiano e que maneja por um campo de um sistema linguístico. Um sistema, que define a efetivação da condição da linguagem e o uso dos elementos da língua. Assim, venho me constituindo em meio a uma gente, que se apropria de diferentes modos de fala, subverte escritas marginalizadas, frequentemente relegadas a rascunhos, que, raramente, ultrapassam os limites da sala de aula. Ao reconhecermos os processos das atividades mais simples, podemos observar que “desta atividade de formigas é mister descobrir os procedimentos” (De Certeau, 1990[2012], p. 40). Tal reflexão motiva a explorar trilhas onde o conhecimento acadêmico é enriquecido com as sabedorias do cotidiano.

Como sigo evocando as primeiras impressões desses encontros fundantes, trago à memória minhas primeiras aproximações com Lucas Coelho: aquele que, desde o início, ousou enfrentar com firmeza as faltas evidenciadas em sua formação básica. Como destacado por Nogueira⁵⁶ (2023, p.11): “aconselhei, orientei... Pensei pequeno”. No início, era quase anônimo entre colegas e professores, mas suas criações sobressaíam como desvio de uso⁵⁷. Ele pensou mais alto que a professora Nogueira. Sua travessia como estudante/escritor/docente atravessa minha própria andança de andarilha/docente, fazendo de cada encontro um acontecimento. Inicialmente anônimo para colegas e professores(as), suas criações escapam das formas esperadas. Assim como os demais escritores(as) deste grupo, ele percorre caminhos sinuosos, insistindo em uma escrita, que fabula, e buscando, ao final da graduação, um trabalho, que enrede como modos de existir e dizer.

Assim, sigo costurando essa conjugação de traçados de escrita, atravessada por vivências cotidianas que, entrelaçadas aos textos, instauram uma “abertura ao possível rizomático” (Deleuze; Guattari, 1996[2012], p. 67). É nesse movimento que outras perspectivas vão se insinuando a cada passo nas linhas tortuosas da investigação. As narrativas, que recolhemos das fabulações, não são solitárias; acolhem as vozes múltiplas de estudantes/escritores(as)/docentes, como nos diálogos que mantenho com Vítor Castro. Ele, em consonância com Saussure (CLG, 1916[2012]), enfatiza que, desde o nascimento, estamos imersos em um campo cultural denso, onde o dizer é atravessado

⁵⁶ Sua professora do Ensino Fundamental, posteriormente docente de Lucas Coelho no curso de Letras, participante do PLC e prefaciador do livro de Lucas intitulado Presságio de um Escritor.

⁵⁷ (Giard, 1990[2012]).



por tradições, tensões e pertencimentos. São essas camadas, do popular ao erudito, do periférico ao canônico, que esses sujeitos se inscrevem na tessitura de sua escrita e ecoam nas cartografias, que vamos criando.

Por entre esses enredos, que se insinuam nas frestas do vivido, observo que cada escrita é, também, uma possível audiência: escuta de si, do outro, das narrativas que nos atravessam. Sigo atenta aos rastros deixados por aqueles(as), que se lançam ao desafio de fabular com suas próprias vivências. Esse processo leva o escritor a “propor uma possível maneira de enxergar o mundo, como contar um segredo para um amigo desde o mais profundo do nosso ser” (Lopez, 2023, p. 14). É o caso de Vítor Castro, cuja escrita tenciona fronteiras entre memória e arte, fazendo eclodir uma maquinaria desejante, que se alimenta de afetos, inquietações e pertencimentos. Suas palavras se debruçam sobre o cotidiano como quem sussurra um segredo ao mundo, na esperança de que alguém, em algum lugar, também o reconheça.

É nesse vaivém entre lembranças e criação que as histórias emergem na escrita, como vestígios, que insistem em permanecer, reinventando a própria ideia de narrar: um “véu entre memória e arte” (Vítor Castro, 2023, p. 17). Um véu, que se rasga ao caminhar com esses(as) estudantes/escritores(as)/docentes em formação, pois é compreensível observar que o que está em jogo não é apenas o ato de contar histórias, mas, sobretudo, instaurar realidades possíveis.

Esses sujeitos com quem compartilho esta investigação têm suas origens atravessadas pelo Sertão. Assim como eu, que, com os pés fincados no solo do Semiárido do Nordeste, sigo lado a lado com eles, a exemplo de Vítor Castro, abrindo fissuras, que nos conduzem por trilhas de histórias envolventes, prontas para ganhar vida nos rabiscos de narrativas, que resistem à passagem do tempo. Isso reverbera em uma escuta sensível, que transborda para a folha de papel ou para a tela em branco, ganhando forma ao som dos dedos no teclado, com potência para sobrevoar outros espaços, alimentando diversas narrativas.

Essas conexões intrincadas, que experimentamos, são tecidas por uma maquinaria, que agencia o cotidiano de invenção, repleto de “mil maneiras de caça não autorizada” (De Certeau, 1990[2012], p. 38). No tecido marcado pelas vivências, cada palavra, gesto ou fragmento de história se entrelaçam em um emaranhado de significados e possibilidades, mantendo o fluxo criativo em constante movimento. Se é navegando que se produz a rota, também é caminhando que construímos e nos apropriamos das trilhas de um(a) andarilho(a) singular. Nesse transitar, podemos construir espaços de resistência,



criatividade e experimentação nas relações de poder, que operam em escalas menores no cotidiano. E mesmo, nesse movimento de fabular, ainda podemos ouvir o murmúrio de uma sociedade neoliberal questionando fabulações como essas.

Somos heroínas e heróis ordinários que, mesmo silenciados(as), resplandecem nas cenas sociais, entre “uma multidão de heróis que perdem nomes e rostos”, significando apenas “rios cifrados da rua” (De Certeau, 1990[2012], p. 55-56). Vozes anônimas, mas que se conectam a tantas outras, pois “dois já somos muitos” e “cada um reconhecerá os seus” (Deleuze; Guattari, 1980[2011], p. 17). Essa multiplicidade de vozes entrelaçadas no tecido social é que nos move: uma escrita do cotidiano, onde cada pessoa pode se constituir tanto protagonista quanto coadjuvante de uma narrativa coletiva. Nessa perspectiva, as trilhas dessas andanças se vinculam ao desejo de ecoar vozes aos murmúrios silenciados, muitas vezes, excluídos das práticas de escrita convencionais. E nessas trilhas, sigo andarilhando ao lado de heróis e heroínas comuns, enfrentando o desafio de expressar esse desejo de narrar as experiências com as práticas de escrita.

Não faltam oportunidades para apreciar diálogos afiados, traço característico da habilidade de Miguel Segundo, tanto em seus versos quanto nas rasuras de suas prosas, peculiaridades, que ecoam as fabulações comuns entre os(as) sertanejos(as). Uma rápida incursão nas referências bibliográficas revela que, ainda, há poucos registros, que evidenciem esses modos particulares de narrar as vivências do(a) sertanejo(a) por meio da escrita. Ao reconhecer e valorizar essas vozes, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes ampliam sua compreensão do contexto em que atuam e, assim, “escrevem por esse povo” (Deleuze, 2011, p. 16), fortalecendo laços possíveis, tecendo afetos, escutando o que murmura nos arredores.

Nas idas e vindas dessas trilhas percorridas, o “corpo sem órgão” de um alforge vai, gradativamente, constituindo-se em um emaranhado de linhas, caminhadas e paragens, até culminar em um encontro significativo com Guilherme Resende. Em novembro de 2019, durante uma roda de conversa com a turma do segundo período de Letras, que se reunia em um momento singular. Naquela ocasião, inaugurou-se o início de uma caminhada promissora nas letras: com suas fabulações. *“Uma jornada de autodescoberta, uma exploração corajosa dos cantos escuros e das estrelas brilhantes que habitam dentro de mim. É um ato de amor próprio, uma celebração da beleza de ser humano, imperfeito e completo ao mesmo tempo”* (Guilherme Resende, 2023, p. 18). Contudo, a densidade e importância daquele encontro só se revelariam mais tarde, de



forma gradual, como quem encontra sentido nos interstícios. Essa jornada convida ao mergulhar nas subjetividades que desabrochariam nos versos da alma.

Com essas narrativas enraizadas na experiência e na cultura sertaneja, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes em formação podem criar espaços de aprendizado implicados, capazes de enriquecer suas práticas e deslocar modos de ver e escrever o mundo. Nesse contexto, o conceito de “corpo sem órgão” se incorpora ao alforge como um processo de desorganização e reorganização, que se manifesta na teatralidade dos encontros entre o eu e o outro, entre o vivido e o fabulado.

Assim, o alforge, esse lugar-movente de guardados(as), esquecidos e, ao mesmo tempo, em travessia, carrega palavras rasuradas, que se agregam as marcas do percurso: vozes, que ecoam dos sertões, nos traços de quem escreve a vida com os pés no chão batido e os olhos voltados para o horizonte. Nele, tudo se mistura: a formação e a partilha, o silêncio e o ecoar, a escuta e a escrita. E é com ele e através dele que seguimos, atravessando os caminhos possíveis da escrita e da experiência.

2.2.2 Das origens que se entrelaçam

Prezado(a) caminhante, não sei se é do seu conhecimento, mas o sertanejo(a)⁵⁸ é, em boa parte, aquele que adentra a caatinga desbravando o desconhecido e, mesmo com apenas indícios de um rastro, não desiste da labuta. É a pessoa ribeirinha, que vive às margens do Velho Chico, ou aquela, que passa a semana nos centros urbanos e, nos finais de semanas, desloca-se até uma ponta de serra em busca do descanso merecido. É assim, que vou me constituindo como essa andarilha, que se apoia na tática, entendida como a arte do fraco⁵⁹, valendo-se de astúcias para se fortalecer na caminhada: seja em um simples carreiro, em uma longa viagem por estrada de chão batido, ou em um voo aéreo, vivendo experiências, que, mais tarde, se tornam fabulações escritas por estrangeiros do seu próprio lugar.

É nesse contexto de deslocamento que sigo encontrando sentido, que nós: seis forasteiros perambulamos sem cerimônia pelas ruas da acolhedora Petrolina, uma cidade fincada no coração do Sertão Pernambucano, às margens do Velho Chico, onde, há mais de cinquenta anos, o Curso de Licenciatura em Letras da UPE se consolidou. Um cenário

⁵⁸ Refere-se a quem é originário(a) do Sertão nordestino.

⁵⁹ De Certeau entende a tática como "a arte do fraco", *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990 [2012]).



fecundo, no qual o visível e o porvir se entrelaçam, especialmente quando se trata das narrativas de uma juventude estudantil em constante travessia.

É nesse movimento orgânico, feito de encontros, brechas e espantos, que as diversas cenas de nossas origens se tocam, às vezes, em silêncio, outras vezes em explosões de linguagem. Vale destacar que não há uma origem pura: há traços, marcas e rastros. A desconstrução⁶⁰ se revela nas dobras da origem, em que as diferenças se inscrevem e os sentidos se multiplicam. Esses espaços em que transitamos e narramos são, para mim, zonas de diferenciação, nas quais um conceito, ou melhor, uma metáfora em movimento, se constrói para tensionar o cotidiano. É nesse entremeio, entre o vivido e o fabulado, que continuo andarilhando, carregando no alforge palavras, perguntas e anseios de reinventar o mundo pelas palavras.

Ao seguir por essa trilha, recorro as palavras de Sacristán (2011, p. 66), que me atravessam como quem sussurra: “o ensino como uma prática social”. Essa prática pulsa nas maneiras como professores(as) e estudantes se implicam na cultura e nos contextos sociais aos quais pertencem, ao mesmo tempo, deslocam-se, unindo-se na potência, que habita em cada um, para que eles possam fazer florescer o inesperado. Um desses encontros aconteceu com Vítor Castro, e ali, algo em mim também se deslocou.

Em sua primeira carta/narrativa⁶¹ (2025, p. 36), Vítor Castro afirma ser um típico caso de filhos de pais dos anos 80/90 do século XX, que deixavam seu local de origem em busca de melhores condições de vida. Nesse movimento de travessia, muitos de nossos conterrâneos foram e, ainda, são deslocados de seus lugares, condenados à própria sorte na busca por sobrevivência em regiões consideradas mais prósperas.

Seus pais se mudaram da cidade ribeirinha de Casa Nova/BA para se estabelecerem em Petrolina/PE, também às margens do rio Opará⁶², antes de partirem em busca de possibilidades de uma vida mais próspera. Sem esperarem o “último pau de arara”, como canta Gonzaga (1952), foram até São Paulo: estrangeiros em um mesmo país, falando a mesma língua, mas com diferentes variedades linguísticas, muitas vezes, rejeitadas pelo preconceito de uma língua falada com outros *modus operandis*.

Embora muitos saibam que têm para onde voltar, pois “o território social permite e possibilita o reconhecimento, a construção do sujeito, a percepção do ‘eu’” (Gallo, 2019, p. 110), nem todos conseguem realizar esse movimento ‘migratório/diaspórico’. A

⁶⁰ Derrida (1967[2011]).

⁶¹ Vítor Castro. *Carta 1: Os bodes não me respeitavam!*. Petrolina/PE, 29 de outubro de 2022.

⁶² Nome de origem indígena.



família de Vítor teve a oportunidade de retornar à região do Vale do São Francisco. Com essa desterritorialização, ele vem se configurando nas narrativas de suas andanças. O mesmo foi apresentado ao mundo pelas veredas sudestinas.

Aos cinco anos, sua família retorna a Petrolina e passa a conciliar sua estada entre os dois territórios genuinamente sertanejos. Como Vítor Castro narra: “*Mas como venho me constituindo? Minha ironia, minha língua afiada, até meu coração mole (não sempre), vem do interior do meu interior, Casa Nova/BA*” (2025, p.36). Colocar-me como andarilha dessas narrativas é deixar ecoar uma espécie de ressonância com a minha própria travessia. Essas narrativas revelam a tessitura de um sujeito, que habita entre margens, entre territórios. A cidade de Casa Nova de Vítor é o conceito/metáfora de quem insiste em brotar em diferentes pedaços de chão sob o brilho do mesmo sol.

Nesse entremeio de Petrolina e Casa Nova, sua escrita vai se moldando com as pedras do caminho, com a fala atravessada do povo, com as astúcias do(a) sertanejo(a), que, mesmo quando silenciado, responde com riso, verso ou rasura. Assim como eu, ele também parece andarilhar por um alforge que carrega não só os rastros de suas memórias, mas as pequenas insubmissões que o autorizam a fabular sobre si, sobre o mundo, sobre o Sertão e suas dobras.

E são nessas dobras que suas narrativas se tornam matéria de aprendizagem, que se dá no encontro, no imprevisto, no “não sempre” do coração mole. Ao partilhar essas experiências, Vítor também constrói caminhos possíveis para outros(as) estudantes/escritores(as)/docentes, que, como ele, como eu, tateiam sentidos em meio à poeira e à esperança, porque, de certo modo, escrever é como domar os rebanhos teimosos, exige coragem, escuta e, sobretudo, o riso de quem sabe que não será respeitado de imediato, mas insiste mesmo assim.

Os encontros vivenciados são recheados de coincidências, que se revelam quando me deixo atravessar pelas vivências de outras pessoas, tendo como paisagem o Sertão Médio São Francisco, conhecido por muitos como o Vale do São Francisco. Contudo, como bem sei, no Sertão, nem tudo é ribeira; às vezes, é necessário tangenciar pelos mulungus: árvores típicas da Caatinga, especialmente no Sertão baiano. O Mulungu caatingueiro, para nós dessa região, sempre foi um símbolo de resistência. Uma característica peculiar do nosso bioma, que reflete na força da gente, que habita esse bioma e que insiste, mesmo diante de períodos longos de secas, das cercas e das faltas. Isso pode significar “como inventar novas máscaras para sobrevivermos às sobrecondições despóticas” (Santos, 2015, p. 16). Essa resistência é visível nas práticas



de escrita - criação/narração/fabulação - de muitos de nós, que sempre “foram despejados linguística, cultural e territorialmente” (p. 17).

Figura 20 Imagem ilustrativa do Mulungu



Fonte: Embrapa. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/83488052/pesquisas-buscam-conhecer-e-preservar-as-arvores-nativas-da-caatinga>. Acesso em 18 de junho de 2025.

Seguindo as costuras e descosturas do tecido do alforge, evidenciamos que tanto a fazenda Mulungu, às margens do rio São Francisco, quanto o sítio Cajueiro, meu alto da colina, são bases, que nos constituem. O sítio Cajueiro é uma comunidade localizada no alto Sertão baiano e resistente à escassez de água; ambos estão enraizados em uma cena social semelhante. A fazenda Mulungu faz parte da comunidade de Pau a Pique; o Sítio Cajueiro, pertence à comunidade de Santa Rita.

Lugar pedregoso: de nascença
Lugar de poucos acontecimentos: de origem
Lugar de conversas nas calçadas: memória inebriante
Lugar de feira livre no povoado: domingo e feriado
Lugar despovoado: gente no mundo afora (Mariano, 2025, p. 17).

Mesmo diante de tantos despejos, esses territórios são mais do que geográficos; são também culturais, pulsando histórias de solidariedade, pertencimento e trabalho árduo. É um cotidiano que “se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (De Certeau, 1990[2012], p. 38). E é nessa invenção diária, que também vou escrevendo, entre poeira, rastro e resistência, que esses lugares nos ensinaram a carregar.



Esses traços narrativos se assemelham às histórias contadas ao final de tarde, entrelaçadas com o calor da terra e a valorização das culturas dos povos originários, como na arquitetura do 'pau a pique'. Técnica, utilizada até meados do século passado, é resultado da habilidade artesanal de indígenas e africanos, estes últimos trazidos para cá pela dolorosa realidade do comércio escravagista. Assim, surgiu o povoado de Pau a Pique, onde as casas, erguidas com barro e madeira, refletiam a simplicidade de um povo ordeiro e trabalhador, que ora descansava à sombra de um mulungu, ora dentro de uma construção de pau a pique, ora saboreando o fruto de um cajueiro.

Figura 21 Imagem ilustrativa de uma casa de pau a pique



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

A construção do pau a pique remonta a uma tradição de erguer paredes com madeiras entrelaçadas, fixadas sobre uma base de argila cuidadosamente preparada, garantindo solidez e resistência com materiais simples. Trata-se de uma prática, que nasce da bricolagem⁶³, da artesanaria do povo do Sertão nordestino. Hoje, o 'pau a pique' sobrevive, sobretudo, no nome do povoado, pois a maioria das casas foi substituída por

⁶³ De Certeau na Obra “A invenção do cotidiano” (1990 [2012]).



construções de alvenaria. Ainda assim, o simbolismo dessa arquitetura permanece vivo, como conceito/metáfora potente de uma escrita, que também se ergue com o que se tem à mão: palavras, traços do vivido, narrativas, compondo o ato do cuidar, da permanência e da (re)existência.

Nesse cruzamento, identificamos uma tapeçaria vibrante entre o urbano e o campo, mediada por uma coletividade. A origem de Vítor Castro e a minha, andarilha que venho me constituindo, reflete a trajetória de muitas famílias da região sertaneja. Até meados dos anos 1980, mesmo com o êxodo rural, muitos nasciam, cresciam e, quando não eram despejados ou desterritorializados, também ali morriam. Foi nesse contexto que vim ao mundo, assistida pelas mãos sábias de uma parteira, experiente na arte de acolher vidas em meio às adversidades do Sertão. Cada fio desta tapeçaria é costurado com histórias de resistência, deslocamento e pertencimentos que, de um modo ou de outro, nos atravessam.

Figura 22 Casa ilustração presente livro *Paisagens de si* (2020)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Foi nesse contexto sociocultural que vivi até os dez anos, mais precisamente no Sítio Cajueiro, em Casa Nova, no interior da Bahia. Saí do campo como tantas outras meninas sertanejas, carregando, no alforge, o desejo de uma vida diferente, em lugar onde houvesse luz elétrica, água encanada e silêncio quebrado apenas pelo assobio do vento ou pelo cantar os pássaros. Naquele tempo, essas eram promessas distantes, que só começaram a se realizar para a minha comunidade no início da segunda década do século



XXI. Ainda hoje, muita coisa continua sendo conduzida pela fé: orações, rezas, novenas, que sempre vêm configuradas de pedidos para que a chuva caia suavemente, molhe a terra e encha os açudes e cisternas para, mais uma vez, replantar a esperança.

Nessa transição de escolaridade, da quarta para a quinta série do primeiro grau - atual Ensino Fundamental anos iniciais - que meus pais decidiram que eu deveria seguir os estudos em Petrolina. O deslocamento do campo para a cidade exigiu de mim muito mais do que uma mudança de endereço; precisei aprender a habitar uma nova variação da linguagem, novos hábitos, outras formas de convivência. Ao mesmo tempo que tudo era novidade para uma criança sedenta pela curiosidade, também era como se cada palavra dita e cada gesto observado exigissem uma tradução interior. É um desterritorializar, que se constitui em um desmanchar modos antigos de pensar para se territorializar em diferentes pensamentos, abrir espaços para outras formas de existir. Assim, fui me refazendo, entre desapareços e reinvenções, em meio às muitas narrativas sertanejas que me atravessam inscritas em arquivos vivos que “anunciam vozes que dizem de si e do outro” (Freire, 2022, p. 216).

As narrativas de experiência imbricadas nesta escrita, à semelhança das casas de pau a pique, têm como matéria prima a artesanaria de uma escrita/bricolagem, que sustenta narrativas à margem dos modelos normativos. Talvez seja possível falar aqui de uma epistemologia do chão⁶⁴: saberes que brotam da terra batida, do barro que mancha as mãos, da audiência ao entorno. Escrever, nesse contexto, é também afirmar modos de viver e de narrar, que desafiam as ausências e celebram as presenças, como quem molda, com o barro do vivido, um abrigo contra o esquecimento.

Nas trocas de cartas, Vítor Castro me faz companhia. Ele, esse pernambucano, nascido em São Paulo e filho de pais baianos, caminha entre fronteiras sem nunca perder de vista o chão onde pisa. Narrou-me do apoio fundamental de “*um conjunto de pessoas que eram ao mesmo tempo embativas e carinhosas*”⁶⁵ (2025, p. 39). Talvez seja isso que o torne capaz de sustentar uma escrita combativa, mas também afetuosa. O que leio em suas palavras é uma força, que subverte vozes, reorganiza silêncios e mobiliza presença. Fabulação orgânica, diria eu. Emergência criadora, que vai se dando entre sabores, saberes e paisagens, como quem pinta mundos inteiros numa tela ainda em branco.

⁶⁴ Epistemologia do chão: conhecimento tecido com os saberes do território, por meio de práticas inventivas e situadas, com o pau a pique - prática artesanal de (re)existência que resiste às normatividades. Inspira-se na bricolagem fabricada cotidianamente (De Certeau, 1990) e nos saberes menores (Deleuze; Guattari, 1977).

⁶⁵ Vítor Castro. *Carta 1 “Os bodes não me respeitavam!”*. Petrolina/PE, 29 de outubro de 2022.



Esses aspectos também podem ser aplicados a Lucas Coelho, típico filho de sertanejos, que deixaram suas terras em busca de melhores condições econômicas e sociais no Sudeste, especialmente em São Paulo. Como expressa Caetano Veloso em sua canção (1978): “E quem vem de outro sonho feliz de cidade / Aprende depressa a chamar-te de realidade”. Assim, a experiência de Lucas Coelho ecoa a luta e a adaptação de tantos outros, que partiram em busca de outras oportunidades, ao mesmo tempo em que mantêm consigo as raízes culturais e memórias de suas origens.

É também com essa urgência que se entrelaçam as trajetórias de Lucas Coelho e Vítor Castro: um chega a Petrolina com cinco anos de idade, e o outro, aos dez, devido à necessidade do retorno de suas famílias ao ‘torrão’ natal. Lucas Coelho, em sua primeira carta/narrativa, afirma que, apesar de ser paulista de nascimento, se identifica com suas raízes nordestinas, pois, caso negasse essa identidade sertaneja, sentiria que estaria incompleto.

Assim, ele vem se constituindo como um nordestino de nascença sudestina. Em 1996, seus pais, ambos piauienses, se casaram. O pai já morava em São Paulo em busca de melhores condições de vida, e foi lá que também viveram suas primeiras experiências como casal, inclusive gestando seus filhos. Essa realidade ecoa as discussões de Maldonado-Torres (2018[2020], p. 44), de como “os condenados não podiam assumir a posição de produtores do conhecimento, e a eles é dito que não possuem objetividade”.

Foi mais um encontro significativo para mim, andarilha, que cheguei a Petrolina com mesma idade que Lucas Coelho. Ao contrário da efervescente cidade de São Paulo, minha trajetória começou em um lugar quase inabitado, onde a vida era marcada pela simplicidade e pela conexão com a terra. Sair da roça para viver na cidade, embora tenha um ato de esperança, também há o da violência, mesmo que sutil, aquela que nasce da falta. Falta de políticas públicas, de oportunidades para seguir os estudos, de dignidade com as famílias que lutam para sobreviver da agricultura familiar, mesmo sem o mínimo investimento para regar o plantio. Assim, como eu, tantos outros viveram e vivem essa transição; para mim, mesmo com as faltas, foi fundamental na minha formação plural e no modo como aprendi a dar significados aos diversos, inclusive às ausências.

Dito isso, eu e Lucas Coelho nos conhecemos no universo das Letras, durante o primeiro ano de sua licenciatura. Eu, uma professora responsável pela disciplina de Leitura e Produção Textual, ele, um graduando vivenciando o seu primeiro ano na Licenciatura na tentativa de se enveredar pela Gramática Normativa. Ainda sem saber que sua escrita habitava os campos da criatividade metafórica, do sensível e insurgente.



Nosso encontro não foi apenas em sala, mas também nos rastros que cada um já carregava em sua caminhada. Ele, nascido em São Paulo, chega aos dez anos, tempo suficiente para criar lembranças afetivas da casa dos avós no Sertão piauiense; eu, filha do Sertão baiano, trazia a poeira ainda presa nas roupas e os hábitos de uma vida simples de chupar umbu no pé e subir nas copas das mangueiras. Éramos, cada qual a seu modo, sujeitos entre territórios: ele voltava ao solo sertanejo em busca de melhores condições de vida. Mesmo morando em Petrolina, “vou à roça a passeio, passar alguns dias. Amo o ambiente, a paz que transmite⁶⁶”, (Lucas Coelho, 2025, p. 30). Sempre nos encontramos “numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades” (Nóvoa, 2008, p. 29).

Lucas chegou à universidade com um desejo: compreender e dominar a estrutura da língua. Mas, aos poucos, entre textos, rodas de conversas e práticas de escrita diversas, foi percebendo que sua linguagem mais potente não morava apenas na rigidez das regras, mas também nas brechas do vivido. A escrita dele nasceu quando ele ousou a se arriscar. Em muitos sentidos, vi em Lucas o espelho de minhas próprias rupturas: um atravessamento cultural, deslocamento subjetivo, reterritorialização.

Talvez, carregamos, eu e ele, a memória do que falta, de uma prática de escrita que fizesse sentido durante nossa escolarização, mas também a presença do que resiste: os saberes herdados, a oralidade, o afeto como base do conhecimento. Lucas me ensinou que a escrita, quando se enraíza na experiência vivida, é também um modo de (re)existir, de cuidar do que somos, de lembrar o que não pode ser apagado. Nesse sentido, nossas fabulações, assim como as casas de pau a pique do povoado de Pau a Pique, não são monumentais: é resistência cotidiana, feita de agenciamentos, enredamentos e criação.

Apesar dos desafios dessa jornada, navegamos como verdadeiros artesãos, capazes de tecer mundos inteiros com fios, que configuram em um devir revolucionário. As andanças assemelhando-se aos fios de Ariadne, revelando perspectivas distintas a cada curva do caminho, enquanto exploramos os labirintos da experiência humana. Assim, estudantes/escritores(as)/docentes nos constituímos continuamente, transformando nossas memórias em narrativas e fabulações, numa escrita literária, que surge “diante do impossível do real” (Tfouni, 2021, p. 7), conectando histórias, que fortalecem laços e alimentam a criatividade.

Neste círculo de colaboradores, destaco a figura de Camila Batista, natural da ensolarada cidade baiana de Juazeiro, que contempla o floreio dos raios do sol sobre as

⁶⁶ Trecho da carta/narrativa: Sudestino que se constitui nordestino, Petrolina/PE, 15 de outubro de 2022. Lucas Coelho.



águas sinuosas do Velho Chico. Sua trajetória tem origem nas trilhas traçadas por uma manhã outonal, em que o rio se manifesta como um milagre da vida. Assim, ela se constitui como uma amante das palavras, um “imperativo categórico para todo jovem escritor” (Calvino, 1990[2002], p. 17). Sua presença no grupo se consolida como uma fonte criativa na arte de escrever.

Em uma realidade em que “o reino do humano me parece condenado ao peso” (Idem, p. 21), a conexão com a beleza e a exuberância do rio Opará traz vivacidade para a vida caótica imposta pelo automatismo. Sua escrita flui como um rio correndo livremente, “elevando a sua enésima potência” (Santos, 2020, p. 29), sempre em busca de diferentes caminhos e revelando-se em outras paisagens, transformando “metáforas em conceitos, conceitos em metáforas e criando, com esse movimento epistemológico, mapas, cartografias...”, assim como o abraço raro que retoma a criação nas “práxis e corpo performático do artista forte” (Idem, p. 25). A habilidade que Camila Batista esboça por meio de sua arte literária é capaz de capturar o indescritível, que, normalmente, escapa das limitações da linguagem convencional, abrindo fendas em um processo de reavaliação.

Camila Batista foi uma das estudantes secundaristas com a qual eu tive o prazer de trabalhar no Ensino Médio, configurando-se como um acontecimento notável. Assim como seu abraço raro, refletindo a natureza fluida da “pulverização da realidade” (Calvino, 1990[2002], p. 23), “que podemos dizer que carrega uma força especial” (Idem, p. 49). Ela acreditava que a Licenciatura em Letras seria um curso chato “até que a senhora me mostrou outra realidade” (Camila Batista, 2025, p. 24). De fato, não me lembro de um momento exato, mas creio que foi um conjunto de práticas que a levaram a ter interesse pelas Letras. Da mesma forma, sua escrita, frequentemente, seguia o limiar de rascunhar, apagar e, finalmente, evidenciar as rasuras em uma folha de uma tela em branco. Nesse entrelaçar de ideias, abraços e memórias, ela se envolve cada vez mais com suas narrativas, explorando temas como a questão das mulheres em nossa sociedade.

Nesse processo, ela se descobre e redescobre a cada dia e em cada experiência vivida, tanto nas palavras inventadas pela humanidade ao longo das civilizações quanto nas suas próprias invenções com o mundo das letras. Faz disso uma proposição para afirmar que “é preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e que a capacidade da palavra [...] seja significativa” (Cosson, 2006, p. 97). Essas escritas operam fronteiras nas práticas sociais experienciadas pelos sujeitos, que nomeiam, significam e fazem leituras e desleituras. Como exemplificado por Camila Batista: “*não poderia deixar de me*



expressar através do uso das palavras escritas, pois elas estão repletas de marcas que imprimem a cada produção” (2019, p. 42).

Essas narrativas ultrapassam o âmbito das histórias individuais, entrelaçando-se em pontos de encontro, que agenciam uma multiplicidade de experiências. Elas carregam a força de “uma gente reunida que escreve com a força da raiz que está fincada nas paisagens, rios, riachos, lagoas” (Saraiva, 2020, p. 15), revelando uma pluralidade que emerge de diferentes contextos. Assim como Camila Batista, Miguel Segundo e Guilherme Resende trilham diferentes veredas; suas narrativas estão imersas em um solo daqueles, que não se esqueceram de suas origens. Embora alguns de suas famílias tenham migrado do Sertão nordestino em busca de outras possibilidades de vida, as raízes permanecem entrelaçadas, nutrindo suas diversidades e alimentando suas narrativas com a tapeçaria de suas heranças.

Cada um desses colaboradores carrega consigo narrativas marcadas por vivências distintas de suas origens, revelando-se nas experiências de uma coletividade. Miguel Segundo, por exemplo, traz, em suas cartas/narrativas, a beleza de suas raízes fincadas no município de Ibimirim, Pernambuco. Filho do Sertão, cresceu às margens do rio Moxotó, um cenário que guarda com saudade as memórias de sua infância. Ele revela não apenas sua conexão com a terra natal, mas também a influência marcante que o ambiente rural teve em sua formação e visão de mundo. Miguel Segundo recorda que vivia cercado por diversos animais: “*bois, galinhas, porcos... até os mais selvagens: cobras, sapos, raposas... os quais eu ainda conservo um certo medo.*”

Quando questionado sobre o nome *Willk*, ele menciona que sua mãe o viu em um filme. Já o curioso *Segundo* não é apenas um sobrenome, mas uma assinatura; a escrita e a palavra falada não são, simplesmente, representações de um significado fixo. Como contribui Derrida (1967[1973, p. 8]), “não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas significantes, que constitui a linguagem”, pois são formas, que expressam múltiplas interpretações, deslocando-se de acordo com diferentes contextos e formando uma rede de possibilidades no arbitrário do signo.

Assim, se tudo na humanidade passa pela língua, os sentidos insurgem-se nos seres de linguagem. O significante “*Segundo*” indica que a intenção do autor desse sobrenome não deve ser a única, uma vez que pode haver outras possibilidades de significação em diversos contextos. Nesse sentido, todos temos a capacidade de nomear, inventar palavras e criar significados em diversas formas textuais, imersos no “reconhecimento e valorização da descoberta do signo e sua arbitrariedade, a língua como



fenômeno social” (Santos, 2015, p. 134). É evidente que alguns nomeiam mais que outros, e os significados se materializam em palavras, enunciados e textos.

Assim, Miguel Segundo narra:

Naza, há uma curiosidade sobre meu nome/sobrenome. Meu nome, embora tenha um significado interessante, não tem nenhuma grandiosa história sobre como ele foi escolhido. No dia que indaguei minha mãe sobre de onde ela tirou o nome “Willk” ela me disse que havia visto em um filme. Agora, o curioso “Segundo”, é o sobrenome que toda a parte paterna da família carrega. Dessa forma, eu busco acreditar que essas marcas de identidade que eu possuo, surgiram mesmo de momentos que vivenciei⁶⁷ (2025, p. 34).

O significante *Segundo* merece destaque, pois, no registro de nascimento de Miguel, identifica a família paterna à qual pertence. Se ele tivesse um irmão mais velho, o significado poderia adquirir outros contornos. As palavras têm significados arbitrários, e os textos são organizados em estilos diversos, influenciados por múltiplos pontos de vista, já que “o ponto de vista cria o objeto” (CLG, 1916). Assim como há pessoas criando palavras com sentidos fixos, há muitas outras, que quebram significados nos diversos signos e domínios do conhecimento, gerando diferentes narrativas e fabulações.

Fiquei pensando que nossos nomes também carregam em si práticas de resistência, improviso e afetividade. Nomes são como textos, que nos atravessam - e às vezes, nos desenham. Enquanto lia as narrativas de experiência de Miguel, fui sendo levada às memórias, que compartilhei com minha mãe, no sofá da casa ou ao lado do fogão a lenha. Uma delas era sobre o meu nome. E posso adiantar: ele tinha tudo para ser *Vanusa*. Já imaginou os(as) estudantes me chamando de professora Vanusa? Nada a ver! Meu pai tinha esse desejo, mas fui salva por minha mãe, que queria que eu fosse *Nazaré* - com acento no “é” e sem o *Maria*, provavelmente, porque já havia muitas ‘Marias’ na família. Então, meu irmão mais velho sugeriu que colocasse Nazaré com “th”, o que soaria mais pomposo: *Nazareth*. No entanto, “o escrivão do cartório talvez não tenha acertado a nomenclatura, e meu nome acabou ficando *Nazarete*, com “te”. Hoje, faço questão dessa última sílaba” (Mariano, 2025, p. 19-20).

Nosso diálogo em torno dos nomes mostra como a escrita também pode ser um *pau a pique* de significantes, feita de barro, madeira e memória, com improviso e estrutura. Como Miguel, sigo acreditando que essas marcas de subjetividade, que carrego, foram se formando nas dobras do vivido. É entre a escolha da mãe, o erro do escrivão e a insistência do meu irmão, que meu nome se faz re(existência).

⁶⁷ Trecho da carta 1: *Nossa casa amarela*, Petrolina/PE, 18 de outubro de 2022. Miguel Segundo.



Esses sentidos se transformam para se encaixarem nas andanças diárias. São “textos regados pelas lembranças dos ombros, colos, limites e forças de gente que cuida de gente” (Saraiva, 2020, p. 15), palavras que refletem encontros: palavras e sujeitos são indissociáveis. Elas não são apenas signos de origem latina, mas também rompem as fronteiras do sentido inicial, alcançando outras possibilidades de interpretações. O ato de nomear é uma expressão significativa da humanidade como seres que performatizam com a linguagem. Como pontuam Deleuze e Guattari (1995[2012], p. 15), é na linguagem que encontramos “o destaque da esfera do performático.” O objeto da palavra transita por sentidos diversos, adaptando-se a diferentes perspectivas e permitindo que estudantes/escritores(as)/docentes vejam suas experiências sob diferentes ângulos.

É com esse sentido de deslocamento que os(as) andarilhos(as) carregam seus alforjes para continuarem a caminhada, encontrando-se e se unindo a muitos outros em suas peregrinações. Nesse contexto, encontramos a narrativa de Miguel Segundo quando ele recorda sua infância no campo, uma época repleta de memórias acesas. Ele revela a paridade com a minha narrativa de andarilha, pois, apesar das limitações, a hora do almoço era um momento de alegria, especialmente quando todos se reuniam em torno da mesa.

Nesse universo de ‘palavreados’, as experiências presentes nas cartas/narrativas não podem faltar, pois “o mais importante [...] é o delineamento da força e da contraforça deste movimento subjetivo” (Moreira, 2020, p. 157). Essas narrativas, muitas vezes, distanciam-se da norma-padrão da língua. A mesma língua que exclui é também a que permite que seus usuários inventem as mais variadas formas de expressão. Miguel Segundo traz esse ecoar de vozes, que emergem da ponta do lápis.

A regra era: minha avó sempre nos alertava que os primeiros eram os adultos que se alimentavam, esses almoçavam primeiro, porque estavam trabalhando e precisam recompor as energias. Nós crianças comíamos depois, sentido o cheiro bom que vinha do fogão a lenha (2025, p. 59).

Nesse emaranhado de palavras que se juntam para formar outras, elas se aglutinam por todos os lados. Palavras se *aglomeram* onde há gente. Desde tempos imemoriais, pessoas e palavras se encontram, pois, “as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos ou o que observamos são mais do que simplesmente palavras” (Larrosa, 2002, p. 2). Elas têm suas devidas importâncias, pois as inventamos, as criticamos, as degustamos, sempre mantendo um lugar cativo na vida dos humanos, seja durante o almoço ou debaixo de uma frondosa árvore para prosear depois da lida na roça.



Outros encontros se dão nos festejos juninos, em volta da fogueira, que Miguel Segundo retrata com riqueza de detalhes.

Mais bom mesmo era a noite de São João. Tudo mui to encantador: uma fogueira de mais de um metro, comidas de sabores inigualáveis, muito forró pé de serra e pessoas fazendo batizados em volta da fogueira. E têm aquelas que até hoje consideram este costume e se relacionam como compadres/comadres. Tudo muito comum, mas que hoje tem um enorme significado nas nossas lembranças⁶⁸ (2025, p. 60).

As lembranças de Miguel Segundo acendem, em mim, outras brasas. Também me vejo nessas noites de São João, no ‘terreiro’ de casa, com o milho assando na brasa, o cheiro doce da canjica misturado ao do chão molhado da garoa típica dessa época. A vizinhança costurando bandeirolas com retalhos coloridos. Havia algo de encantamento naquele tempo em que as pessoas se reuniam ao redor da fogueira como quem protege o que é sagrado: a convivência, a afetividade, a oralidade e a partilha.

Reverberamos, juntos, nas palavras, nas fogueiras acesas e nas lembranças que só vivem agora dentro da gente. A festa, como a criação/narração/fabulação, é território de memória. O que parece “muito comum”, como diz Miguel, ganha, no tempo das lembranças, a grandeza de um rito, que sustenta nossas fabulações sobre quem somos. É nesse entrelaçamento de histórias que seguimos acendendo outras chamas: na escrita, no ensino, na vida.

É com essa passada de reflexão, que encontramos Guilherme Resende contemplando as águas serenas do Velho Chico, enquanto mergulha nas memórias de uma cidade repleta de marcas culturais, como os festejos da “Serenata da Recordação” em Santa Maria da Boa Vista, Pernambuco. Ele traz consigo as riquezas e os desafios de sua origem, lembrando-nos da complexidade plural de nosso país em suas dimensões sociais, culturais e históricas. É com essa aderência que as palavras se aglutinam por todos os lados, gerando impactos entre as pessoas e as coisas, criando um leque de possibilidades onde, mesmo nas repetições, sempre emerge algo diferente.

Guilherme Resende é um sujeito que trata de sua origem de forma visceral, inclusive em seus versos: “*Eu deixo uma porta destrancada / para quem queira entrar nela. / Basta bater na porta e adentrar*” (2023, p. 24/25). Então, entremo-nos, pois “todos nós nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações e falamos a partir de algum lugar” (Hall, (1992[2009], p. 80); nossa forma de compreensão é influenciada pelos sistemas linguísticos presentes em nossa cultura;

⁶⁸ Trecho extraído da *Carta 1 – Nossa casa amarela*, escrita por Miguel Segundo, em Petrolina/PE, em 18 de outubro de 2022.



nossas pluralidades se constituem também por vocabulários culturais que cada sujeito adquire nos diversos contextos, que interagem uns com os outros.

Foi por essa ‘porta escancarada’ que adentrei a vida de Guilherme Resende. Esse boavistano sempre morou perto de suas raízes, às margens do rio São Francisco. E foi ali, nesse território de águas saltitantes, que nossos caminhos se tocaram. Nesse contexto de hiatos plurais, percebo que estamos todos em constante estado de transformação, navegando entre as correntes da tradição e da contemporaneidade. É nesse movimento que vai emergindo em mim, talvez nele também, uma noção de pertencimento, que se constrói aos poucos, entre margens, audiências e palavras.

Olhar para a trajetória desses jovens, é refletir uma intersecção de vozes entre cultura, linguagem e subjetividade contribuindo para uma escrita de riqueza, convergindo com o tecido social que os une. Suas raízes ajudam na sua constituição humana. Sua formação contribui para pensar outras possibilidades de leitura do mundo, pois sabe de onde vem e que caminhos tortuosos são possíveis desbravar.

Guilherme Resende afirma que tem origem nesse agrupamento, que se nutre da agricultura familiar, inicialmente morando no campo, mas logo veio morar na cidade e daí então, nunca mais saiu de lá. Exceto para cursar a Licenciatura em Letras com as viagens diárias de idas e vindas e, a partir de março de 2024, desloca-se para Alagoinhas/BA para o mestrado em Crítica Cultural. Isso é o que o anima e se conecta a uma vontade a mais pelo viver e pelo fazer. Assim, como Vítor Castro, seguem os meus passos de andarilha pelo universo da Crítica Cultural.

Ele também diz que nada na vida vem de mão beijada, e que precisamos lutar para conquistar e, “carrego comigo marcas que fazem parte da minha história. Venho de uma família tradicional e sertaneja, com costumes fortes e valores bem definidos”⁶⁹. “*Carrego comigo marcas plurais, que há algum tempo já nasceram e cresceram comigo. Fruto de uma mente aberta e liberta a construtividade, de reconhecer o que já carrego comigo e convido a buscar o que há de bom no meio do caminho*” (2025, p. 26). E podemos afirmar que os primeiros passos já foram dados, em especial, nos últimos quatro anos, vivenciando o curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e suas literaturas e todas as oportunidades investidas.

É como se Guilherme Resende estivesse navegando em um rio, cujas águas são tanto turbulentas quanto serenas, carregando consigo desafios, que perpassam pelo

⁶⁹ Trecho Carta 1: *Um boavistano que não anda sozinho*. Santa Maria da Boa Vista/PE, 29 de setembro de 2022. Guilherme Resende.



socioeconômico e, ao mesmo tempo, se vê em meio às bênçãos de sua ancestralidade de uma cultura, que se renova de forma descentralizada. Isso pode “abrir caminhos para novos espaços de contestação, para novas formas de agir nas brechas do cenário social e econômico” (Souza, 2011, p. 51). Essa dualidade presente em suas memórias o desafia a se reconciliar com suas pluralidades.

Ele se posiciona como um agente de transformação, buscando ultrapassar os limites impostos pelos estereótipos e pelo preconceito, para celebrar os laços que ligam à sua comunidade e à sua história. Nesse movimento de gangorra em que uma narrativa remete a tantas outras, transfigurando em uma diversidade de caminhos trilhados e outros tantos estão se constituindo a cada ação experienciada. Isso é evidente nas movimentações dessa juventude estudantil, que transita em diversos contextos.

Mesmo que a história, durante o período pombalino, denuncie que “a arte de ler, escrever e contar consistem em uma arte muito nociva para o pobre obrigado a ganhar o pão de cada dia mediante a sua faina diária” (Saviani, 2013, p. 102), essa juventude desafia posicionamentos colonizadores para estudar: infelizmente, ainda, presentes em nossa sociedade. A maioria deles trabalha durante o dia e estuda à noite. São vozes com potência para movimentar “atributos sociais e medos de dizer não aceitos ou socialmente desvalorizados” (Souza, 2011, p. 132).

Prezado(a) caminhante, não se engane, nossos(as) estudantes/escritores(as)/docentes saem armados apenas com seus cabelos ao vento e pelo uso das palavras; os(as) estudantes chegam à universidade com o sonho da docência a tiracolo, somado ao desejo de publicar textos autorais. O entusiasmo é ingrediente, que se mistura na caminhada de estudantes oriundos do Ensino Médio de escolas públicas, que continuam a trilhar seu caminho em busca de conhecimento, reconhecendo a necessidade de transformação por meio da educação, leitura e escrita. Uma caminhada de um porvir!

2.2.3 Do Velho Chico⁷⁰ que inspira

Prezado(a) caminhante, convido você a mergulhar nessas águas; faça isso e sempre voltará!

Muitos(as) dos(as) graduandos(as) que compõem a comunidade acadêmica da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina, não residem apenas na cidade

⁷⁰ Como o rio é afetivamente denominado.



onde o campus está situado; muitos moram em cidades vizinhas, enfrentando deslocamentos diários de uma a três horas. Cidades pernambucanas, como Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista; baianas como Sobradinho e Casa Nova são banhadas pelo rio São Francisco: Velho Chico, como é carinhosamente chamado pela população ribeirinha, tem suas águas exploradas pelo agronegócio, produzem vastas plantações de manga e uva, tanto para exportação quanto para a produção de vinhos. Em Juazeiro/BA e Petrolina/PE, o uso das águas também tem esse direcionamento na fruticultura irrigada, destinada aos mercados nacional e internacional.

Petrolina/PE, localizada no Sertão Médio do Vale do São Francisco, é um ponto de encontro para os que nela chegam, seja para uma breve passagem ou para estabelecer residência. Andarilhos e andarilhas atravessam pontes e estradas, desbravando caminhos que interligam essa região. Suas jornadas, frequentemente árduas, geram oportunidades de compartilhar narrativas, que refletem a diversidade daqueles, que pertencem ao território do Sertão Médio do São Francisco.

Esse dinamismo é particularmente visível nas cidades fronteiriças como Petrolina, Casa Nova/BA, Juazeiro/BA e Sobradinho/BA, todas banhadas pelas águas do Velho Chico, que flui em harmonia com a vegetação da Caatinga. Vítor Castro, em sua primeira carta/narrativa, expressa sua conexão com o rio, relatando que, faça chuva ou sol, vai, mensalmente, banhar-se em suas águas. Essa ligação com o Velho Chico é um testemunho de pertencimento, que ultrapassa as fronteiras do espaço e do tempo, enraizando-se nas subjetividades poéticas que emergem desse cenário.

Assim como quem contempla o “pôr do sol das margens do Rio da Integração, de uma beleza ímpar” (Mariano et al., 2020), somos levados a uma criação singular, movida por uma poesia própria, que impulsiona a exploração de múltiplas possibilidades de escrita. O pôr do sol, visível também “durante as travessias de barco” (Idem), remete às antigas viagens dos vapores, carinhosamente chamados de vaporzinhos, que “navegavam rio acima e rio abaixo, claudicantes” (Ibid.).

Com a construção da Barragem de Sobradinho, cidades e povoados ribeirinhos, como Pau a Pique, ganharam novos cenários com as represas formadas pelas águas do Velho Chico, desviadas para atender às demandas das hidroelétricas. O progresso transformou a paisagem, mas, como lembra Vítor Castro, “o sertanejo não vive só da roça, mas também da contemplação do rio São Francisco”. Mesmo com a interferência humana, o pôr do sol mantém sua majestade. “Vira e volta, suas comportas se abrem para dar vazão



às águas, volumosas, deixando beleza e encantamento aos ribeirinhos” (Mariano et al., 2020, p.16).

O contexto desta pesquisa está imerso na mesma inspiração evocada pelo Velho Chico. É um ambiente onde as trocas de ideias florescem em solo fértil de criatividade e aprendizado mútuo. Assim como o balanço das águas, o ato de criar nos alimenta e nos inspira, tanto no processo de formar quanto no de nos formar.

A criação pela escrita vai muito além da concepção limitada e mecanicista do pensamento pombalino, que reduz o aprendizado a “ler, escrever e contar” (Saviani, 2013, p. 96). Pelo contrário, a escrita se configura como uma arte viva, que expressa marcas inscritas nos corpos e se expande para envolver uma coletividade, que a utiliza em diversas práticas sociais. Não basta molhar os pés nas águas do Velho Chico, nem elaborar um relatório científico com apontamentos sistemáticos como resultado de uma pesquisa. É preciso mergulhar na imensidão criativa para capturar, de forma autêntica, as vivências presentes nos textos.

A escrita deve provocar “uma virada em todos os domínios do conhecimento” (Santos, 2015, p. 31). A natureza da narrativa de Vítor Castro remete à memória marcante de outros colaboradores, cujas lembranças dialogam com a paisagem do rio. Nesse fluxo, podemos compreender como o conhecimento se transforma a cada passo. Cercada por diferentes escritores(as) em formação, podemos testemunhar uma diversidade de encontros, que não caberiam em uma única tese.

O rio, com seu ciclo diário de renovação, é fonte de vida e de esperança para os que habitam suas margens e além delas. Sob a luz do sol, suas águas parecem brilhar em meio às histórias antigas e os segredos guardados em sua correnteza. Não apenas saciamos a sede, mas também nutrimos a alma ao contemplá-lo. “Sua água doce transcende o consumo diário. O Velho Chico é poesia; é prosa. O Velho Chico é musicalidade. O Velho Chico é inspiração. É também respiração” Mariano et al (2020, p.16). As narrativas servem de lentes para capturar, entre outras, a nobreza desse rio, que vai além de sua função prática como fonte de água, transformando-se em um símbolo de criatividade.

Como descreve Vítor Castro: *O Velho Chico banha minha existência desde as dunas em Casa Nova, a Ilha do Fogo na ponte, a magnífica Ilha do Rodeadouro e, pasme,*



*a barragem de Sobradinho. Já desci as escadas da barragem e lá mergulhei*⁷¹ (2025, p. 38).

Nesse cenário, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes se revelam como exemplos fundamentais para docentes, que inspiram outros. Com o Velho Chico como fonte de inspiração, que se desorganiza e se reorganiza simultaneamente. Nesse movimento, sujeitos oriundos da Escola Pública superam as lacunas de uma formação por vezes ‘esburacada’, constituindo-se em suas pluralidades. Ai de nós se não fosse a Escola Pública, que, mesmo com suas fragilidades, oferece as bases do pensamento crítico. Ai de nós se não fosse o Velho Chico, sempre oferecendo poesia para saciar nossa sede.

Prezado(a) caminhante, ao articular o lirismo refletido nas imagens aqui retidas, podemos reconhecer a potência simbólica do rio São Francisco como conceito/metáfora da escrita, da memória e da formação. O Velho Chico, mais do que um cenário, transgride para se tornar um sujeito da experiência, pulsando como um vetor de deslocamento e invenção. Reforça-se, assim, a analogia entre o fluxo do rio e o fluxo das práticas de escrita no Lugar de Criação (PLC): ambos transbordam as margens do alforge utilitário, carregando consigo um saber insurgente. Essa escrita não se deixa represar nem pelas barragens da modernidade, nem pelas exigências formatadas da pesquisa acadêmica; ela escorre, irriga e reinventa paisagens, alargando caminhos e abrindo diferentes rotas para a criação/narração/fabulação.

2.2.4 Das influências

Prezado(a) caminhante, somos atravessadas(os), a todo instante, pelas presenças que nos tocam: uma professora que nos ensinou a ver o mundo por outras lentes, um amigo que nos disse algo que jamais esquecemos, um livro que nos fez rever o caminho. Como partilha Camila Batista, “ao meu ver, tudo nasce a partir de alguma referência, sujeitos são criados assim, tendo como referência aquilo que veio antes. Então, até o mais original dos autores terá marcas de outros textos em sua produção” (2025, p. 74).

Essas influências ganham espessura no processo de formação dos sujeitos, especialmente na conexão intrínseca entre quem escreve e suas referências, que sustentam essa escrita, evidenciando a continuidade ao longo do tempo. São relações atravessadas pela “curiosidade e inteligência humana que sempre se moveram em direção à leitura do mundo como condição singular para sua realização e conquista de espaço para a festa do

⁷¹ Trecho da carta 1: *Os bodes não me respeitavam!* Petrolina/PE, 29 de outubro de 2022. Vítor Castro.



corpo e do espírito” (Santos, 2015, p. 85). É essa curiosidade que impulsiona o ato de criação, permitindo que o texto aconteça sob o manejo intelectual bordado por múltiplas influências.

A chegada de Camila Batista a esta tese não ocorre de forma abrupta. É um processo em curso há bastante tempo. Suas lembranças sobre os livros lidos e as influências que a atravessam desde a infância são marcantes. Com o ingresso no Ensino Médio, ela abraça discussões sobre questões das mulheres, tensionando a noção de “natureza feminina”. Essa conexão se expande para o projeto "Palavras ao Vento"⁷², vivenciado durante sua passagem pelo Ensino Médio, e se desdobra em uma ventania criativa de poemas, crônicas e contos, um movimento que a abraçou, mantendo-se orgânico em suas práticas de escrita.

Desde criança, Camila Batista cultivou um amor pela leitura, desenvolvendo esse gosto em casa, muitas vezes de maneira clandestina. Contudo, sentia a necessidade da troca, buscando abraçar diversos saberes. Nessa dinâmica, também aprendeu sobre mangás japoneses, compreendendo que “o ponto de partida é sempre a fala, o ‘lugar da criação’ (Flores, 2016, p. 84), fundamental para que docentes e alunos(as) criem juntos(as). Apesar dos estereótipos que cercam a escrita estudantil, Camila Batista aflora seu interesse pela escrita como prática de resistência, em uma potência comum aos usuários de práticas escriturística⁷³. Ela declara seu interesse em escrever, mesmo quando a prática se torna exigente, quando há propósitos institucionais por trás.

Ainda que não tenha muitas memórias de docentes referenciais do Ensino Fundamental, Camila Batista destaca a minha presença - a figura da (eu)andariha – como sua professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio: “*Não tenho lembranças de muitos professores, diria que desenvolvi gosto pela leitura sozinha, mas quem me introduziu a literatura fora você, professora Naza. Nosso encontro transformou minha visão sobre o mundo*”⁷⁴ (2025, p. 23). Ao reler essas palavras, observo que a transformação a que ela se refere diz respeito às práticas docentes, que ousamos experimentar naquele período: pensar a sala de aula como acontecimento, como dobra entre leitura e criação, entre falta e escrita, entre o que se aprende e o que se ensina e se inventa. Ali, o meu ofício na docência se confundia com o exercício da audiência e da aposta, uma escuta que também

⁷² Projeto desenvolvido durante o Ensino Médio, em que as(os) estudantes protagonizaram em apresentações de seminários fora da sala de aula, trazendo temáticas insurgentes.

⁷³ (De Certeau (2012).

⁷⁴ Camila Batista. *Carta/narrativa I - Manias de inventar histórias na cidade do sol*, Juazeiro/BA, 27 de setembro de 2022.



nos (re)forma, uma vez que foi nesse período que arrisquei um pouco mais nas minhas fabulações.

Essas frestas não se abrem por acaso. São costuras entre o vivido e o lido, entre o que nos atravessa e o que deixamos escapar nas entrelinhas. A influência, aqui se apresenta como dobra na criação/narração/fabulação, audiência atenta às marcas de vivências performatizadas nas narrativas de experienciamento com as práticas de escrita. Como quem ouve ecos transformados pelo espaço, devolvemos ao mundo um outro som.

Se escrever é reescrever, então, é também se inscrever em um território de memórias, onde as vozes de quem veio antes não cessam de nos convocar. Escrever, nesse sentido, configura-se como um “tecido de citações retiradas dos mil focos da cultura”. (Barthes (1984, p. 66). Camila Batista é assertiva ao tratar da referência com esses arcaibouços de vozes em uma teia polifônica, que sussurram sob a matiz da linguagem, pois se trata da materialidade do diálogo tecida pelo entrelaçamento de vozes, discurso carregado de intencionalidade e significado social, o “o polifônico entrelaçamento das vozes” (Bakhtin, 1997, p.324). São vozes, ideias e pensamentos, que nos atravessam como rastros, ou talvez como cicatrizes, incorporando-se naquilo que temos capacidade de dizer.

Nessa perspectiva, falar de influência é, ao mesmo tempo, falar de filiação e de deslocamento. Há um pertencimento, sim, mas também uma fuga. Somos da linhagem de quem lemos, ouvimos e admiramos, mas nossa escrita é feita também dos desvios, das negações, dos espantos que essas mesmas leituras provocam, pois o ato criador nasce de um agenciamento⁷⁵, de uma tensão entre forças, que se conectam para produzir algo diferente. E esse novo, ainda que marcado por vestígios do antigo, não se reduz a ele.

Seguindo nessa audiência com as narrativas das experiências trocadas nas cartas, destaca-se uma característica notável nas andanças de Guilherme Resende: a presença marcante do feminino. Ele narra que, em seu contexto de vida, sempre foi entrelaçado pela força das mulheres. “*Escutei um dia, por minha mãe, o som a ecoar. Era a palavra, saindo de sua boca. Eu, sem entender, apenas continuei a brincar*” (Resende, 2023, p. 28). Essas mulheres - como sua mãe e sua avó - constituem pilares fundamentais em seu percurso, costurando sua vida com afetos que ele transforma em ato significativo na escrita.

⁷⁵ Na perspectiva deleuziana (1992, p. 135).



Tratar desse traço feminino na escrita de Guilherme, remete-me ao poema de Camila Batista “Natureza Feminina” (2023), que também evoca, em suas fabulações, esse lugar das mulheres como ecoar de vozes:

Livres por natureza.
Presas por um sistema.
Vivemos de felicidades clandestinas
Que transformamos em poema
E nas nossas histórias somos heroínas,
Lutando pelo fim desse dilema (2023, p. 32).

Nas palavras de Camila, o feminino ressoa não só como potência criadora, atravessada por tensões históricas, mas também por uma insurgência poética, que reinventa os lugares de fala. Assim como nas memórias evocadas por Guilherme, é pela palavra, pela escuta e pela narrativa, que essas presenças femininas se afirmam como sustentação afetiva e epistêmica. Entre a voz da avó, o gesto da mãe e o verso da poeta, inscreve-se uma linhagem, que impulsiona o movimento das nossas escritas.

Além das influências familiares, Guilherme Resende encontra inspiração na música brasileira. Gosta de escrever seus poemas ao som de canções como *Anunciação* (Valença, 1983) e *Oração ao Tempo* (Veloso, 1979), que ele descreve como “*verdadeiras poesias declamadas*”. Para Guilherme Resende, o conhecimento de mundo deve estar lado a lado com o conhecimento teórico, permitindo maior liberdade nas questões e indagações do sujeito.

Entre tantas influências, ele destaca uma que se alinha diretamente à experiência docente: “*Quero falar uma coisa que percebi no dia que entrou naquela sala do segundo período de Letras, aquela professora era incrível e isso a cada dia que convivo, eu confirmo*”⁷⁶ (2025, p. 27). Quantas influências não obtivemos dos(as) docentes ao longo de nossa vida escolar/acadêmica? E, ao nos aproximarmos delas(es), também nos constituímos nessas práticas. As influências se dão no afeto, é nele que construímos autoridades, por meio do ato de ensinar/formar/aprender em um movimento cíclico: sem etapas fixadas, sem um antes ou depois, mas; com o outro, com a prática, comigo, contigo e com o contexto que nos cerca.

Como os demais, ele é também um desses que rompe a bolha dos discursos cristalizados e, ao se deixar afetar pelas experiências, passa a desejar também influenciar. Sua escrita revela o anseio de dar continuidade a esse ciclo de inspirações. Como expressa

⁷⁶ Trecho retirado da carta/narrativa 2 - *Sobre palavras, encontros e travessias*. Santa Maria da Boa Vista/PE, 15 de março de 2025. De Guilherme Resende.



Guilherme Resende em sua narrativa: que “*O contato com as participantes, o acompanhamento das escritas e produzir a minha própria escrita, permitem que eu consiga construir um conhecimento sobre o que é ser professor e sobre as responsabilidades que essa profissão irá me impor*”⁷⁷ (2025, p. 88-89).

Acreditamos que, ao discutirmos a escrita como narrativa singular, estamos nos referindo a esse espaço de posicionamento relativamente nômade. Um lugar de partilha e criação coletiva, onde se experimentam diferentes formas de manipular os signos linguísticos na produção de textos literários. Nesse território em constante movimento, a escrita se configura como um espaço performático de transformação, uma prática, que mobiliza e promove mudanças potentes no sujeito e em seu entorno.

Estar em contato com esses sujeitos escreventes me influencia também a me lançar em minhas próprias práticas de escrita. Da mesma forma que eles me reconhecem como uma de suas influências, o inverso também acontece: foi com eles que me lancei cada vez mais nas fabulações com a escrita. Assim, cada sujeito influencia e é influenciado, com isso, “criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 21). Um convite para que cada entrada em uma sala de aula seja essa potência de inspiração para um estudante, para que tantos outros se sintam fortalecidos nessa profissão, seja ensinando, seja escrevendo, seja estudante/escritor(a)/docente. Um transformar em cada ação formativa, já é infinita.

Com isso, seguimos com Miguel Segundo que, desde pequeno, foi influenciado por seu avô a se interessar pela Literatura de Cordel. No entanto, sua primeira produção literária só aconteceu no Ensino Médio quando, em 2017, escreveu sua primeira poesia. Antes disso, sua escrita restringia-se a redações para o Enem e resenhas críticas, sem explorar a escrita em versos. Como observa Félix (2023, p. 14), em diálogo com o crítico Antônio Candido, o “direito à literatura” não se limita a textos com fins avaliativos. Esse princípio ressoa na trajetória de Miguel Segundo *cuja* primeira experiência com poesia ocorreu em uma atividade cultural da escola.

As influências que atravessam Miguel Segundo vão além do contexto familiar, abrangendo uma diversidade de bens culturais, materiais e imateriais. Como um nordestino autêntico, suas pluralidades são permeadas pelo forró, axé, samba e carnaval. Ao mesmo tempo, encontra nas obras de Machado de Assis, Lygia Fagundes, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade fundamentais para sua criação. Como também

⁷⁷ Trecho retirado da Carta/Narrativa 3, escrita por Guilherme Resende. Documento datado de 08 de maio de 2023, Petrolina/PE.



em contato com a natureza, folheando um caderno ou lendo uma poesia popular, suas lembranças o conduzem, enriquecendo suas narrativas nas práticas de escrita. Em suas próprias palavras, Miguel Segundo narra: “*Claro, que eu já havia escrito outros textos, porém eram para atender as atividades avaliativas da disciplina de Língua Portuguesa, como redação e resenha crítica*” (2025, p. 61). Porém, ainda no Ensino Médio, ele foi desafiado pela sua professora de Língua Portuguesa a participar de uma gincana escolar com uma poesia autoral.

O desafio foi aceito, e Miguel Segundo escreveu o poema "Meu lar", que, em 2020, foi editado e incluído na coletânea *Lugar de Criação em Verso e Prosa*. Esse momento marcou o início de sua dedicação à escrita em versos, com destaque para a Poesia Popular Nordestina. Embora tenha começado com certa cautela, evitando a prosa, pois ao “escrever um conto se revelou um fracasso medonho” (Orwell, 2021, p. 10). Essa evocação, por sua vez, marca a transição de um possível fracasso à experienciação: em Miguel Segundo, o “fracasso” não se configura como um fim, mas o motor, que impulsiona a passagem da poesia para a prosa.

Essa transição o leva a caminhar pelas trilhas da fabulação, inicialmente em verso, que o conduziu a explorar a prosa, que veio a ser a forma predominante em suas práticas de escrita, sobretudo no conto. Nesse sentido, a experiência de Miguel vai se construindo, com delicadeza, na relação entre o surgimento da escrita autoral e os atravessamentos culturais e afetivos. Isso articula com o nosso direito ao uso e manejo com a literatura, especialmente, se considerarmos o contraposto à escrita avaliativa escolar, indicado por na narrativa de Miguel Segundo.

Isso que Miguel Segundo aponta é um vetor, que tensiona como a escrita literária se configura como ressonância legítima da experienciação. Até então, havia uma falta, como ele mesmo narra: “*Olha, como somos despejados das práticas de escrita, não sei refletir ao certo, se por falta de acesso aos livros ou por falta de interesse, ou os dois juntos, fato é que só conhecia a escrita literária pelo olhar de poucas leituras feitas*” (2025, p. 61), com proposta de uma professora e do contexto lúdico da gincana, o espaço escolar se abre a outras formas de reconhecimento. Essa travessia, caro(a) caminhante, é simples e magistralmente significativa para pensar como os sujeitos em distintos níveis de letramento se autorizam a deslocar seus modos de escrita e a pertencer, de fato, ao campo de uma literatura que fabula.

Assim acontece com Lucas Coelho, um jovem que chega ao curso de Letras sem afinidade prévia com a escrita literária. Ainda que não se identificasse, de início, com



criação/narração/fabulação, foi no Ensino Fundamental que despertou o desejo de seguir à docência, motivado por uma professora de Língua Portuguesa. “Lucas sempre esteve presente nas minhas andanças enquanto professora da Educação Básica. Foi meu aluno. Um aluno exemplar. Entre o processo do ensino/aprendizagem, nós dois aprendemos muito” (Nogueira, 2023, p.11). Assim, como muito dos nossos movimentos como a educação básica, o percurso de formação de Lucas Coelho também foi atravessado por frustrações: “*Nas escolas em que estudei, me deparei com problemas nas bibliotecas: em uma delas, a biblioteca estava desativada; na outra, a bibliotecária não sabia tratar os alunos, o que acabava os afastando daquele ambiente*” (2025, p. 55).

Ao narrar sua experiência enquanto estudante da educação básica, Lucas toca em um ponto que, mesmo com políticas públicas, ainda é bastante visível: certas fragilidades institucionais e mediações escolares pouco sensíveis, que podem silenciar interesses com o ato de ler e escrever durante a formação durante a escolarização. A biblioteca, nesse caso, deixa de ser lugar de acolhimento da imaginação e da fabulação, tornando-se um espaço de falta pelo afastamento, o que reforça a importância de experiências docentes que rompam com essa asfixia simbólica da palavra, reativando, assim, vínculo criativo dos sujeitos com a linguagem.

Quantos estudantes, como Lucas Coelho, recolheram, no silêncio, a vontade de explorar seus textos em um espaço, que deveria ser acolhedor e instigante? Muitos desses escritos se tornaram “apenas um simulacro”⁷⁸ no jardim institucional da escola, o que nos faz refletir sobre quantas fabulações foram esvaziadas pelo funcionamento burocrático dos espaços escolares. A biblioteca, que deveria ser abrigo da imaginação, converte-se, por vezes, em um território de negação simbólica, empobrecendo o encontro com o saber.

É nesse contexto que eu, como professora/andariça, minhas práticas adotadas em sala de aula estimulam um deslocamento importante. O encontro dele comigo durante a graduação em Letras nos levou a pensar várias práticas juntos, inclusive potencializando o sujeito/escritor que habitava tanto nele, quanto em mim, como Lucas Coelho relata:

Ao conhecer você e adentrar ao programa Lugar de Criação (PLC), não pude resistir à escrita. Inicialmente, tive receio de não saber apresentar minhas marcas subjetivas. Contudo, ao longo dos meses e passando por essa experiência, fui descobrindo que nossas identidades são fluidas e podem adentrar para os meus textos instantaneamente, porque, como bem eu aponto em “Presságios de um escritor” (2023), os meus textos são partes de mim (2025, p. 57).

⁷⁸ De Certeau (1990[2012], p. 58).



Quando ele diz que eu estive presente durante os quatro anos e meio da sua licenciatura, reconhece uma presença que autoriza, incentiva e se compromete com a emergência do(a) estudante/escritor(a) em formação. Minha presença, pelas práticas que desenvolvo, provavelmente, tenha propiciado espaços de fabulação, transformando a inércia do não se envolver com as práticas de escrita para um se arriscar com elas. Apesar dos muitos desafios, “grande parte do potencial cultural (e mesmo técnico e científico) das sociedades contemporâneas está concentrado nas escolas” (Nóvoa, 2008, p. 31). Acredito nesse potencial e confio nos encontros em sala de aula como acontecimento, nos quais o afeto se inscreve como tecnologia viva de criação, exatamente como propõe bell hooks (2003), ao pensar o afeto como fundamento do ensino libertador.

Essa experiência partilhada revela a potência docente quando se faz acolhedora e descoloniza as expectativas sobre o que pode um estudante. A minha presença neste andarilhar docente não é apenas de orientadora; é talvez provocadora, desestabilizadora para fabulação de mundos possíveis. Nessa dobra entre frustração e reinvenção, a escrita de Lucas Coelho se inscreve como tática criadora, em resposta às ausências escolares e às presenças que, pela via do afeto e da palavra, instauram o desejo de dizer.

Mesmo aquele que insistia em afirmar que nunca teve o hábito de ler ou escrever se vê cercado por influências significativas. Vítor Castro revela que se tornou um fã ávido da saga Harry Potter, mesmo não apreciando a leitura e a escrita nos moldes dos cânones escolares. Como alerta Souza (2011, p. 36), “os jovens nem sempre são considerados como usuários da língua escrita”. Apesar da falta de interesse aparente, ele conviveu em espaços que “ganham diferentes sentidos” (Idem), como nos eventos de letramento, que ocorriam durante as visitas à casa dos avós. Transformando tudo em algo mágico, essas experiências não apenas despertaram sua imaginação, mas também o familiarizaram com a importância das narrativas contadas ao longo da vida. Mesmo sem se considerar um leitor ou escritor em potencial, Vítor Castro começou a modificar seu entendimento sobre as palavras, conferindo a elas outros significados, onde a magia das histórias se tornava cada vez mais, um esplendor de sentido.

Essa aversão aos livros não duraria para sempre. No Ensino Médio, Vítor Castro começou a escrever textos livres nos braços das cadeiras escolares, uma maneira de extravasar e mostrar sua rebeldia intelectual contra o sistema. Essa mudança ocorreu após uma aula inspiradora de sua professora de Língua Portuguesa, por quem ele nutre grande admiração. Foi o entusiasmo dela que o levou a observar a beleza das palavras escritas.



A forma como ela conectava as obras literárias à realidade cotidiana dos alunos incentivou-o a explorar seu próprio potencial criativo.

Escrever nos braços das cadeiras tornou-se não apenas uma fuga das demandas escolares, mas também uma forma de expressão pessoal: um espaço onde Vítor Castro podia dar asas às suas emoções e pensamentos mais íntimos. Uma forma de “contestação e insubordinação que se seguirá em escalada exponencial, vindouras na profusão de vozes, corpos e histórias dos sujeitos, que são a força motriz” (Félix, 2023, p. 13). Essa profusão se manifestava já nesse instante, nas margens da sala de aula: seja no chão, na parede ou nos braços das cadeiras escolares, como ato de insurgência cotidiana.

E mais adiante, moveria com mais potência nas páginas do texto literário, constituindo uma escrita atravessada por uma “*veia transgressora*”, oriunda do rock adolescente, da consciência de si como sujeito latino-americano e do confronto com discursos, que deslegitimam a arte, que para Vítor Castro: “*algum estudante disse que literatura não era importante e ela deu, como a mesma dizia, “um show de arriba saia”*”. Foi ali que eu soube que era aquela posição que queria ocupar” (2025, 39). Essa insurgência, que primeiro se esboça na prática solitária de escrever à margem, vai sendo nutrida pelas práticas docentes, que funcionam como trampolim para um salto simbólico. A professora aparece, nesse processo, como figura que age por meio de um agenciamento performático. O “*show de arriba saia*” citado por Vítor Castro marca, de forma simbólica e afetiva, um momento de ruptura e filiação: ele se reconhece naquele manifesto e passa a desejar ocupar aquela posição discursiva. Trata-se, como propõe bell hooks (2003), de uma pedagogia da subversão, na qual o afeto pela autoridade e o posicionamento docente se entrelaçam como forças criadoras.

Nesse contexto, vejo-me como uma andarilha comum na arte de fazer: uma “personagem disseminada. Caminhante inumerável”⁷⁹. Sigo encontrando outros sujeitos que, também, caminham - e, que como eu, vêm de longe, transitando da Educação Básica à Universidade Pública. Somos andarilhas(os) anônimas(os), murmúrios das sociedades, cujas práticas não cabem apenas no campo didático: elas se desenham nas brechas da institucionalidade, afirmando a escrita como um lugar de enunciação e pertencimento. É nesse entremeio que a escrita de Vítor Castro se inscreve, não só como prática de resistência, mas também de reinvenção de si e do mundo. Assim, criamos a possibilidade

⁷⁹ De Certeau ([1990]2012, p. 55).



de ler as práticas marginais como territórios de criação política. Nos deslocamentos que vivencio com os(as) estudantes, as influências também se entrelaçam.

Esses encontros me atravessam e, mesmo quando eles chegam ao curso de Letras com tantas dúvidas, são capazes de inventar caminhos, abrir cenas significativas com práticas de escrita: criação/narração/fabulação. Até porque “você não faz ideia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso, é incrível como se cresce” (De Certeau, 2012, p. 51). E crescemos. Eu, professora, que assumiu a função no curso de Letras em 2019, cresci. E cresceram também os(as) estudantes que, corajosamente, se lançaram em práticas literárias transgressoras. Somos, todos(as), andarilhos(as) anônimos(as). Trazemos nas mãos as referências, que nos alimentam, como Vítor Castro, que, ao se debruçar sobre Gabriel García Márquez, especialmente em *O amor nos tempos do cólera*, encontrou pistas para chegar em Gilka Machado e criar seu modo próprio de escrever e existir.

Esse crescimento, para mim, ganha forma também nas palavras dos próprios estudantes, quando Vítor Castro (2025, p. 36) escreve: “*Para Naza, a que me apresentou ao mundo acadêmico*”. Esse registro devolve à minha caminhada um gesto de partilha e reconhecimento como platô na docência em geral: o de estar ao lado, como fio que sustenta as presenças, de abrir brechas para que outros possam rasurar seus próprios caminhos. Apresentar alguém ao mundo acadêmico, nesse sentido, pode até ser configurado como um ato de ensinar, porém mais que isso: um exercício cotidiano de escuta, de atenção, de implicação com o percurso do outro. Há nisso uma prática pelas bordas, inícios, desvios possíveis, ou quem sabe, uma pedagogia da coragem.

É isso que observo nessas narrativas de experiência com as práticas de escrita: é preciso coragem para se implicar com a escrita, para fabular a si e ao outro, para criar realidades diversas por meio de suas criações/narrações/fabulações. Visualizar essa relação de afetividade nas marcas presentes por cada estudante/escritor(a)/docente, que carrega consigo as influências dos(as) seus/suas docentes e múltiplos outros afetos, é como visualizar um alforge tecido por uma multiplicidade de sentidos, abertos à criação de diferentes narrativas. Essa impressão se intensifica na reciprocidade construída com cada colaborador(a) e suas práticas de escrita, que, também, são práticas cotidianas de linguagem, distintas daquelas marcadas por “discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal” (Souza, 2011, p. 36).



Assim, ao recolher os rastros dessas presenças nesse alforge, compreendo que cada encontro marca uma dobra no tecido da minha própria caminhada. O alforge, antes imagem do que recebo, é também espaço do que compartilho, feito de vozes, que me atravessam e que, ao mesmo tempo, deixo escapar pelas frestas da escrita.

Sigamos, prezado(a) caminhante, para os desafios atravessando faltas, que silenciam.

2.2.5 Dos desafios: da falta que silencia

Prezado(a) caminhante, observe que, assim como as influências foram narradas, é igualmente importante atentarmos para os desafios apontados nas trocas das cartas/narrativas, que se apresentam no entrelaçar em linhas desconexas, desvelando lugares inesperados, “cujas condições são desenvolvidas pela lógica do acontecimento”, que é o da “imanência: crer neste mundo-aqui, isto é, num mundo que contém a divergência, a heterogeneidade, a impossibilidade” (Zourabichvili, 2004[2020], p. 153). Isso impulsiona um movimento recursivo, rompendo com o esperado e criando atalhos para outras descobertas, que é perceptível nas passagens descritas por Camila Batista. Um entusiasmo, que se mescla aos desafios da escassez de oportunidades comuns à juventude estudantil de escolas públicas.

É no alforge, esse lugar móvel de deslocamento das narrativas de experiência com as práticas de escrita, que os rastros das vozes se entrelaçam. E, entre elas, ecoa potência como a de Camila Batista. Sua presença se inscreve com inquietude, pois, em suas narrativas, ela não apenas se reinscreve, mas desafia os silenciamentos impostos à sua condição sociocultural. Camila não esquece seu lugar de fala, tampouco ignora a falta, que tenta calar aqueles, que vêm da escola pública. O que falta, diz ela, são oportunidades, porque a vontade, essa transborda.

Ao deixar afetar por suas narrativas, é possível identificar o atravessamento por uma força de insurgência, daquela que “só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos” (Freire, 1972[2011], p. 41). É esse poder que vejo vibrar em Camila Batista, que, ao fabular seus caminhos, escreve: “tudo que já veio a nos pertencer. Irão prontamente questionar. E depende de nós o não esmorecer” (Camila Batista, 2023, p. 30). Ela rejeita a falsa generosidade dos opressores e, ao contrário, confere humanidade às escolhas que lhe são possíveis. Apega-se com firmeza às condições que lhe permitem escapar da falta, constituindo-se estudante/escritora/docente, sobretudo, alguém que fabula para existir. Pois, nas suas



criações, a literatura não é ornamento: é respiro. Reivindica a urgência de que a literatura esteja viva nas salas de aula. Quantos não poderiam se reconhecer leitores(as) e escritores(as), se tivessem contato com textos que os provocassem, que os acolhessem, que os vissem?

As escolhas que fazemos, muitas vezes, atravessam desertos. Vão da solidão da “síndrome do impostor” à força que brota no coletivo. E cada narrativa, a dela e minha, pode ser um ponto de fuga, uma abertura para seguir adiante, mesmo quando o mundo parece faltar. Um exemplo claro dessa luta íntima está nas próprias palavras de Camila Batista, quando revela:

Sou uma escritora bem conflituosa, estou sempre presa a ideia de que sou um verdadeiro fracasso, sofro da famosa síndrome do impostor. Por exemplo, adoro romances, já iniciei vários, mas nunca chego ao fim ou os mostro para alguém, acredito verdadeiramente que são horríveis. Tenho noção de que isso não seja uma verdade, mas o sentimento de fracasso sempre é maior. Mas essas são apenas algumas complicações da vida de quem escreve (2025, p. 103).

Ao revisitar essa narrativa, volto-me para o alforge e percebo algo revelador: o interesse de Camila Batista pela escrita de romances jamais fora mencionado em nossas andanças, seja durante o Ensino Médio ou nos encontros formativos do (PLC). Essa ausência atíca ainda mais minha curiosidade, abrindo espaço para acessar esses rabiscos escondidos e, quem sabe, novas dimensões de sua escrita de escritora jardineira.

Escrever é, de fato, uma atividade conflituosa, que “se converte num pensamento da experiência” (Zourabichvili, 2004[2020], p. 31), às vezes, nos vemos compelidos a realizar todas as tarefas pendentes da casa, apenas com o intuito de adiar o momento de escrever, mesmo tendo a mais criativa das ideias. E mesmo quando a inspiração chega, nem sempre estamos preparados para colocá-la na folha ou nas páginas de uma tela em branco. Estamos sempre na tentativa de nos compararmos a outros, em algum grau, submetendo-nos à jurisdição de uma prova intrínseca.

É primordial resistir à tentação de nos sabotarmos, devido às críticas sobre nossas próprias lacunas, especialmente considerando questões como aquelas presentes na formação básica, muitas vezes, proveniente de escolas públicas. Por outro lado, até mesmo o próprio ato de sabotar pode se desdobrar em criação na escrita, pois constitui uma forma de subjetivação que, eventualmente, auxiliará o jovem escritor a descortinar diferentes sentidos, “juntando-nos, quanto ao resto, à multidão anônima dos praticantes do ordinário” (Giard, 1994[2009], p. 29), destacando que cada um traz consigo seu alforge com desafiadoras experiências. Um descortinar capaz de reverberar nos textos escritos de



maneira distinta de se apropriar das práticas de escrita, mesmo que pareça irreal, como ainda destaca Camila Batista:

Ainda é meio surreal pensar em todas as coisas que consegui antes mesmo de começar a cursar Letras, mas isso só foi possível graças ao “Conversa Afiada” (2019), e coisas assim inspiram outras pessoas mesmo sem intenção, ver alguém parecido com você em posição alta quando a sociedade lhe forçou a acreditar que algo assim não poderia acontecer é transformador (2025, p. 49).

Camila narra os desafios da falta de reconhecimento, de espaço, de audiência e revela como o silenciamento, imposto de muitas formas, por si mesmo, por estruturas sociais e acadêmicas, pode ser subvertido por experiências que afirmam a existência e legitimam outras vozes nas práticas de escrita. Ela rememora suas primeiras experiências fabulando e narrando, na obra *Conversa Afiada* (2019) entrelaçando-as às práticas de escrita como um ato de encantamento e redescoberta: uma travessia delicada, em que a palavra interdita encontrou o balanço necessário para se mover. A autoria, nessa prática, torna-se possível, não apesar das faltas, mas em confronto com elas, diante de tudo o que insiste em calar. Camila evidencia algo potente: “ver alguém parecido com você” funda uma prática formativa insurgente, que opera pela partilha de horizontes antes inimagináveis.

E com essas veredas, somos tocados por uma pujança coletiva, uma força que se move entre os nós e nos impulsiona, pois “ensinar é querer bem aos educandos” (Freire, 1996, p. 141). Mas querer bem, às vezes, é também reconhecer o que nos faltou: as ausências que concretaram o caminho, os silêncios que nos atravessaram, as recusas que quase nos fizeram desistir.

Enquanto Lucas escolheu a Licenciatura em Letras pelo viés da gramática normativa, talvez como forma de encontrar alguma estabilidade diante de tantas interdições, (eu)andarilha fui atraída pelas práticas de leitura e escrita, onde, após um longo verão, vislumbrei a possibilidade de fabular outros mundos, de reescrever as ausências, que, também, marcaram meu percurso.

Quando Lucas se caracteriza por aquele que “raramente escrevia um texto”⁸⁰, ele agencia vozes diversas nessa mesma condição. Essa escolha revela a densidade de experiências escolares que, ao invés de abrir mundos, os fecharam?⁸¹ A ausência de uma escuta sensível para seus textos, o silenciamento de sua voz criativa, foram marcas profundas:

⁸⁰ Trecho da Carta/Narrativa 2, intitulada *Raramente escrevia um texto literário*, escrita por Lucas Coelho em 22 de novembro de 2022, em Petrolina-PE.

⁸¹ Na trilha 3 retomaremos essa discussão do silenciamento.



Quando Lucas se caracteriza por aquele que “raramente escrevia um texto”, ele agencia vozes diversas nessa mesma condição. Essa escolha revela a densidade de experiências escolares que, ao invés de abrir mundos, os fecharam? A ausência de uma acolhida para seus textos, o silenciamento de sua voz criativa, foram marcas profundas:

Então, sobre os livros... por que eu não gostava deles? Há um ditado que diz: ‘a laranja nunca cai longe do laranjeiro’. Pois bem! Na minha família, a leitura e a escrita literárias não são práticas endossadas pelos membros (*Lucas Coelho, 2023, p. 55*).

Há nesse relato um vazio, que não é só individual, mas estrutural. Uma ausência herdada, normalizada, que se desdobra em práticas escolares, que tratam o texto apenas como ferramenta para nota. Parte desse afastamento tem origem em vivências frustrantes na educação básica, especialmente quando seus escritos foram lidos apenas como desempenho, e não como expressão. Faltou o acolhimento, faltou a escuta, faltou o convite para a invenção.

Ainda assim, o que Lucas nos mostra é que mesmo a falta pode se tornar solo fértil. Que é possível transformar a ausência em busca, o silêncio em criação. E que a docência, quando se abre à escuta do outro, pode (re)encantar o ato de escrever, tornando-o, finalmente, uma prática de presença.

Hoje, ele encara sua aversão aos livros como desafiadora, entendendo que “as identidades são fabricadas por meio de marcação da diferença” Woodward (2014, p. 40), apontando assim para a necessidade de uma abordagem, que possibilite diferentes sentidos na formação de professores. Mesmo reconhecendo a importância de editar os textos até que eles possam voar, Lucas Coelho ressalta:

Agora, eu tenho um defeito: não mexo mais no texto depois da aprovação desse eu-leitor. Se a aprovação foi dada a partir de muitas leituras e de muitas reescritas, dificilmente me coloco aberto a mudar algum ponto na narrativa (2025, p. 139)⁸².

Talvez o que ele chama de “defeito” é a preparação do texto para chegar a outros(as) leitores(as), pois o fato de não retomar ao texto para edição ocorre exatamente porque um leitor deu sua aprovação, ainda que essa autorização surja dele mesmo, enquanto escritor/leitor. Lucas, como escritor, desloca-se da função de autor para assumir o papel de leitor e comentador de sua própria obra. Por outro lado, esse desinteresse de revisitar o texto para possíveis mudanças é comum entre quem escreve; no entanto, é fundamental compreender a importância da retextualização, das rasuras e das edições, pois o “autor é

⁸² Trecho da carta/narrativa 5, “Os vários ‘eus’”, Petrolina/PE, 10 de agosto de 2024. Lucas Coelho.



aquele que traz em seu texto essa luta com as palavras” (Tfouni, 2021, p. 6), exercendo uma arte que consiste em uma engenhosidade em superar desafios.

Todavia, o próprio Lucas Coelho reconhece e compreende esse movimento de autor/leitor, pois, em outra narrativa sua, ele destacou que “a cada nova leitura que faço de um texto meu, descubro novos sentidos. Encontro novas metáforas, novas interpretações, novas brincadeiras com as palavras”⁸³ (Lucas Coelho, 2023, p. 32). Esse andarilhar pela arte da escrita entrecruza práticas e vozes, mobilizando diversos saberes, que impactam a formação de estudantes universitários(as), proporcionando aos estudantes/escritores(as)/docentes uma trajetória diferente daquela vivenciada durante a educação de base e, possivelmente, em alguns casos, também durante a graduação de licenciatura em Letras.

O movimento fluido dessas práticas de escrita sugere que uma sociedade asfaltada pela cultura escrita é, de fato, uma sociedade organizada por uma diversidade de práticas sociais em diversos aspectos. São práticas que, inevitavelmente, se encontram desenvolvidas no letramento, onde “a escrita passa a funcionar como mediadora entre estas e o sujeito” (Tfouni, 2021, p. 3). São sujeitos que traçam suas rotas, optando por caminhos distintos daqueles tradicionalmente ensinados, buscando não apenas dominar conteúdo específico, mas também burilar o conhecimento com as diversas práticas sociais de letramento presentes nos contextos em que atuam.

Como Lucas Coelho demonstra, ao relatar a necessidade de quebrar essa linearidade imposta durante os anos de escolaridade:

enquanto autor LGBTQIA+ e nordestino por identificação. Aqui, devo apenas pontuar que me considero branco apenas por pré-requisito solicitado pela pessoa com quem falo, porém reconheço que isso é apenas um privilégio e não um mérito (2025, p. 81).

Reconheço-me também nesse percurso, pois, assim como Lucas, experimentei uma formação escolar marcada por práticas de escrita voltadas sobretudo para a avaliação quantitativa, e não para a expressão subjetiva ou criativa. A exigência escolar restringia os textos aos instrumentos avaliativos, limitando possibilidades de invenção e reconhecimento das múltiplas identidades e vozes.

Enquanto autor LGBTQIA+, Lucas Coelho exemplifica como a escrita se torna uma prática fundamental de afirmação identitária e resistência frente às exclusões e silenciamentos, que atravessam sua trajetória escolar e acadêmica. Essa dimensão

⁸³ Texto de apresentação da sua obra “Presságios de um Escritor” (2023).



subjetiva, entendida como uma forma de performance autoral: “um modo de ser e agir que negocia identidade e poder no espaço público” (Butler, 1990, p. 173), não apenas desafia os padrões normativos impostos pela escolarização tradicional, mas também inaugura possibilidades de reinvenção de si e de sua presença no campo da escrita e da docência. Assim, sua experiência evidencia que as práticas autorais podem ser potências de insurgência, capazes de expandir os horizontes da formação docente ao incluir vozes e corpos historicamente marginalizados, contribuindo para a construção de uma educação mais plural, afetiva e libertadora.

Rememoro, por exemplo, um episódio durante minha graduação em Letras, quando busquei orientação para aprender a construir um artigo acadêmico ou projeto de intervenção. A resposta que recebi foi que tal solicitação era uma ‘audácia’ de estudante, sobretudo porque a professora se ocupava em produzir seu próprio trabalho para o mestrado. Esse episódio revela o quanto fomos condicionados a acreditar que a entrada na docência depende exclusivamente da apropriação e demonstração técnica do conhecimento, mesmo diante das adversidades enfrentadas desde a educação básica até o ensino superior.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a formação docente deve se constituir nas interações, que afetam e transformam tanto estudantes quanto professores(as), possibilitando a construção de um conhecimento plural e inclusivo. Considerando as escolhas por determinadas práticas, em recusa a outras, nos deslocamos por veredas, que se abrem como trajetórias alternativas, como a de uma andarilha, que carrega seu alforge pela estrada afora. Nesse caminhar, juntamo-nos ⁸⁴“ às aspirações, que penetram esse mundo visível dos *outros*”⁸⁵, outros que encontramos e que se aglomeram em espaços desafiadores, onde diferentes práticas e modos de existir podem ser evidenciadas.

Prezado(a) caminhante, talvez o desafio que encontraremos nessa passagem da narrativa de Vítor Castro seja um pouco distinto do que evidenciamos até agora, pois ele deixa de ser um simples exemplo ‘sem rosto’, para se associar a outros indivíduos, constituindo uma pluralidade de nomes e experiências de vida, descobrindo-se nessas interações, como Vítor Castro mesmo expressa: “*fazer Letras não é nenhum pouco difícil para mim. Não é egocentrismo, é só que sempre tive tanta certeza do que queria, desde*

⁸⁴ (Bakhtin, 1979[2011]).

⁸⁵ Destaque do autor.



os 15 anos, que afinei meu olhar unicamente para o dia em que entraria nesse curso” (2025, p. 94)

Com essa narrativa, observo, nas marcas de vivências, que Vítor deixa grafadas em seus escritos, até o segundo ano do Ensino Médio, que ele apenas seguiu o fluxo, sem muito entusiasmo, absorvendo os conteúdos sistematizados, que a escola havia planejado, seu gosto pela literatura o impulsionou a mudar o vento e explorar outras rotas que a arte da palavra proporciona em uma língua. Pois é “essa língua que inspira o artista, ele realiza nela toda sorte e desígnios” (Bakhtin, 1979[2011], p. 179), rompendo a experiência meramente técnica de manipular conteúdo para se descobrir em diferentes possibilidades de seguir burilando com os diversos saberes.

Esses novos interesses contrastavam com as expectativas acadêmicas, que seus familiares haviam projetado para ele. Criado sob a esperança de se tornar médico, engenheiro ou advogado, Vítor Castro ousou desobedecer ao roteiro herdado e se enveredou pelas Letras. Tal escolha não apenas desafiou as expectativas alheias, mas também inaugurou descobertas de horizontes outros: movidos, a princípio, pelas leituras de Garcia Marques. Foi com *O amor nos tempos do cólera*, livro que chegou dois meses após o pedido, que algo se acendeu em Vítor Castro:

E “O Amor nos Tempos do Cólera” (1985) chegou dois meses depois do pedido. Lendo a vida daquela gente, do modo como era contada, esbarrei em uma frase que norteou minha resposta para “o que é o amor?”, por uns bons anos da minha vida. Este trecho: “os fracos não entram jamais no reino do amor, que é um reino impiedoso e mesquinho” me fez acreditar nisso. Um dia eu pensei: por que associar amor a um reino? (2025, p. 66).

E, assim ele segue, dizendo:

Reinos exigem reis, cavaleiros, rainhas, exércitos e bobos da corte. Não tenho predisposição para nenhum desses. Mas foi assim que me inseri culturalmente neste ambiente de mil costumes (p. 67).

A metáfora do "reino", que primeiro se ofereceu como promessa, um ideal de amor com estrutura e hierarquia, acabou também por anunciar a desilusão com outro “reino” prometido: o da cidade maravilhosa. Foi para o Rio de Janeiro que ele partiu, decidido a cursar Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), acreditando que ali encontraria o que sua cidade banhada pelo Velho Chico não poderia lhe dar. Com isso, enfrentou o impacto simbólico de um duplo deslocamento: o da vocação e o da geografia. Era como se dissesse: não bastava não seguir o que esperavam de mim; também era preciso ir além da paisagem que me moldou, Desse modo, lançou-se em um sedutor “movimento de vida, um fervilhar de ideias e de projetos, risadas e vozes” (De Certeau,



1980 [2009], p. 17), onde as vozes do desconhecido lhe pareceram mais atrativas do que o silêncio do pertencimento conformado.

No entanto, o encantamento de Vítor Castro logo deu lugar ao desencanto.

Daí, este menino que te escreve, oriundo do Sertão mais alagado que já existiu, viu-se entre tiroteios nas madrugadas e homens fardados e de fuzis nas ruas durante os dias. Compreensivelmente, não aguentei permanecer lá. Tenho pavor de armas. Para mim, elas são a objetificação da morte. Passei o ano de 2018 todo sem fazer nada que fosse relativamente importante (2025, p. 91).

Esse retorno forçado marca um ponto de inflexão, longe de significar fracasso; revela-se como dobra no percurso, como inflexão subjetiva de alguém que precisou inventar-se a partir da fratura. É nesse movimento que o encontro, no final de 2019, já matriculado na Licenciatura em Letras. O filho das “ovelhas negras”, como ele mesmo se nomeia, também sonhava em desgarrar, buscar um mundo outro, não por fuga, mas por desejo de existir de forma intensa, de construir um espaço de fala como um canto de acolhimento para sua voz ecoar por outros ares. Assim, Vítor Castro diz que aprendeu: “*a ser rude como era com o rebanho rebelde, a ser gentil por tanto amor envolvido nessa história. Aprendi a afiar a língua pois sempre fui dotado de uma timidez inacreditável*” (2025, p. 39).

Hoje, talvez já esteja cumprindo esse ato de desgarre, pois realiza seu mestrado na cidade de Alagoinhas/BA. Assim como eu fui andarilhar com meu doutorado em terras portenhas, Vítor Castro carrega consigo seus próprios mapas de deslocamento e reinvenção. Em suas cartas, constrói também a tessitura de uma mente fabulatória e inquieta: o diagnóstico de TDAH e ansiedade é menos um obstáculo do que um modo específico de perceber e criar o mundo. Pois ele relata que sua mente corre “na velocidade da luz”⁸⁶, que se vê criando roteiros de fantasia nos quais é personagem ativo, às vezes, um herói voador, às vezes o Gavião Arqueiro com bônus de voo e, assim, finalmente, consegue dormir.

Essa talvez seja uma poética de sobrevivência, que transforma insônia em enredo e ansiedade em asas, configurando-se como um testemunho da potência da criação literária enquanto forma de agenciamento de si. O que para muitos poderia parecer delírio ou fuga, para ele constitui uma vida imaginada, que sustenta a vida vivida. Talvez, como ele mesmo disse, não tenha predisposição para reinos, mas tem, certamente, vocação para

⁸⁶ Trecho da carta/narrativa *Conheci Gilka Machado*, escrita por Vítor Castro. Petrolina/PE, 13 de dezembro de 2022, na obra “*Cartas/narrativas* (2025, p. 64).



o desvio, para o entrelugar, para os contos bordados - em Crontos - entre sonho e desobediência.

Prezado(a) caminhante, sigo contigo por estes carreiros emaranhados de desafios, e é neles que reencontro a narrativa de Miguel Segundo. Um menino com poucas condições de seguir estudando, mas que escolheu sair da sombra do ipê roxo para habitar na cidade de Petrolina, para cursar Letras na UPE. Sempre que possível, acompanho seus passos enquanto ele se desloca entre as casas de tios e tias - ora com uns, ora com outros - sustentando o desejo de seguir, mesmo quando o cansaço, às vezes, chega com maior intensidade. Para ele, o curso de Letras tornou-se mais do que uma graduação: foi abrigo, impulso, promessa de futuro menos árido.

As narrativas de Miguel Segundo nos movem naquilo que “devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (Freire, 1996, p. 85). Optar por essa curiosidade é um direito, que está na potencialidade de incidir sobre as práticas de ensino na graduação e/ ou na Educação Básica. A curiosidade que nos move, leva-nos a ajustar a vela do barco ou as passadas na estrada empoeirada e seguir empurrando as portas desafiadoras para chegar ao mais longe que se possa projetar.

Nessa trama, Miguel Segundo destaca com maturidade o desafio de aproximar suas práticas de escrita desenvolvidas no contexto do Lugar de Criação, de modo que tanto docentes quanto os estudantes compreendam a relevância do trabalho realizado na universidade em diálogo com a escola pública e, com isso, despertar o interesse em realizar atividades similares àquelas realizadas no contexto do (PLC). Um processo de construção de um estudante/escritor/docente, que se revela em seu ato de escrever, “em que medida esse sujeito pode ocupar a posição de autor” (Tfouni, 2021, p. 5). Essa posição não só se limita ao ato de produzir um texto, mas também engloba a operacionalização das ideias de forma originalmente poética. É uma observação dos diversos prospectos do que há para construir, do que se erige e se desconstrói durante o percurso de formação, autoformação e transformação.

De acordo com Miguel Segundo, os conflitos que afloram no processo de criação estão intimamente relacionados às reflexões das escolhas de como seguir o processo de uma escrita. Em primeiro lugar, ele fica um tempo refletindo sobre como vai desenvolver a sua lírica no texto, para depois decidir quais características dele ou de outra pessoa ele pode escolher para inspiração, que um personagem irá possuir. E, assim, sigo andarilhando com sua presença, observando os ecos dessa travessia tão significativa.



As escolhas, ou a falta delas, acabam sendo um desafio no movimento performático da criação/narração/fabulação. Aquilo que é vivenciado e transformado constantemente, como Guilherme Resende apresenta, que, quando se aventurou a explorar a escrita, descobriu que a sua alma estava em sintonia com a melodia do escrever, que a escrita iria acompanhá-lo nos momentos de adversidade, dançando na valsa da caminhada. Durante esse trajeto, é salutar dismantelar os espaços da não criação, as estruturas curriculares ou as práticas docentes engessadas, como bem observado por Guilherme Resende:

Acredito que meu processo de escolarização na Educação Básica foi falha em alguns aspectos, acarretado também pelo meu desinteresse na época, em aprender regras gramaticais e coisas básicas da Língua Portuguesa, que de início não aparentava me trazer problemas futuros, mas acho que esse déficit colaborou para o desejo de cursar e escolher essa área na qual andei hoje⁸⁷ (2025, p. 52).

Tendo em vista essas nuances que estudantes/docentes/escritores partilham, observo que a resistência do tecido do alforge também conta para garantir uma viagem segura, pois, é “no processo dinâmico da construção”, que ocorre a introdução de “um desequilíbrio, uma instabilidade, uma dissimetria, uma espécie de abertura, e tudo isso só será conjurado no efeito total” (Deleuze, 1968[2021], p. 40). Essa instabilidade, esse desequilíbrio nos leva a tentativas que se desdobram durante esse processo de escolhas e mudanças nas paisagens, até alcançarmos o limiar das produções docentes.

No entanto, é preciso destacar que, para muitos desses profissionais, a atividade mais próxima de um ato de criação literária pode ser a revisão de textos solicitados para exames, para fins cognitivos ou de reconhecimento de uma grafia. Eles não se enveredam pela arte da palavra por escolha, mas devido à falta de incentivo, ao tempo escasso e ao volume de atribuições exigidas, de que “o professor necessita de um sistema educativo de apoio, um sistema em que a sua criatividade seja respeitada e encorajada” ((Woods, 1999[2008], p. 148). Essa percepção ao estímulo para além da obrigatoriedade, como Guilherme Resende aponta:

Não posso negar que tive imensas limitações em conteúdos, como até hoje tenho. Às vezes, me sinto fora de toda a situação, digamos que um pouco atrás de toda a turma. Mas o que me mantém forte e constante neste curso, é o meu desejo por algo mais nessa área e as pessoas que me acompanham não permitem que eu fraqueje. E acredito que se isso chegar a acontecer, iram me ajudar a levantar (2025, p. 104).

⁸⁷ Trecho da carta/narrativa 2: *Não limitar mais aquilo que nos atrapaça*. Santa Maria da Boa Vista/PE, 20 de novembro de 2022. Guilherme Resende.



Considerando que a criatividade é uma característica inerente à condição humana, ela também está presente tanto no estudante quanto no professor, que, “por quase definição, os próprios professores são criativos” (Woods, 1999[2008], p. 127). Portanto, tanto o aprendiz quanto o mestre podem desbravar sua necessidade de criar, ao mesmo tempo, que degustam o sabor, que os saberes podem proporcionar em cada descoberta, compartilhando suas experiências em diversas formas de narrar. Uma preocupação singular da “documentação narrativa com experiências docentes” em Suárez (2022) ao longo de mais de década.

Este contexto de criações/narrações/fabulações, é sabido que existe visão oposta a qual “afirma que os professores não são criativos” (Woods, 1999[2008], p. 127). Muitas vezes, esse lugar é naturalizado apenas a “outros”, como poetas, cantadores, trovadores e artistas da teatralidade literária, enquanto os docentes são relegados a um papel menos criativo em relação às suas escritas literárias. Essa ótica não reconhece o potencial transformador que a criatividade na escrita pode proporcionar a cada sujeito, em especial, estudantes/escritores/docentes na Licenciatura em Letras.

Mesmo que a juventude estudantil ainda esteja imersa a tanta possibilidade de silenciamento, o ato de escrever envolve um mergulho em suas narrativas, memórias, emoções e pluralidades, exigindo coragem para enfrentar os próprios pensamentos, frequentemente acompanhados de hesitação e autocrítica, podendo ser um exercício gratificante quando há superação, de forma criativa e autêntica, de tais obstáculos. A escrita como um “lugar social que o sujeito ocupa e vai dar credibilidade e valor social” ((Tfouni, 2021, p.3). As rasuras, nessas práticas de escrita, são desafiadas por linhas de fuga durante o processo de criação.

Assim, as práticas de escrita - criação/narração/fabulação - parecem ecoar como uma “experiência estranha, doce-amarga” (De Certeau, 1980[2009], p. 17). Sentir, tocar, ler, reler e rasurar o próprio texto pode ser um desafio considerável, sobretudo para quem teve pouco acesso aos bens culturais legitimados pela instituição escolar. Oscila-se entre o sentimento de incapacidade e a descoberta de um potencial, que se revela aos poucos, ao longo da travessia narrativa.

Trata-se de um processo performativo, no qual aspectos linguísticos, sociais e culturais ganham forma e força, à medida que o sujeito se escreve e se reinscreve no mundo. Como afirma Guilherme Resende, seu interesse pela literatura não foi imediato, mas tardio, atravessado por um percurso de leituras superficiais e pouco engajadas: nunca sentiu vontade ou anseio por ler ou escrever, preferindo os resumos prontos,



permanecendo “sempre na mesmice, sempre adquirindo o conhecimento raso” (2025, p. 53). Ainda assim, reconhece que há momentos que impactam e deslocam: instantes em que uma solicitação, como aquela feita numa aula de Fonologia, no curso de Letras pela UPE - se converte em provocação criadora. Ao ser convidado a escrever sobre seu próprio processo de aprendizagem com as palavras, foi possível, como ele diz, “movimentar o manusear da criação”, e suas escritas passaram a ganhar “características indiscutivelmente” suas (2025, p. 131).

Mesmo em meio a conflitos, bloqueios ou inseguranças, esse gesto de escrita pode marcar os primeiros passos rumo à criação de textos literários. A experiência fabulatória, nesse caso, não é linear nem isenta de fricções: ela exige reescrita, escuta, presença, entrega. Como reconhece Guilherme, o processo envolveu múltiplas versões, ajustes, falhas e tentativas de impacto, numa busca sensível por comunicar algo que, mais do que ser ouvido, pudesse marcar o outro: “Quantas reescritas tive que fazer, quantas vezes precisei reestruturá-lo para que eu pudesse impactar com minha apresentação ou como sempre imagino que seja, o momento de marcar a alma daquele ouvinte” (2025, p. 132). Assim, a criação se torna encontro, entre sujeito e linguagem, entre texto e leitor, entre a palavra e o gesto de marcar a alma de alguém.

Narrativas construídas e inspiradas no processo de formação docente, que também estimulam a reflexão sobre outras possibilidades de escrever. Uma escrita com nuances? Talvez sim; esburacada, porque não? Uma escrita com uma estética diferente, que pode causar estranheza aos ‘guardiões’ das formas, estéticas e padrões. Acima de tudo, uma escrita nossa, genuína, para nós e para aqueles dispostos a conhecê-la. Práticas de escrita criação/narração/fabulação repleta de desafios, desde as rasuras e edições até a publicação e divulgação dos textos impressos em um livro, que, ao longo dos desafios, irão desvelando outras maneiras de criar.

Assim como as experiências com as práticas de escritas narradas pelos estudantes/escritores(as)/docentes foram costuradas em diversos sentidos ao longo dessa trilha, esta própria tese se tece como um alforje em movimento, costurado com linhas que não seguem um trajeto, mas se enredam entre rasuras, escutas, desejos e desvios. Cada dobra carrega um lampejo, uma falha, uma fresta por onde escapa a escrita em sua travessia: porosa, imperfeita, viva. Que é também minha. Que é também nossa.

O devir autoral, que atravessa essas práticas de escrita não apenas revela singularidades em formação, mas também desestabiliza fronteiras fixadas entre aluno e professor, entre literatura e letramento, entre formar-se e fabular-se. Trata-se de um



agenciamento coletivo, múltiplo e rizomático, que não se encerra em si mesmo, não se dobra sobre um sujeito, mas se abre ao contágio, à partilha, à criação como ato político e performativo de subjetivação, a escrita como acontecimento.

Observo-me diante de um alforge de muitas mãos e muitas vozes, que não se oferece como cartografia definitiva. Ao contrário, sustenta-se em constante metamorfose, um performativo, o que acolhe afetos, memórias, falhas, faltas e lampejos. Cada carta aqui escrita é também uma fivela aberta, um convite a ver o que pulsa por dentro e, quem sabe, a seguir bordando outros caminhos.

Observo-me, agora, diante desse alforge, que vem sendo tecido a muitas mãos, bordado com as alças da audiência na rasura, no desejo e no devir. Ele não se oferece como cartografia definitiva, mas como um corpo em constante metamorfose, um tecido que pulsa, que vibra, que acolhe vestígios, afetos, memórias e reinvenções. Cada carta aqui escrita é também uma fivela aberta, um convite a ver o que pulsa por dentro e, quem sabe, seguir costurando outros caminhos.

Prezado(a) caminhante, cada conexão feita nas aberturas das fivelas pode nos levar a um diferente caminho. Que essa escrita continue a ser um alforge compartilhado com você, não para carregar respostas prontas, mas para transportar a potência do que ainda pode vir a ser.

Entre um gole e outro do aromático café, surge Blanchot,⁸⁸ que me leva a explorar a escrita nos meandros da subjetividade, distanciando-se da expressão direta de um “eu” singular e estável. Essa forma de escrita implica uma dissolução do “eu” na linguagem, uma busca por uma voz, que não é estritamente individual, mas que ressoa com a ausência e a indefinição. Uma prática de escrita, que explora os limites da linguagem, adentrando as margens do discurso onde o sentido se desfaz e se refaz, e o indizível se torna palpável.

Ainda mais potente se torna essa abordagem ao articularmos Bakhtin e De Certeau como ecos transversais, ainda que não sistematizem diretamente o tema. O uso de Blanchot é particularmente promissor, pois amplia a reflexão para zonas de indeterminação e esvaziamento do sujeito, sugerindo que a escrita não é um espelho do “eu”, mas uma travessia pelo impessoal, pelo indizível no ato de narrar experiências do vivido. Trata-se de uma “flexibilidade nas formas de vivenciar processos de letramento” (Mariano, 2025, p. 17). Uma vez perceptível, nos escritos dos estudantes/escritores(as)/docentes, essa voz, que “não é estritamente individual”, emerge

⁸⁸ Obras: *O Espaço Literário* (1955) e *O Livro por Vir* (1959).



da relação com o silêncio, a ausência, ou mesmo com o risco de não significar, para se fazer prática social de letramento com e pela escrita. Essa flexibilidade torna-se perceptível nos escritos dos(a) estudantes/escritores(as)/docentes, extrapolam a relação com o silêncio, com a ausência, ou mesmo com o risco de não significar, para se fazer prática social de letramento com e pela escrita.

Por sua vez, De Certeau⁸⁹ aborda temas relacionados à apropriação e à invenção transversais ao escriturístico, à subjetividade e ao (des)poder, explorando sobre as práticas cotidianas e as táticas dos indivíduos para subverter a lógica estrutural de poder. Embora não tenha uma obra dedicada exclusivamente à escrita de si, muitos de seus conceitos podem ser aplicados a essa ideia. Sua discussão sobre as táticas cotidianas pode ser vista como uma forma de fabulação na escrita, em que as pessoas utilizam essas práticas, entre outras linguagens, para resistir às normas impostas, revelando que o poder reside nos usuários que empregam táticas como uma forma de (des)poder.

Ao contemplar a borra do café no fundo da minha xícara, vislumbro a profundidade desse processo de multiplicidade, tão fundamental para a compreensão de uma escrita, que narra nossos traços. Nesse contexto, a abordagem de Deleuze se destaca, ao enfatizar a criação de conceitos e a experimentação como formas de fabulação que mergulham numa perspectiva de multiplicidade. Essa perspectiva ressoa nessas trilhas, assim como a ênfase na invenção e apropriação de táticas. Deleuze realça a criação e a invenção em um movimento constante de territorialização e desterritorialização, enquanto De Certeau habita o campo das táticas.

Sinto, então, que essas discussões dialogam e permeiam os traçados desta tese, acompanhando cada passo da minha caminhada nas narrativas de experiência com as práticas de escrita. Assim, Deleuze, sendo um leitor atento de Foucault e de Blanchot, traz consigo uma potência, que reforça a decisão de seguirmos com sua perspectiva.

No descanso dessa sesta, em um café de fim de tarde, convido você a assumir comigo uma postura laboriosa de leitor nômade, aquele que rasga a tessitura silenciosa para continuar bordando a trama do alforge nos traçados que se seguem, como bem nos contempla Miguel Segundo: “Cada escritor em seu ritmo, cada um com sua bagagem em transformação, para um dia pousarmos em algum Lugar de Criação deste mundo e novamente fabular as narrativas que o tempo não apaga”⁹⁰ (2025, p.14).

⁸⁹ *Invenção do Cotidiano* (1980[1990; 2012]).

⁹⁰ Em Carta ao leitor da obra *Cartas/Narrativas* (2025).



Nessa dinâmica de trocas, eu, nessa figura andarilha, sou afetada pela fluidez desse movimento, ultrapassando o papel de observadora para me tornar parte integrante desse fluxo. Ao mesmo tempo, observo a linguagem se manifestando no cotidiano através de metáforas/conceitos, “pular da cama”, “engolir o café”, “pegar o trem”, “mergulhar no metrô” e “chegar em cima da hora” (De Certeau, 1980[2009], p. 45). Essas expressões revelam um poder estratégico que permeia as vivências cotidianas.

Prezado(a) caminhante, esta trilha assume o compromisso em observar cenas como expressões de saberes em trânsito, insurgentes e inventivos, que atravessam a escrita e a formação de sujeitos. Assim, mais que ilustrar um propósito específico, esta trilha o performa, ao transformar a própria tese em lugar de experimentação textual, estética e epistêmica. Nessa trilha, eu não apenas analiso cenas, mas me deixo atravessar por elas, compondo com os sujeitos que escrevem um campo de fabulação partilhada. É nesse emaranhado que a tese encontra sua força poética e política, tecendo, com o outro, um alforge de narrativas que (re)existem.



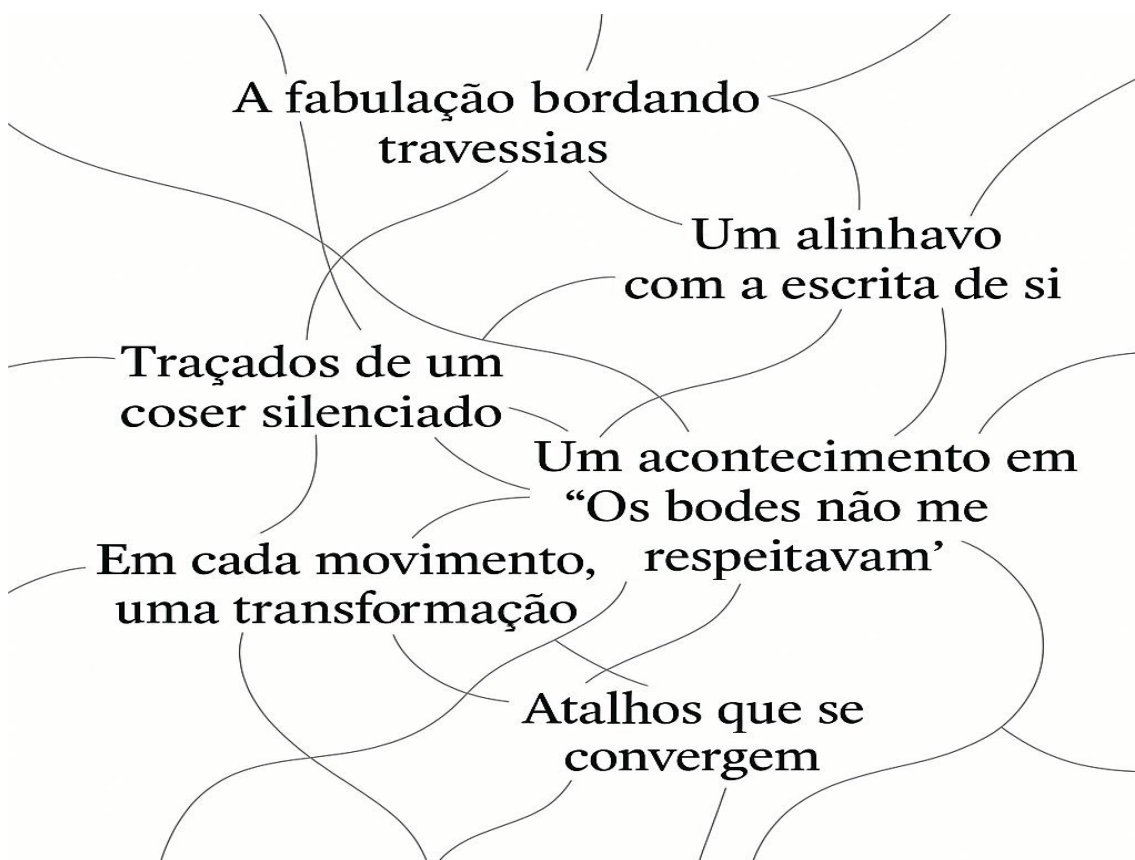
Trilha 3 A FABULAÇÃO BORDANDO TRAVESSIAS

PósCrítica, julho de 2025.

Fabulador(a), é significativo tê-lo(a) nesta trilha III.

Juntos, seguimos bordando os contornos de um propósito, que não se encerra numa definição fechada, mas se desdobra como quem acompanha um fio em constante movimento. Refletir sobre os efeitos das práticas de escrita autoral no desenvolvimento de uma postura crítica, criativa e autêntica dos(as) licenciandos(as) em Letras exige não apenas atenção ao que se diz, mas, sobretudo, ao que pulsa entre as linhas: deslocamentos, hesitações, fabulações. É nesse compasso que vamos alinhavando com a escrita criação/narração/fabulação, que se apresenta como dobra inaugural.

Figura 23 Trilha 3 A fabulação bordando travessias



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Seguimos, então, em traçados de um coser, que nos atravessa, mesmo aqueles silenciados. Silêncios, às vezes, herdados, às vezes, impostos, outros tantos férteis: ao escrever, borda-se com o que não foi dito, com o que ficou à margem. O que se desvela



são vozes que, antes subalternizadas, encontram na escrita uma maneira de se presentificar como travessia, que desestabiliza os centros da linguagem e da autoria.

É nesse lugar de borda que a escrita se faz insurgência, como em um acontecimento em “Os bodes não me respeitavam”. Não há aqui, tão somente, um relato a ser ilustrado, mas um corpo que se desloca, um sujeito, que se refaz ao narrar o que antes parecia insignificante. O que era apenas memória se torna provocação, interrupção, desvio. Um texto que transforma e é transformado pela experiência que evoca. Ao narrar esse episódio, o colaborador se vê outro e, junto a ele, (eu) andarilha, também, me refaço, impregnada pela força dessa exposição narrada.

As imagens se multiplicam e, em cada movimento, há uma transformação, que acentua essa condição rizomática das escritas, que compõem as narrativas de experiências com as práticas de escrita, fabuladas durante a formação docente. São imagens em trânsito, que não se encerram em si mesmas, que rasuram a ideia de um autor unívoco e instauram multiplicidades.

Cada narrativa se faz no dizer, que se converge em atalhos. O que parecia desvio revela-se como o próprio caminho. A escrita dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes não se dá à parte da formação, mas como parte constitutiva dela. Encontros que inventam modos de ensinar, de aprender, de se formar. Os atalhos, ao se cruzarem, tecem outra cartografia: a da criação alimentada pela coletividade.

Seguimos na travessia da escrita, que, ao fabular, escapa ao controle do real e do já dito. Ela se move entre o inventado e o vivido, entre o silêncio das faltas e a intensidade dos acontecimentos, bordando tramas, que não se fecham, mas se abrem em múltiplos sentidos. Nesse cuidado, a escrita é como um bordado coletivo, vital e poroso, que costura memórias, desejos e encontros, construindo uma tessitura sempre inacabada. É com as dobras dessas histórias que se fazem e refazem que a travessia acontece: um narrar, que se mistura ao imaginar, um escrever, que performa o próprio movimento de pesquisa.

Uma escrita, provavelmente, “fora do lugar”, que se apresenta no fazer criativo e na forma de tensionar a produção do conhecimento, que se caracteriza por uma racionalidade positivista, que valoriza a objetividade, a neutralidade e a busca por verdades universais, pautando-se em métodos científicos rígidos, que centraliza no autor individual: um modelo de autoria fechado, limitando o diálogo e a criatividade dos sujeitos envolvidos. Por fim, saberes e experiências, que fogem ao cânone, como práticas culturais, efetivas e plurais, são frequentemente excluídos ou marginalizados.



Para além disso, é sugestivo o fortalecimento de relações entre universidades públicas e sociedade civil e, que essas sejam encaradas como agentes de transformação, isso porque “a parceria da universidade com os demais setores da sociedade civil, portanto, poderia ser o mecanismo de articulação entre esses atores ao transformar a instituição de ensino também em produtora de bens e serviços” (Brasil, 2018, p. 4), ao promover essas parcerias, além da construção e troca de conhecimentos. Torna-se, assim, um papel tangível, afetando os sujeitos envolvidos nas ações geradas nessas relações dialógicas, que envolvem as práticas de escrita de sujeitos mobilizados pela escrita numa perspectiva da criação, invenção e apropriação.

É nessa configuração que esta tese se inscreve, refletindo um movimento, que entrelaça dois aspectos fundamentais: as narrativas de experiência com as práticas de escrita dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes, que colaboram na investigação e o processo de formação, que se constitui com e por meio dessas práticas, revelando-se no próprio ato de narrar dos sujeitos envolvidos. Assim, a tese acolhe essas vozes agenciadas nos dispositivos de investigação, abrindo possíveis caminhos para outras formas de pesquisar, ensinar, escrever e se formar.

Portanto, fabulador(a), nesse bordado em que se entrelaçam cartas/narrativas, imagens e acontecimentos, refletir sobre os efeitos das práticas de escrita autoral no desenvolvimento de uma postura crítica, criativa e autêntica dos licenciandos em Letras evidencia um percurso, que se faz enquanto se escreve. O que se busca é o reconhecimento dos efeitos formativos que emergem quando a escrita se torna lugar de invenção e partilha. A pluralidade de vozes, que atravessa estas páginas, não reivindica uma verdade sobre a formação docente, mas nos convida a escutar as muitas formas com que os sujeitos em formação fabulam suas próprias travessias.

3.1 Um alinhavo com a escrita de si

Em uma pausa para o prosear do final de tarde, pois “nessas andanças vamos deixando rastro tanto nos saberes populares quanto nos conhecimentos acadêmicos” (Mariano, 2025, p. 21), recordo-me do impacto que me atravessou ao me deparar com os escritos dos principais estudiosos da filosofia da diferença, mobilizados no campo da crítica cultural. Seus conceitos/metáforas oferecem diferentes maneiras de observar uma escrita, que carrega traços de si. Como narra Guilherme Resende, “isso me anima e se



codifica em uma vontade a mais pelo viver e pelo fazer”⁹¹ (2025, p. 26). Essa afirmação ressoa com a discussão sobre a desconstrução, em Derrida, que faz com que observemos essa prática além da expressão de um eu, abrindo caminho para a escrita, que habita a borda entre o dizer e o desfazer de si. Trata-se de um processo contínuo de experimentação, no qual diferentes modos de subjetividade se insinuem, à medida que eu dialogo com formas já estabelecidas, ora construindo, ora desfazendo seus contornos.

Podemos refletir que essa escrita se faz entre lembranças e esquecimentos, entre vozes e silêncios, entre o que se vive e o que se inventa, configurando-se como uma prática, que não pode ser contida nos moldes de uma narrativa linear. Há algo, que sempre escapa, que nos leva a retornar ao texto já escrito com outras perguntas, outros afetos, outras percepções.

Como indaga Lucas Coelho:

Quem é Lucas Rodrigues Coelho? Como venho me constituindo? Meu Deus! Que pergunta difícil! Talvez, em poucas palavras, eu me defina como um sujeito questionador” [...] sudestino que se constitui nordestino (2025, p. 29)⁹².

Ainda como tagarelo em meus escrevinhar:

Bem ali, nos cantos mais escondidos da existência ou bem acolá, nas encruzilhadas da alma, surgem conversas que o vento não leva, além daquelas escritas, onde os suspiros se transformam em palavras e os pensamentos se entrelaçam em versos (Mariano, 2025, p. 14).

Cada carta, cada fragmento, torna-se um desvio, uma dobra naquilo, que supúnhamos saber sobre nós mesmos e sobre o que significa escrever na experiencição com saberes diversos. É justamente essa característica da escrita, que escapa à presença plena e à fixidez do sentido.

Nesse sentido, *trace* é uma inscrição, que difere e adia o significado, fazendo com que ele nunca se apresente de forma total. Essa ideia me atravessa enquanto (eu)andarilha, pois identifico que as cartas/narrativas não podem ser lidas como registros transparentes de uma experiência vivida. Elas são, antes, tessituras instáveis, escritas em trânsito, nas quais a autoria pode se embaralhar com outras vozes, como se cada linha escrita deixasse um rastro, que se prolonga, se desdobra e se desvia.

Ao trazer também a noção de *otobiografia*, Derrida também nos faz compreender que a escrita autobiográfica é, de certo modo, atravessada por uma alteridade irredutível:

⁹¹ Trecho extraído da carta/narrativa 1 intitulada *Um boavistano que não anda sozinho*, escrita por Guilherme Resende em Santa Maria da Boa Vista/PE, no dia 29 de setembro de 2022.

⁹² Trecho da carta/narrativa 1 - *Sudestino que se constitui nordestino*. Petrolina-PE, 15 de outubro de 2022. Lucas Coelho.



escreve-se sempre com e para o outro, como na interlocução de Lucas Coelho comigo, quando ele afirma: “*você potencializou o sujeito-autor que habita dentro de mim, que, até então, só se manifestava em prol de mera pontuação*”⁹³ (2025, p. 19). As narrativas de experiência de estudantes/escritores(as)/docentes, que se presentificam nesta tese, carregam essas marcas de deslocamento do sujeito, da linguagem, da memória e nos convocam a repensar o que pode ser o(a) autor(a) em contextos de escrita em/pela experiência.

Um modo de escrever, que se constitui no deslocamento e na audiência das marcas de vivências presentes nas narrativas dos(as) colaboradores(as). Uma escrita como expressão do que vir a ser, como refletimos na narrativa de Lucas: o se tornar “sujeito-autor que habita” a travessia do vivido, que até então, “só se manifestava em prol de mera pontuação”, na fabulação e no endereçamento ao outro, quando afirma “você potencializou”. Um escritor, que se presentifica quando provocado em se reconhecer como potência, logo atravessado pela alteridade, pois nunca se escreve sozinho. Alguém que, como o próprio Lucas descreve, desloca-se entre regionalidades e modos de ser “sudestino/nordestino”, encontrando na escrita um meio de constituição subjetiva. Nesse sentido, o autor pode ser compreendido como um sujeito em trânsito, um fabulador, que rasura, borda, hesita, endereça.

Ao se autorizar na e com a escrita, Lucas Coelho também me provoca a desautorizar-me da função institucionalizada - pesquisadora/docente/coordenadora -, para me deixar afetar como uma escritora em trânsito, ou melhor, uma andarilha nas linhas sinuosas da escrita. Então, podemos indagar: Seríamos autores(as) aqueles(as), que dominam o dizer, que conferem sentido pleno ao que escrevem? Ou aqueles(as), que se deixam afetar, que se colocam em risco ao escrever, que se deixam atravessar pelo que ainda não sabem?

Ao escrevermos estas cartas/narrativas, constituímos-nos em travessia, superfícies sensíveis de inscrição, vozes entre muitas, alforques abertos onde se inscrevem fragmentos de experiências, ecos de outras falas, rastros de encontros. Escritas que se desfazem e se refazem a cada dobra do caminho, deixando traços, que não cessam de diferir.

Ao nos permitirmos ser escritas enquanto escrevemos, percebemos que o que está em jogo aqui não é apenas a produção de um texto sobre formação docente, mas também uma desestabilização dos modos hegemônicos de se pensar essa escrita: marcada por

⁹³ Trecho da carta/narrativa 1 - *Sudestino que se constitui nordestino*. Petrolina-PE, 15 de outubro de 2022. Lucas Coelho.



linearidade, intencionalidade e origem. Derrida nos ajuda a desconstruir essas expectativas, abrindo espaço para uma escrita, que fabula, hesita, se dobra e se contradiz. Uma escrita que se faz acontecimento, que se escreve enquanto se forma e se forma enquanto se escreve. É nesse movimento que as cartas/narrativas escapam ao controle da autoria e se tornam espaço de (trans)formação, no qual a subjetividade se desloca, a autoria se multiplica em cada traço lançado na tessitura textual.

Na perspectiva da filosofia da diferença⁹⁴, a escrita assume um papel de multiplicidades, desafiando as estruturas de poder, que cerceiam a liberdade individual. Diferente de uma narrativa linear, com começo, meio e fim claramente delineada, esse conceito é permeado por rupturas e devires. Trata-se de um conceito de escrita, que ultrapassa a representação de um “eu” preexistente, transformando-se em uma prática de constante metamorfose e multiplicidade do “eu”, em que um já é muito.

Essa concepção de criação vincula-se às múltiplas formas de autoria como um deslocamento, instaurando um pensamento pelo fora: uma zona liminar onde a linguagem rompe as amarras da representação para se lançar às potências do ainda-não-dito. Para tanto “é preciso não estar com ele e nele, mas fora dele (BAKHTIN, 1992[2011, p. 144]), é habitar uma posição excedente, que se alimenta da tensão entre o já vivido e o que ainda quer nascer: o porvir.

Nesse horizonte, há sempre uma abertura para a alteridade. Ao ativar vozes pretéritas em constante diálogo com as interrogações do presente, esse diálogo torna-se responsivo projetando sentidos para o porvir, convertendo-se em potência criadora, que sustenta a autoria como acontecimento ético/estético. Assim, o fora se revela em permanente devir.

Uma escrita como prática de deslocamento e de autoria no fora, que converge com a formação docente, emerge das narrativas de experiências. Ainda que este texto de tese não se detenha diretamente no debate sobre a memória, ele a tensiona como potência movente, entre o dizer de si, o narrar com o outro e o criar realidades possíveis. O livro/ebook de cartas/narrativas e obras autorais dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes constituem território desse exercício: neles, o passado se atualiza e fabula um porvir. Nesse movimento de memória por um fora, a minha figura de andarilha, também, ocupa uma posição excedente, aberta ao que emerge. Assim, torna-

⁹⁴ Especialmente em Deleuze “Crítica e Clínica” (1993[1997; 2011]).



se possível uma criação, que se dá na relação, no diálogo, no acontecimento da escrita e de um porvir, que não está pronto nem acabado, mas sempre em construção.

Essa densidade epistêmica talvez exija desdobramentos mais afinados com as marcas do vivido presente nas narrativas de experiência, em audiência com o sensível das práticas de escrita dos(as) colaboradores(as), que dão corpo à investigação e à tessitura desta tese. Assim, o “eu” na figura da andarilha não representa uma autoria individual e fixa, mas se configura na interlocução das cartas/narrativas, em que estudantes/escritores/docentes, em suas passagens de vozes, deslocam-se de uma identidade estável e se lançam entre platôs, em diálogo comigo, transitando pelas bordas de si.

Nesse sentido, a ideia de “pensamento pelo fora”, recorrente na cartografia rizomática, aproxima-se das práticas de escrita, que emergem como saber do outro. Essa epistemologia não se configura apenas como um suporte teórico, mas atua como lente de leitura, em ressonância com a própria proposta da tese, que aposta na investigação das narrativas de escrita com as práticas de escrita criação/narração/fabulação como modos de agenciamento de saberes múltiplos.

Portanto, eu, na figura da andarilha, ao assumir um posicionamento epistêmico, também me manifesto como presença em trânsito, aberta à multiplicidade de vozes e cenas, que cruzam esta narrativa. Nesse movimento, minha escrita deixa de ser apenas representação para se tornar criação/narração e, talvez, fabulação, um espaço onde saberes diversos se entrelaçam e se transformam.

Enquanto continuo nessa reflexão sobre as noções de escrita associadas à criação/narração/fabulação, desfruto do aroma do café ao entardecer. É importante destacar o conceito de “governo de si e dos outros”⁹⁵, não só me faz lançar um olhar atento às dinâmicas de poder, que atravessam a escrita de si, mas também me revela como essas práticas são condicionadas por contextos sociais e culturais, situando-se numa perspectiva ampliada da subjetividade.

Nesse movimento, também faço uma inflexão ao relacionar Foucault à escrita de si enquanto prática atravessada de subjetivação. Para um desdobramento em termos mais concretos, investigamos de que maneira colaboradores(as) da pesquisa e participantes do Lugar de Criação (PLC) exercem esse governo de si ao escrever: um exercício contínuo de constituição de si em diálogo com o outro. Além disso, busco tensionar essas práticas,

⁹⁵ Foucault (1982; 1983 [2010]).



que desestabilizam os modelos escolares de escrita centrados na norma, na avaliação e na funcionalidade, abrindo espaço para formas narrativas, que performam outras subjetividades insurgentes. Dessa forma, o conceito foucaultiano ganha um corpo encarnado nessas trilhas, fortalecendo a dimensão política das práticas de criação/narração/fabulação, que esta tese busca evidenciar.

Outras incursões, que me acompanham, são as de Barthes (1984 [2012]), ao convergir autor, autoria e crítica cultural, associam a escrita de si à noção de “eu” por meio da linguagem, contestando a ideia de uma identidade estável e unificada do autor. Esse ponto é fundamental para tensionar o papel do autor nas práticas de escrita dos(as) colaboradores(as). Mais do que mencionar a desconstrução da identidade autoral, há uma compreensão dessa noção, que reverbera nas cartas/narrativas, ou seja, são estudantes/escritores(as)/docentes, que performam subjetividades, que escapam da ideia de um “eu” coeso por meio da fabulação. O “eu” barthesiano, feito de cacos, ecos e citações, dialoga diretamente com as vozes heterogêneas, que encontro na tessitura desses textos.

3.2 Traçados de um coser silenciado

Fabulador(a), você já identificou que, nesse traçado, consideramos o contexto em que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes exploram a interseção do texto como “o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (Barthes, 1977[2004], p.16). Nesse teatro linguístico/literário, os estudantes/escritores/docentes tecem teias de criação/narração/fabulação em uma dimensão performática.

As práticas de escrita narradas por esses sujeitos se agregam em outras potências comuns: táticas do andarilho anônimo, essas, desmontando, assim o tecido dos signos e revelando um significante da tessitura de uma arte necessária para que os sujeitos em formação se encontrem nessa organicidade de criação, conforme colocado Guilherme Resende em uma de suas cartas/narrativas, que se encaixa como estudantes/escritores(as)/docentes, considerando que criar sempre foi seu objetivo e, ao longo do tempo, tem desenvolvido essas habilidades gradativamente.

As práticas de escrita literária desses sujeitos se agregam em outras potências comuns: táticas do herói anônimo. Essas táticas são fabuladas pelo sujeito, desmontando o tecido dos signos e revelando um significante vinculado à tessitura de uma arte



necessária, que permite aos sujeitos em formação se encontrarem na organicidade do processo de criação. É o que se evidencia nas cartas/narrativas de Guilherme Resende, que se insere no coletivo dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes, uma vez que criar sempre foi seu objetivo e, ao longo do tempo, tem desenvolvido essas habilidades de modo gradativo.

Recuando um pouco mais no tempo, deparamo-nos com a episteme da palavra escrita, cuja origem remonta ao latim “scripta”, derivado do verbo “scribere”. Os primeiros indícios de traçados escritos datam aproximadamente de 3.500 anos a.C., manifestados na forma de uma escrita cuneiforme, “a emergência da escrita e seu desenvolvimento, é um longo processo” (Chartier, 2011, p. 121). Ao longo desses poucos mais de cinco milênios, a escrita exerceu um impacto significativo nas civilizações, ao mesmo tempo em que era influenciada por elas, expandindo-se e se adaptando a um novo mundo de formas e estilos. Gradualmente, a escrita invadiu espaços em muitas sociedades tradicionalmente orais, transformando-se em um artefato para registrar, comunicar e interagir com a cultura e história. Ao longo desse percurso, registrou as mudanças das sociedades. Desempenhou um papel fundamental na sua formação e desenvolvimento.

Não entraremos em uma discussão histórica detalhada, mas é importante destacar que a invenção da escrita surgiu com finalidade inicial de anotar⁹⁶. Esse surgimento ocorreu por necessidade de poucos, visto que o domínio da escrita estava nas mãos e nas ‘penas’ de pessoas detentoras do poder. “No século XVIII, a ideologia das Luzes queria que o livro fosse capaz de reformar a sociedade, que a vulgarização escolar transformasse os hábitos e costumes, que uma elite tivesse com seus produtos, se a sua difusão cobrisse todo o território, o poder de remodelar toda a nação” (De Certeau, 1990[2012, p. 237]). Ainda há resquícios ideológicos de uma escrita; um livro capaz de iluminar os “iluminados” em diversos segmentos sociais, inclusive nos espaços educativos.

No desbravar por estradas, vielas e até mesmo carreiros, deparamo-nos com rastros de apagamentos que, ainda, atingem o ato de escrever de muitos, de modo especial, de jovens ‘estudantes/periféricos’ de escolas públicas, inclusive, os meus, inclusive a minha formação cheia de obstáculos fez-me burilar situações, muitas vezes sozinha, para criar outras trilhas com as práticas de escrever.

Nesses trajetos, meus encontros se alinham com Lucas Coelho e os(a) demais colaboradores(a), que, também, se dão pelas manifestações de liberdade, de existência e

⁹⁶ Calvet, obra Tradição oral escrita (2011).



resistência, emergindo no processo criativo que compõe as práticas de escrita, criação/narração/fabulação, por muito tempo silenciadas por correções minuciosas ou até mesmo ignoradas, seja por uma estrutura aqui, uma colocação pronominal deslocada acolá, ou acabando descartadas no lixo. Ao reconhecermos suas características distintivas, Lucas Coelho se depara com suas rasuras e seu interesse por temáticas diversas.

Agora, emergindo no processo criativo do meu texto, posso encontrar alguns traços característicos, como a apropriação da morte como temática (explorando o desconhecido que há por trás dela) e o uso de metáforas e de outras figuras de linguagem como mecanismos linguísticos, além da ressignificação da realidade em meus contos e minhas crônicas⁹⁷ (2025, p. 108).

Mesmo que seu interesse inicial fosse exclusivamente com a gramática, essa escolha pode ir além do estrutural, pois “o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (Fiorin, 2017, p. 102). Assim, Lucas Coelho se vê impelido pela necessidade de desenvolver uma formação docente, que ultrapasse a língua como apenas um sistema estruturalista de signos, passando a considerá-la um construto social. Ele revela que não tinha o hábito de ler, pois sua família não cultivava a cultura do livro, da leitura e da escrita. Um exemplo notável dessa reflexão é sua ‘delação’ sobre as memórias afetivas, que vivenciou durante sua passagem pela educação básica.

Assim, Lucas Coelho narra: “*a minha aversão aos textos literários que escrevia - fato que já falei anteriormente com você em lives e em conversas informais - era devido ao silenciamento que recebia após a avaliação, após a nota dada. Eu esperava um tratamento que visasse à potencialização do meu texto. No entanto, eu recebia apenas as correções gramaticais do texto. Por isso, raramente escrevia um texto literário que não fosse com fins de recebimento de nota*”⁹⁸ (2025, p. 55). Essa interlocução com Lucas Rodrigues revela experiências marcadas por práticas de escrita, que não encontraram a devida audiência, acabando por se perderem nas lacunas da desvalorização.

Ao trazer essa memória, Lucas evidencia a importância de se criarem espaços não apenas para o exercício da escrita, mas também da acolhida e reconhecimento, onde cada estudante possa assumir “a palavra escrita para tratar deles mesmos e de suas vidas” (Endruweit, 2022, p. 223), encontrando, assim, um lugar de pertencimento e visibilidade na formação humana, educacional e acadêmica.

⁹⁷ Trecho da carta/narrativa 3 *Entre a teoria e a prática*, escrita por Lucas Coelho em Petrolina/PE, em 21 de setembro de 2023.

⁹⁸ Trecho da carta/narrativa 2 - *Raramente escrevia um texto literário*. Petrolina-PE, 22 de novembro de 2022. Lucas Coelho.



O não interesse pela leitura ou pela escrita perpassa por vários aspectos, que vão da falta de oportunidade até a um saber ainda impregnado com ideais colonizadores, pois foram arraigados por muito tempo em diversas sociedades em que o velho continente manteve sob seu domínio, pois “o medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos, todos os textos que não deveriam desaparecer” (Chartier (2005 [2007], p. 09). Registraram na escrita as narrativas que eram convenientes para a manutenção do poder. As demais permaneceram por longos tempos aprisionadas em simulacros.

Tais indagações também nos revelam que é preciso ler; é preciso escrever para não correremos “o risco de uma história única”⁹⁹. Uma das primeiras mudanças está relacionada à forma como olhamos para as instituições públicas educacionais. O investimento efetivo destinado a elas deve ser um dos pilares dessas mudanças.

De modo semelhante, Camila Batista evidencia com contundência: “*infelizmente, ainda, somos testemunhas do preconceito com escolas públicas e isso é algo que acredito ser inadmissível, nenhum aluno é menos capaz por não ter frequentado o ensino privado, mas é o que muitos insistem em pregar*”¹⁰⁰ (2025, p. 48). Ao problematizar esse discurso discriminatório, a autora reafirma a urgência de desconstruir discursos, que hierarquizam saberes e trajetórias escolares, reiterando o valor e a potência das experiências formativas vividas no ensino público.

Fabuladores(as), observemos, então: se o sentido de periferia, de forma geral, sugere um afastamento do centro em uma condição de desfavorecimento nas margens, limitando o acesso a diversas oportunidades em comparação com que é considerado central, é necessário dismantellar essa noção, “supostamente passiva”, e trazer a “criação anônima” (Giard, 1990[2012], p. 12), nascida da prática da periferia, para o centro das discussões. Ao valorizar a produção que brota das margens, então, que possamos reconhecer o lugar do periférico como um território fértil, capaz de desestabilizar as hierarquias, que configuram um sentido único da narrativa, instaurando assim diferentes formas de pertencimento e de potência coletiva.

Tudo isso nos remete a uma narrativa: uma fabulação em forma de diálogo entre os peixes e a tartaruga. Ela, a tartaruga curiosa, decide explorar a terra seca para descobrir

⁹⁹ Adichie, Chimamanda (2019).

¹⁰⁰ Trecho extraído da carta/narrativa 2 - Não conheço um mundo onde eu não escreva Juazeiro/BA, 19 de novembro de 2022. Camila Batista.



o que lá ocorre. Chegando à superfície terrestre, observa, investiga e tenta compreender. Ao retornar para a água, encontra os peixes, que lhe fazem uma infinidade de perguntas. A tartaruga sempre respondia com uma enfática negativa a tudo que os peixinhos perguntavam. Diante disso, os peixinhos concluíram: “não é molhada, não é fria, não tem ondas, nela não se pode nem nadar. É coisa de sua imaginação. Não é real” (Street, 2010, p. 41). A fábula contada por um monge e descrita nos novos estudos sobre letramentos, por Brian Street (2010), leva-nos a refletir: o silenciamento na e pela escrita é real? E, se sim, para quem?

O silenciamento abordado por Lucas Coelho e Camila Batista evoca o “não” presente na fabulação da tartaruga e dos peixes. Um simulacro silencioso que, vira e volta, surge nos espaços escolares e acadêmicos mesmo em pleno século XXI, instigando-nos a refletir sobre a relevância de uma pesquisa, que englobe o ato de criação com potencial formativo: tanto para quem se forma quanto para quem é formado.

Como nem tudo deve desaparecer, insurgentes posicionamentos de pessoas, como Camila Batista, traçam trilhas de um despoder e tem no seu âmago um sonho de levar a literatura a todos os cantos do mundo, conforme postula Street (2010, p. 121): “as concepções de letramento são construídas [...] a controlar os aspectos cruciais de linguagem e de pensamento”, mesmo com vontade de levar a leitura e a escrita para os mais diversos espaços, essa ainda permanece restrita em alguns contextos.

Assim como o teatro que um dia já foi negado como forma legítima de expressão literária e vem rompendo a bolha de um estigma destinado a poucos, pois “sempre houve uma contranarrativa para fazer valer a ambivalência da narrativa” (Moreira, 2010, p. 133), as práticas de escrita de sujeitos como os(as) estudantes/escritores(as)/docentes, em contraposição ao modelo canônico, têm o potencial de contribuir para rasgar esse tecido, ainda considerado supremo na literatura, e tecer outras tramas, aproximando o fazer artístico das práticas sociais e culturais.

Outro aspecto comum é a ocorrência frequente de frases como ‘eu não tenho dom para escrever’, ‘eu não nasci para praticar a escrita’ ou ainda ‘eu não sou boa/bom com as palavras’. Essas expressões permeiam diversos espaços, especialmente entre aqueles com acesso limitado a bens materiais e culturais. Narrativas frequentemente aceitas como verdades criam uma espécie de mito em torno das práticas de escrita da juventude estudantil. Esse fenômeno coloca a escrita em um pedestal inatingível, afastando o contato com ela devido à falsa crença de que falta o “dom” para escrever ou algo semelhante. Nesse sentido, é importante reconhecer a necessidade de superar os limites



do não ter, do não ser, do não servir, do não visibilizar e do que impede o que está por vir.

Trata-se de um porvir que reside na pessoa do(a) autor(a), projetando conexões em suas criações escritas. Esse acontecimento rompe com o estabelecido, impulsionando o potencial transformador dos sujeitos engajados no ato de criar. Nesse contexto, o acontecimento se torna uma força propulsora da existência e reexistência, expressando a potência da vida. Ele se expande a partir do que já existe e, por meio dele, diferentes possibilidades se delineiam, abrindo caminho para o novo e para outras dobras. É o sujeito recuperando sua voz, apropriando-se das palavras e interagindo com outras vozes, materializando seus discursos no processo de textualização. Isso indica a potencialidade de se desvincular das amarras do outro, constituindo-se como um agente, que interage não apenas com o outro, mas também com os significados atribuídos ao texto.

Talvez fosse até interessante partir de um *não* para alcançar a possibilidade de construção de textos escritos em diálogo com um *sim*, que legitima uma narrativa, de modo a dessacralizar a escrita do seu ‘pedestal’, abrindo espaços na ‘sala de estar’ para valsar com outros modos de escrever, antes silenciadas, nos jardins e nas *praças de criações*, passando ‘cintilantes’ pelos dedos de quem “*valsam pelo teclado. Desse valsar, resultam-se melodias truncadas [...] Palavras lidas, repelidas, impelidas e expelidas*” (Coelho, 2022, p. 247). É, sem dúvidas, um valsar temperado com sabores e saberes plurais, uma vez que o sujeito se “dá na palavra e como palavra” (Larrosa, 2002, p. 21). Palavras, que agenciam outras formas de praticar a escrita em diversos contextos.

Lucas Coelho traz um movimento para escapar da aporia do impossível e reconhecer os acontecimentos possíveis, pois é preciso “tornar forte a literatura, o letramento literário” (Santos, 2020a, idem). É desse lugar que muitas narrativas emergem para a folha em branco, inaugurando um fazer literário para que “*deflore minh'alma em metáfora. O caetanear rompe com a imponência do silêncio, impregnando o ambiente de leveza e de poeticidade*” (Coelho, 2022a).

Esse movimento vai além de simplesmente colocar palavras no papel ou numa tela em branco; é um ato de criar espaços para que essas vozes se configuram “nas astúcias das práticas ordinárias” (Giard, 1990[2012, p. 13]), transformando-as em algo tangível e significativo. São palavras que ganham vida *valsando* na página em branco e convidando o leitor a se perder em suas melodias, em seus ritmos, em suas imagens e em suas andanças. Assim, há condições de celebrar a linguagem pelo que ela pode expressar.



Com base nas vivências durante sua passagem como estudante da educação de base, Lucas Coelho, ao considerar sua escrita silenciada durante o Ensino Médio, tensiona as práticas de produção textual centrado na transmissão, em que apenas o professor, como figura central do espaço, está autorizado a interação com os saberes. Como Geraldi (2006, p. 21) defende, são “saberes ‘mudos’¹⁰¹” e não a “aula como acontecimento”. Essa reflexão nos remete ao testemunho de Alealda Portugal, conforme relatado em Moreira (2015, p. 74), que descreve “quanto à vida de escritora, há muitas dificuldades, [...] a gente escreve os poemas, eles ficam escondidos nas gavetas”, mesmo em contextos diferentes, encontramos ‘delações’ semelhantes, como em “ficam escondidos nas gavetas”. Tanto no desabafo de Lucas Coelho quanto na citação da escritora Portugal destacam esse cenário de textos relegados ao silêncio, esquecidos nas margens, nas periferias das salas de aula ou de uma gaveta qualquer.

Isso nos leva a refletir um “índice de despoder” (Barthes, 1977[2004], p. 35)¹⁰², que abre espaço para uma multiplicidade de textos e sentidos, rompendo com a ideia do autor como instância de autoridade única. Conforme expressa Lucas Coelho (2022), “Palavras, palavras, palavras... Palavras vazias, palavras pálidas, palavras ao vento, palavra ao léu, mas, mesmo assim, palavras válidas.” Essa potencialidade das palavras, e do estudante secundarista de escola pública, que chega à universidade, revela uma subversão poética e política. Rompe-se o traçado silenciado de um coser autoritário para adentrar no valsar central dos leitorados, dos debates e das práticas de escrita. É nesse movimento que o(a) estudante/escritor(a)/docente deixa de ser simples receptor e passa a ser produtor de linguagem, ocupando o lugar de agenciamento do sentido, em consonância com a abertura plural do texto ‘despoderado’.

Trazer à tona a ‘alma’ desse sujeito em seus encontros com as palavras é fundamental, pois palavras e sujeito são indissociáveis na aplicação do “princípio da diversidade entendido para além da simples diferença entre textos” (Cosson, 2006, p. 35). Nesse encontro, rompe-se a barreira do sentido inicial, da parábola fixa, para multiplicar significados, formatos e fabulações, reconhecendo a escrita como espaço de reinvenção e subversão. Assim, não se trata de “dar voz” nem “devolver palavras”, pois elas são legitimamente humanas e atuantes, seja para quem as utiliza, seja para quem as inventa, como Lucas Coelho, que as transforma em acontecimentos na crônica ou no conto.

¹⁰¹ Grifado em aspa pelo autor.

¹⁰² (Barthes, 1977[2004], p. 35).



O que se exige é o reconhecimento de um espaço para essas vozes ecoarem, saindo do despejo de uma língua subserviente, rompendo os desafios da falta, da ausência e do silenciamento. Essa postura responsiva e epistêmica ao deslocamento do centro, operada pela tese, permite uma abertura do texto para a pluralidade, a não hierarquia e a reinvenção dos sentidos. Em suma, a escrita se torna aqui um terreno fértil de resistência e potência para sujeitos historicamente silenciados, reafirmando a vitalidade das palavras como matéria viva, contraditória e politicamente situada.

Geraldi (1997[2004], p. 19) nos convoca a questionar quem é esse sujeito que produz, afirmando: “trata-se de um sujeito pronto que, apropriando-se da língua, atualiza-a no seu dizer, organizando seus pensamentos (suas mensagens) e transmitindo-os a outros sujeitos”. Por outro lado, “defendia-se um sujeito assujeitado às condições e limitações históricas, produto do meio, da herança cultural e das ideologias que, incorporadas ao longo de sua história, fazem do indivíduo desde sempre sujeito, mero preenchimento de um lugar social reservado pela estrutura (ideológica) que define o dizível e como exercer o papel neste lugar social previamente estabelecido”. Essas concepções podem ter influenciado o silenciamento de produções escritas desenvolvidas por estudantes em diversas salas de aula, já que não contempla o estudante como escritor em seu processo de interação com a escrita. No máximo, resulta em um sujeito desvinculado do processo de criação textual.

O *não*, tanto no silenciamento descrito por Lucas Coelho quanto na fabulação da tartaruga em Street (2010), faz-nos refletir sobre a relevância de uma pesquisa voltada para as práticas de escrita de docentes em formação. O ato de criação é uma necessidade, visto que desloca as práticas de escrita, criação/narração/fabulação, como um ato insurgente, que desafia o pedestal canônico em que a escrita literária sempre foi colocada.

Como afirma Moreira, trata-se de um “texto-vida”, ou melhor, de textos, que refletem o movimento da vida. Escrever pode se configurar como uma forma de aproximar as margens, em que as vivências se revelam no escrito, pois “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 1969[2004, p. 156]). Isso não significa que estamos tratando a escrita como redentora, porém essas práticas, narradas nas cartas trocadas, estão na rota das “linhas de fuga” (Deleuze & Guattari, 2011), indicando um inacabamento do texto e desafiando a ideia de produção escrita apenas para fins específicos de uma avaliação. Com isso, é preciso “escrever de qualquer jeito, com linhas tortas” (Santos, 2020). Trata-se assim, o



central pode ser agenciado pelo periférico; com as condições adequadas, o periférico pode, de fato, agenciar o que está no campo central.

O sujeito, ao recuperar sua voz, apropria-se das palavras e se envolve em um diálogo com outras vozes, moldando seus discursos e suas subjetividades no processo de textualização. Esse ato não se resume a conceder a voz ou restituir a palavra ao outro; isso perpetuaria a subjugação e ignoraria o processo de criação, que se desenvolve tanto para si quanto para a coletividade, constituindo um despoder. Nesse sentido, o sujeito tem o potencial de se desvincular das amarras impostas pelo outro e se afirmar como um agente, que interage não apenas com o outro, mas também com os significados atribuídos ao texto.

Ao longo de quatro anos, é claro e notório o afeto de Lucas Coelho pelas leituras de fruição, inspiradas tanto em Lispector quanto em autoras do próprio ‘Lugar de Criação’. Ele não se limitou às estruturas normativas da Gramática, como imaginava ao ingressar no curso de Letras, mas aproveitou essa base para explorar outras trilhas no universo discursivo. Recupera o rompido em uma outra posição, manifestando um rompimento próprio do acontecimento, inspirado tanto pela Análise do Discurso (AD), que vai de Pêcheux à Orlandi, quanto pela filosofia do acontecimento deleuziana.

É por meio do envolvimento nos escritos dos(a) colaboradores(a) da pesquisa, que me deparo com diferentes realidades, que se entrelaçam em um traçado narrativo de experiências com as práticas de escrita. Como apresenta Guilherme Resende, a escrita não só transformou a maneira como ele escreve sobre as coisas, mas também como discute sobre elas: um processo de ação-reflexão-ação, que “escrever contra si mesma implica em uma abertura para novas possibilidades de ser, faz-se, inclusive, motivada por esta demanda de novas possibilidades de vida” (Moreira, 2020, p. 204). Em um eterno ir e vir, já que identidades fixadas dão lugar ao múltiplo. Para nós, “na produção contra identidades impostas, ainda que negociadas; identidades nocivas, para fazer emergir, se construir outras subjetividades”, completa Moreira. Esse contexto possibilita o acesso a práticas inscritas nos textos de ‘estudantes/escritores(as)/docentes’, em cada realidade e em cada dobra criada, resultando em uma erupção diferente.

Essas peregrinações, em conjunto com o conhecimento linguístico/literário, podem nos atravessar de alguma maneira: “uma coisa não se une a uma palavra, mas o conceito a uma imagem acústica” (CLG, 1916[2016], p. 106). Isso nos permite experienciar os laços, que agenciam nossas narrativas por meio de insurgentes modos de criação. O encontro inicial de Lucas Coelho com o curso de Licenciatura em Letras



ocorreu pelas vielas do estruturalismo. Ao adentrar no contexto do Lugar de Criação, relata que não conseguiu resistir à escrita. Essa experiência, descrita por Lucas Coelho, pode se repetir em diversas situações pelo Brasil, refletindo exemplos frequentes no cotidiano de vários contextos educacionais. De fato, poderia ser até mesmo um de nós, pois, atualmente estamos na condição de andarilhos escrevendo teses, mas que, no passado, sentimos o balançar tenebroso das estradas esburacadas pela falta de uso da escrita, entre outros aspectos linguísticos/literários.

Apesar de continuar sendo temida por sociedades que, tradicionalmente, não fazem uso da escrita, é notável, nos dias de hoje, a constante proliferação textual, especialmente entre aqueles, que ensinam o acesso à escrita, ao livro e à leitura. Como observa Chartier (idem), “embora temido, o apagamento era necessário, assim como o esquecimento também o era para a memória”. Essa ideia de esquecimento e apagamento reverbera nas salas de aula, onde a arte de escrever suas subjetividades permanece constantemente às margens, nas periferias dos espaços escolares. Isso ocorre, talvez, por ser considerada fora do padrão exigido ou devido ao “excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos” (p. 237). Essas produções não devem ir para além dos jardins, como nos lembra De Certeau (1990[2012]).

Lucas Coelho, assim como eu e os demais colaboradores, dedicamo-nos a escrever nossas criações/narrações/fabulações, levando-nos a indagar: textos inúteis para quem? Sem se preocupar com a utilidade ou inutilidade nos seus textos, Lucas afirma que escrever é encontrar respostas, pois é uma busca inquietante, acreditando que a escrita pode ser uma bússola, que nos guia na busca de indagações sobre si, sobre o outro ou sobre o mundo. Em outras palavras, escrever agencia vozes de uma coletividade.

Assim, os sujeitos se constituem em vários ‘eus’ simultaneamente: o eu/graduando, o eu/professor, o eu/extensionista, o eu/autor, o eu/família, o eu/pesquisador, entre outros. Cada um exige uma série de movimentos, ideias e realizações, e, por vezes, esses “eus” entram em divergência. São os diversos “eus” assumindo o papel de “outros”, tornando-nos andarilhos(as) nas trilhas de uma página em branco, rasurando as performances nas diversas edições em que o texto adquire sua excelência.

Para Lucas Coelho, isso é tarefa do “eu-autor”, que, com sua ânsia por respostas, rasura pelas linhas das metáforas.



O que seria de um autor se não pudesse usar metáforas? A realidade é tão problemática; precisamos figurá-la. Além disso, sou afiliado às concepções de texto enquanto lugar de interação. Usar metáforas nos meus textos é dar a autorização aos meus leitores: criem os sentidos que vocês quiserem. O texto é uma casa. Eu sou o engenheiro; faço a estrutura. O leitor é o arquiteto. Ele é quem dá vida, sentido, cor e vibração à casa¹⁰³ (2025, p. 138).

Seja no conceito/metáfora ou na metáfora conceito, o que mantém o ritmo dessa discussão é que o livro é uma construção do leitor, pois, esse é atravessado pelas palavras. Sendo autorizadas ou não, são palavras lançadas ao vento em busca de outros encontros, olhares, leituras e boas “conversas afiadas”. Essas palavras estão inscritas na cena para a construção de diferentes metáforas/conceitos. Nessa narrativa de experiências com as práticas de escrita, nós nos deslocamos da função de autoria das fabulações para um leitor e comentador dessas práticas, dando diversos sentidos ao lido, escrito e reescrito.

Lucas Coelho é um jovem estudante/escritor/docente que, inicialmente, foi considerado que não pertencia à formação em Letras, mas que hoje se multiplica em sua enésima potência. Assim como na fabulação, ele torna-se um platô, agenciando os diversos espaços que habita, fazendo o acontecimento se multiplicar, pois “dois já somos muitos”¹⁰⁴. Nas escritas de Lucas Coelho, sua prática abre uma infinidade de possibilidades que pode explorar, saindo por aí com seu texto a tiracolo. Trata-se de um sentido que extrapola a extensão para abrigar outros lugares e conexões. “*Quantas identidades[...]? Infinitas... incontáveis... inexatas. Ah, a vida tem seus mistérios, tem seus encantos. E escrever é um ato, curiosamente, tão humano e tão divino. Escrever nos torna controversos*” (Coelho, 2022, p. 229).

Mesmo que o signo linguístico, grafado pela escrita, tenha a potência de romper com o contexto em que foi constituído, é por meio da cultura, em constante interação com a língua e suas diversas linguagens, que os mais variados pensamentos e subjetividades se manifestam em um mosaico intrincado, presente em cada trilha, que delineamos ao longo da nossa existência. Como afirma Bogue (2011, p. 19), “a língua nunca é inteiramente individual, mas coletiva”, numa prática sociopolítica agenciada pela enunciação da coletividade. Esses fragmentos de experiência se entrecruzam, formando uma teia complexa de significados e perspectivas, como nas crônicas aqui interpretadas.

Nesse sentido, ao considerarmos a formação docente, devemos atentar para três importantes dimensões¹⁰⁵ e seus respectivos contextos. A primeira delas está relacionada

¹⁰³ Trecho da carta/narrativa 5 Os vários “eus”, escrita por Lucas Coelho, e, Petrolina/PE, 10 de agosto de 2024.

¹⁰⁴ (Deleuze; Guattari, 2011).

¹⁰⁵ (Nóvoa, 1992[2008]).



à personalidade, ou seja, para o sujeito que cria, reflete suas leituras, suas escritas e avaliações pessoais. Essa dimensão do desenvolvimento pessoal se vincula à criatividade inata da condição humana. Podemos visualizar esse espaço como um lugar de criação em constante movimento no processo formativo, onde a dimensão pessoal na docência se configura como uma maquinaria de encontro, em uma dinâmica de dupla captura: um ‘devir/docente’.

A segunda dimensão da formação docente se inscreve no âmbito institucional, promovendo um crivo teórico e prático necessário ao contínuo movimento do conhecimento. Isso implica não apenas acessar outros saberes, mas também problematizá-los e, sobretudo, fazê-los reverberar como potência em outras instâncias. Trata-se de um exercício do questionando, que atravessa diversas práticas sociais e dialoga com a concepção ideológica de letramento, compreendida como prática situada e transformadora.

Uma terceira dimensão emerge no contexto educacional, nos espaços de interação com o outro, onde rompe com uma linguagem opressora, para se constituir pelo viés de uma “língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras” (hooks, 2013[2017, p. 223]). Nesse movimento, os(as) graduandos/escritores(as)/docentes levam suas publicações para outros contextos, atravessando limites institucionais e discursivos. A linguagem, então, carrega um impulso intrínseco de libertação frente a qualquer tentativa de confinamento ou controle. É um chamado à criatividade linguística e à liberdade de expressão, desafiando convenções estabelecidas.

Essas três dimensões da formação se entrelaçam às práticas de escrita desenvolvidas no contexto do Lugar de Criação, espaço em que as fabulações de Lucas Coelho se inscrevem. Ao transpassarem as fronteiras entre o autor e o narrador que emerge na textualidade, suas escritas mesclam traços de subjetividades e vozes plurais: “uma escrita que, colocada em relação com o impossível, fábula o real” (Godoy, 2011, p. 42). Cabe a nós, com olhares forasteiros, contemplar essas vivências como fabulação criadora, escrita plural, em um lugar de posicionamento relativamente nômade: um espaço do fazer com, do diálogo, da interação.

Trata-se de “Uma concepção social de escrita que assume o letramento, que partem de formas inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem” (Fiad; Signorini, 2021, 43). Assim, a dimensão pessoal da formação docente articula-se com um *Lugar de Criação*, como espaço de desenvolvimento de práticas de escrita, no qual a autoria se faz movimento.



Nesse contexto, Lucas Coelho, cujas experiências se desdobram como prenúncios de um(a) escritor(a) em gestação, apresenta traços vivenciados em diálogos enriquecedores. Somos convidados a percorrer os itinerários dessas práticas de escrita, pois a fabulação é criadora, uma vez que ela “cria o meio e traça a linha pelos quais tudo se torna possível” (Idem). Mergulhamos nas reflexões que formam a complexa tecelagem da condição humana. Um “movimento que não começa e nem termina nela” (Godoy, 2011, p. 42), coincide com a imagem presentes nas narrativas de experiência com as práticas de escrita, que se constituem na força de uma coletividade para escapar do que os aprisiona.

São escritos que trazem reflexões sobre a sociedade em que vivemos, sem recorrer a floreios, mas preservando um tom de narrativa poética. Não se trata apenas de relatos que retratam lugares como espaço geograficamente delimitados, de região, de sítio, comunidade ou território, mas sobretudo, lugares como posicionamentos, construídos nas e pelas interações. Lugares onde o encontro com o outro se faz condição de existência, pois nosso lugar também passa pelo do outro.

Nesse sentido, Miguel Segundo¹⁰⁶ sintetiza com precisão o espírito do contexto do (PLC) ao afirmar que essa é a peça-chave para a sua construção enquanto estudante/escritor(a)/docente. Esse é um espaço em que a escrita se dá como travessia, como ato de atenção e partilha, em que se produzem deslocamentos, fabulações e vínculos, que atravessam fronteiras pessoais, institucionais e educacionais.

Observe, fabuladores(as) dessas trilhas, que “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 1969[2004], p. 156). Assim, o letramento contribui para a abertura de espaços para diferentes narrativas emergentes. Trata-se da materialização da palavra escrita, criando textos voltados a diferentes significados, revelando experiências, que se refletem em narrativas plurais. Nesse sentido, a escrita assume uma função social, contribuindo para a construção de significados na arte de se expressar de maneiras diversas.

Assim, as palavras outrora contidas passam a circular, deslocar e transformar, fazendo da escrita um lugar possível para narrar as experiências do vivido e do vivível. A cada escrita apresentada e compartilhada, um evento de letramento se reinventa, abrindo espaço para outras formas de significar o mundo. É uma prática, que acolhe o imprevisto e o inacabado. Essas escritas são fragmentos de experiências, que revelam a singularidade

¹⁰⁶ Carta 2, 2022.



dos sujeitos, retalhos do passado e do presente, entrelaçados pelo ato de escrever em direção ao porvir. Trata-se de uma teia polifônica, que interliga criação, formação e educação: “quem educa, intervém. Quem intervém, assume riscos e se expõe”¹⁰⁷ (Alliaud, 2014, p. 47). Nessa intervenção, os sujeitos envolvidos criam, formam, correm riscos, se expõem e se transformam em um movimento contínuo.

É nesse entrelaçamento entre teoria e experiência que situo também meu próprio percurso com a escrita para percorrer as veredas da investigação. Vale observar meus encontros com as palavras escritas. Esse ponto de partida é determinante, pois a entrada no curso de Licenciatura em Letras, Português/Inglês e suas literaturas, deu-se exatamente pelo meu interesse pela leitura e pela escrita. No entanto, ao longo da graduação, as oportunidades de praticar a escrita foram quase inexistentes. Não houve incentivo à escrita literária e mesmo a escrita acadêmica foi abordada de forma incipiente. Inclusive, minha turma foi uma das últimas a não ter como obrigatória a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Essa ausência, que, inicialmente, se apresentava como silêncio institucional diante da escrita, foi se tornando matéria sensível da pesquisa. A falta de incentivo, de espaço, de escuta, de acompanhamento, não é aqui compreendida como ausência pura e simples, mas como cena formativa, que me convoca a produzir outra possibilidade de presença. O que não houve torna-se, paradoxalmente, força de invenção.

Foi a partir dessa lacuna, dessa escrita que não se realizou no tempo esperado, que fui compreendendo o que hoje me move: criar condições para que o desejo de escrever não seja interrompido, abafado ou adiado. A tese, então, funda-se também nessa cena de falta, que não se encerra em lamento, mas se dobra em urgência e fabulação.

Um ato de criar enquanto se forma e forma o outro. Como observa Santos (2020, p. 15), “no meio acadêmico, e não muito menos nas políticas de educação no Brasil, nos últimos 20 anos, há ainda muitos equívocos quanto à apropriação do conceito de letramento como fundamento para explicar o funcionamento das práticas sociais de leitura e de escrita, incluindo as práticas literárias”. Além disso, é fundamental que essas práticas estejam presentes nos currículos de formação nos diferentes domínios do conhecimento.

É na tessitura de narrativas com as práticas de escrita criação/narração/fabulação que encontramos a riqueza do letramento, que se transforma em uma prática de

¹⁰⁷ Tradução nossa.



construção de sentido, formação de subjetividades e interação social. Assim, cada palavra, cada frase e cada texto refletem nossa jornada contínua nas práticas de escrita e nas conexões com o mundo ao nosso redor. Tais práticas nos levam a pensar no refinamento epistemológico do termo escrita. “Nesse sentido, percorrer a escrita poética de Miguel possibilita a contemplação de um verdadeiro mosaico em homenagem à prática da literatura” (Zaratim, 2023, p. 13).

As andanças dos últimos quatro anos foram de muitos encontros; mesmo com tropeços para aprumar as passadas, foram surgindo encontros para além da periferia da sala de aula. Com isso Miguel Segundo diz que chegou ao Lugar de Criação com uma pequena bagagem que possuía, fazendo poesias, mas, logo depois, recorreu à tentativa de uma performance escriturística também na prosa, o encantamento com a prosa foi tão significativo quanto com os versos.

Nossas bagagens de andarilhos por essas escritas de fabulação foram se ressignificando a cada rasura, que rascunhamos nas folhas dos nossos escrevinhar. Assim como Vítor Castro traz em “Crontos” (2023) o ecoar de uma intergenericidade, que contrapõe à convenção estabelecida pelo padrão de escrita, mantendo-se fiel às suas narrativas em prosa, o que o leva a transitar para além das estruturas de uma crônica ou conto tradicionalmente estabelecido linguisticamente.

Se escrever era o impulso inicial, a negativa institucionalizada a esse impulso me devolveu, mais tarde, a necessidade de sustentar um acolhimento atento ao que se anuncia quando os estudantes (como eu fui) se colocam em relação com a escrita, mesmo (ou sobretudo) quando essa escrita escapa às normas, aos modelos prontos, aos formatos esperados. Por isso, minha presença na pesquisa carrega a marca dessa travessia: sou (eu)andarilha, que caminha com e a partir da falta, fazendo da ausência um campo fértil para práticas inventivas, movidas pelo desejo de escrita.

Diante disso, torno-me uma curiosa desse universo, começando a escrever suas primeiras rasuras e se arriscando com cartas literárias trocadas com estudantes, depois me desafiando com a prática de escrita de crônica. Arrisco-me nos versos, que até então, pareciam um território distante. Isso, aos poucos, passa a ser observado como uma ‘escritora’ por intuição.

É com o cheiro acolhedor do capim-santo chegando pelas narinas que podemos reconhecer a necessidade de uma pausa. É tempo de reorganizar as ideias antes de seguir narrando as práticas de escrita. Ainda que o caminho seja longo, um dedinho de prosa se faz urgente para continuar bordando a tessitura do alforge, e, durante muito tempo, as



escritas de estudantes foram empurradas para as margens, silenciadas por estruturas, que pouco reconheciam seus modos singulares de narrar o mundo.

Confinadas em formatos rígidos, essas escritas foram privadas de sua potência criadora, sensível e inventiva. No entanto, quando surgem espaços como os que se constituem no Lugar de Criação, abre-se uma fresta. Por ela, essas vozes ganham corpo, fabulam outros modos de existir e traçam caminhos próprios de autoria. São práticas que se alimentam do encontro, da circulação de experiências e da crença em uma formação, que reconhece o valor da escrita como forma de presença, de si, do outro e do mundo.

Fabuladores(as) de trilha, a escrita, para mim, é uma forma de presença, insistência e sobrevivência. Nos silêncios da formação, nas ausências de incentivo institucional, algo, ainda assim acontecia. Foi nesse entrelugar, entre o apagamento e a urgência de dizer, que comecei a compreender a escrita como espaço de devir, como prática de mundo. Hoje, reconheço que esse percurso fragmentado, por vezes solitário, é também rizomático: marcado por desvios, rasuras e retornos, mas atravessado pela mesma força vital, que anima as cartas/narrativas dos(as) jovens escritores(as) com quem caminho nesta pesquisa.

3.3 Um acontecimento em “Os bodes não me respeitavam”

Quantas fabulações são criadas cotidianamente no pastoreio dos caprinos e bovinos. Um manejo diário na vida de quem lida com as atividades da agricultura de subsistência. São imagens também presentes, que povoam a coletividade de uma gente, que labuta com dignidade em um trânsito constante entre o rural e o urbano, assim como eu que vivi meus primeiros anos aprendendo o manejo de colocar o sal para que os caprinos entrassem do curral no final de tarde.

São dobras que permitem a imersão em diferentes significados, sopradas pelo acontecimento com as palavras em seus mais diversos significados. Se o acontecimento está no que ocorre, as práticas sociais se desdobram sobre aspectos ‘emoldurados’ pelo escriturístico, no qual o cotidiano é constantemente inventado. É uma maneira de projetar sentido que estudantes/escritores(as)/docentes desenvolvem em suas práticas, até porque, o poder não está apenas nas grandes esferas de tomadas de decisões; ele também se manifesta nas menores dimensões e mecanismos sociais¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Barthes (2009).



Talvez os(as) estudantes/escritores(as)/docentes se aventuram em uma relação entre o acontecimento e as práticas sociais na escrita, práticas essas que afloram no cotidiano e se manifestam nas interações dos sujeitos em seus ambientes sociais. A “língua só vive para governar a palavra” (De Certeau, 1990[2012], p. 230), evidenciando o caráter arbitrário do signo. Nesse sentido, a criação é a construção de uma trama, que se inicia em rabiscos e se transforma em outras rasuras, logo, “rede interconectada em favor da produção” (Torrezan, 2011, p. 106). Esse processo criativo traz uma significativa mudança, resultando em “uma escrita cuja potência seja uma violência e uma delicadeza” (Godoy, 2011, p. 43), vinculada em uma multiplicidade de influências, oferecendo constantes possibilidades em diversas narrativas. Uma teatralidade singular, mesmo que corriqueira como ilustrado por Vítor Castro que,

acordava seis horas da manhã para tirar leite de cabra e de vaca, além de tirar todo o rebanho do chiqueiro e depois colocá-los de novo, era a parte que eu mais odiava, os bodes não me respeitavam, sabe? (2025, p. 36).¹⁰⁹

A peculiar teatralidade presente na apresentação de Vítor Castro revela uma dificuldade em lidar com os caprinos. Narrativas como essa, nas quais as pessoas compartilham experiências, valores e perspectivas de vida em comunidade, contribuem para identificar melhor a situação, em que vários fatores podem contribuir para a construção de um sentido plausível. É possível que os bodes não estivessem familiarizados com a presença de Vítor Castro, o que poderia resultar na falta de reconhecimento de sua autoridade. Além disso, a dinâmica hierárquica dentro do rebanho pode ter influenciado a situação; se Vítor Castro não agisse de maneira que os caprinos reconhecessem como indicativa de autoridade, é provável que não respondessem ao seu comando.

Outro aspecto relevante a considerar é a forma como os animais foram treinados ou condicionados anteriormente, pois poderia influenciar diretamente em como eles reagiriam às instruções do vaqueiro. A curiosidade de Vítor Castro em poder comandar aquele rebanho é tal qual a de uma “bailarina que não sabe dançar, mas quer se envolver com a canção até que ela lhe dê impulso para o próximo movimento da música” (Gonçalves, 2011, p. 115). Essa analogia também atravessa para o nosso movimento curioso com as práticas de escrita: o corpo do escritor é impulsionado pela melodia, que

¹⁰⁹ Trecho da carta/narrativa 1 - “Os bodes não me respeitavam!” Petrolina/PE, 29 de outubro de 2022. de Vítor Castro.



vem da curiosidade de escrever. Essa curiosidade também está relacionada ao comportamento de Vítor Castro no contexto em questão.

Nessa narrativa em “*os bodes não me respeitavam*”, Vítor Castro nos leva a buscar um entendimento do acontecimento como um processo de ruptura e recuperação, que envolve diferentes aspectos. Além de fatores ambientais, o contexto em que o evento ocorre também pode desempenhar um papel basilar para o desenrolar da trama. Essa fabulação inscrita nas primeiras experiências de vida de Vítor Castro indica que um escritor se faz agenciado por corpos fluídos, que atravessaram a exaustão da labuta e permite que o corpo da curiosidade alcance seu limite, possibilitando, assim, “retirar a venda que esconde uma nova visão” (Gonçalves, 2011, p. 116).

Nessa organicidade, encontro-me com outro texto em que Vítor Castro faz referência a essa passagem dele com os caprinos do seu avô, que é “Carta a um...”, que integra a coletânea *Escrevinhar* (2023) e constitui a obra autoral *Crontos* (2023). Ele revisita essa cena em forma de metáfora, narrando que “*reunia-se em você o que eu negava; era como se materializasse uma angústia da qual eu não tinha domínio, nem pudera pela idade. Eu era garoto, ainda sou. Mas o homem, como quer que seja, não passa por isso*” (2023, p. 173).

Essa narrativa não apenas recria uma experiência da infância, como também revela camadas mais profundas da subjetividade. São “palavras, imagens, pensamentos; singularidades que se encontram e se movimentam” (Romaguera, 2011, p. 139), metamorfoseando a angústia dos tempos de meninice e as descobertas, que surgem ao longo da vida quando confrontamos aquilo que, outrora, se negaria. É uma prática de acontecimentos que mergulha nas memórias de um garoto, ao mesmo tempo em que lança luminosidade sobre os traumas e conflitos emocionais que acompanham o processo de amadurecimento.

No dicionário Aulete (2011, p. 35), acontecimento é definido como “ação ou resultado de acontecer; aquilo que ocorre ou acontece de forma imprevista; eventualmente.” Ao tentar fazer com que os bodes respeitassem seus comandos, Vítor Castro se depara com um imprevisto, já que o esperado seria que os animais obedecessem ao pequeno vaqueiro, conforme as instruções de seu avô para encerrar o rebanho. Essas tentativas evidenciam que o inesperado se manifestou na ação de Vítor Castro quando algo não transcorreu como previsto, ressaltando que o acontecimento é inerente ao que pode ocorrer.



Vítor Castro evoca suas memórias nas cartas/narrativas como um esplendor do acontecimento, uma forma de reinscrever o vivido por meio de imagens, que escapam à linearidade do relato convencional. Em sua fabulação, a metáfora dos caprinos profanos, como Vítor Castro fabula: “recusou-se à ordem, movimentou-se para o outro lado. E você era tantos, eram muitos. E todos vazios, todos profanos. Todos elaborando uma dança satânica que fugia do controle do menino” (2023, p. 23), dramatiza uma recusa à normatividade do sujeito plural. Essa encenação de desobediência poética aproxima-se de uma estética da multiplicidade, tensionando tanto os modos instituídos de narrar quanto às formas autorizadas de existir. Trata-se de romper com relatos lineares e capturar, na diversidade, variedades de compostos de sensações¹¹⁰.

Ao explorarmos o trecho “E você era tantos, eram muitos. E todos vazios, todos profanos”, vislumbramos uma crítica implícita à homogeneização identitária. Atua como uma forma de fabulação, ao afirmar que o sujeito não é uno, mas composto por um feixe de afetos, fragmentos e intensidades. Nesse sentido, não é apenas um jogo de linguagem, mas uma concepção ontológica do sujeito como devir. O sujeito da escrita de Vítor Castro é atravessado por forças e desejos, construído na imanência dos encontros e dos deslocamentos.

A noção de “profano” também pode ser lida como aquilo, que escapa da ordem sacralizada do discurso hegemônico. Ao escrever, Vítor Castro encena uma profanação das formas e temas legitimados, deslocando o foco para os interstícios entre o literário, o pessoal e o político. Sua escrita se constitui como prática de subjetivação e de resistência, na qual a fabulação opera como uma tecnologia de criação de si em diálogos com a realidade que o rodeia. Assim, não se trata apenas de narrar uma experiência, mas de inventá-la no próprio movimento da escrita, constituindo sentidos, que se desdobram na multiplicidade do que se vive e do que ainda pode vir a ser.

Explorando um pouco mais a prosa literária de Vítor Castro (2023), deparamo-nos com a passagem, em “Todos elaborando uma dança satânica que fugia do controle do menino”, em que a metáfora da “dança satânica” acrescenta uma dimensão simbólica à narrativa. Essa imagem sugere uma atividade caótica ou rebelde, que escapa ao controle de uma figura mais inocente, apresentada pelo “menino” de outrora, que tentara controlar o rebanho de caprino na roça do avô. Nessa transmutação das memórias por meio de jogo de palavras, a narrativa sugere uma vivência de Vítor Castro como menino e sua relação com

¹¹⁰ (Torrezan, 2011, p. 111).



o jovem da atualidade. Isso revela uma experiência criativa do autor com suas lembranças, utilizando a subjetividade como meio de fabular suas expressões.

Esses elementos, além de refletirem o brilho do esplendor, enriquecem as camadas de interpretação dos sentidos, que se configuram no jogo metafórico do acontecimento. Isso sugere que a expressão de Vítor Castro transgride os sentidos nesse “jogo metafórico”; ele não apenas relata, mas cria um texto agenciado pelo múltiplo, dando vida às experiências de outrora e tornando-as fatores significativos em sua literatura.

Antes, na frase “*os bodes não me respeitavam*”, havia uma sensação de desconforto. Essa amálgama sugere algo que não podia ser totalmente enfrentado ou compreendido naquela época. No texto “Carta a um...” (2023), Vítor Castro evidencia o inesperado de um jovem em sua escrita, repleta de traços de subjetividade, que expressam as complexidades da vida. Essa narrativa revela um deslocamento, em que os signos são agenciados em rearranjos performáticos dos acontecimentos.

Nessa perspectiva, a narrativa de Vítor Castro revela a objetividade da carta trocada comigo apresentando uma outra ‘carta’, que se distingue por seu caráter literário. Isso ocorre porque “o literário não se configura, portanto, nem como repositório de um conteúdo estanque, nem como vazio a ser preenchido por disposições subjetivas, mas como acontecimento” (Duran e Cechinel, 2022, p. 10). O acontecimento se desloca para outras esferas, envolvendo tanto o escritor quanto aqueles que pesquisam suas práticas e os que interpretam e atribuem significados variados ao texto. É importante considerar o acontecimento no processo de construção de sentido, especialmente na interpretação de um texto figurativo, ou seja, literário.

A habilidade de Vítor Castro em se expressar por meio do jogo de palavras revela uma compreensão da linguagem flexível, capaz de ultrapassar as limitações convencionais da narrativa descritiva, capturando a complexidade agenciada por suas memórias, pois “não somos pessoas, somos acontecimentos” (Deleuze, 1995, p. 164). O destaque recai sobre o crivo do acontecimento evidenciado em escritas como a de Vítor Castro, e suas construções de sentido sob uma perspectiva desses deslocamentos.

O texto literário, como um evento de acontecimentos em si, abre espaços para vozes se expandirem em diversas perspectivas, implodindo qualquer tentativa de silenciamento absoluto. Se refletirmos esse silenciamento pelo viés do arquivamento¹¹¹, inevitavelmente nos deparamos com a reflexão sobre os interesses e perspectivas de poder em jogo. Isso,

¹¹¹ Derrida (1967; 2009[2011]).



nos leva a pensar uma hierarquia de significados alinhada a um sistema de exclusão, no qual certas vozes narrativas são privilegiadas em detrimento de outras. Por outro lado, Derrida (1967; 2009[2011]), também nos alerta para a natureza instável do arquivamento, já que esse nunca é completo ou definido, desafiando, assim, a noção de verdade objetiva e permanecendo fluido e contestador. Nesse sentido, a ideia de arquivamento está atrelada ao acontecimento, ao poder e ao político.

Se, hipoteticamente, Vítor Castro retornasse ao contexto de sua infância e tentasse pastorear os caprinos novamente, os acontecimentos, inevitavelmente, assumiriam uma outra configuração. Tal transformação decorreria não somente pelo fato de o momento histórico ser outro, mas também pelas mudanças em suas próprias habilidades e das alterações em suas interpretações de significados. Segundo Derrida (1994, p.33), “é preciso escolher entre vários que habitam a mesma injunção”. Esses vários são filtrados em elementos combinados em um cenário inteiramente distinto daquele que ele experimentou na sua meninice.

Assim, o que se desenrola na vida de Vítor Castro contemporâneo, aquele em que “os bodes” não o respeitavam, são outras camadas de significados. Tanto em termos de acontecimentos quanto de arquivamentos, reflete a complexidade dessas relações de um ontem e um agora. Essa perspectiva sobre suas experiências passadas, além de ilustrar a mutabilidade do tempo e das circunstâncias, também evidenciam percepções ao longo do tempo, influenciando, assim, a maneira como arquivamos e interpretamos nossas próprias narrativas.

Vítor Castro, em suas narrativas, habilmente, mobiliza e recupera sentidos considerando diversos contextos e seus aspectos tempo/espaciais. Ao observarmos mais de perto, “veremos como a língua varia de formas diversas” (Durão, Cechinel, 2022, p. 131). Essa abordagem permite uma exploração do sentido de acontecimentos, que extrapola o linguístico, alcançando a materialização do discurso e atribuindo significado ao acontecimento nas conexões literárias. Por meio de um uso engenhoso das palavras, que se constituem em diferentes significações, Vítor Castro utiliza o caráter arbitrário dos signos para romper o âmbito linguístico, possibilitando diversas reflexões, explorando o sentido de acontecimentos conforme a filosofia deleuziana. Esse desdobramento revela que a construção de sentidos ocorre nas linhas de fuga, multiplicando-se, desterritorializando e reterritorializando em um movimento constante.

Esse perambular permite considerar as práticas de escrita na formação em Letras como um espaço de acontecimentos, um lugar para “inventar saídas. Fugir. Sair correndo



e se lançar ao deserto, ao não dado das coisas, ao não previsto no pensamento dominante” (Preve, 2011, p. 77). Ao criar textos literários que se desdobram em diferentes cenas e possibilidades, o contexto do (PLC) se revela como um movimento em busca de diferentes significados, permitindo que os sujeitos se lancem às suas experiências não previstas. Assim, delineamos um traçado de linhas não lineares que se conectam e transformam rizomaticamente uma na outra. Essas linhas nos incentivam a explorar conexões, que estimulam a criação/narração/fabulação diversas, permitindo que as práticas de escrita reflitam, cada vez mais, o brilho do acontecimento.

Ao nos aproximar de narrativas como essas, podemos refletir que as mesmas funcionam como pontos de partida para uma apreciação crítica, seja através das cartas/narrativas trocadas nesta pesquisa, seja nos contos e crônicas, que ele desenvolve. Vítor Castro participa ativamente da criação de significados, que extrapolam o corpo do texto, influenciando a forma como interpretamos e atribuímos sentidos às nossas próprias experiências com a prática de escrita. É na intermitência do encontro que se estabelece a necessidade de reflexão, pois “o que nos força a pensar é o signo” (Deleuze, 1976[2022], p. 93). Em contato com o signo, encontramos o poeta, cuja presença é pertinente para enriquecer nossa experiência humana.

As produções textuais podem ser definidas como “pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos” (Bakhtin, 2016, p. 73). Assim, essas produções emergem na vida dos sujeitos como enunciados do que disseram ou quiseram dizer, em diversas situações discursivas. O dito rompendo o tecido de uma escrita tradicional, ampliando, com isso, o encontro dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes com suas marcas, contextos e experiências.

Práticas de escrita, que se assemelham a um estado de devir por estar sempre no meio, em um movimento entre fronteiras ou linhas de fuga. Em “Carta a um...”, não é, simplesmente, o menino de um passado distante, nem o indivíduo, que emerge na atualidade, mas um virtual de ambos em constante processo de atualização. Pois “o devir não é um nem dois, nem relação de dois” (Deleuze; Guattari, 1997[2012], p. 96)¹¹². É um fluxo implicado em um enredamento de memória tecido por narrativas com traços, que extrapolam a cronologia do período retratado, dotando-a de uma vivacidade singular. Essa noção não linear nas narrativas dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes possibilita ao leitor uma experiência fluida, permitindo-lhe explorar os matizes complexos da

¹¹² Volume 4 da obra *Mil Platôs*.



temporalidade nos processos de letramentos.

Assim como o acontecimento, a criatividade pode emergir em múltiplos cenários, enlaçando sujeitos diversos, que se encontram no espaço da escrita como quem se encontra também na vida. O sentido é um acontecimento puro, “uma relação (uma vez que pressupõe um encontro de corpos)” (Schopke, 2012, p. 82). É nesse entrelaçamento de corpos, tempos, vozes e experiências que se abre um campo sensível para a escrita, não como técnica, tampouco como mera reprodução de formas, mas como um atravessamento, um lugar de experimentação. Nos momentos em que se bordam palavras e experiências, as linhas se cruzam, se rompem e se multiplicam, dando passagem a uma miríade de situações e modos de narrar, que não cabem em molduras prévias.

Acontecimento, aqui, não é coisa, nem ponto fixado. Ele se dá na relação, no encontro, no que se quer do que acontece, ao afirmar que a dimensão do acontecimento reside no querido, em querer “alguma coisa no que acontece” (Deleuze, 2009, p. 152). Trata-se, portanto, de uma fabulação de sentidos, que se movimenta com os sujeitos e seus atos criativos. É na ação de escrever, ou talvez de experimentar na escrita, que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes se apropriam de sua própria voz, elaborando sentidos que se constroem nas margens do instituído. A escrita, nesse contexto, torna-se espaço de devir.

Ato de criativo como “devir-ilimitado torna-se o próprio acontecimento, ideal, incorporal, com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do ativo e do passivo, da causa e do efeito” (Deleuze (2009, p. 9). Ou seja, o acontecimento se dá como dobra, como fissura no tempo, como movimento entre forças. Ao relacionar essa perspectiva filosófica com as práticas sociais de letramento, o que se evidencia é a potência de uma escrita, não como resposta a um modelo, mas criação em ato, linguagem em deriva. O letramento, assim, desloca-se de um lugar puramente técnico ou normativo e torna-se modo de existir, gesto ético/estético de presença no mundo.

O sujeito se desloca em suas relações com a linguagem, desestruturando aquilo que não cabe mais em um sentido fixado, especialmente no que tange a um modelo de letramento autônomo, “que tem o agravante de atribuir o fracasso ao indivíduo que pertence ao grupo dos pobres e marginalizados nas sociedades tecnológicas” (Kleiman, 1995, p. 37). Nas narrativas desses sujeitos, revelam-se práticas sociais de letramento, apontando para o que está por vir, trazendo experiências vividas nos diversos contextos sociais. São práticas insurgentes de escrita “que levam em conta a pluralidade e a diferença” (Kleiman (1995, p. 37), desafiando modelos hegemônicos de apropriação da



linguagem.

Esse modo de escrever não se limita a aplicar a teoria a um objeto; constrói, antes, um pensamento em movimento, em que os devires do sujeito se entrelaçam com práticas concretas da escrita cotidiana. Ao aproximar a noção de acontecimentos com relação à experiência de jovens escritores em formação, abre-se uma fissura pela qual a escrita se configura como forma de habitar a linguagem, de se inscrever no mundo sem pedir permissão. Essa prática rizomática desloca, reinventa, rasura e refaz, carregando em si uma força política fundamental: a de fazer da educação um campo também de criação.

É nessa dobra entre práticas insurgentes de linguagem e pensamento em movimento que inscrevo também a minha trajetória com a escrita, como um tecido de acontecimentos me atravessando e reverberando em outros espaços. Um desejo de escrever que escapa, teima, resiste. É o acontecimento da escrita como experiência viva, habitando a linguagem por meio de textos, que não pedem autorização para existir.

Assim, fabulador(a) em trânsito, sigamos para mais uma imagem dessa trilha.

3.4 Imagens que se multiplicam

Podemos refletir que pesquisar é experimentar, é se arriscar, é se deixar perder e se encontrar, é também se levar pela experiência construída nas caminhadas pelo campo da investigação. Com isso, é narrar, é fabular. Caro(a) fabulador(a), observe comigo, a pesquisa também deve ser contemplada como um campo de criação, delineada pelas experiências se anunciando no percurso. Um movimento de deixar afetar. A cada retorno ao campo, às cartas, às narrativas, algo se desloca no papel de pesquisadora, especialmente, ao caminhar entre palavras alheias exige que eu releia as minhas, escave minhas próprias tentativas de dizer. Esse não é um exercício do início do percurso, mas de todo ele, que se entrelaça no ato de escrever, pois é um ato que requer, retornos nas diversas edições de reescritas até que esteja preparada para alçar outras trilhas em outras andanças.

Não há dúvidas de que no meio do caminho, irrompem inúmeros trajetos descontínuos, idas e vindas, que provocam não só perplexidades, surpresas e temores, mas também uma sensação de alívio e liberdade do tédio, o gozo vital de experienciar de diversas formas de pensar. É como ao tocar as margens da linguagem dos outros, algo em mim, também se desencaixe. Nesse sentido, fui sendo levada por uma escrita brotando do encontro. É em razão dessas andanças que me implico nesse processo de pesquisa, que



é uma fusão de traços se entrelaçando nesta escrita e, ao mesmo tempo, reflete os textos dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes em formação.

Esses encontros, tecidos pelas narrativas das cartas que me chegam, não me deixam esquecer que a escrita também é lugar de risco para quem está em formação, já que escrever nos coloca no mundo, revelando-nos em contradições, dúvidas, mas também em nossos traços e afetividades. Em cada ato de escrever, evidenciamos marcas de nossas vivências. Para aqueles(as) que nunca foram legitimados(as) como escritores(as), escrever torna-se um ato de coragem, pois se colocam frente a uma vulnerabilidade: ser lido”, “ser julgado”, “não caber”.

Fabulador(a), em algum momento, também nos colocamos nesse lugar; assim é pertinente termos um reconhecimento que, em cada texto, há um movimento insistente, também de prazer, pois é dizer de modo próprio, muitas vezes, fora daquilo estabelecido nos moldes escolares. Nesse fora, faz-se estudante/escritor(a)/docente, pois, no próprio ato de fabular, suas vozes se multiplicam, e até mesmo se tornam desobedientes. Ou melhor, nos faz, pois, ao me colocar nesse lugar de escuta, eu também me refaço na partilha com essas experiências narradas. Um território tecido por palavras moventes, por subjetividades, escrevendo para existir, para resistir, para criar brechas no já sabido.

É nesse contexto de experimentação, típico da cartografia rizomática e da documentação narrativa, que reside “a importância de realizar investigação que desvendam, para sujeitos, grupos e redes de ensino singulares, os eventuais impactos da formação em desenvolvimento” (Fiad; Segnorini, 2021, p. 59), os quais podem surpreender os envolvidos.

Como Vítor Castro narra:

Já parou para pensar que nosso livro e nossos futuros livros do Lugar de Criação, estarão velhinhos, gastos e, quiçá, amassados bem como aqueles livros de hoje que temos desse modo é que, além de narrativas e poéticas, carregam inestimável carinho. São essas coisas que penso quando imagino, daqui a 30 anos, o Lugar de Criação: o legado literário de vozes sertanejas mais diversificadas possíveis¹¹³ (2025. p. 92).

Concomitante com Vítor Castro, abre-se um possível rizomático, potencializando essas narrativas para o agora e o porvir. Isso nos conduz a uma interpelação de que o transitar das palavras transformadas em texto não se restringe a um único espaço ou momento, mas se aglutina por diferentes contextos e temporalidades, dando origem a uma multiplicidade de interpretações, cada uma com seus significados distintos.

¹¹³ Trecho da carta/narrativa 3 “O legado literário de vozes sertanejas”, Petrolina/PE, 15 de maio de 2023. Vítor Castro.



Como Lucas Coelho narra¹¹⁴:

As participantes, embora algumas sejam até um pouco tímidas, rompem com o estigma de que adolescentes produzem apenas textos melosos (que falam de amor). Elas fazem das palavras uma arma para lutar por aquilo que acreditam e, especialmente, para explorar suas subjetividades que, na maioria delas, versam sobre suas pluralidades enquanto mulheres, negras e nordestinas (2025, p. 80).

Um movimento para buscar fragmentos de narrativas, que dizem muito sobre si, como também muito sobre outros tantos. Cada participante desta tese possui preferência para desenvolver suas práticas de escrita. Lucas Coelho diz que “*são, no geral, textos em prosa, os quais escrevi tentando trazer à baila um tom intimista a fim de refletir sobre minha relação com o mundo*” (2023, p. 13). Um graduando escrevendo contos e crônicas, com predominância para o segundo gênero indicado, dá vida a cada narrativa: “nos encontramos com o mágico, o imaginário, todo o escrito começa a ter vida nas páginas dos contos contados, das crônicas experienciadas e vividas” (Nogueira, 2023, p. 12). São encontros entre discente e docente que se constituem como acontecimentos.

Uma escrita com possibilidades de “trapacear a língua com a própria língua” (Barthes, 2009, p. 16). Textos de sujeitos descentrados em uma literatura pós-autônoma¹¹⁵, que não cabe apenas em um conceito ou em uma metáfora, em um contexto específico ou em um determinado espaço de tempo, mas que sai perambulando, tal qual um(a) andarilho(a) com sua arte de criar.

3.4.1 Em cada movimento, uma transformação

Muitos dos títulos dos textos dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes como “Meu lar” (2023), “Origem” (2023) “O menino que não lia” (2023), “Nossa voz, nosso talento” (2023), já sugerem que “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (Deleuze, 1997[2011, p. 11]). Ao escrever, estamos vivenciando um processo de ecoar de vozes, pouco ouvidas, que agenciam a pluralidade nos traços das subjetividades. Essas obras transpõem as fronteiras das narrativas individuais, ampliando-se para abraçar uma miríade do inacabado.

É importante lembrar que, embora as práticas de escrita dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes estejam dentro de uma estrutura institucionalizada e

¹¹⁴ Trecho da carta/narrativa 3 Entre a teoria e a prática, escrita por Lucas Coelho em Petrolina/PE, em 21 de setembro de 2023.

¹¹⁵ Termo cunhado por Marcelino Freire.



preestabelecida, delineada nos planos de um curso de graduação, elas são costuradas pela singularidade de cada autor(a) e pelo contexto em que os mesmos estão inseridos. Dentro dessa moldura aparentemente estática, algo diferente emerge, situações e criações/narrações/fabulações ultrapassando as fronteiras da sala de aula e desafiam as expectativas convencionais, que “implica reconhecer a multiplicidade de práticas letradas” (Street, 2014, p. 30), que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes expressam suas pluralidades, contribuindo para um ambiente educacional mais inclusivo, diversificado e enriquecedor.

Escrever, *a arte do impensável* de Camila Batista (2023), é trazer o diálogo para o texto ou transportar o texto no diálogo com a escrita. Isso remete ao pensamento de Street (2014, p. 41), que afirma que “o letramento deve ser usado para ajudar a inaugurar este debate, estabelecer conceitos e quadros teóricos mais claros nos quais basear a prática”. A linguagem pode ser considerada um processo de transformação, uma dupla captura que emerge das vivências da subjetividade humana, permitindo-nos narrar até um último adeus. Nos escritos dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes, destacam-se diferentes gêneros: a poesia, com seus versos livres; a crônica, com seu tom reflexivo; e o conto, com sua abordagem contemporânea, além das experiências com as cartas/narrativas refletindo as diversas dobras com as práticas de escrita.

É nessa tessitura que a reflexão se solidifica nos textos publicados por Lucas Coelho, totalizando 13 crônicas e três contos. Essas obras não apenas compõem seu livro autoral, *Presságios de um Escritor* (2023), mas também enriquecem as quatro coletâneas do Lugar de Criação. A palavra potencializa as pegadas de subjetividade em cada prática desenvolvida, conforme contribui Larrosa (2002, p. 21): “eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”. Assim, a palavra é signo verbal, atribuindo sentidos ao que nos constitui.

Miguel Segundo apresenta-se pelo vale do São Francisco afora com suas 14 poesias e 12 contos. Um graduando/docente e poeta/escritor, que se torna um docente/escritor ao tomar as rédeas de suas narrativas, atribuindo-lhes significado em seu escrever. Nas andanças com as letras, ele se constitui na poesia popular com versos intimistas e no conto com uma prosa singular, narrando com uma peculiaridade ímpar. Como ele mesmo narra:

a alma da criação no domínio do corpo poético vasculhava a memória em busca de alguma narrativa que tivesse a beleza de um conto de fadas. Recordou-se da transição de quando se deu a submersão no mar das palavras, então nos



sublimes traços do andarilhar das letras no papel, ele batizou a escrita como seu instrumento celestial e foi escrevendo sua tagarelice interior que resultou em outro nascimento, o autor de textos em prosa vinha ao mundo, despido e banhado na maré das lágrimas (2023, p. 16).

Práticas de escrita, como em um metamorfosear metafórico, ou, quem sabe, uma metalinguagem, deste autor, que foi *gerado*,

no útero de uma Mãe Natureza que também fora cheia de sonhos. Ela, em sua crônica intimista, poética e melancólica desfigurava as narrativas imaturas da memória do recém-nascido escritor para dar caminho ao recomeço. Certo que, às vezes, o pequeno também falhava. A inspiração não vinha, as sílabas não vinham, tampouco, as palavras. Chegavam as recordações, mas faltava colocar para funcionar a roda-gigante do ato Criar... Escrevinhar... Somente assim, no vago processo se consolidava a vida da escrita (Idem).

Sujeitos que, mesmo fazendo parte da formação em Letras, escrevem na *clandestinidade* da língua. Eles convidam outros a se inscreverem em um “devir-clandestino, fazer rizoma por toda parte”, como Deleuze (1996[2012, p.68]) observa. Esse convite insurgente ultrapassa barreiras impostas pelo sistema normativo. As palavras ganham vida e são transmutadas em textos de criação/narração/fabulação, que se aglutinam em diferentes lugares, fluindo como rizomas, desafiando a uniformidade e explorando territórios indicados pela expressão e resistência.

E aquele que, assim como eu, tem predisposição para alongar os parágrafos, inconscientemente? Isso mesmo, Vítor Castro, assim, se autodenomina. Um sujeito, que demora mais tempo que os demais para escrever um texto, mas o deixa pronto na cabeça, esperando o momento certo para colocar na tela em branco ou em qualquer espaço passível de escrever. Momento como esse que, muitas vezes, ocorre pela força da pressão; quanto este vem acompanhado de prazo, fica mais garantido ainda. Esse autor traz em si a posição de sujeito, “a partir da qual ele consegue estruturar seu discurso (oral ou escrito), de acordo com um princípio organizador contraditório (Tfouni, 2021, p. 5). É nessa contradição que encontramos em suas autorias um grau de complexidade incrível, seja na prosa literária, seja nos textos acadêmicos.

Vítor lida com a literatura de forma visceral, constituindo-se como um pesquisador engajado, envolvendo-se em suas práticas de escrita, criação/narração/fabulação. Ele se inscreve em uma genericidade textual, ora na crônica, ora no conto, definindo o título do seu livro autoral, que não se fecha nem em crônica, nem em conto, mas os dois em um só texto: *Crontos*¹¹⁶ (2023). Se “observamos esse brincar com as palavras, não só na proposta da simples criação de um neologismo, mas

¹¹⁶ Inspirado na obra *Crontos e crônicas* de Domingos Barroso da Costa.



também na necessidade de expressão que a arte letrada nos permite experimentação com as palavras” (Lopez, 2023, p. 14), uma experimentação característica daqueles, que estão envolvidos com as práticas de escrita nesse contexto de Criação. Vítor Castro expressa sua performance ao afirmar que,

os sete textos que compõem esta, a realizam a ficcionalização da realidade através da linguagem. Não digo que há integralidade de fatos – nem se propõe a isso –, digo apenas que constrói remanescência de memórias através do real metafórico, aquele elemento que, involuntariamente, conota a linguagem para dizer da ira por um bode, do olhar-se ao espelho, do ler um livro e de tantos outros (2023, p. 16).

Assim, poderá aplicar seus conhecimentos nos contextos que ele explora ou, alternativamente, optar por não fazer nada, já que suas práticas de escrita estão bem estabelecidas. Nesse caso, cabe ao leitor assumir essa responsabilidade, decidindo como utilizar o que foi oferecido. Obras como *Crontos* (2023), podem surgir diferentes práticas sociais de letramento, pois a escrita está impregnada no social, excede o efeito cognitivo e vai além do texto pelo texto (Street, 1984). Trata-se de um letramento que se volta à “função interpessoal da linguagem, às identidades e relações que interlocutores constroem e reconstroem durante a interação” (Kleiman, 1995, p. 22). Essas práticas sociais se constituem na diversidade das experiências humanas e suas subjetividades.

São tantas andanças com muitas dobras em diversos encontros que, talvez, não caibam em um texto de tese. Em 2017, tive os primeiros contatos com a estudante secundarista Camila Batista, mesma época em que Vítor Castro se aventurou a escrever seu primeiro texto literário. O seu primeiro texto não foi escrito em uma folha em branco, tampouco em uma tela de um dispositivo eletrônico, mas no chão da escola. Ele não costuma escrever em versos, mas essas primeiras rasuras foram em estrofes com uma temática sobre um líder religioso bem conhecido por seus posicionamentos e condutas controversas. Como Vítor Castro mesmo recorda, os dois últimos versos diziam assim:

o solo de uma nação / não tem culpa de quem nele pisa. Ele e tantos outros da ultra direita estavam em seu momento mor de popularidade. Uma lástima. Desde esse dia, resolvi escrever textos curtos por toda a escola - pelo menos nas vezes que eu ia ¹¹⁷(2025, p. 67).

Talvez essas práticas sociais de letramento, desenvolvidas por Vítor Castro no interior da escola, tenham sido apagadas, não pela implacável ação do tempo ou pelo silenciamento aos textos de estudantes rebeldes, mas porque, naturalmente, foram feitas nessa intenção, na desatenção, de ter pouca durabilidade, pois os escritos feitos em

¹¹⁷ Trecho da carta/narrativa 2 - Conheci Gilka Machado Petrolina/PE, 13 de dezembro de 2022. Vítor Castro.



rabiscos de gesso, no chão da escola, logo evaporam nos rastros dos sapatos ou nas limpezas cotidianas.

Talvez nas paredes, a tinta cinza do ano seguinte retiraria todos esses eventos de letramento deixado da turma anterior “a palavra no muro ficou coberta de cinzas” (Marisa Monte, 2000); assim como nas cadeiras também “apagaram tudo”. Uma pena, porque “nós que passamos apressados” (Idem), merecemos nos inscrever na potência que há nesses textos. Vítor, lembra-se de um texto que escreveu na carteira da sala de aula:

estava sentado durante uma aula de Química, “Se por bem ou mal eu estou aqui, tenho a necessidade de dizer que não queria. Não sou carbono, então não ligo nenhum um pouco. Se você também não liga, proponho-te a pensar: se você dormisse agora, com o que iria sonhar?”. Tirava fotos desses textos, mas um dia fui assaltado e só me restaram as lembranças e duas fotos que pararam, por algum motivo, na nuvem” (2025, p. 67).

Narrativas como essas nos mostram a importância de documentar os saberes experienciados com a escrita, pois essas ações se manifestam durante o ato de criar. Seus textos florescem do reflexo, um espelho em constante mutação, da diversidade de assuntos se apresentando a Vítor Castro como tabuleiros e damas:

elementos como o tabuleiro serviam para transcodificar o momento de encarar, que seria basicamente um jogo silencioso de julgamentos e jogadas, em algo substancialmente tangível, o tabuleiro. E é dessa criatividade que vejo nascer, também, nas escritas do “Lugar de Criação”¹¹⁸ (2025, p. 118).

Nessa dinâmica de um *tabuleiro* ou em um jogo de *damas*, a escrita se revela numa dimensão subjetiva, em que o escritor ultrapassa as limitações materiais para dar vida às suas tramas narradas. À medida que andamos por essas leituras, nossa curiosidade em compreender as práticas de escrita desses sujeitos aumenta, pois são escritos que se manifestam em um processo de construção e desconstrução. Práticas que se configuram em letramento por fazerem parte de “um conjunto de práticas sociais utilizando a escrita como um sistema simbólico e como tecnologia, em contextos e para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, p. 19), permitindo que os usuários explorem descobertas, criando brechas para diferentes saberes em seu processo de ‘escrevinhar’.

Isso dialoga com as práticas de escrita de Camila Batista, especialmente a poesia *Natureza Feminina* (2019; 2022; 2023), que faz parte de tantas “conversas afiadas”, “onde o eu se descobre como parte de uma série de acontecimentos” (De Certeau, 1990 [2009, p. 149]).

*Para todas as mulheres.
Para a bruxa que um dia queimou.*

¹¹⁸ Trecho da carta/narrativa 4 “Criatividade que surge do eu” - Petrolina/PE, 15 de novembro de 2023. Vítor Castro.



*Para a trabalhadora humilhada.
Para mãe que chorou.
Para escrava violentada.
E tantas outras que o mundo apagou (2023, p. 33).*

Um texto nas andanças de outros tantos, por vários espaços acadêmicos e não acadêmicos também. Um texto agenciando a criação/narração/fabulação de uma juventude estudantil em diversos cantos e por várias realidades. Um texto que parte da educação básica, se inscreve no *Valsar das Palavras* (2022) e se consolida na obra autoral. *Natureza Feminina* é um texto que mobiliza Camila Batista a não desistir de seus escritos. Como ela mesma reconhece: “Natureza feminina me engrandeceu como escritora” (2025, p. 124).

Foi com a decisão de não desistir, que a sua obra autoral se revela nas escritas publicadas em seis coletâneas: quatro delas pelo *Lugar de Criação* (2020), uma pela publicação durante terceiro ano do Ensino Médio: *Conversa Afiada* (2019), e outra pelo livro *Encontros* (2020) organizado por um grupo de formação de educadores em Juazeiro/BA. Batista - Silva (2019, p. 24) destaca que “a minha pessoa, de anos atrás, jamais se atreveria a escrever com a convicção que o faço hoje”. Nos seus encontros com a criação/narração/fabulação, ela reflete: “talvez o que haja de criativo na minha escrita seja a presença das discussões sociais, pois me atento a isso sempre que escrevo, procuro produzir um texto que converse com temas atuais e necessários” (2025, p. 74)¹¹⁹.

Costumo dizer que escrever é reescrever; é rasurar e editar. Com um livro na mão e muitas ideias na cabeça, esses(as) estudantes/escritores(as)/docentes vão “às ruas, às favelas” e com astúcias de atravessar até “continentes, entra em arquivos públicos, nas bibliotecas...” (Santos, 2020, p. 128), mesmo aqueles(as) que expressam que não apreciam rascunhar ou reescrever/editar. Mesmo para aqueles que não gostam de rasuras, elas ocorrem, pois escrever é dar vida a uma narrativa no momento em que ocorre o ato de escrever, desmontando o estático para o movimento com a escrita como andarilhos(as) narrando na clandestinidade no improviso inscrita na inspiração, sem mesmo um rascunho escrito à mão, como afirma Camila Batista:

eu não tenho rascunhos dos textos, até porque, não sou a maior fã de escrever com caneta e papel, acho a tecnologia muito mais prática, posso apagar quando tiver vontade, modificar e não deixar marcas evidentes. Gosto de começar pelo começo, fazer a primeira linha e seguir dali, mas nem sempre isso acontece, como bem sabe, alguns dos meus textos nasceram pelo fim¹²⁰ (2025, p. 102).

¹¹⁹ Trecho da carta/narrativa 3 - Literatura na sala de aula Juazeiro/BA, 28 de março de 2023. Camila Batista.

¹²⁰ Trecho da carta/narrativa 4 “Uma escritora jardineira”. Juazeiro/BA, 10 de julho de 2023. Camila Batista.



Camila Batista apresenta uma relação contemporânea com o ato de escrever, destacando a transição das práticas tradicionais para as digitais. Sua preferência pela tecnologia não apenas simplifica o processo, mas também reflete uma busca por fluidez e liberdade criativa. Essa flexibilidade desafia a linearidade da escrita, permitindo que idéias emergem de desfechos inesperados, evidenciando a dinâmica da criação literária, na qual a intenção inicial pode se desviar, revelando diversas nuances ao longo do processo.

O interessante é que, ao contrário de Lucas Coelho, que se vê como um escritor/engenheiro, cuidadosamente, ele arquiteta e planeja o uso das metáforas. São marcas interessantes para que cada um/uma reflita seu cuidado com a escrita. Observando esses marcadores, posso arriscar em dizer que venho me constituindo escritora por inspiração, mesmo considerando as demandas exigidas no entorno dessas práticas. Assim, Camila Batista se considera uma *escritora/jardineira*:

se não me engano quem fala sobre isso é o escritor George R. R. Martin. Enfim, o escritor jardineiro é aquela pessoa que vai descobrindo o texto conforme o escreve, se planta algo, observa crescer e descobre as coisas com o tempo, o quão grande será, quantos ramos irão ter entre outras coisas. Acabo descobrindo o objetivo de um texto enquanto o escrevo, tenho a ideia inicial, mas nada além disso. Gosto de observar o florescer do meu jardim” (2025, p.102).

De fato, o texto *Natureza Feminina* se desdobra nesse rizoma, espalhando linhas pelo jardim, sendo sua primeira versão gestada pela última estrofe. Camila Batista traz uma lírica contundente:

*Juntas, somos mais fortes!
Podemos dominar uma nação.
Sei que essa luta está longe do ultimato,
mas já ouço uma canção,
uma canção ainda em seu anonimato,
mas que há de deflagrar uma revolução (2022, p. 85).*

Apesar dos modelos impostos pela visão cartesiana que fragmenta, hierarquiza e apaga o sensível, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes se situam nessa desobediência unilateral dos eventos, sem seguirem uma linearidade nos acontecimentos das narrativas. As práticas de escrita emergem de desdizeres e desleitura variadas. Nesse sentido, Miguel Segundo destaca a importância de mergulharmos em quem somos para compartilharmos experiências, que nos impulsionam a rabiscar nossas inquietações. Durão e Cechinel (p. 129) afirmam que “o prazer só pode vir, assim, depois de muito esforço, incerteza e até frustração”. É por meio dessas inquietações que quem escreve faz



as pazes com o ato de escrever, nutrido por experiências sensoriais, como o aroma do café, a corrida até o ônibus ou um atraso inesperado.

São vozes que se somam, enriquecendo o debate e contribuindo para a criação de diferentes formas de expressão, como “o pensamento científico permeia todos os aspectos da vida moderna” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 9), tanto na aplicação prática quanto a internalização dos valores que o sustentam. Em suma, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes não apenas recebem formação, mas também a co-criam, tornando-se agentes ativos na construção do conhecimento e no desenvolvimento da comunidade acadêmica e para além dela.

Mesmo diante da “imprevisibilidade da história” (Chartier, 2005[2007], p. 10), seus textos permanecem grafados, e o tempo dificilmente os apagará. Essa escrita potencializa, entre outras coisas, o papel da docência, que “pode ser usado para fundamentar o processo de letramento e sua relação com o continuum” (Tfouni, 2021, p. 5). Assim, desafia a ideia de que estudantes/escritores(as)/docentes na Licenciatura em Letras não escrevem ou não precisam escrever.

3.5 Atalhos que se convergem

Nos diferentes momentos ao longo desses quatro anos, dois processos se entrelaçam entre os envolvidos na investigação: a formação e a pesquisa, que se agenciam em um movimento constante, criando espaços potencializadores para que as práticas de escrita se configurem como elementos centrais no desenvolvimento intelectual e formacional dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a investigação desloca o foco das práticas de escrita desenvolvidas no contexto do Lugar de Criação (PLC) para a construção das cartas/narrativas, que articulam o movimento reflexivo dos sujeitos sobre suas próprias práticas de escrita durante a formação docente na licenciatura em Letras.

Como venho reiterando ao longo desta narrativa, o contexto da pesquisa foi tecido e agenciado pela cartografia rizomática, em que, a cada dobra, emergia um novo platô; nesse território em constante expansão, vieram a público mais de quinhentos textos, publicados e compartilhados entre 2020 e 2025, como um rizoma se espalhando e se reinventa a cada enlace, ao qual se somam as produções dos sujeitos colaboradores desta investigação, que resultam nas cartas/narrativas para a tessitura desta tese.

Assim, Guilherme Resende destaca que tais práticas estão contribuindo significativamente para a construção de personalidade tanto como profissional quanto como ser pensante. Larrosa (2002), nos lembra que “as palavras produzem sentido, criam



realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. Isso ocorre porque “não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras” (p. 21). Dessa forma, as ações discursivas se efetivam em textos, os quais se transformam em discursos impulsionados pela força das palavras em uma ampla gama de significados.

Assim, são discursos se materializando em textos, convertendo-se em narrativas sopradas pela ‘ventania’ das práticas sociais de letramentos, acompanhada por acontecimentos e seus diferentes sentidos. Isso implica mudanças de posicionamentos, rompendo com um contexto no qual a escrita era restrita por concepções, que limitavam a uma elite moldada pela cultura escriturística. Nesses ‘carreiros’ próprios dos andarilhos, o processo de *criação* nos conduz à emergência de uma investigação que envolve a captura de múltiplas práticas de escrita, cada uma com a potencialidade de inspirar outros tantos, pois trata de “um devir revolucionário que não é a mesma coisa que o futuro da revolução” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10), convocando os(as) estudantes/escritores(as)/docentes em um chamamento a explorarem suas habilidades na escrita criação/narração/fabulação e a se engajarem em práticas como crônica, poesia popular, conto e entre outros.

É nesse sentido de complementaridade que nos deslocamos para a trama com *Versos da alma* (2023) de Guilherme Resende. Ele diz que vive em estado de descoberta. Cada uma delas é um acontecimento. Vive suas experiências em turbilhão de sentimentos, a exemplo de seus primeiros textos publicados na coletânea “Escritas Identitárias” (2021). “*Nunca, na minha singular existência, imaginei que um dia poderia estar com minhas obras publicadas em um livro, e principalmente, ser reconhecido por tal ação*” (2025, p. 131)¹²¹.

É dessa euforia que podemos dizer que cada um e cada uma escreve sobre suas singularidades; sobre seus processos de subjetivações, sobre suas fabulações, pois “o poder da imaginação é imaginar o poder” (Deleuze, 2001[2012], p. 60). Um poder de imaginarem que seus versos livres possam ganhar alma nas poesias populares, prontos para andarilhar para outras mãos, outros olhares e outras vozes. A nós, investigadores, resta-nos experienciar uma pesquisa dedicada ao singular, ao inusitado, à criação imaginativa.

¹²¹ Trecho da carta/narrativa 5 “Somos os diversos sujeitos”, Santa Maria da Boa Vista/PE, 19 de julho de 2024. Guilherme Resende.



Dito isso, destacamos que, em nossa sociedade pautada pelo e no escrito, existem práticas sociais de leitura e de escrita nos mais diversos processos de letramento, com interferência entre o oral e o escrito; escritas marcadas pela subjetividade do oral. Os usuários da língua transitam por essas diversas trilhas para dizer de si, para desdizer o que o outro disse de si, para se apropriar da “casa alugada”¹²². É por meio dessa apropriação que as práticas sociais se legitimam na pluralidade dos letramentos.

Além disso, alguns dos textos apresentam uma abordagem mais direta e íntima, quase como em diálogo direto com o leitor ou monólogos introspectivos. Eles são observados pelo fora, como em uma janela, que não pertence ao autor e nem ao outro. Essa dinâmica artística revela que, “a obra de criação verbal é criada de fora para cada personagem” (Bakhtin, 1979[2011], p. 87). Assim, os(as) leitores(as), ao se envolverem com esses textos, também o fazem nessa perspectiva de um “fora” com suas múltiplas possibilidades de interpretações. São produções impactando a relação subjetiva entre obra e leitor, uma vez que o autor cria e, nesse ato de criação, “nos conta história centrada em ideias na obra de arte” (Bakhtin, 1979[2011], p. 15]). É um convite ao jogo das palavras em que os leitores são inscritos a mergulhar nas camadas de significados complexos.

Os(as) estudantes/escritores(as)/docentes não encaram o ato de escrever de forma estática, pois é necessário um constante posicionamento de autoria, com revisões e edições, determinando quais aspectos serão seguidos para essa ou aquela narrativa, sem a preocupação de um agora ou um depois, pois tudo se entrelaça numa caminhada simultânea. Como observa Levy (2011, p. 109), há uma intenção de “dobrar o fora, fazer a força se afetar em um movimento próprio da subjetivação”. Nesse ínterim de troca de cartas/narrativas, ocorre um processo de transformação, conferindo diversos significados às palavras, diferentemente do observador da escrita criação/narração/fabulação. Nas cartas, sobressai um sujeito observador da sua obra, transformando a entidade do(a) escritor(a) em uma figura distinta, quase como em uma memória, que também se encontra pelo “fora” da narrativa.

Sabemos que, entre tantas possibilidades, a escrita proporciona aos praticantes dessa arte um espaço seguro para explorar ideias e emoções sem a pressão do julgamento imediato de terceiro. Como Lopez (2023, p.13) contribui, para que, por meio da prática da escrita criação/narração/fabulação, se abra em diversas formas de expressão, pois é possível exercitar nossa humanidade, ao comunicar-se “por meio e através das artes”. Isso

¹²² De Certeau, *Obra Invenção do Cotidiano I* (1990[2012]).



enriquece o entendimento de mundo e fortalece os laços interpessoais, além de aprimorar as habilidades comunicativas.

O(a) escritor(a) toma posse da palavra como sua matéria-prima, explora temas inéditos e expressa suas ideias de maneira original. Além disso, conforme expresso por Lopez (Idem) “temos a possibilidade de propormos utopias e distopias, enxergar - de diferentes maneiras, uma mesma realidade, denunciar aquilo que consideramos necessário e, assim, exercer nosso direito de pensar, de ser e de existir”. Pois com a arte da escrita, o(a) escritor(a), especialmente aquele a que vivencia a formação inicial, pode sonhar com outras realidades e com futuros ideais (utopias) ou imaginar cenários de “jogos vorazes”¹²³ (distopias), explorando diferentes possibilidades e perspectivas sobre o mundo em que vivemos.

Como Levy (2011) afirma, “pensar não é reproduzir um modelo, e sim fazer nascer aquilo que ainda não existe” (p. 113), que vão das dúvidas e incertezas até os desafios e estado de felicidade. Como Calvino (1990[2009, p. 74]) nos convida a refletir uma “Terra Prometida em que a linguagem se torna o que na verdade deveria ser”. E com isso, mesmo em um cenário midiático saturado de textos instantâneos, ainda há uma força criadora, permeando uma multiplicidade, transformando-se em espaço contínuo de reinvenção. até porque “os devires não são fenômenos de imitação, de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10). E nessa revolução, encontram inspiração nas interações, nas intertextualidades e em contextos diversos para se aventurarem em suas criações/narrações/fabulações.

Há concepções, que englobam os ideais iluministas de que o livro seria um agente modelador da sociedade, impondo padrões burgueses e perpetuando saberes que colonizam corpos. No entanto, essa visão a muito tempo passou a ser questionada, o que permite uma ruptura com essa lógica, abrindo fendas para que a escrita possa circular por outros espaços antes renegados.

Transgressão que viabiliza a emergência de diversas formas de expressão, carregadas de significados alternativos, até mesmo subversivos, uma vez que é preciso transgredir os “limites tradicionais da pedagogia opressora e, ensinando os alunos a transgredir, direcionar nossa práxis para uma educação libertadora, como requerem bell hooks e Paulo Freire, respectivamente” (Neves, 2021, p. 86). Nessa fluidez inerente ao

¹²³ Alusão a obra “Jogos Vorazes” de Suzanne Collins, que aborda temas como desigualdade social, desejo de mudança e resistência contra um sistema opressivo.



processo de transformação entre o que é inventado e o que é modificado, sugere-se um constante dinamismo entre o uno e o múltiplo.

Tanto as ideias quanto as práticas se performatizam, percorrendo territórios desconhecidos entre o que é considerado novo e o que se repete de forma familiar. Esse movimento retoma a segunda carta/narrativa de Miguel Segundo (2022), em que ele reflete sobre a imaturidade, que sentia ao escrever seu primeiro poema, ao mesmo tempo em que o considera “*um texto significativo, pois foi com ele que comecei a desbravar o meu processo com a escrita*”.

*Sou da roça e não nego
Sou nordestino confesso
Sou pernambucano com orgulho
Sou da terra do xote e do xaxado
Nosso povo é guerreiro abençoado
Que enfrenta a seca até o fim
Eu sou parte desse povo, sim
Tenho orgulho dessa gente do roçado (2023, p.30).*

Observar a maturidade de Miguel Segundo ao longo de sua trajetória formativa é algo de uma beleza ímpar, pois, como ele mesmo narra: “*claro, que o Miguel Segundo de hoje, não escreveria essa temática sem fazer uma criticidade em relação ao nosso rico Nordeste. Mas, naquela época eu vivia nesse contexto de um campo de pouca chuva e as políticas públicas para o abastecimento de água ainda eram insuficientes para garantir água para todos.*” (2025, p. 62)¹²⁴.

Miguel Segundo revela um processo de amadurecimento e crítica, que vai além da evolução do sujeito enquanto escritor. Ele destaca a mudança de perspectiva ao longo do tempo, onde, em um primeiro momento, se vê imerso em um contexto de escassez, sem a visão crítica, que poderia resultar de sua formação e amadurecimento posterior. A relação entre o passado e o presente de Miguel Segundo, ao refletir sobre o Nordeste e a falta de políticas públicas eficazes para o abastecimento de água, não só traça um paralelo entre o escritor e o contexto social e político, mas também evidencia como a escrita se transforma à medida que ele desenvolve uma consciência crítica.

O olhar de Miguel Segundo sobre a "pobreza de chuvas" no passado e as condições difíceis do campo expõe um sentimento de desconforto e, ao mesmo tempo, um reconhecimento das limitações de seu próprio olhar de outrora. Hoje, ele não poderia escrever sobre o Nordeste sem primeiro problematizá-lo, mostrando um avanço não

¹²⁴ Trecho da carta/narrativa 2 *Lembranças acesas na memória* Petrolina/PE, 28 de novembro de 2022. Miguel Segundo.



apenas no domínio da linguagem, mas também na construção de um posicionamento político mais consciente e engajado com a realidade que o cerca.

Essa passagem, portanto, não apenas revela uma transformação pessoal, mas também nos convida a refletir como o escritor Miguel Segundo, ao longo de sua formação, adquire uma visão crítica sobre os temas, que escolhe abordar, especialmente os que envolvem questões sociais e políticas. A escrita tornando, assim, um instrumento de reflexão e ação, desafiando-o a refletir o mundo à sua volta.

Reflexões como essas dialogam com a minha maturidade adquirida ao me apropriar das cartas/narrativas, desenvolvendo um olhar refinado sobre o processo de escrita e sobre as experiências, que foram sendo compartilhadas ao longo da investigação. Assim como Miguel Segundo que revisita seu passado com uma visão crítica e atenta às suas práticas de escrita, eu também observo elementos que, antes, passavam despercebidos.

Assim, somos impactados pela necessidade de manejar o efeito da palavra provocando alguma interferência nas possibilidades de sentidos, que resulta na voz de um narrador/personagem, pelas veredas da otobiografia, “não é o escritor, mas a orelha do outro que assina o texto” (Costa, 2011). Assim, escritores(as) e leitores(as) rasuram no papel, permitindo que *o mundo desvende a incógnita, sem amarras ou mistérios. Tenho um voto de honestidade com as palavras. Afinal, toda vez que o mundo me negou abrigo, elas me acolheram sem discriminação*” como constata Camila Batista (2022, p. 273).

Não é mais a escritora Camila Batista evocando seu pertencimento no abrigo das palavras e nem no voto de honestidade para com elas, no nascedouro do outro, que se exterioriza, são valores transgredientes, pois o autor “deve tornar-se *outro*¹²⁵ em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro” (Bakhtin, 1979[2011], p. 13). Assim, dar audiência às vivências presentes nas escritas, atingindo o outro enquanto sistema de relações em torno do escriturístico.

A palavra evidencia a singularidade do encontro de si com o outro diante. O autor não se “vê dessa criação apenas o produto em formação” (Bakhtin, 1979 [2011], p. 5); quem, verdadeiramente, escuta e percebe a obra é o outro, salvo quando o(a) próprio(a) autor(a) está imerso(a) no processo de criação, como nas narrativas de experiências com suas próprias práticas de escrita. Configura-se, assim, uma estética distinta: uma literatura

¹²⁵ Destaque do autor.



desafiando o poder dominante, pois inaugura outro modo de pensar ao instaurar outro modo de escrever.

Essa literatura, desprovida de hegemonia, manifesta “um poder literário que configura mais um despoder, o poder de dizer o não dito, em reserva, de trazer à discussão temas poucos tratados ou maltratados pela mídia, pela filosofia, pela história e por outras ciências humanas” (Derrida, 1992 [2014], p. 25). Nesse movimento, as práticas de uma escrita criação/narração/fabulação só ganham sentido com o surgimento do(a) leitor(a), esse outro que ocupa o lugar onde a multiplicidade se reúne, “e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor” (Barthes, 1988, p. 70). Cada página virada torna-se uma caminhada na complexidade da condição humana, desafiando o(a) leitor(a) a reinventar seus próprios caminhos.

A criação, nesse contexto, ganha corpo como condição de legitimidade do sujeito em formação. O ato de escrever e formar-se como docente, como autora(o), como (escri)leitor(a), pode ser compreendido como um devir. É nesse fluxo que se delineia uma formação pela escrita, atravessada pelos tensionamentos da autoria, da leitura e da docência, no platô da Crítica Cultural. Um espaço menor e lateral, capaz de fazer falar o silenciado¹²⁶ de abrir espaço para outras vozes, que não cabem nos moldes instituídos. O texto empurra para outro lugar, desmontando o já dito para abrir o por dizer, uma escrita por vir.

Ao revisitar as cartas/narrativas, como uma errante andarilha, observo que esses escritos atuam como atos de criação e reflexão, que tensionam o instituído e performam sua própria abertura. Cada narrativa espelha uma dobra da caminhada, refletindo as mudanças do olhar sobre si, sobre os outros, sobre o mundo e sobre o próprio fazer docente. Inclusive a experiência do doutorado sanduíche, atravessada pelas discussões da documentação narrativa, revela a riqueza do processo de escrever-se: uma movimentação crítica e sensível, que se imbrica nas transformações, que a docência pode operar.

Fabulador(a), observe que esse encerramento é, na verdade, uma abertura. A escrita, aqui, não fecha. Ela convida. Convida à leitura, à escuta, à criação de outros textos, outras vozes, outros sentidos. É uma escrita, que se sabe inacabada, porque se permite transformar e ser transformada.

¹²⁶ Santos (2021).



Trilha 4 ARTICULAÇÕES E DESDOBRAMENTOS EM TERRAS PORTENHAS

PósCrítica, julho de 2025.

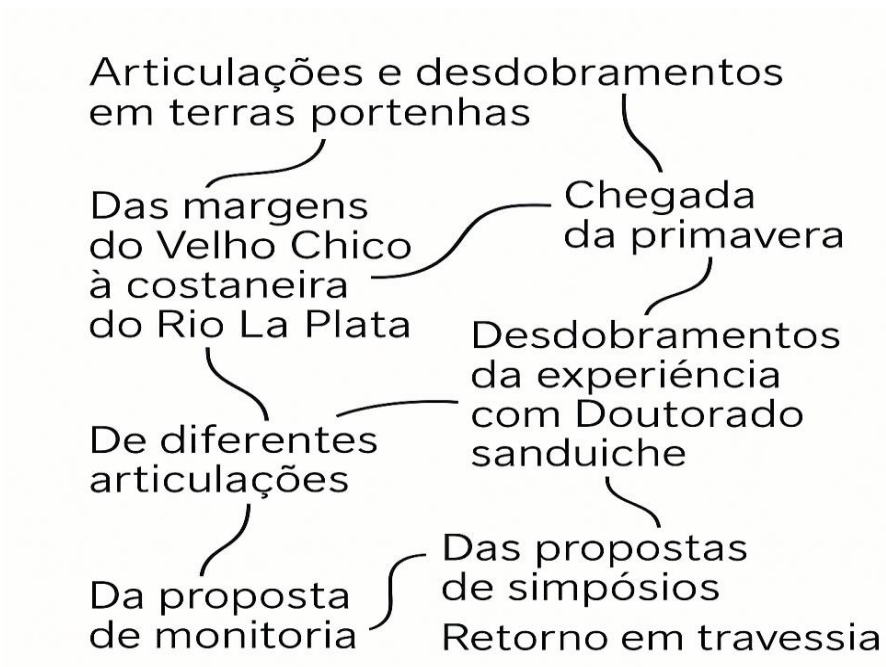
Você, assim como eu, é uma pessoa em travessia!

Olá, que tal?

A Trilha quatro propõe refletir sobre os desdobramentos formativos, investigativos e criativos advindos dessa travessia pela Universidade de Buenos Aires (UBA), entrelaçando práticas de escrita, experiências interculturais e encontros latino-americanos. Ao me deslocar geograficamente, também fui provocada a deslocar modos de pensar e escrever, reconfigurando caminhos da pesquisa e da formação.

Nesse platô compartilhado com pesquisadores(as), docentes e estudantes, as práticas de criação/narração/fabulação emergem como exercício de resistência e invenção. A escrita, então, torna-se um território movente, no qual memória, linguagem e política se entrecruzam, expandindo o campo da formação docente em Letras e reinscrevendo a própria paisagem da tese.

Figura 24 Trilha 4 Articulações e desdobramentos em terras portenhas



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Essa travessia possibilita o aprofundamento nas práticas de escrita criação/narração/fabulação, em experiências diversas, instaurando um platô ampliando o



campo da investigação e da formação docente em Letras. Ao abrir o alforge em terras portenhas, a escrita se transforma em um espaço de articulação entre memória, linguagem e resistência, atravessando fronteiras e reconfigurando territórios subjetivos e políticos da pesquisa e da formação.

Nesse intervalo, a escrita também se faz movimento, entre as ruas, as conversas e os encontros. O alforge permanece aberto, sinalizando que toda pausa é, ao mesmo tempo, ponto de partida. Uma pausa para um sanduíche na Universidade de Buenos Aires (UBA), torna-se ainda mais edificante para qualquer pessoa interessada, de alguma forma, em narrar. A pausa não se configura em repouso, mas em movimento.

O primeiro movimento é de contemplação da paisagem ribeirinha, onde as águas brincam em diversas travessias. Mais do que, simplesmente, molhar os pés, é preciso mergulhar nessas gotas cristalinas e sentir parte desse contexto, tanto pelo meio quanto pelas bordas. Com esse mergulho, conecto-me com outros(as) e, a cada braçada, vale a pena experienciar novos arranjos, potencializando tanto o interno quanto o externo, que compõem o alforge. Assim, sigo como uma pessoa em travessia, andarilhando pelas correntezas em busca de uma colheita frutífera de acontecimentos. Ao percorrer caminhos emaranhados de raízes, eu observo a transformação da aridez do solo em fertilidade, permitindo que diferentes possibilidades aconteçam.

Essa experiência de imersão nas águas é semelhante ao ato de descer do alto da colina e transitar por terrenos cheios de possibilidades. Isso reflete na busca por uma investigação orgânica, características fundamentais para qualquer pesquisador. Nesse campo vasto, abre-se espaço para experienciar situações, recortando os caminhos mais instigantes.

Olhei pela janela do avião e, diante de seus olhos, revelou-se o espetáculo de um dia ainda noturno. Algo que contrasta com as manhãs sertanejas, em que o sol invade nossas janelas, de verão a verão, já lampejo do raiar do dia, anunciando as altas temperaturas. Bem diferente das manhãs de agosto em terras portenhas, quando fui recebida por uma aurora fria, ainda noite, mesmo sendo sete horas.

Ao cortar os ares do céu azul em voo planejado, sinto que estava diante de mais que uma viagem, estava diante de possibilidades de explorar o diverso, sem perder de vista a importância de revisitar meus próprios atalhos e desvendar histórias, que enriquecem a tessitura na arte de criar/narrar/fabular, cultivando um espírito, que contempla, aprecia, cria e inventa formas de escrever.



Uma prática emergindo das margens cristalizadas de sentidos já desgastados, que “a escrita é salva não por causa da sua destinação, mas graças ao trabalho que custou” (Barthes, 1953[2020, p.58]). São palavras se juntando para a formação de outras tantas. Escritas, que inspiram outras escritas. Marcas de leituras presentes nas narrativas de experiência com as práticas de escrita criação/narração/fabulação, pois ela tem a força de deslocar distintos sentidos, graças à trabalhadeira, que nos custa inventá-la cotidianamente.

Vítor Castro, em uma de suas cartas/narrativas, afirma que o “*Lugar de Criação é acessível a qualquer estudante da Rede Pública de Ensino Básico, mas não a qualquer professor*” (2025, p. 93). Participar do contexto do (PLC), segundo ele, implica entender as nuances entre o linguístico/literário, desvencilhando-se dos preceitos rígidos da língua-padrão ou da representação da análise literária, cuja correção fica a cargo dos revisores.

É nessa força que há jogo com os signos, “cuja fascinação de saborear, quer fazer saborear e compreender” (Barthes, 1977[2004], p. 40). Saborear o despoer de um signo para conceber o gozo arbitrário de outros signos, a literatura é um saborear mutante das palavras. Considerando que todo discurso é permeado de vozes múltiplas, todavia, (Barthes, 1984[2012], p. 231) pontua ao tratar da língua, “escrever é, em suma, decidir (poder decidir)¹²⁷ quem vai falar”. Isso nos leva a compreender que a escrita, nessa perspectiva, pode ser vista como diálogo, em que diferentes vozes se entrecruzam; assim as conversas afiadas ultrapassam as terras tropicais para seguir o andarilhar por terras portenhas.

4.1 Das margens do Velho Chico à costaneira do Rio la Plata

Tal qual uma andarilha caminhando às margens do Velho Chico, em Petrolina/PE, com o olhar atento ao horizonte que se perde no Sertão nordestino, vi meu caminho tomar novos rumos. De um cenário onde o bioma Caatinga e a vastidão do rio brotam resistência e luta, eu me propus em experienciar algo inusitado: atravessar as fronteiras geográficas, do conhecimento e da cultura, para aterrissar na costaneira do Rio la Plata, em Buenos Aires.

Ali, a cidade de Buenos Aires se ergue não somente como um ponto de chegada, mas também de partida. O doutorado Sanduíche, um caminho se misturando aos saberes de duas realidades tão diferentes: a fusão entre o local e o global, entre a história e a

¹²⁷ Destaque do autor.



modernidade, entre o Sertão e a cidade cosmopolita. O Rio La Plata, imponente e cheio de histórias, simboliza não só o encontro de dois mundos, mas também o fluxo contínuo de diferentes aprendizados, que eu traria no alforge ao voltar às margens do Velho Chico.

Um adendo para frisar que, mesmo estando em outro país, situado na parte inferior do mapa da América do Sul, não deixa de visibilizar o Nordeste. Sempre que tinha uma oportunidade, fosse no metrô ou em uma conversa nos cafés da cidade, lá estava eu, pontuando que venho me constituindo no *Sertão*, na fronteira entre Bahia e Pernambuco. Até as pessoas entenderem, eu costumava solicitar que se pudesse olhar o mapa brasileiro de cima, do alto, para compreender melhor de onde venho: desta faixa fronteiriça ‘pernobaiana’, já que sou domiciliada nas duas cidades, Petrolina e Juazeiro. Tenho vínculo empregatício como docente na Educação Básica da Bahia, como também na Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina. E, por um semestre, passei a me tornar domiciliada também no bairro de Palermo, na Capital da Argentina: uma cidade que, inclusive, possui autonomia em relação às províncias do país.

Essa minha experiência dialoga com a colocação de Miguel Segundo, de que: *“hoje vejo que podemos falar do nosso Sertão, trazendo outros elementos que potencializam a cultura, a natureza e os diferentes modos de vida de nossa gente”* (2025, p. 142). Ainda são poucos os nordestinos ocupando esses espaços com experiências internacionais. E, ao subir um pouco mais no mapa, adentrando o Sertão, percebi, nos contatos e nas relações estabelecidas com diversas pessoas brasileiras pesquisando, estudando em Buenos Aires, que eu era a única oriunda do Sertão a ocupar tais espaços, naquele período de tempo.

Isso também reflete nas significativas bagagens de experiência reverberando na investigação, especialmente nas práticas de escrita criação/narração/fabulação. Eu, uma andarilha, acompanhada por cinco colaboradores, reflito aspectos centrais desse processo de escrita. Um desses aspectos é a importância do trabalho; que emergia durante a pesquisa, tendo as cartas/narrativas como dispositivo. Com a vivência do doutorado sanduíche, esse aspecto foi amplificado, revelando-se uma poderosa chave para a compreensão das práticas de escrita desses sujeitos, e suas interações com diferentes contextos culturais e acadêmicos.

Os encontros de grupos com a experiência na equipe de documentação narrativa¹²⁸, as orientações, eventos e leituras diversas contribuíram para que as cenas

¹²⁸ Coordenada pelo Prof. Dr. Daniel Suárez.



presentes nas narrativas das cartas ganhassem uma significação singular. Essas narrativas de experiencição se tornaram ainda mais orgânicas na construção do texto da tese, pois agenciam as vozes dos colaboradores da pesquisa, refletindo sobre seus processos de escrita.

Para Vítor Castro, muitos dos seus textos “*nascem de aforismos, ou seja, frases relativamente curtas que condensam uma ideia*” (2025, p.142)¹²⁹. Nesse processo de construção de narrativas, dialogam diretamente com outras práticas de escrita, que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes desenvolveram e publicaram ao longo da graduação, ampliando a compreensão do que constitui os fazeres acadêmico e literário.

Nesse andarilhar, há uma necessidade de revisitar as cartas/narrativas e a própria escrita da tese, realizando as edições necessárias até que estejam prontas para alcançar os leitores. Nesse sentido, as escolhas sobre o que manter e o que tirar, bem como a estética ou o enredo, são fundamentais para que esse alcance se efetive.

Como narra Miguel Segundo: “*antes quero registrar quais conflitos vêm à tona diante do processo de escrita*”. Isso reflete como um(a) *estudante/escritor(a)/docente* pode fazer escolhas: “*Em primeiro lugar, eu fico um tempo refletindo sobre como vou desenvolver a minha lírica/literalidade no texto, para depois decidir quais características minha ou de outra pessoa, que eu tenha escolhido para inspiração, esse personagem irá possuir.*” (2025, p. 140)¹³⁰. Esses aspectos, também, são necessários para organizar a publicação do livro/ebook; antes da defesa torna-se fundamental, pois é parte significativa dos resultados da investigação.

Desse modo, essa trilha percorre atalhos entrelaçados as narrativas dos colaboradores com os meus passos de andarilha pelo Instituto de Investigação em Ciências da Educação (IICE) e pela Faculdade de Filosofia e Letras (FFyL) da Universidade de Buenos Aires (UBA), na Argentina, com as linhas rizomáticas construídas durante as andanças com os colaboradores.

A minha chegada ocorreu em um domingo frio, no final do inverno. Confesso que observo, com um certo estranhamento, a arquitetura cosmopolita ao seu redor, cujas cores se resumem a tons de marrom e cinza, em diálogo com as árvores, marcando a estação do inverno, tardando agosto a dentro. Frio também era o desafio, de início, se acostumar com

¹²⁹ Trecho da carta/narrativa 5 “Alguém que não se sente mais um tabuleiro” Petrolina/PE, 15 de outubro de 2024. Vítor Castro.

¹³⁰ Trecho da carta/narrativa 5 “Eu estou me achando” Petrolina/PE, 22 de setembro de 2024. Miguel Segundo.



Espanhol Castelhana, assim como a dúvida sobre por onde começar suas andanças para adentrar nas discussões da investigação em documentação narrativa de experiência pedagógica.

Após esses primeiros contatos, coloco em pauta as ações do plano do estágio doutoral, criando atalhos, aquecendo o clima frio, que antecede a primavera. Nesse processo de deslocamento, ela se depara com imagens, atravessando outros horizontes, permitindo-lhe 'penetrar em outras vidas' (Deleuze; Parnet, 1977[1998], p. 49), até vislumbrar um platô, que possibilitasse o agenciamento das cartas/narrativas com as práticas de escrita criação/narração/fabulação dos sujeitos envolvidos nesta investigação.

Com esse movimento, compreende-se que, ao se deslocar de um ou seis, já somos muitos. Não se trata apenas de seguir o '*bonde*¹³¹', mas de fabular possibilidades de agenciar diferentes experiências, em sintonia com as práticas arbitrárias de escrita. Essa abordagem corrobora com Neves (2021, p. 90), que afirma: “as políticas linguísticas não descendem apenas do Estado, mas também das instituições e atores sociais”, fornecendo-lhes dispositivos para explorar narrativas, que envolvem práticas de escrita criação/narração/fabulação. Até porque “os sujeitos, que participam do processo, interagem com o pesquisador e passam a refletir sua prática na ação cotidiana, tornando-se processo formativo coletivo e individual e de pesquisa a partir da prática” (Oliveira; Suárez, 2023, p. 103).

Esta quarta trilha reflete, na desconstrução/construção própria do alforge da investigação das narrativas de experiência com as práticas de escrita, pois é uma extensão do doutorado, por conseguinte da tese. O doutorado sanduíche se estendendo por um semestre, entre dez de agosto de 2024 a dez de janeiro de 2025. Trata-se de uma experiência única, comparável à potência de um platô se multiplicando a cada nova dobra.

4.2 Chegada da primavera

Com a chegada da primavera, o cenário ganha outro tom, especialmente, às margens do Rio La Plata, nas terras portenhas. O cinza das árvores dá lugar ao verde vibrante das folhagens que preenchem ruas e parques, tornando a cidade pulsante e cheia de vida. A estação primaveril impulsiona a retomada das cartas/narrativas, agora enriquecidas por uma observação atravessada pelas discussões com a documentação narrativa de experiências pedagógicas. A interação entre os envolvidos na pesquisa se

¹³¹ Uma fala significativa de um dos coordenadores do meu doutorado Sanduíche, que diz que a andarilha “sempre segue o bonde”, o bonde no sentido de coletividade, de agenciamento.



torna uma constante, tanto nas práticas de escrita desenvolvidas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação, durante a formação de licenciatura em Letras, quanto nas trocas das cartas/narrativas, que se configuram como um movimento dinâmico entre pares.

Assim, destaco a proposta para um laboratório com uma abordagem centrada na de experiências internacionais, no qual os colaboradores da pesquisa assumem a condução das mediações, estabelecendo um diálogo com pesquisadores e pesquisadoras que estavam vivenciando estudos, trabalhos, estágio fora do país de origem. Esse processo é particularmente relevante para aqueles que investigam narrativas de experiências de saberes docentes, uma vez que enfatiza a formação e a disseminação de saberes diversos por meio das práticas de escrita. Vale ressaltar, contudo, que Camila Batista e Lucas Coelho não puderam participar devido a uma incompatibilidade de agenda.

Esse laboratório surge como as primeiras dobras das diversas articulações feitas em solo portenho. Vários(as) pesquisadores(as) foram convidados(as), alguns(mas) deles(as) em formação, outros(as) com uma vasta experiência: entre eles(as), uma doutoranda brasileira, que também realizava o Doutorado Sanduíche na mesma universidade; uma brasileira naturalizada argentina, doutora e pesquisadora em duas universidades nacionais de Buenos Aires e uma pesquisadora argentina vinculada ao Pós-Doutorado no PósCrítica.

Essas interações iniciais foram fundamentais para estabelecer outras conexões diversas com a minha estada em solo portenho, abrindo caminho para as discussões para as narrativas de experiência com práticas de escrita, com ênfase na investigação da formação docente em rede. Esse encontro resultou em um elo entre saberes e práticas acadêmicas, fortalecendo a abordagem de formação e pesquisa colaborativa.

Outro ponto significativo foi um outro olhar em relação à escrita da tese, que resultou na edição para a versão do texto de qualificação geral. Ao refletir sobre o processo, reafirmo que o dispositivo central da investigação está nas cartas trocadas com os colaboradores, intitulado de cartas/narrativas, pois os mesmos abordavam suas experiências com as práticas de escrita de maneira visceral.

Essas cartas indicam um ponto de inflexão na pesquisa, apontando para um platô investigativo, que atravessa a cartografia rizomática com a natureza. Esse redirecionamento permitiu uma interpretação mais aguçada das interações e das



narrativas com as práticas de escrita, reafirmando a potencialidade da narrativa no processo investigativo.

Assim, a chegada da primavera simboliza um desdobramento de diferentes possibilidades no contexto do Doutorado Sanduíche e impulsiona o desenvolvimento da escrita da tese. Uma multiplicidade de direções, que potencializam a pesquisa, ampliando horizontes e aprofundando a conexão com as práticas acadêmicas e as trocas construídas durante esse período.

4.3 Desdobramentos da experiência com Doutorado Sanduíche

Os desdobramentos da experiência vivenciada durante o Doutorado Sanduíche revelam não apenas a proposta de um laboratório de experiências internacionais, mas também a diversidade de abordagens surgindo com as interações criadas. Esse processo se desvela como um campo fértil para diversas trocas, permitindo um olhar ampliado sobre as dinâmicas em contextos interculturais. Ao decidir passar uma temporada em outro país, permito-me transitar de um ambiente linguístico do português brasileiro para uma outra língua, onde me vejo diante de um desafio tanto pessoal quanto acadêmico.

A concretização dessa experiência, entretanto, envolve uma série de desafios, que vão além da simples transição geográfica. A limitação inicial de uma rede de contatos e a barreira linguística demandam táticas criativas de mediação e comunicação, que viabilizem a construção das interações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse cenário, a adaptação e o intercâmbio tornam-se elementos centrais, revelando como a troca de saberes e a formação de novas conexões podem transformar a experiência acadêmica e pessoal, impulsionando o potencial de sua vivência no exterior.

São ramificações se abrindo em possibilidades para diversas articulações, gerando propostas significativas. Essas conexões se estendem por andanças em diferentes espaços de formação docente, atravessando grupos de pesquisa focados em estudos sobre documentação narrativa de experiências na formação de professores. Além disso, essas interações se concretizam em participação ativa em eventos e na produção de publicações, ampliando o alcance das reflexões geradas.

4.3.1 De diferentes articulações

A minha desconfiança, inicialmente, hesitante em se aventurar pelos meandros das narrativas de experiencição, dissipa-se ao perceber que a abordagem adotada não segue uma linearidade típica de uma narrativa autobiográfica ou de um dado recorte



histórica, mas se constrói de forma rizomática. Esse entendimento reflete a multiplicidade e a complexidade da experiência humana, revelando uma narrativa fluida e não hierárquica, em que as diversas nuances do processo criativo se entrelaçam em constante transformação. Ao invés de uma trajetória fixa, a caminhada do escritor se configura como um “componente de passagem” (Deleuze; Guattari, 1996[2012], p. 23), onde o autor se lança em territórios desconhecidos, por vez inexplorados, desafiando as limitações de uma abordagem linear e abraçando o ‘caos’ produtivo da criação.

Nesse cenário, a escrita emerge como um processo alquímico, conforme descrito por Levy (2011, p. 126), e a palavra escrita se torna um meio de transmutação da realidade, em constante movimento de desterritorialização. A cada novo texto, uma reconfiguração de conceitos e identidades acontece, quebrando as estruturas rígidas de estabilidade e abrindo caminhos para a construção de diferentes formas de existir. Nesse sentido, a narrativa, portanto, não é um reflexo estático de uma experiência vivida, mas um espaço dinâmico e plural, capaz de expandir, continuamente, possibilidades plurais.

Os eventos realizados na Universidade de Buenos Aires (UBA), como aulas abertas, jornadas acadêmicas e simpósios, foram marcos importantes para o intercâmbio de conhecimentos e a ampliação das redes acadêmicas. Essas iniciativas possibilitaram o aprofundamento das discussões sobre temas relevantes na área da educação e promoveram um ambiente fértil para a troca de experiências.

Entre as interações mais vivenciadas, destacam-se as relações estabelecidas com professoras de Língua Portuguesa e Literatura, que trabalham em Escolas Normal Médio Superior, bem como na Educação Básica, a exemplo do “Lenguitas”; pesquisadores/as do México, cujas perspectivas e abordagens enriqueceram, ainda mais, os diálogos acadêmicos. Além disso, a apresentação de um trabalho pela Universidade de la Asunción do Paraguai, que no contexto desses eventos, representou uma valiosa oportunidade para compartilhar resultados de pesquisa e estreitar laços de colaboração internacional, ampliando os horizontes da produção acadêmica e reforçando o caráter global da investigação. A importância desses movimentos de troca é inegável, pois eles não só fortalecem a construção de redes acadêmicas no Sul Global, como também permitem uma reflexão crítica sobre narrativas de experiência com as práticas de escrita na formação da Licenciatura em Letras.

4.3.2 Das propostas de simpósios



Foi entre os sabores das ‘medialunas’ e dos ‘choripans’¹³² que surgem várias as linhas para outros bordados no alforge, a proposta de organizar, ao menos, um simpósio sobre a documentação narrativa da experiência na formação docente. Algo que se concretiza nas reuniões informais, nos cafés e parques da Cidade Autônoma de Buenos Aires - CABA. Nesse movimento, eu já me integrava a um grupo de pesquisa sobre a documentação narrativa, no contexto do professorado de Educação Física. Uma vivência, que aprofundou, significativamente, em conhecimentos sobre essa natureza de pesquisa.

E, por falar em encontros nos cafés - algo tão comum em CABA, embora o hábito portenho seja o Chá Mate em vez do café - vou agenciamentos por várias trilhas, que deem sentido aos calos nos pés, frutos das caminhadas incansáveis pelas ruas da cidade, em busca de articulações que conecta o acadêmico ao intercultural. Foi através das pontes estabelecidas entre os contatos mantidos no Brasil e os recém-criados em Buenos Aires, que surgiram diferentes encontros. Encontros frutíferos, que permitiram furar a bolha e compreender com mais profundidade a importância da Língua Portuguesa e da Literatura Brasileira na Educação Básica e na formação docente na Argentina.

Um desses significativos encontros foi com uma ‘leitora’ do Programa Leitorado Guimarães Rosa, outro foi o acesso à biblioteca do Instituto Guimarães Rosa, duas instituições brasileiras dedicadas à difusão da Língua Portuguesa e da Literatura Brasileira em quatro continentes: América, África, Ásia e Europa. Vale destacar que o Leitorado tem como missão criar pontes linguísticas e culturais, promovendo a língua e a literatura como instrumentos de conexão e entendimento global. Já o Instituto Guimarães Rosa, com sua atuação estratégica, fortalece o ensino e a pesquisa, criando espaços de imersão e diálogo entre a cultura brasileira e as diversas realidades internacionais.

Como sabemos, as conversas se configuram como rizomas, multiplicando-se em diversas linhas e conexões. Assim aconteceu com as conversas que propus com a leitora, residente em Buenos Aires, uma colaboração para organizar um simpósio sobre o Leitorado Guimarães Rosa. Dessa proposta, surgiu o segundo simpósio no congresso promovido pelo PósCrítica, intitulado: 'Política de Difusão Internacional da Língua Portuguesa, Literatura e Outras Artes Brasileiras no Instituto Guimarães Rosa'. Além desse, um terceiro simpósio foi organizado em parceria com uma pesquisadora argentina, abordando experiências internacionais diversas.

¹³² Comidas típicas e populares na Argentina.



Cada simpósio contou com seis mesas, somando mais de 70 comunicações de pesquisadores(as) de diferentes países, abrangendo tanto a América Latina quanto outros continentes. Um exemplo notável foi o Simpósio do Leitorado, no qual, em algumas ocasiões, as apresentações reuniram comunicadores de continentes distintos, com quatro comunicações, cada uma apresentando sua comunicação de um dos continentes em que o Programa Leitorado Guimarães Rosa atua: África, América, Ásia e Europa.

Os encontros e as participações nesses simpósios não apenas serviram como desdobramentos importantes, mas também desempenharam um papel fundamental na articulação com os colaboradores da pesquisa, tanto nas mediações técnicas quanto acadêmicas. Essa troca e colaboração fortaleceram as redes de conhecimento e ampliaram as possibilidades de ação conjunta, criando um espaço de intercâmbio, que não só enriqueceu as discussões, mas também potencializaram o impacto das pesquisas, ampliando suas fronteiras e suas implicações tanto no âmbito acadêmico quanto no social.

4.3.3 Da proposta de monitoria

A partir das articulações comigo, com a leitora do Programa Leitorado Guimarães Rosa e os colaboradores da pesquisa de tese, surgiram dois desdobramentos significativos. O primeiro foi a organização de um fórum com estudantes/escritores(as)/docentes e demais colaboradores do Programa de Extensão *Lugar de Criação*, com o intuito de divulgar o Programa Leitorado Guimarães Rosa entre os estudantes do curso de Letras. O segundo desdobramento, resultado da atuação destacada dos colaboradores da pesquisa nas mediações acadêmicas e técnicas, foi a proposta de um projeto de monitoria no Programa Leitorado Guimarães Rosa, em Buenos Aires. Esse projeto visa incluir estudantes/escritores(as)/docentes nas discussões do leitorado, além de prepará-los para a concorrência de possíveis editais, ampliando as oportunidades de inserção acadêmica e profissional.

O que experienciei, durante o Doutorado Sanduíche na Universidade de Buenos Aires (UBA), proporcionou uma imersão potencializadora, no campo acadêmico, de modo particular nas narrativas de experiência com as práticas de escrita criação/narração/fabulação dos(as) estudantes/escritores(a)/docentes. Ao me envolver em diferentes espaços de formação e pesquisa, eu tive a oportunidade de ampliar reflexões sobre o papel da escrita na educação, observando o modo pelo qual a criação textual pode se configurar como um espaço de resistência, subjetividade e ressignificação, em diversos contextos.



Dentro desse contexto acadêmico, as práticas de escrita emergem como um elemento central para o desenvolvimento da investigação em documentação narrativa de experiências, assumindo um papel de destaque na contação de histórias e saberes até então silenciados pelas múltiplas exigências da profissão. Essas narrativas, tecidas com depoimentos autênticos, revelam as vivências de educadores, trazendo à tona experiências que, muitas vezes, são obscurecidas pelas demandas cotidianas do ofício docente.

Dessa forma, a documentação narrativa se estabelece como uma metodologia fundante para entender as complexidades e os desafios enfrentados pelos docentes, ampliando as possibilidades de transformação das próprias práticas educativas, em que os envolvidos nessas narrações, não estão preocupados apenas com a forma do gênero textual a ser construído, mas sim, com a experiência com ato de escrever, pois estão se envolvendo com a escrita nas práticas sociais.

4.4 Retorno em travessia

Você, pessoa em travessia, que, assim como eu, segue com os tímpanos em consonância, observe: o alforje é movente. Detenho, então, minha audiência na interação das narrativas de experiência com as práticas de escrita em criações/narrações/fabulações, que me atravessaram e atravessam esta tese. Essas práticas de escrita são carregadas de significado e potencial transformador. Pois, “entre os loucos, são muito poucos os que podem dizer-se escritores” (Deleuze, 1997[2011], p. 17) ressaltando a singularidade dessas criações/narrações/fabulações.

E assim, retorno-me como andarilha em travessia: em pleno processo de transformação. Nesse deslocamento, olho pela pequena janela da aeronave e, diante de mim, revela-se o espetáculo noturno das luzes. A cidade se acende aos poucos, suas lâmpadas reluzentes como estrelas nas sombras da noite. Os aplausos que seguem à aterrissagem se misturam com as lágrimas insistindo em cair, tais quais as gotas de chuva que parecem querer seguir as asas do avião, dançando sobre sua superfície, enquanto se aproxima do solo brasileiro.

Essas lágrimas não são apenas de despedida ou de chegada, mas elas também lavam a memória de um semestre mais do que significativo: um período transformador. Uma temporada de andanças, entrelaçada com criações/narrações/fabulações, que potencializaram saberes por meio da articulação de conhecimentos diversos, projetando outras formas de intervenção tanto na investigação de tese, como também na vida



cotidiana. Cada passo que dei, cada encontro que vivi, tornou-se um mapa de possibilidades, atravessando fronteiras entre o que aprendi e a experiência do vivido. Um movimento de fabulação experienciado em um ato contínuo de criação, próprio de quem se lança em diferentes contextos.

A emoção, acompanhando a aterrissagem, é agenciada pelas memórias de uma diversidade de fatores. Não se trata apenas do regresso ao solo-pátria, mas também da bagagem que carrego: repleta de saberes, como quem transporta uma narrativa em constante processo. Deixo para trás o sabor portenho, mas trago, em mim, o eco de vozes diversas partilhadas em minhas andanças: movimentos das abuelas da Plaza de Mayo, os cheiros da culinária, as rodas de conversas e os encontros no grupo de pesquisa, além das andanças pelas ruas da cidade. Enfim, o que trago é mais do que conhecimento. É uma sensibilidade aguçada para as realidades que me cercam, para os espaços contemporâneos se desenhando diante de meus olhos, plenos de possibilidades.

E assim, ao tocar o solo tropical do meu país, já não sou a mesma. Nem o espaço em que piso é o mesmo. O voo não termina com a aterrissagem, apenas se transforma. Sigo, como sempre, em movimento, andarilhando com diferentes possibilidades de criação/narração/fabulação presentes no alforge de andarilha.

Esta trilha me leva a concluir que toda essa travessia é também invenção. Que escrever é um modo de tocar o mundo com as palavras e de ser tocada por ele. Que a formação, quando atravessada pela fabulação, transforma. E que o alforge, esse que levo comigo e que me leva, continua aberto, pulsando outras possibilidades de criação/narração/fabulação. Sigo em movimento, como você, pessoa em travessia. Não se trata de um fim, mas de um início: tantas linhas de fuga se abrem, num platô em que as narrativas se desdobram e se multiplicam.



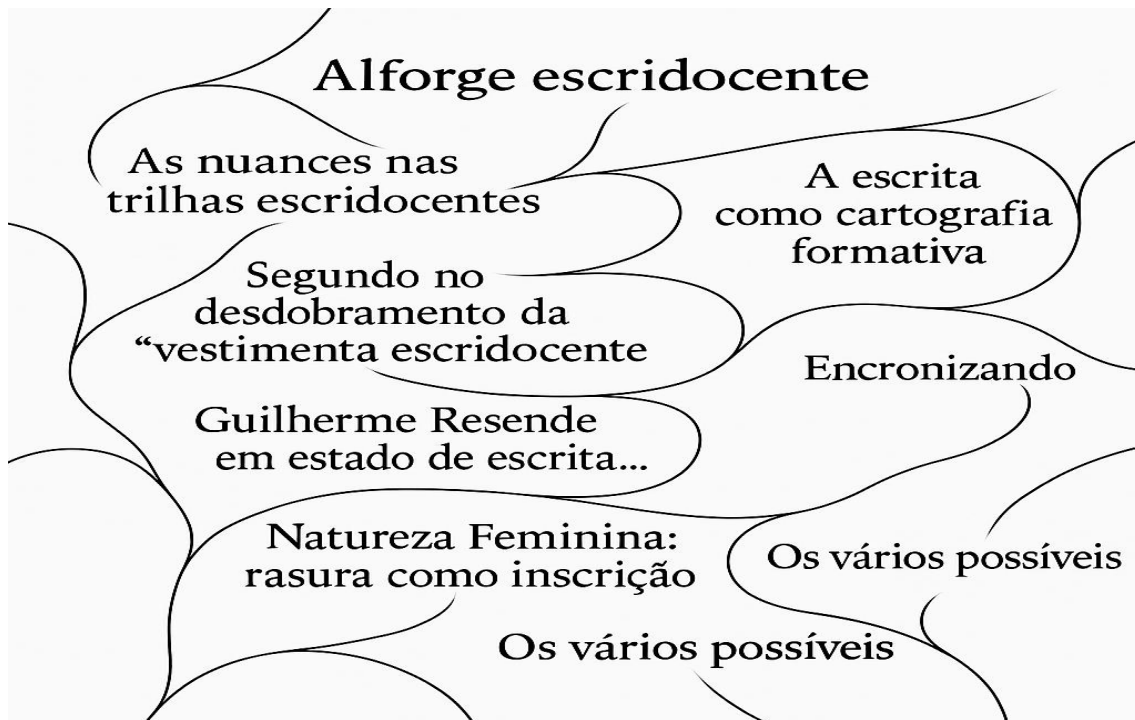
Trilha 5 ALFORGE ESCRIDOCENTE

PósCrítica, julho de 2025.

Companheiro(a) escrivocente,

Abrimos esta quinta trilha como quem desdobra um alforge repleto de palavras cultivadas ao longo do caminho. Aqui, voltamo-nos à consolidação da figura do(a) escrivocente como um marcador crítico-cultural. Sujeito em travessia, atento às potências críticas e criativas, que emergem quando a docência se desloca pela narrativa de experiências com as práticas de escrita.

Figura 25 Trilha 5 Alforge Ecrivocente



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Esta trilha se inscreve como um dos platôs da tese. Ao acompanhar as narrativas de experiências reunidas em cartas, livros e atravessamentos cotidianos, podemos compreender essas práticas como um território de criação e de formação. Assim, o alforge escrivocente se configura como conceito/metáfora e matéria de uma pedagogia brotando nas margens: ali onde a linguagem ainda pulsa como possibilidade de um porvir.



É um alforge permanecendo aberto, receptivo, pronto para acolher as múltiplas vozes, experiências narradas compondo o tecido do ensino e da criação, sinalizando que ensinar e escrever são movimentos inseparáveis de um mesmo percurso, como uma perambulação, que não se limita ao jorrar das águas serelepe do rio Opará, mas também envolve cinco graduandos e uma docente/pesquisadora. ‘Andarilhos’ que regem esta tese. Trata-se de uma perambulação se deslocando a ideia de método rígido para dar lugar ao atravessamento: de rios, de sujeitos, de línguas e de saberes.

É no acontecimento que se constitui o alforge dessas narrativas, que se modifica em diversas formas: com múltiplas entradas e saídas pelo traçado de suas linhas. Uma “perambulação pelo mundo, encontrar no sem forma da língua estrangeiro” (Santos, 2016, p. 380), que ocorre, paradoxalmente, na própria língua, implicando um trapacear com a linguagem verbal para que, nesse movimento, possamos também andarilhar pelos carreiros de uma crítica cultural.

São modos de narrar que ganham vida em um universo de palavras incertas, em que o real sai de um imaginário para laburiar na criação de diferentes realidades. A ficção, carregada de simbolismo, tece seus enredos em meio às práticas sociais de letramento. Logo, não é nem linguístico, nem literário, mas ambos atravessando os ‘carreiros’ com as práticas de escrita criação/narração/fabulação de uma docência da futuridade.

Em cada ‘rincão’ de suas vontades ávidas de escrever, destacam-se em elaboradas fabulações intrincadas em teias de tinta preta sobre um fundo lívido de uma página em branco. E como uma boa andarilha, que venho me constituindo, as trilhas foram potencializadoras para as travessias de pontes numa conexão de elementos diversos, que vêm sendo entrelaçados desde as primeiras passadas, com paradas ininterruptas, até o nascedouro escridocente. Pois é um sujeito que se constitui “por um processo criativo de diferenciação que se mantém no tempo como suporte de modificações que se fundem umas nas outras” (Zacharias e Zeppini, 2018, p. 280).

Companheiro(a) escridocente, observe como é expressivo o modo como nos deslocamos e tecemos os nossos encontros, sem separar vida, teoria e invenção. Isso se reforça ao assumirmos o “sem forma” da língua e das experiências como potência criadora. Nesse movimento, o alforge é, continuamente, alimentado pela escrita brotando nas brechas do cotidiano: das conversas de fim de tarde aos debates acadêmicos. Em que cada palavra carrega traços subjetivos desses elementos. Tudo pode ser desmontado e reorganizado, de múltiplas formas, nas perambulações com as práticas de escrita.



Investir na sincronia do ‘bordado’ entre as palavras estudante/escritor(a)/docente, transmutando-se em escridocente é criar um espaço de invenção partilhada. Um lugar que, dialoga com os(as) andarilhos(as) das palavras, sempre inquietos(as), que perambulam incansavelmente pelos meandros da escrita, criação/narração/fabulação, entrelaçada com a narrativa dessas experiências na formação docente.

Para os(as) exploradores(as) das letras, cada livro é uma porta de entrada para um mundo ainda por vir, onde as fronteiras entre a realidade, fantasia e o simbólico se dissolvem, convidando-os a mergulharem em uma peregrinação repleta de descobertas de diferentes realidades. E é nisso que parece “residir a força viva, criadora e política da experiência” (Pagni, 2014, p. 13), que ocorre em decorrência dessa criação porvir é também uma docência porvir. Escridocentes na arte da palavra escrita no contexto da docência, sempre prontos(as) para desvendarem diferentes narrativas, que habitam nos causos contados, nas ‘conversas afiadas’ ou nos mistérios habitados nas moradas da imaginação. Palavras reluzindo no vasto universo das letras.

Podemos nos colocar como esses(as) andarilhos(as) vagueando por paisagens de prosa e verso, em que cada obstáculo apresentado no caminho revela enigmas a serem desvendados em cada página escrita pelos(as) aprendizes das letras daquilo que há por vir. Nesse universo, também sigo acompanhada por tantos outros errantes, que carregam as mais variadas palavras em seus bornais em busca de superar as dificuldades e violências vividas durante as andanças, ao mesmo tempo a se desafiarem numa “possível linguagem da experiência” (Pagni, 2014, p.13), que se rompe em diferentes criações com as práticas de escrita de uma poética/narrativa do(a) professor(a) que escreve que também estar porvir.

Mesmo não sendo sua preocupação enquanto escritores(as), os colaboradores partilham conosco suas histórias, a exemplo de Miguel Segundo: “*eu nasci em Ibirimir-PE, filho de dois agricultores. Minha mãe já descansa nos braços de Deus, enquanto meu pai é minha joia rara, por quem sou eternamente grato por ter sido um verdadeiro guerreiro ao meu lado*” (2025, p. 32). Como quem pousa no jardim para brincar, provocam deslocamentos para tecem enredos singulares, nos quais suas criações se transformam em personagens de si mesmo.

Por vez, Vítor Castro inscreve como “*alguém que não se sente mais um tabuleiro*”, fazendo um diálogo com seu texto “Damas” (2023). Ao formar, formam-se; na formação, criam suas fabulações com as práticas de escrita. Como uma “bruma solar que vai preencher o espaço”. São sujeitos, “que têm percepções singulares que lhes permitam



extrair ou talhar” (Deleuze, 2011, p. 147) os desafios, com verdadeiras visões, no ato de criar durante a sua jornada formativa e, em meio aos jogos de palavras e à magia da criação/narração/fabulação, fazem uso da força performática da palavra constituindo as ideias.

Uma escrita marcada por traços autobiográficos interconectados de intensidades, refletindo, assim, uma perspectiva de “otobiografia”¹³³ na vivência, que se apresenta nas práticas de textos escritos e espalha sua narrativa mundo afora, trazendo um movimento de um: “médico de si próprio e do mundo” (1997, p. 14), pois evidencia sua passagem na fabulação, que se faz pensamento engendrado em um “nomadismo próprio que se distende sobre os corpos” (Costa, 2011, p. 99),

Mesmo longe de atingir o limite de chegada, os(as) andarilhos(as) que peregrinam pelo mundo do escriturístico não se furtam de escrever, quase que diariamente, pois um(a) escritor(a) se faz nos atalhos com as leituras diversas e edições das escritas, para “escrever por esse povo que falta” (Deleuze, 1997[2011], p. 16), pois os mesmos também se constituem no despejo da língua. Mas, nas paragens, estão sempre prontos(as) para se descobrirem na paisagem de um(a) escrivente, que só se evidencia no movimento desviante da linguagem, usando das táticas em busca de tesouros escondidos no fora da linguagem. Assim como o nascedouro desse alforge escrivente, que se transmuta a cada criação/narração/fabulação.

Seguindo nessas andanças, as fabulações dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes inspiram reflexões diversas, uma vez que seus textos ganham um lugar de destaque em suas desviantes prateleiras. Aliás, o contexto do Programa de Extensão do Lugar de Criação ganha com essas escritas narradas em prosa e/ou em verso, pois são textos que saem das gavetas e vão para salas de estar, para feiras literárias e, quem sabe, para as mãos de docentes que outrora questionavam a validação de criações semelhantes a essas.

A educação é o lugar e o tempo do aprender “como potência de sempre recomeçar um movimento, potência de colocar o próprio pensamento em movimento, de modo que ele, em suas diferentes formas, possa criar conceitos, funções e sensações capazes de transformar todos os elementos em questão” (Zacharias e Zeppini, 2018, p. 280). Logo, são textos que nos colocam nesse lugar de inspiração de estudantes/escritores(as)/docentes atravessados pela linguagem, fazendo um ecoar de vozes de uma coletividade e saiam por aí performatizando e agenciando outras práticas

¹³³ Termo derridiano.



de escrita, como o graduando Lucas Coelho (2022, p. 229) evoca: *eu posso ser Marias, Clarices, Joãos e Paulos e posso continuar sendo eu mesmo*". E com esse bordado de linhas que se conectam, os(as) escridocentes vão se constituindo nesse nascedouro de criação e de formação.

Uma escrita fora da finalidade de um letramento autônomo ou para um fim específico, inscreve-se em outro lugar. Muitas vezes, fazendo uso de bricolagem para ultrapassar a simples condição de um texto solitário ou isolado, transformando-se em um movimento devir, que engendra uma variedade de aspectos, que dele emergem e com ele se conectam. Isso permite uma interação com outros(as) autores(as) e leitores(as), experienciando diversas situações através do ato de criar com e na escrita de forma colaborativa, sendo capazes de apreender a complexidade nas diversas realidades.

É inevitável reconhecer que são as práticas de escrita, nas interações sociais, que agenciam essa complexa teia de conexões com o coletivo num movimento transversal em uma constância. É o uno entre as linhas que se destaca nas trilhas das repetições. É inusitado explorar a diferença entre outras escritas possíveis, “que rói suas duas imagens e adquire velocidade no meio” (Deleuze; Guattari, 1995[2011], p. 49). Com isso, uma prática de escrita como a dos(as) escridocentes se constrói e desconstrói em uma multiplicidade, pois extrapola os limites do contexto de extensão do Programa Lugar de Criação (PLC) ou as periferias das salas de aula da Educação Básica.

Carecemos de reconhecer que a expansão das práticas de escrita de graduandos pode impactar tanto o ensino quanto a pesquisa. Sob essa ótica, o contexto do Lugar de Criação contribui para a formação de uma comunidade de docentes escritores(as) comprometidos com a valorização de suas pluralidades nas diversas formas e manifestações. Ambiente como esse estimula a criatividade, a subjetividade e a colaboração entre todos os envolvidos na criação de textos escritos. Por assim dizer, o contexto do (PLC) acaba se configurando como um estado de ideias, um estado de espírito criativo.

Esse contexto de criação leva os envolvidos a ocuparem um lugar de andarilhos(as) transitórios(as) nas plataformas de transmissão por meio de aplicativos audiovisuais. Desde 2020, os encontros ocorrem predominantemente por meio das tecnologias digitais. É através dessas ferramentas digitais e remotas que se torna possível construir uma escrita em forma de fabulações, não mais confinadas a uma gaveta empoeirada ou esquecidas no pensamento do autor, mas impulsionadas pela força de uma narrativa nômade, capaz de atravessar diferentes contextos e alcançar diversas



visibilidades. Trata-se de um texto feito de “escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas, que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em constelação” (Barthes, 1988, p. 70), e que, ao chegar às mãos do leitor, se desterritorializa e se reinventa.

Essa ideia sugere uma multiplicidade que, simultaneamente, se desdobram e agregam ao conceito/metáfora de alforge como em micro platôs permeados de práticas de escrita, capaz de realizar um “processo de experimentação e criação capaz de alinhar grupelhos e fundar, ocupar espaços libertários fazendo devir” (Santos, 2016, p. 78). Um alforge que se expande em fabulações para “rasurar as bordas do real e fundir realidade e ficção numa potência de vir a ser” (Deleuze; Guattari, 1997[2012], p. 74), pelos caminhos onde os(as) andarilhos(as) transitam, gerando múltiplas possibilidades de uso e de criação.

Essa dessacralização indica que as práticas de escrita, originadas nas margens, podem reconceituar o centro como periférico e pulverizar outros espaços ainda não visibilizados, em uma relação descentralizada. Assim, desdobrar o alforge é, entre outras coisas, criar diferentes linhas se juntando às já existentes, garantindo que o caminho dessas narrativas de experiência com as práticas de escrita não se limitam a um livro guardado em uma estante qualquer, mas se movimente como um devir-platô. Pois, “se o escritor é um feiticeiro é porque escreve em devir, escrever é atravessado por estalos devires” (Deleuze; Guattari, 1997[2012] p. 21), evidenciando uma escrita com potencialidade transformadora.

Além disso, alguns dos textos apresentam uma abordagem mais direta e íntima, quase como em diálogo direto com o(a) leitor(a). Eles são observados pelo fora, como em uma janela, que não pertence ao autor e nem ao outro, mas uma dupla captura de um espaço em conexão mútua. Assim, os(as) leitores(as), ao se envolverem com esses textos, também o fazem nessa perspectiva de um “fora” com suas múltiplas possibilidades de interpretações. Essa dinâmica artística revela que, “a obra de criação verbal é criada de fora para cada personagem” (Bakhtin, 1979[2011], p. 87), em que o(a) leitor(a) não apenas se deleita com a narrativa, mas também degusta em cada detalhe do universo da criação/fabulação/narração. São produções impactando a relação subjetiva entre obra e leitor(a), uma vez que o(a) autor(a) cria e, nesse ato de criação, narrativas se configuram em ideias na obra de arte. É um convite ao jogo das palavras em que os(as) leitores(as) são inscritos a mergulhar nas memórias e reflexões pessoais, revelando camadas de significados complexos.



Uma escrita se revelando é um devir, uma vez que os(as) estudantes/docentes(as)/escritores assumem um papel distinto do(a) autor(a) das cartas trocadas comigo. Pois os(as) escritores(as) não a encaram de forma estática; diante do ato de escrever, é necessário um constante posicionamento de autoria, com revisões e edições, determinando quais aspectos serão seguidos para essa ou aquela narrativa, sem a preocupação de um agora ou um depois, pois tudo se entrelaça numa caminhada simultânea. Há uma intenção de “dobrar o fora, fazer a força se afetar em um movimento próprio da subjetivação” (Levy, 2011, p. 109). Nesse ínterim de troca de cartas/narrativas, ocorre um processo de transformação conferindo diferentes significados às palavras, diferentemente do(a) observador(a) da escrita criação/narração/fabulação.

Nas cartas, os estudantes/escritores/docentes se posicionam como observadores de suas obras, transformando a entidade do escritor em uma figura distinta, quase como em uma memória, que também se encontra pelo “fora” da narrativa. Essa metamorfose revela as múltiplas faces do processo criativo e da relação entre autor e obra. Cada palavra escrita é uma escolha, um ato de decisão sobre qual voz será amplificada, qual perspectiva será privilegiada, e isso norteia não apenas a narrativa, mas também a percepção que o leitor terá dela.

Sabemos que, entre tantas possibilidades, a escrita proporciona aos praticantes um espaço para explorar ideias sem a pressão do julgamento imediato de terceiro, contribuindo, que, por meio da prática da escrita criação/narração/fabulação se abre diversas formas de expressão disponíveis para os sujeitos. Pois é possível exercitar nossa humanidade, ao comunicar-se “por meio e através das artes” (Lopez, 2023, p.13). Isso enriquece o entendimento de mundo e fortalece os laços interpessoais, além de aprimorar as habilidades comunicativas.

Através dessas práticas de escrita surge a liberdade de imaginar novos horizontes, brincar com as palavras e reinventar seus significados e usos. Ao se envolver nessas práticas, o(a) escritor toma posse da palavra como sua matéria-prima, permitindo-se criar diferentes narrativas, explorar temas inéditos e expressar suas ideias de maneira original. As palavras nas mãos de quem as utiliza são flexíveis e maleáveis. Os(as) escridocentes oferecem a oportunidade de reinventar um sistema de signos, abrindo espaço para possibilidades ilimitadas na escrita, inclusive nas relações intersemióticas.

Mais do que isso, são obras, que instigam a nos inscrever na arte da palavra, pois a expressão verbal permite aos indivíduos exercerem seu direito de pensar, como uma força ativa, que dá origem a novas imagens mentais: “pensar não é reproduzir um modelo,



e sim fazer nascer aquilo que ainda não existe” (Levy, 2011, p. 113). Ao se apropriar da criação/narração/fabulação, o sujeito adquire a capacidade de explorar a escrita como se fosse um estrangeiro na própria língua, reconhecendo que o processo de escrita é desafiador, e requer dedicação contínua por parte do autor. Apesar dos obstáculos enfrentados, o autor aprende com suas experiências, desenvolvendo sua voz e estilo ao manejar o ato de escrever.

A linguagem, nesse contexto, descola-se de uma função puramente técnica ou instrumental e se aproxima de uma “terra Prometida em que a linguagem se torna o que na verdade deveria ser” (Calvino, 1990[2009], p. 74), um horizonte em permanente construção, onde a palavra pode, finalmente, cumprir sua vocação de fabulação. Mesmo em meio a um cenário midiático saturado por textos instantâneos e descartáveis, persiste uma potência criadora, atravessada por afeto, invenção e risco, que transforma a escrita em espaço contínuo de reinvenção.

Trata-se de uma escrita “dotada de um calor e de um sentido de viver que lhe são dados pelo próprio espetáculo de alguém que escreve” (Barthes, 1984[2012], p. 237), um espetáculo sensível, que se contrapõe ao automatismo textual contemporâneo e afirma a escrita como modo de estar no mundo. Tal movimento também tensiona os formatos e os gêneros escolares instituídos, deslocando práticas cristalizadas e abrindo espaço para outras formas de dizer/narrar. A escrita, então, torna-se território de trânsito, no qual múltiplas vozes e culturas se encontram e se transformam, compondo um texto feito de “escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas, que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em constelação” (Barthes, 1988, p. 70).

Esse ímpeto inspira o espírito de um/a escrivente, revelando a singularidade da escrita como ato de criação/narração/fabulação, com nuances de si mesmo, que poderão estar presentes no cotidiano da prática docente. O/a professor(a) “não está apenas comunicando, está doando¹³⁴, no sentido pleno do termo”¹³⁵ (Barthes, 1984[2012, p. 225]). Uma docência, que se expande com o uso da arte da palavra, permite ao professor exercer em sala de aula o direito de criar, imaginar e se constituir também como autor, saindo da Licenciatura em Letras com suas próprias publicações para serem compartilhadas com seus pupilos. Ou mesmo, sendo um(a) escrivente por se permitir o atravessamento com a linguagem. Assim, um(a) docente, que “ensina a si mesmo o que é esperado que ensine aos outros” (p. 226). Nesse contexto, a palavra possibilita

¹³⁴ Destaque do autor.

¹³⁵ Capítulo: Aprender e Ensinar da obra Rumos da Língua p. 224-227.



criar/narrar/fabular, permitindo que outras práticas de escrita ultrapassem os limites da sala de aula e alcancem as páginas de novos livros autorais.

Incentivando outros aprendizes a se aventurarem em suas práticas de escrita para além da busca por notas, que, muitas vezes, resultam em “silenciamentos não só de outros modos de dizer, mas também de dizeres outros” (Geraldí, 2015, p. 21), ou da necessidade de atender às exigências dos componentes curriculares. Isso ressalta a importância de adotar uma abordagem artística no uso da língua e de seus signos. Sugere-se que os professores, ao escreverem, transitem sensivelmente por diversas linguagens, demonstrando criatividade pelas práticas de escrita criação/narração/fabulação, “um fato crucial para que seja repensada a natureza da escrita que deve mediar o letramento” (Santos, 2010, p. 79), bem como para a formação de futuros(as) professores(as) da Licenciatura em Letras.

Refletindo sobre esses aspectos, é válido vislumbrar diferentes andanças com a docência, que envolve escrever e explorar alternativas para vivenciar as realidades, que se apresentam para o fora da periferia da sala de aula. Nesse contexto, o fora se constitui na multiplicidade, em contraste com o interior, o fora é um processo de resistência, “uma luta da língua menor contra seu modo maior, das tribos contra o estado, das minorias contra a maioria” (Levy, 2011, p. 91). Isso nos permite buscar sugestões criativas para os desafios enfrentados pelos professores em sua prática com a escrita.

Nas cartas/narrativas e nas apresentações dos ebooks autorais, os(as) estudantes/escritores(as)/docentes - a exemplo de Vito Castro - transitam entre a função de autor e a de comentador de seus próprios textos, destacando que muitas trilhas foram descobertas e redescobertas durante o processo de criação. Como afirma o próprio Vítor: “*escrevi um mundo que não existe, afinal não há nada menos que exista menos do que o passado, pois o futuro tem um porvir, mas o passado não tem nada a não ser Eu e o Outro*” (2025, p. 166). Ao escrever, mobilizando ou não suas forças íntimas, afetos e memórias, “o escritor não fala disso, está preocupado com outra coisa” (Deleuze, 1993; 1997[2011], p. 17), configurando como processo complexo, pois é uma escrita ligada a fluxos e intensidades. Assim, sua função não é deixar explícitas as marcas de si como autor, mas ultrapassá-las, indo ao encontro do outro, pois é no outro que a obra se constitui.

Considerando que todo discurso é atravessado por vozes múltiplas, podemos compreender a escrita como diálogo interno entre diferentes vozes e/ou perspectivas, que habitam o sujeito escrevente. Assim, a escrita se configura como lugar de deslocamento,



onde o(a) autor(a) é também leitor(a) de si e dos(as) outros(as), e em que o texto se torna campo de ressonância e multiplicidade, já que “escrever é, em suma, decidir (poder decidir) quem vai falar” (Barthes, 1984[2012], p. 231)¹³⁶. Assim, a escrita se configura como lugar de deslocamento, no qual o autor é também leitor(a) de si e dos(as) outros(as), e onde o texto se torna campo de ressonância e multiplicidade.

Nesse sentido, como destaca Vítor Castro, esse trânsito entre posições, de autor, comentador e professor, permite que o sujeito se reconheça nos próprios grafos, mas também aprenda a sentir escrita do outro: “*o movimento de Crontos (esse gênero misterioso) me catapulta para o Vítor professor, que através do entendimento do que é a escrita, desses grafos, torna-se empático à escrita do outro (à produção dela, na verdade)*” (Idem). A escrita, portanto, também forma subjetividades ao texto alheio. É nesse espaço entre si e o outro, entre o escrito e o lido, que se forma o(a) escridocente: alguém que escreve e ensina com empatia de abertura ao imprevisível do encontro com o texto.

Não há como negar que a narrativa de experiência com as práticas de escrita é um terreno fértil para a investigação sobre a natureza da linguagem e da subjetividade presentes nas cartas/narrativas. Elas permitem revelar as marcas vividas sem se limitar à visão unilateral ou à mera tagarelice posta pelo(a) autor(a), mas sim, “um escrever sobre o mundo, pois sua escrita já é ela um mundo” (Costa, 2011, p. 109). Em obras como as dos(as) colaboradores(as) da pesquisa, as vozes se entrelaçam e se misturam, criando uma performance entre os elementos de si e a personificação de uma personagem, nesses contextos, a narrativa se torna um espaço onde a linguagem não apenas relata acontecimentos passados, mas os interpreta e os inscreve pela lente da subjetividade. O(a) autor(a) não só narra traços do vivido, como também constrói e desconstrói identidades fixadas, explorando as complexidades da memória.

A voz do narrador se engendra em traços líricos do(a) escritor(a), tornando-se um ponto de convergência de diferentes experiências e perspectivas. Isso desafia as noções tradicionais da escrita de si e objetividade na escrita autobiográfica, não sendo um “eu-para-mim, mas dos outros” (Bakhtin, 1979[2011], p. 143). Em última interpretação, o turno de voz presente nas vivências marcadas nos textos pode adquirir esse movimento de ruptura, revelando-se como um espaço no qual as fronteiras entre o eu (escritor(a) e os outros como narrador(a)/personagem/leitores(as), ou entre o real e o simbólico (real-

¹³⁶ Destaque do autor.



metafórico) tornam-se porosas. Isso convida o(a) leitor(a) a participar de uma trilha dialógica, mesmo que mediante narrativas com traços pessoais do(a) autor(a).

Tal movimento com a escrita se revela como uma fonte inesgotável de possibilidades criativas, capaz de se multiplicar em sua “enésima potência¹³⁷”, em que o(a) escritor(a) dar vida à personagens que extrapola o vivível e independe de sua existência, como pontuado por Bakhtin (1979[2011]), criaturas situadas do “fora e ao lado, com as quais o autor entra em relações dialógicas” (p. 338), gerando uma profusão de descobertas. Um “ativismo que interroga, provoca, responde, concorda, discorda, etc.” (p. 339), em uma escrita, que ecoa vozes de uma coletividade com expressividade autêntica que quebra barreiras do cotidiano. Uma via para a conexão e o compartilhamento de experiências com os outros, enriquecendo, assim, a experiência humana e alimentando a chama da criatividade.

Essas diversas manifestações das práticas de escrita ressurgem do “já dito que se renova, que é outro porque se repete” (Geraldí, 2015, p. 81). Ao se repetirem, também ressurgem as marcas de autorias, tratando-se de escritores(as) que, ontem e hoje, permanecem à margem de práticas de escrita como essas. São criações de uma juventude que intervém em sua própria formação e adota uma postura “intelectual indispensável para tudo o que ocorre em sala de aula” (Durão; Cechinel, 2022, p. 30), expandindo para além dos limites da periferia da sala de aula. Práticas de escrita, que consideram pluralidade e a diferença¹³⁸, tornando-se mais significativas na vida e na formação dos sujeitos percorrendo o caminho das letras.

Se considerarmos que o texto é quem integra a obra e não se limita a uma “linha de palavras a produzir sentido único” (Barthes, 1984, p. 212), então a obra é definida por aquilo que temos nas mãos, pois se revela como uma peça singular dentro do mosaico criação/narração/fabulação, permitindo ao leitor não apenas absorver, mas também apreciar a beleza de um espaço de dimensões múltiplas, presentes nos textos que a compõem.

Sob diversas orientações, podemos destacar o(a) escrivente; como acontecimento singular, assim como a “ideia da aula como acontecimento” (Geraldí, 2015, p. 81). O(a) escrivente, ao contrário do modelo centrado no(a) professor(a) com o ensino tradicional, coloca o(a) graduando(a) no centro do processo de formação, promovendo uma abordagem mais ativa e participativa de criar, formar e se formar. Nesse

¹³⁷ Termo Deleuziano *Repetição e diferença*.

¹³⁸ (Kleiman, 1995, p. 57).



contexto, a sala de aula se transforma em um espaço dinâmico e criativo, em que o conhecimento é construído e desconstruído em um agenciamento coletivo, valorizando as singularidades individuais dos(as) estudantes.

O conceito de *escri docente* não se limita apenas à prática de escrita literária, mas também abrange uma visão mais ampliada do ensino e da aprendizagem, reconhecendo a importância do ato de criar/narrar/fabular para o desenvolvimento intelectual, profissional e social dos(as) estudantes. Estabelece-se, assim, uma relação triangular entre “o professor, o aluno e o conhecimento” (Zaratin, 2023, p. 82). Não se trata apenas de conhecer por saber, mas saber o que fazer com esse conhecimento. Esse encontro entre o(a) *escri docente* e a sala de aula como acontecimento tem potencial de inspirar a juventude estudantil como sujeitos ativos em suas práticas de escrita, reconhecendo-se também como agentes de transformação em diversos contextos nos quais atuarem.

Nesse sentido, o termo *escri docente* vai além da ideia de uma escrita introspectiva ou acessória ao exercício docente. Trata-se de uma figura em deslocamento com a linguagem verbal, que se constitui na interseção isolada para uma dimensão formativa, coletiva e crítica. Essa noção articula-se, diretamente, à formação de professores da Licenciatura em Letras: português e suas literaturas, a autoria se insere no cerne do processo formativo. E neste movimento de territorialização, “a relação do aluno com o conhecimento não é mais mediada pela transmissão do professor” (Geraldi, 2015, p. 86), evidencia-se uma descentralização da figura docente tradicional.

A mediação do conhecimento passa a ocorrer por meio das práticas sociais de escrita, reconhecidas aqui como competências fundamentais na formação de professores(as). Assim, os sujeitos que transitam entre os papéis de estudantes/escritores(as)/docentes são nomeados como *escri docentes*: agentes desenvolvendo suas habilidades autorais ao longo da trajetória acadêmica e transformam essas práticas em produções literárias significativas, como os livros autorais.

Na prática, podemos contemplar que os(as) *escri docentes* mergulham em um processo de experimentação ao utilizarem suas práticas de escrita, que extrapolam as páginas do livro e podem alcançar os encontros formativos e as salas de aula. Esse movimento abre fenda para uma docência, que se realiza no fazer de suas fabulações, um saber que se dá na travessia entre experiência, criação e partilha. Eles/elas ampliam os modos de ensinar e aprender, fazendo da escrita um campo de experimentação contínua que reverbera dentro e fora da sala de aula. Aqui, a escrita não aparece como um



suplemento à docência, mas como um modo potente de exercê-la de forma crítica, inventiva e implicada com o mundo.

5.1 As nuances nas trilhas escridocentes

Companheiro(a) escridocente, inicio estas nuances como uma andarilha que desperta para contemplar o alvorecer. Como poeta Camila Batista “*já ouço uma canção/ uma canção ainda em seu anonimato/ mas que há de deflagrar uma revolução*” (2023, p. 30). É essa canção, ainda anônima, que impulsiona a escritura de um sistema de signos delineado pelo arbitrário da linguagem. Camila anuncia uma possível revolução que, sob a perspectiva da docência, pode configurar um divisor de águas para aqueles que estão saindo da Licenciatura em Letras, rumo às salas de aulas da Educação Básica.

É nesse cenário de insurgências que se desenham as retomadas das narrativas de experiência com as práticas de escrita. Vale destacar que, na primeira trilha, essas práticas são apresentadas por meio das capas e dos títulos dos textos, que as compõem, delineando uma tessitura inicial dessas vozes plurais. Retomamos a elas na terceira trilha, em que propomos um alinhavo dessas narrativas de experiência, considerando, por um lado, aspecto como o silenciamento e, por outro, a escrita como acontecimento.

Nesta quinta trilha, evidenciamos uma retomada dessas práticas de escrita, impulsionada pela necessidade que se desenha no movimento das cartas/narrativas. Nelas, os(as) colaboradores(as) compartilham suas experiências com o ato de escrever, trazendo ao debate trechos de suas obras autorais, intercalando com as suas narrativas de experiência, em uma reflexão sobre essas artesanais, que produzem imagens capazes de constituir saberes docentes.

Podemos compreender esse espaço como um território de experimentação estética e político/pedagógica, que reconhece a escrita como uma artesanaria de criação autoral, um processo formativo no qual o sujeito se implica e se desloca em direção ao fazer docente, abrindo-se à potência de uma formação plural. Consolidar esse movimento nos leva à reflexão de que os(as) escridocentes escrevem porque a linguagem os atravessa. O ato de escrever os move, desorganiza-os e, nesse deslocamento, algo se reinventa em outros lugares nos quais a autoria se fragmenta, se refaz, se fabula.

No decorrer dessa caminhada, como *andarilha que sou*, desdobro-me em variadas formas de *viajar*. Atravessando vilarejos com seus casebres de pau a pique, chego ao encontro com os(as) *escridocentes*, que também, que, assim como eu, seguem firmemente suas trilhas, enfrentando labutas similares em diversos contextos, tal qual: “achar-se na



situação comum e fazer da escritura uma maneira de fazer “sucata¹³⁹” (De Certeau, 1990[2021], p. 85).

5.1.1 Segundo no desdobramento da “vestimenta escrivocente”

Companheiro(a) escrivocente, no intrincado jogo de significações, sendo construídos, desconstruídos e reconstruídos nas experiências vividas, abalando as convicções, é imprescindível contar com alças robustas para sustentar as descobertas emergentes em um “fabularcriar” da vida de andarilhos(as), que se constituem junto ao alforje, que não é nem “imaginação nem imaginário” (Marques, 2011, p. 55), mas sim, um movimento de maquinaria para fazer viver o possível permeado pelo contínuo processo de criação/formação.

Trata-se de um desbordar das memórias de Miguel Segundo, reveladas na escrita. São os diferentes modos de narrar, que conduzem aos domínios da subjetividade, com traços autobiográficos descontínuos. Como andarilhos(as), resta-nos “inventar um outro modo de andar, já não tão reto” (Moreira, 2016, p. 19), para alcançar diversas veredas, em uma acolhida de vozes, como em “Casa Vazia, Lar da Saudade” e “Instrumento Celestial” (2023).

São cenas impulsionando o ato de escrever de Miguel Segundo, em práticas de escrita, funcionando como tecnologia de uma narrativa, mobilizando processos de desterritorialização¹⁴⁰. Por meio desses elementos, as vozes ganham vida nos modos de contar suas experiências: práticas de escrita que se constituem em cada encontro desses traços.

Nesse contexto, a escrita é constituída como ato formativo. Dialoga diretamente com o(a) escrivocente, e que ao escrever, cria também um modo de ensinar/aprender, de pesquisar e de formar-se. A escrita, nesse sentido, age como uma ferramenta de pensamento, de invenção de si e de elaboração pedagógica. Miguel Segundo percebeu que “*as palavras são, em realidade, uma grande materialização das nossas subjetividades*” (2025, p. 159)¹⁴¹. Ao escrever, cria espaços de subjetivação, que rompem com formas fixadas de saber e ensinar.

¹³⁹ Destaque do autor.

¹⁴⁰ Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs*, (1995[2011]).

¹⁴¹ Trecho da carta/narrativa 6 “Vestimenta de um escrivocente” Petrolina/PE, 08 de abril de 2025. Miguel Segundo.



E foi nessas andanças que encontrei Miguel Segundo como escritor convidado para uma roda de conversa com os estudantes do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual em Juazeiro da Bahia. A Unidade Escolar estava desenvolvendo o projeto “Tempo de Artes Literária” (TAL)¹⁴². Ao saberem que estudantes de Licenciatura em Letras - Português e suas literaturas, realizam práticas autorais com a escrita, as escolas os convidam para dialogar com seus/suas estudantes da Educação Básica sobre o processo de criação/narração/fabulação.

Figura 26 Imagem de Miguel Segundo em sala de aula



Fonte: Arquivo de Acervo de domínio público. Acesso disponível em: https://www.instagram.com/p/DKjpWpfMnAz/?utm_source=ig_web_copy_link..

Miguel Segundo conduziu o encontro com os/as estudantes juazeirenses, utilizando seus textos, tanto nas leituras declamadas, quanto na abordagem mais sistemática, para falar dos traços de si, que podem atravessar as práticas de escrita, a exemplo do texto “Umbu Cajá” (2025), em que ele rememora sua infância em um conto narrando brincadeiras debaixo dessa árvore frutífera, muito comum na região Nordeste, especialmente na Bahia e em Pernambuco, onde se adaptou bem ao clima semiárido, mas não ocorre naturalmente na vegetação da caatinga como o umbu.

A leitura e os comentários sobre as metáforas presentes nos textos que Miguel Segundo potencializam o envolvimento do grupo de estudantes, a exemplo um deles que,

¹⁴² Proposta desenvolvida por toda a Rede de Educação Estadual da Bahia.



durante a roda de conversa de duas horas, realizou quatro rasuras de poesias e ainda produziu uma nova edição de seu texto para o projeto (TAL), no qual estavam inscritos.

Figura 27 Imagem de texto escrito durante um encontro de Miguel Segundo com estudantes do E/M

A outra mulher

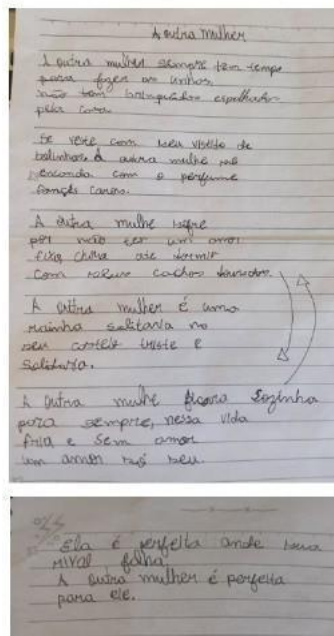
A outra mulher... Tem tempo.
Faz as unhas, um rolex.
Não há brinquedos espalhados...
Vazios no tempo-escolha.

Vestidos de alta costura...
A outra mulher tem seu espaço.
Perfuma-se das fragrâncias francesas.
Completa-se de luxos, esvazia-se de mundo.

A outra mulher não tem um amor.
Sofre... pena, chora e dorme.
Tem seus cachos dourados,
Tem seus bolsos de ouro.

Mas ficará sozinha.
A outra mulher acostumou-se.
Vida comprada, vida vazia...
Fria, sem amor...

Um amor que não se compra.
A outra mulher... não tem rival.
Deu-se a tudo, morreu em nada...
Fragmento-inveja de um amor que rejeitou.



Fonte: Arquivo de Acervo de Miguel Segundo.

O desdobramento da artesanaria dos(as) escridocentes se manifesta em composições forjadas no calor da conversa, gestada na tessitura coletiva da palavra. Nesse processo, o(a) escridocente atua como provocador de experiências formativas em que o texto deixa de ser apenas um produto e se torna zona de fabulação pela afetividade.

Companheiro(a) escridocente, não são somente os(as) estudantes secundaristas que se sentem afetados pela artesanaria da fabulação de Miguel Segundo, eu também me reconheço como uma andarilha de seus textos. Ao ler a última carta/narrativa de Miguel Segundo, também senti na memória afetiva o sabor de coletividade, refletida no cheiro do umbu-cajá:

Um dia desses, encontrei-me outra vez folheando um livro... estava à procura de imagens para criar atividades para um dos meus alunos, em uma das páginas, dei de cara com a foto de um umbu-cajá. A foto me encheu de água na boca e de emoções no coração, num misto de metáforas e nostalgia, pois, no meio da sala de aula, o instante me devolveu a infância (2025, p. 160).

A imagem do fruto evoca não apenas uma lembrança pessoal, mas também um modo de narrar o vivido, que afirma a potência da escrita como experiência formadora. Escrever, para Miguel Segundo, é criar sentidos que nos tocam coletivamente. Nesse movimento, reconhecemo-nos enquanto escridocentes, sujeitos, que escrevem com o



corpo inteiro, consigo e com os(as) outros(as), em um fluxo contínuo de invenção e formação.

Essa carta/narrativa que Miguel Segundo intitula de “*Vestimenta de um escrivocente*” já carrega, em seu título, o prenúncio de uma travessia: a dinâmica de se vestir com palavras, que recuperam memórias de infâncias e as entrelaçam com a prática docente. Ao nomear um de seus textos como “umbu-cajá”, Miguel Segundo desperta em seus leitores(as), sentimentos sensoriais, podendo remetê-los a sabores afetivos e simbólicos, que se materializam no corpo de sua escrita.

Aquele umbu-cajá não foi trazido para mim. Na realidade, eu que fui levado até aquele retrato artístico do papel e, a impiedosa memória fez questão de me mostrar os retratos do meu tempo de criança que a tanto ela escondia de mim. Aquele fruto perfeitamente doce e suavemente cítrico, me encheu de água na boca (2025, p. 179)¹⁴³

Uma narrativa, que marca outras, como o texto autoral, que rememora o ipê roxo. “*Nesse sonho acordado eu percebi a beleza de poder recordar, pois o ipê-roxo era importante e simbólico porque dava beleza e vida ao retrato da casa*” (2025, p. 180)¹⁴⁴. Essas narrativas, longe de se fecharem em si mesmas, são retomadas em outros contextos: tanto nas suas experiências com práticas de escrita quanto nas rodas de conversa que desenvolve com estudantes da Educação Básica. Em cada uma dessas cenas, sua escrita funciona como um ato formativo, em que o pessoal se torna político e coletivo.

Miguel Segundo traz uma escrita carregada de sentidos, que traduz a vestimenta de um escrivocente, por excelência: aquele, que entrelaça o cotidiano da sala de aula com a memória, a afetividade e a fabulação. O “umbu-cajá” torna-se uma metáfora/conceito do próprio processo formativo: mistura de tempos, saberes, sabores e experiências, que atravessam a criação e a formação envolvendo o ensinar e o aprender agenciando sua voz com outras tantas.

Fez-se necessário deixar ecoar, com essa vestimenta desta escrita de tese, a voz de sua narrativa em primeiro plano, pois nada melhor que ele para expressar o conceito/metáfora de escrivocente: sujeito, que se deixa atravessar pela linguagem, que, ao se formar, forma outros por meio da escrita, que toca, atravessa e desloca.

Naza, não é encantador poder ver nossos reflexos em nossas palavras? Quando aceitei participar do (PLC), não tinha ideia do amadurecimento que eu teria na escrita. Hoje, tenho a doce sensação de poder folhear um livro escrito por mim, mesmo que seja virtualmente. A obra “Segundo Multipolar” (2023), surge dos

¹⁴³ Coletânea do Lugar de Criação “Memórias e fabulações” (2025).

¹⁴⁴ Idem.



desafios e experiências que o mundo da escrita impõe, foi uma obra regada pela constante busca de evolução performática (2025, p. 161).

A experiência de Miguel Segundo dá visibilidade à artesanaria docente como práxis, em que a palavra escrita é forjada também com a prática formativa. Ao se deixar afetar pelo ato de escrever, ele também experimenta modos de se constituir docente; experimenta-se, nele mesmo, como um ateliê orgânico de linguagem, memória e criação. Sua escrita torna-se campo de invenção pedagógica, em que subjetividade, formação e ensino se entrelaçam.

Ele mesmo traduz isso com a potência de quem vive o que escreve:

Os próximos passos é alçar outros voos, me desafiar ainda mais e levar estes textos escritos por mim, para as minhas salas de aulas. Porque se eu, que tive lacunas na minha Educação Básica, consegui me constituir escritor. Posso também, na vestimenta de um (escr)docente, mostrar para meus estudantes que eles têm potencial (Idem).

Nessa artesanaria, a docência é, cada vez mais, potencializada como um espaço de criação compartilhada, onde a escrita opera como prática de si, como política do cotidiano e como poética do ensinar. Miguel Segundo nos lembra que se formar escrivocente é, antes de tudo, permitir-se ser afetado e afetar o mundo por meio da palavra.

Miguel Segundo, além desses convites esporádicos, também desenvolve rodas de conversa duas vezes por semestre em outra Escola Pública Estadual com turmas da modalidade EJA, no Estado de Pernambuco. Nessas vivências, a escrita atravessa territórios da docência e da fabulação. É aí que a artesanaria de Miguel escrivocente se atualiza: aquele que escreve para fabular, narrar, ensinar e formar-se com os outros, em meio às dobras da vida, atravessado pela linguagem em narrativas de experienciamento.

“Estou tendo a experiência de trabalhar, em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), os textos escritos por mim. A experiência está sendo riquíssima, pois consigo explicar os motivos que me impulsionam nas escritas e refletir com toda maturidade esse processo que percorri até hoje” (2025, p. 162).

São práticas de escrita, que ultrapassam o campo da formação, compreendida não como acúmulo de saberes, mas como um processo contínuo de criação, em que escrever, narrar e se formar/formar, entrelaçam-se como modos de existir e resistir no campo da docência e do cotidiano: onde as práticas sociais de escrita acontecem.

Por isso, companheiro(a) escrivocente, essas narrativas nos inspiram a seguir em travessia. Que possamos continuar narrando experiências sobre práticas de escrita criação/narração/fabulação, mas com ela, com a dinâmica da sala de aula, com os corpos, que nos atravessam, com as vozes, que ecoam em nós e conosco. Que sigamos escrevendo



como quem cultiva, partilha e inventa caminhos. Porque, no território da escrita, é onde precisamos potencializar para nos reconhecermos professores(as)/escritores(as) e nos tornamos, juntos e juntas, aprendentes na formação em Letras, mas também com a vida.

5.1.2 Crontos: um movimento epistêmico

Já nas andanças com Vítor Castro, mergulhamos em discussões atravessadas por questões linguísticas/literárias, como evidenciado em sua obra autoral *Crontos*, que o próprio autor descreve como “uma possibilidade de outra vida” (Castro-Brito, 2023, p. 36). Nessa fabulação, ele se posiciona como um prosador, que “cria a imagem numa imagem externa, expressa em palavra” (Bakhtin, 1979 [2011], p. 87). Trata-se de uma construção ativa de outra realidade, “a palavra literária é fundadora de sua própria realidade” (Blanchot, apud Levy, 2011, p. 14).

Vítor Castro tece “Crontos” por palavras que carregam “750 ml de vida”, em que o amor é efêmero como o “último gole duplo” (2023, p. 18). A narrativa se organiza como um tabuleiro, com “peças dispostas alinhadamente em um universo”, abrindo e fechando possibilidades de narrativas: movimentos, que sugerem “o surgimento de uma nova maneira de se relacionar com o real” (Levy (2011, p. 91).

Castro-Brito revela que:

somente eu e meu reflexo em um encarar tão profundo que me sinto invadido por mim mesmo. O que eu sou? Sou aquela dama doce? Ou, quem sabe, aquela dolorosa? Não me atrevo a responder. Levanto com a certeza de que sou o que escrevo, frágil, vulnerável e tão forte, que às vezes machuca. Um tabuleiro (2023, p. 20).

No entanto, esse tabuleiro, que já não o contém. A episteme se desfaz à medida que a escrita o transforma: “um tabuleiro, que outrora era descrito como “*meu esqueleto, meu corpo, e as damas seriam, por assim dizer, minhas marcas de formação subjetivo-identitária*” (2025, p. 146), já não lhe serve mais. Vítor Castro afirma, deslocando-se desse lugar, ser alguém “*que não se sente mais um tabuleiro*” (Idem).

Essa escrita, que se move e se ambienta, não se ancora em uma origem estável ou em uma identidade plena. Pelo contrário, ela se constitui por fendas e deslocamentos de rasuras, marca que permanece mesmo quando apagada, sinalizando a impossibilidade de fixar um sentido último. A presença do autor, nesse sentido, é uma inscrição, que se desfaz enquanto se constrói. Constitui-se na figura do autor como fonte de sentido, deslocando o foco da intenção individual para os jogos de linguagem, que entrecruzam no texto.



Nesse deslocamento, quem escreve se dissolve entre as vozes, tornando-se mais um entre os múltiplos agenciamentos do discurso.

Vítor Castro, no entanto, ironicamente, tensiona a autoria sem abandoná-la:

Quando surgiu a oportunidade de fazer uma amálgama de meus textos do Lugar de Criação para publicação, parei para relê-los e observei a oscilação que eles exerciam entre mim e o texto. Juntos, notei como eles criam um narrador (que sou eu, pois quero que seja, e Barthes pode vir se resolver comigo) purificado: urbano-interiorano-sentimental-ácido-incon(tes)tável (Castro-Brito, 2025, p. 168).

Sua resposta, ao mesmo tempo lúdica e crítica, sugere um autor, que reconhece o jogo textual, mas que também reivindica a posição implicada na escrita, marcada por afetos, contradições e deslocamentos subjetivos. Em seu texto “Damas”, Vítor Castro se abre para essas vozes outras agenciadas pelo múltiplo: “*ergo a mão para retirá-la do tabuleiro, mas agora é uma dama de cabelo curto, sorridente e de semblante límpido, uma queda d’água fraca demais para machucar, mas forte o suficiente para se fazer presente*” (2023, p. 20).

Mesmo assim, essa perspectiva apresentada, ressoa também na concepção de escrita como experiência¹⁴⁵, para quem escreve é um ato, que nasce do encontro com o mundo e com o outro, um gesto de escuta e de exposição de si. “Escrever, para mim, é uma forma de escutar. De escutar o que passa em mim, o que me atravessa, o que me transforma” (Larrosa, 2002, p. 21). Nesse ponto de convergência, a escrita de Vítor Castro se revela como ato de presença, no qual quem escreve lê a si mesmo e ao mundo, ressignificando experiências e tensionando lugares fixados de autoria. Em certo sentido, ele se configura como um escritor que lê a si, na medida em que sua escrita se evidencia da relação entre o vivido e o escrito, numa construção rizomática.

Esse movimento de escrita também se aproxima da ideia de escridocente, em construção nesta tese, ao considerar que o autor, ao posicionar-se como alguém que escreve, forma-se escritor durante o próprio processo de formação docente. Trata-se de um percurso em que a experiência com prática de escrita potencializa outras escritas autorais, abrindo possibilidades de inflexão no encontro com a própria narrativa.

Assim o ensino e a escrita se intercalam e se retroalimentam, numa construção constante de sentido e subjetividade. A figura do escritor, que também ensina, como a de Vítor Castro, tensiona a separação entre as funções de autor e de educador, sublinhando a continuidade da escrita como prática de criação e ensino simultaneamente. Assim, a

¹⁴⁵ Larrosa (2002).



escrita é uma experiência de deslocamento, que se entrelaça com as práticas formativas de docentes e com as subjetividades destacadas nesse processo de transformação.

Logo, *Crontos* (2023), configura-se como motor de transformação, “para que se possa transformar o que já está dito” (Levy, 2011, p. 91. Uma vez que sua composição não apenas registra, mas reelabora o vivido: “o presente vivo vai do passado ao futuro que ele constitui no tempo” (Deleuze, 1968[2021], p. 108). É nesse fluxo descontínuo que a obra se inscreve, revelando um tempo entrelaçado em experiências, que se ressignificam. Portanto, a escrita de *Crontos* não se organiza como testemunho de um “eu” centrado, mas como fabulação, que abre à diferença, um texto em que o autor se faz e se desfaz, multiplicando-se em vozes e intensidades.

É uma escrita, que se ambienta e se movimenta ao mesmo tempo, Vítor Castro (2025, p. 146), diz que: “*Quando sento para escrever observo o lugar onde estou e o que estou sentindo, no caso de “as damas”, um objeto usado. Só assim consigo fluir*”. Observando as práticas de escritas de escrivente como Vítor Castro, percebemos textos atravessados por marcas de uma presença ausente do autor. Essa presença se dá não apenas pelos traços de si, mas também pelas diferenças e lacunas, que perpassam a escrita: um acontecimento emergente das relações entre vozes, tempos e experiências.

Essa exposição ao porvir e à alteridade é o que torna essas práticas de escrita tão potentes para se pensar a formação docente. Ao escrever, sujeitos como Vítor Castro experimentam a própria escrita como um lugar de passagem, um território em que se torna possível fabular a si mesmo, fragmentado, múltiplo e em processo. Ao afirmar que a literatura “*pode fazer, como faz, o que quer de mim*” (2023, p. 17), Vítor Castro sinaliza uma entrega à potência da fabulação literária, permitindo que a obra o transforme e o reinscreva. Publicar *Crontos* é aceitar essa “estranha instituição”, esse pacto com a arte como reinvenção de si e da realidade. Com isso, Vítor Castro abre caminhos para que futuros(as) docentes fabulem sua própria presença autoral, pois o autor se constrói em movimento, como “autor em travessia”¹⁴⁶.

Nesse processo, a escrita torna-se também modo de formação: Um(a) escritor(a), que é ao mesmo tempo sujeito, que aprende com o texto que produz. A própria ideia de escrivente que se afirma é de um ato de escrever como forma de tornar-se docente, mesmo que não tenha essa finalidade central, até porque a escrita, nesse caso, não é instrumento didático, mas experiência formativa.

¹⁴⁶ Larrosa (2004).



Ao acompanhar as práticas de escrita de Vítor Castro, identificamos cenas, que se repetem, transformam e intensificam, e que apontam para uma ética do cuidado com a linguagem e com o outro. *Crontos* é uma obra habitada por essas cenas: a infância, o corpo, a dor, o afeto, o tempo. Mas são núcleos móveis; forças em tensão, jamais fechadas em uma significação unívoca.

Em última instância, *Crontos* é um posicionamento epistêmico de afirmação da autoria estudantil em sua potência de invenção. Os traços de si, que habitam na obra, anunciam uma escrita, que já é docente, não por ensinar algo específico, mas por sustentar a coragem de dizer de si e de se inscrever no mundo. Essa coragem, que é também criação e política, marca a travessia de Vítor Castro como um dos escridocentes atravessado pela palavra. *Crontos* nos interpela a reconhecer que a fabulação, quando assumida como experiência, tensiona os próprios modos de pensar à docência. Ao tornar visível uma autoria que é também resistência e criação, a obra se inscreve como testemunho da potência formativa atravessada por essas práticas de escrita, reafirmando que os sujeitos se escrevem enquanto se formam, formam-se enquanto escrevem.

5.1.3 Guilherme Resende em estado de escrita...

Companheiro(a) escridocente, Guilherme Resende, ao parafrasear Caetano, nos lança a uma instigante reflexão: mesmo subestimada, essa literatura se impõe. Ela transgride. Ela resiste. Ela se escreve e se reescreve.

*Quem não rezou a novena;
quem não saiu no bloquinho da festa;
quem nunca se fantasiou
para ser diferente no lugar que ficou? (Resende-Dias, 2022)*

Estamos diante de formas de fabulação, que abrem caminhos para outros territórios, outras linguagens, subvertendo estruturas e produzindo efeitos que, muitas vezes, escapam às molduras do que se convencionou chamar de “literatura”. É no inacabamento que reside sua potência máxima: uma força experimental, que “desterritorializa o sistema semiótico” (Deleuze e Guattari, 1995[2011], p. 30).

O arsenal criativo, que se aloja nesse alforje, revela textos, que se expandem para diferentes horizontes, incorporando simplicidade e sutileza, como coloca Guilherme Resende em seus versos: “*para ser diferente no lugar que ficou...*”. São textos, que transitam como acontecimentos, carregando um potencial latente em si mesmo: “um não existir sem o outro” (Rolnik, 1989, p. 44). Não se trata de uma escrita descritiva centrada



no eu, mas de uma escrita também do outro, uma escrita de nós, uma escrita nossa, com marcas atravessadas pelo movimento múltiplo dos contextos, que se materializam nos textos, contribuindo para a formação de marcas de subjetividades emergentes dos acontecimentos, deixando rastros nas narrativas, que funcionam como trampolins para a vida, entre o antes e o agora, ou talvez, entre o linguístico, o literário e a própria vida. Uma escrita, que agrega a pluralidade, pois é um “agenciamento coletivo de enunciação” (Deleuze e Guattari, 1995[2011], p. 32).

As escritas praticadas por Guilherme Resende trazem consigo esse movimento intrínseco da metalinguagem, revelando o trânsito da escrita na vida do narrador com outras vozes, pois é uma criação, que vai se desdobrando ao longo da caminhada percorrida em comunidade. É como se cada palavra fosse uma agulha, habilmente, abrindo espaços delicados para a passagem da linha. Assim, a narrativa avança desbravando por outras trilhas, proporcionando aos autores uma companhia que os liberta da solidão. Essa estabilidade, embora abalada, não se restringe a uma única direção, mas segue e se inventa em diferentes performances e outras possibilidades de criação. Nesse movimento, sempre surge uma dobra na trama da narrativa. Isso nos convida a refletir sobre a dinâmica inerente à criação literária e sobre como a escrita se reinventa constantemente através de múltiplas perspectivas.

É na fabulação que essas práticas de escrita ganham um sabor peculiar, harmonizado entre o excesso e a escassez de condimentos; cada rabisco transmuda de todo o corpo do escrevente. Como expresso por Guilherme Resende (2023, p. 72), “*Eu não imagino uma coisa dessa // Eu não chego a pensar // Como o mundo é taxativo // E dos outros só quer se vingar*”. Essas palavras suscitam uma sensação de aturdimento diante de certos comportamentos. O autor utiliza a literatura para explorar questões importantes, não se limitando a uma visão unidimensional ou a um propósito referencial, descritivo e utilitário, trazer isso “para a arte, para a literatura,” (Veríssimo, 2020, p. 81), mantendo-se em uma pseudo-identidade presente nas estruturas que nos controla. É na intermitência do encontro que se garante a necessidade de refletir, uma vez que o “que nos força a pensar é o signo” (Deleuze, 1976[2022], p. 93), pois com o signo nos encontramos com o poeta.

A poética de Guilherme sugere que suas fabulações, inevitavelmente, refletem sobre questões importantes para sociedade, mesmo que não seja sua intenção principal. Na primeira linha, “*Eu não imagino uma coisa dessa*”, surge uma expressão de surpresa ou incredulidade diante da situação especificada. O “eu”, no poema, parece incapaz de



conceber ou compreender o que está acontecendo, destacando a perplexidade diante das incertezas da vida, que nos leva a “observar cada coisa como um todo e depois pensá-la, como parte de um todo” (Deleuze 1976[2022], p. 101), para, assim, encontrar os diferentes modos de interpretar.

Como na segunda linha, “*eu não chego a pensar*”, em que o poeta sugere uma interrupção do pensamento racional, ultrapassando barreiras da cognição para ampliar as possibilidades de desconexão com essa realidade retratada nos versos, enquanto construção literária. Com isso, possibilitando a compreensão de como a “literatura funciona e de qual a postura intelectual para lidar com ela” (Durão; Cechinel, 2022, p. 83). Nesse nosso andarilhar, estamos desviando de caminhos que nos levem às imagens intactas do linguístico e do literário, compostas de artefatos sagrados. Como consta na terceira linha, “*Como o mundo é taxativo*” estamos perseguindo os laços, que incluem em suas dobras poemas como de Guilherme Resende, que reflete em formas para domar concepções, em que as regras impostas não mais contribuam para a sensação de impotência ou incompreensão como descritas nos dois primeiros versos.

Ainda nesta estrofe, o último verso sugere uma reação de descoberta diante deste mundo impositivo, “*E dos outros só quer se vingar*”, indicando uma reação de revolta ou desejo de vingança diante das injustiças vivenciadas. Essa poética destaca a complexidade das relações interpessoais e a variedade de emoções, que podem surgir em resposta às experiências vividas, de que “escrever é procurar zonas de vizinhanças” (Veríssimo, 2022, p. 81). Um escrever, neste contexto, torna-se um meio de desmontar significados estabelecidos nas estreitas lacunas, muitas vezes, entre o oral e o escrito.

Para alguns, é provável que o contexto *Lugar de Criação* resida nessa zona não literária ou em textos com alto valor descritivo, talvez por não se enquadrarem em um ideal canônico ou por serem produzidos por sujeitos subalternizados, que estão inventando fabulação originária das periferias das instituições educacionais para abraçar a utilidade/inutilidade encontrada na força, que a literatura tem de se metamorfosear em menor. Uma estética como “num ato de criação e recriação permanente a favor do bricoleur, em sua atividade rizomática” (Santos, 2016, p. 108), que expande suas alças, como em um alforge, criando espaços para que outras vozes ecoem seus clamores e assegurem que seus contextos, também, sejam registrados nas narrativas criadas na arte de escrever, onde outros significados sejam instaurados nas vivências plurais daqueles que fazem o cotidiano acontecer.

Isso se evidencia nos múltiplos encontros de subjetivação, que atravessam



diferentes segmentos do campo da linguagem. O poema de Guilherme Resende, em particular, reverbera discussões em torno dos signos linguísticos¹⁴⁷ e nos oferece pistas importantes para lidar com questões, que envolvem a própria ideia de língua, incluindo a sua dimensão arbitrária. Essa arbitrariedade, ao se desdobrar, nos convida a refletirmos como os efeitos do domínio linguístico repercutem em outros campos do saber, abrindo espaço para pensarmos para além do seu acabamento formal. Trata-se de reconhecer uma potência que se move entre linguagens, tensionando fronteiras, e ampliando possibilidades de sentido.

Neste lugar de inacabamento, onde a fabulação de Guilherme Resende ganha e se ergue com a força de um devir, a escrita literária não apenas busca a sua inutilidade/utilidade, mas sim a relevância. Ela possui a força de deslocar diferentes realidades, pois é nesse movimento que os signos ganham vida: “fazer saborear e compreender” (Barthes, 2004, p. 40). É o ato de degustar a liberdade de um signo para apreciar o prazer arbitrário de outros, a literatura se revela como uma mutante das palavras valsando nos textos, impulsionada pela poderosa e aparente funcionalidade, que lhe é inerente. Assim, Guilherme Resende indaga:

Quem sou eu? Eu sou você!¹⁴⁸
Eu sou a dança das festas de rua
[...]
Eu sou o som ecoado a mil holofotes
nos cinco pontos cardeais.
[...]
Eu sou o preto, nordestino, brasileiro.
com a força e a garra de um guerreiro triunfador.
[...]
Sou todos os que são considerados diferentes,
[...] a cara diferente que você imaginou.
Costumes e crenças, hábitos e posturas.
Sou único em cada pessoa, pois assim sou quem sou.
[...]
Quem não rezou a novena;
quem não saiu no bloquinho da festa;
quem nunca se fantasiou
para ser diferente no lugar que ficou? (2022, p. 112).

Ao desatar os nós da trama literária, deparamo-nos com a oportunidade de explorar caminhos diversos sem receios de pré-julgamentos, pois é a voz da periferia, que salta solitária em busca de outras vozes em trânsito ao dismantelar um centro e, assim, o

¹⁴⁷ Postuladas por Ferdinand de Saussure (1916).

¹⁴⁸ Poema “Quem sou eu? Eu sou você”, do estudante egresso de Escola Pública e escritor Guilherme Rezende, extensionista do Programa de Extensão Lugar de Criação - Letras UPE Campus Petrolina.



próprio enleio. É a “inventividade como exercício da imaginação e a erudição como conhecimento sedimentado” (Durão; Cechinel, 2022, p. 23). Nesse movimento, o pedestal canônico, possivelmente, manterá sua posição, mas com a possibilidade de ampliar brechas para outras visões que encaixem a de uma escrita literária, que transborda dos espaços silenciados, que tanto nos devoram. São vozes desafiadoras nas escritas de sujeitos, que clamam por uma escrita própria para eles e pelos deles. Aqui, convido você também a se inscrever junto comigo nesse próprio, que se desvela em emoção, inerente ao ato e criação, como Guilherme Resende faz ao desatar os nós na trama da exploração da liberdade de criar uma escrita, que acende como uma chama.

Em “*eu sou a dança das festas de rua*”, evoca a vitalidade presente na energia transmitida pelos festejos populares, verdadeiros artefatos da cultura em uma comunidade. A dança na festa é a celebração do divino e do profano em uma conexão com as raízes culturais. Como Guilherme Resende mesmo poetisa “*eu sou o som ecoado a mil holofotes nos cinco pontos cardeais*”. e sugerindo uma diversidade cultural capaz de se espalhar por todo o mundo que um escritor possa criar, pois todo escritor se constitui também como um “escritor de mundos que não existem” (Veríssimo, 2022, p. 71). Assim, Guilherme Resende, ao escrever, usa, figurativamente, os Cinco pontos cardeais, dando forma à ideia de multiplicidade e influência da cultura para todos os lugares possíveis, que se possa alcançar.

É pela escrita que criamos outras imagens para transitar por diversos lugares, narrando o “preto, nordestino, brasileiro” como uma “poética da subalternidade como um diambê ressoando na encruzilhada” (Santos, 2016, p. 109). Isso realça um devir “com a força e a garra de um guerreiro triunfador”, reconhecendo a potência de se erguer diante dos desafios e triunfar em múltiplos contextos, apesar das adversidades.

Guilherme Resende, ao mesmo tempo que apresenta um “eu” singular, transforma essa singularidade em uma pluralidade: ao se tornar uno, desdobra-se em várias facetas, afirmando: “*sou todos os que são considerados diferentes, a cara diferente que você imaginou*”. Um narrador que reflete sobre si, mas abraça a coletividade e desafia as noções preconcebidas de identidade. Pois, nestes versos, ele reconhece a singularidade de cada pessoa e rejeita se contaminar de preconceitos e estereótipos.

Nos versos “*Costumes e crenças, hábitos e posturas*” e em “*Sou único em cada pessoa, pois assim sou quem sou*”, destaca o individual presente em cada pessoa, suas particularidades presentes na complexidade humana, que se constitui em uma variedade de influências externas advindas de interações culturais e sociais. Isso é exemplificado



nos versos “*Quem não rezou a novena*”; “*quem não saiu no bloquinho da festa?*”; “*Quem nunca se fantasiou para ser diferente no lugar que ficou?*”. Guilherme Resende traz no seu poema um desafio às convenções sociais e sugere que a autenticidade deve vir daqueles que se atrevem a ser diferentes e a experimentar outras situações além daquelas impostas pela sociedade. Ao questionar este *status quo*, ele incentiva os sujeitos a celebrarem a diversidade, respeitando a individualidade de cada um.

A imagem que Guilherme Resende nos leva a criar em seus versos é a de um lugar vasto, repleto de memórias subjetivas, que ecoam em diversos espaços marcados pela infância e juventude. Pela perspectiva do sujeito lírico, trata-se de um lugar que exala riqueza cultural indiscutível. É uma cidade do interior, serena e acolhedora, onde os festejos e as novenas se destacam com uma importância, que transcende o tempo e o espaço, “numa tal tensão seria aquela de fazer ecoar” (Duque-Estrada, 2009, p. 175), ocupando, assim, um papel catalisador na vida das pessoas da comunidade.

Seria pertinente considerar a posição privilegiada da escrita literária, que ainda permanece no alto do pedestal e alçar diferentes caminhadas, desvendando as riquezas das narrativas caladas nas periferias da sala de aula e em tantos outros espaços de produção. Ao pensar o desmanche desse pedestal, criamos outras possibilidades de escritas, para muitas, para alguns, apenas uma literatura sem muita utilidade da literatura com uma antiestética do texto literário, enquanto para outras, são narrativas autênticas que refletem vivências individuais e experiências coletivas.

Assim, Guilherme Resende narra sua experiência com sua obra sempre em construção: “*esse livro é uma voz do interior do estado de Pernambuco que ganha espaço no mundo das letras, talvez letras falhas? Não sei. Porém, posso confirmar que são versos e estrofes com almas*” (2025, p. 152)¹⁴⁹. Se criar é fabular, as práticas de escritas de Guilherme Resende e dos demais participantes, torna-se perceptível a influência de diversos fatores que transgridem para as fabulações, como o contexto cultural, as experiências individuais e plurais, os propósitos comunicativos e a audiência-alvo. Isso porque as pessoas escrevem por uma variedade de razões em distintas realidades, pois “os processos de criação se constroem de modo nada ordenado” (Torrezan, 2011, p. 107). Cada gênero de escrita demanda habilidades específicas e abordagens diferenciadas, o que torna importante o desenvolvimento de uma compreensão diversificada e flexível nas práticas de escrita. Por outro lado, sobressaem traços subjetivos de vivências nos mais

¹⁴⁹ Trecho da carta/narrativa 6 *Somos tudo*. Alagoínhas/BA, 05 de janeiro de 2025. Guilherme Resende.



diferentes espaços e tempo.

Esses traços camaleônicos adquirem outros contornos, que os distinguem do sentido literal das palavras. Mesmo em uma era em que o audiovisual ganha cada vez mais destaque nas telas, suas criações sobressaem para além do ato de comunicar. São escritas com pegadas de engajamento, que abrem portas para a possibilidade de mudança na vida desses sujeitos envolvidos com o processo de formação e criação. Esses textos provocam reflexões, promovem possibilidades de diálogo e estimulam a ação, potencializando a potência transformadora pelas práticas de escrita literária.

É nosso movimento camaleônico de criações, fabulações e mudanças de rotas, às vezes, encontrando-nos à deriva, que eu me vejo como essa andarilha, tensionando as estruturas de um alforge esfacelado e desterritorializado para territorializar em outros contextos. Não são apenas escritores(as) que compõem os rastros desta pesquisa, mas nossos corpos, que submergem de uma escrita, que tenta escapar das amarras de uma linearidade convencional.

Mais que isso, *Versos da alma* (2023) podem inspirar, provocar reflexões e despertar uma sensação de empatia e compreensão mútua. É uma obra que capta a fugacidade da vida e a transforma em algo tangível e duradouro nas páginas à disposição dos(as) leitores(as). Assim como um rio, que flui incessantemente, carregando consigo a fluidez das emoções mais profundas em cada correnteza. Ou ainda, como em cada verso escrito, uma estrela no céu noturno, cada palavra brilhando com a luz única de uma experiência vivida. Os *Versos da alma* também se assemelham às árvores no outono, deixando cair folhas de memórias enquanto se preparam para o renascimento da primavera.

Vale destacar que Guilherme Resende sempre demonstrou interesse pelo Cordel e a poesia popular; porém, ao longo de seu envolvimento com as práticas de escrita no contexto do Lugar de Criação, revelou um interesse em produzir textos em prosa. Práticas como essa emergem o ecoar para “a voz subalternizada ser ouvida” (Buras; Apple, 2008. p. 27). Assim, a prosa surge nas práticas de escrita desse subalternizado autor, configurando-se especialmente com base nas leituras de textos, que passam por rasuras até ganharem asas para frutificar ao longo dos acontecimentos.

No entanto, ao fazer uma busca pelas coletâneas publicadas no contexto do *Lugar de Criação*, torna-se evidente que Guilherme Resende só começou a explorar a escrita em prosa no terceiro livro, intitulado *O Valsar das Palavras*, no qual ele apresenta dois contos. Essa transição ocorre após o autor já ter sete poesias autorais publicadas nos livros



do (PLC), sinalizando uma mudança em sua performance literária e uma expansão de seu repertório criativo. Como ele sugere no título de uma de suas poesias, “A Travessia” que consta no e-book *Versos da Alma* (2023); é essa travessia que pode ser entendida como uma jornada, um “*movimento da batuta do maestro, constante*” (2023, p. 21). Nesse movimento, ele atravessa os obstáculos da escrita em prosa e se apresenta aos leitores com um claro, “*estou eu aqui*” (p. 43), em pensamento como alguém despertando para um outro momento em sua vida e em suas práticas de escrita de fabulação.

A chegada de Guilherme Resende ao território da prosa ocorre pelas veredas da escrita narrativa, assemelha-se a uma aventura de um “*garoto das bandas da Bahia*” (p.45), conforme expresso pelo próprio escritor. Nessa trajetória, ele observa os desafios encontrados nas trilhas de um viajante literário, assimilando e observando cada experiência. Em um momento inesperado, a “*imaginação tomou conta*” (Idem), revelando a fluidez criativa que impulsiona sua transição para o mundo da prosa.

Guilherme Resende nos convida a adentrar em sua narrativa, atenuando “cada particularidade da sua personagem, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos” (Bakhtin, 1979[2011], p. 3). Assim, ele nos atrai com um convite direto: “*Conheça-me*”. Sua intenção é clara: ele quer que mergulhemos em sua criação/narração/fabulação, que transborda de seus livros. Podemos transitar pelos recônditos de sua narrativa, onde os pensamentos mais conturbados residem lado a lado com o afetivo, onde a raiva é transformada em compreensão e a solidariedade são tecidas por metáfora de uma “*porta aberta*” para os “*Versos da Alma*”.

Com esse chamamento, “*conheça-me*”, adentramos pelos recantos mais improváveis da escrita de Guilherme Resende imersos em uma “*tagarelise sem fim*”, que ecoa como o voo incansável de um “*pássaro inquieto*” (p.30), navegando nas águas correntes de um “*rio impetuoso*”. Essa incessante movimentação nos conduz à beira do precipício do conhecido e do desconhecido ou da “*experiência do fora, que nos coloca diante do real*” (Levy, 2009,), em que Guilherme Resende explora em seus versos a arte de “*conhecer o que não se conhece*” (p. 91). Esse é o cerne da sua obra, é um convite para desbravar os limites da compreensão, para transcender os horizontes familiares em busca de novas perspectivas. Nesse contexto, adentramos o universo da Licenciatura em Letras, no qual o conhecimento se entrelaça com a arte do ensino.

Aqui, o ato de conhecer é um compromisso compartilhado de ensinar, aprender e, acima de tudo, de reexistir, leva-nos a pensar, sendo o pensamento um encontro, que desestabiliza nossas certezas. Nesse sentido, Guilherme Resende vive esse exercício



“forçado” de pensar para criar em suas práticas de escrita, que “desterritorializa em sua objetividade e arriscam, apontando para direções incertas, imprevistas, trazendo à tona o processo que conduz à obra” (Torrezan, 2011. p. 111). Ele nos convida a mergulhar no tecido da linguagem, a desvendar seus mistérios e a compartilhar esse conhecimento com outros, transformando-o em uma ferramenta poderosa de emancipação. Assim, é com essa leitura que nos qualificamos a embarcar em uma viagem, que perpassa os limites do conhecimento convencional, explorando as fronteiras da expressão criativa. São carreiros que um(a) andarilho(a) pode seguir com suas contínuas descobertas.

A cada página virada, o(a) leitor(a) é conduzido(a) a uma caminhada na complexidade da condição humana, desafiando-nos a reinventar a cada passo do caminho. Nesse percurso, somos instigados, até mesmo, a poetizar o “*Aflora do mandacaru na seca*” (p.31), uma imagem que ressoa com o poder transformador de uma flor delicada emergindo em meio aos espinhos do “*eu pensador*”. Essa metáfora vibrante nos inscreve na reflexão sobre nossa própria capacidade de florescer em meio aos desafios da vida. É nesse contexto que Guilherme Resende continua a expandir sua narrativa, pois é a “potência de uma minoria vinda do que ela soube criar” (Aspis, 2011, p. 69), elevando-se em seu discurso poético para explorar os versos livres de uma poesia regionalmente popular.

A prosa de Guilherme Resende está impregnada da cultura e das tradições locais, entrelaçando-se também com as marcas das experiências vividas, convidando-nos a mergulhar nas profundezas da alma do povo e a descobrir a beleza e a simplicidade do cotidiano. Em cada palavra ressoam histórias compartilhadas ao “*redor das fogueiras*” e “*nos mercados*”, criando uma tapeçaria vivida da vida cotidiana. Os traços da *criação/narração/fabulação* de Guilherme se manifestam na contemplação da fugacidade e, ao mesmo tempo, afloram como um “*tempo cronometrado, certo e sem ardeio*” (p.33), mais do que “ver como a artística tensiona a linguagem, pode-se notar como ele constrói sua própria linguagem, evidenciando aquilo que o mobiliza” (Torrezan, 2011, p. 111). O trabalho de Guilherme Resende se constrói em sua própria linguagem, transformando-se a cada ação.

Vale destacar que Guilherme Resende encerrou suas andanças na graduação da Licenciatura em Letras em 2023, preparando-se para adentrar uma nova fase de sua vida. De estudante a docente escritor, ele se encontra diante de uma transição significativa, um verdadeiro “*renascer série*”, (2023, p.40). A finalização de sua graduação significa uma continuidade para novas experiências para o papel de um escrivente, o que também



possibilita seus pupilos entrarem em contato com seus textos, como um acontecimento no que ocorre e também “o que ainda vai acontecer, mas nunca o que se passa” (Levy, 2009, p. 109), abrindo brechas para rasurar oportunidades a serem exploradas no interior e no fora da sala de aula, especialmente em sua capacidade de inspirar outros(as) jovens com seus textos presentes no livro autoral *Versos da Alma*.

5.1.4 A escrita como cartografia formativa

Seguindo nessas andanças, as criações/narrações/fabulações de estudantes/escritores(as)/docentes vão se entrelaçando, inspirando em múltiplas reflexões. Seus textos, antes silenciados ou esquecidos, agora, ganham lugar de destaque em suas estantes ‘desviantes prateleiras’. No contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação, essas escritas em prosa e/ou verso transbordam as margens institucionais: saem das gavetas, ocupam salas de estar, circulam em feiras literárias e, quem sabe, chegam às mãos de docentes que, outrora, questionavam a validade de criações semelhantes. São escritas que se movem, que inquietam e reconfiguram os sentidos do ensinar, do aprender e do escrever.

São textos, que nos colocam nesse lugar de inspiração para que os(as) estudantes/escritores(as)/docentes os agreguem e construam em suas aulas, performatizando e agenciando com outras práticas de escrita, como o graduando Lucas Coelho: “*eu posso ser Marias, Clarices, Joãos e Paulos e posso continuar sendo eu mesmo*” (2022, p. 229), pois “quem escreve, não escreve por si mesmo” (Barthes, 1984[2015], p. 23). E com esse ‘bordado’ de linhas, que se conectam, os/as escridocentes vão se constituindo nesse ‘nascidouro’ de criação e de formação.

Uma escrita que escapa à finalidade de um letramento autônomo ou para um fim específico, ultrapassa a condição de um texto solitário ou isolado, transformando-se em um movimento devir, que engendra em sentidos diversos. Como Lucas Coelho narra: “*a cada nova leitura que faço de um texto meu, descubro novos sentidos. Encontro novas metáforas, novas interpretações, novas brincadeiras com as palavras*” (2023, p. 32). Assim, torna-se inevitável reconhecer que são as práticas de escrita, no interior das interações sociais, que tecem essa complexa rede de conexões com o coletivo em um fluxo de um “riacho sem início nem fim, que rói suas duas imagens e adquire velocidade no meio” (Deleuze; Guattari, 1995[2011], p. 49). É nesse uno entre as linhas que se



destaca nas trilhas das repetições, abrindo espaço para o inusitado, a diferença entre outras escritas possíveis.

Desse modo, uma prática de escrita como a de um(a) escriptor se constrói e se desconstrói na multiplicidade, pois extrapola os limites do contexto de extensão do Programa Lugar de Criação e inusitado explorar a diferença entre outras escritas possíveis. Com isso, uma prática de escrita como a de escriptor se constrói e desconstrói em uma multiplicidade, pois extrapola os limites do contexto de extensão do Programa Lugar de Criação e transborda as periferias das salas de aula. Situa-se, portanto, em uma educação constituída no “tempo do aprender como potência de sempre recomeçar um movimento, potência de colocar o próprio pensamento em movimento, de modo que ele, em suas diferentes formas, possa criar conceitos, funções e sensações capazes de transformar todos os elementos em questão” (Zacharias e Zeppini, 2018, p. 280).

O(a) escriptor pode ser compreendido(a) como desdobramento metodológico: aquele, que escreve para ensinar e ensina ao escrever. Constitui uma subjetividade, que não se reduz a um polo nem outro, mas que trafega entre as bordas. Podemos considerá-lo como um marcador, que tensiona as fronteiras entre docência e escrita, entrelaçando prática de escrita e formação, em que o sujeito escriptor, forjado por suas narrativas, reconhece-se nos deslocamentos e, neles, cria zonas de experimentação. O(a) escriptor não é quem, necessariamente, domina o texto, mas sim aquele que o reinventa, que se deixa afetar por ele e o reescreve em errância, pois a linguagem o atravessa. Como narra Lucas Coelho: “*agora, na docência, trago comigo a experiência do Lugar de Criação. Sempre fui exigente com a minha própria escrita*” (2025, p. 155)¹⁵⁰.

Mais que potencializar as escritas de seus estudantes, Lucas Coelho contribui para a potência da docência, ao propor atividades didáticas presentes na obra *Táticas Didáticas de Criação Docente* (Silva; Panta, 2022).

Figura 28 Trecho do texto *Aqueles olhos* de Lucas Coelho

¹⁵⁰ Trecho da carta/narrativa 6: *Potencializando os textos dos estudantes*. Petrolina-PE, 09 de janeiro de 2025. Lucas Coelho.



TEXTO 02

AQUELES OLHOS¹⁶

Lucas Rodrigues Coelho

Sento-me nesta cadeira desconfortável para escrever estas palavras que me sufocam e que me embriagam. O desconforto é o amargo cálice a que recorro para libertar-me dessa paz dissimulada. Lembro-me do meu silêncio ensurdecador diante daquelas palavras que, mediocrementemente, não proferi a ti. O silêncio é o refúgio das almas oprimidas, e o tormento das palavras não ditas é o consolo dos pusilânimes.

Fonte: coletânea Táticas didáticas de criação docente, vol. I (2023).

Aqui, Lucas Coelho propôs, entre as leituras, o seu texto *Aqueles olhos* (2023, p. 91). Ele sugere uma leitura, seguida de sugestões para que os(as) docentes façam provocações aos seus pupilos: “*vocês viram a potência desse texto? Não é um clássico como o de Drummond, mas tem potencial. Texto lido, é chegado o momento de nossas reflexões, na verdade, as reflexões de vocês...*”, revela uma prática pedagógica que desloca o centro da autoridade discursiva e reposiciona o(a) estudante como construtor de sentido. Ao reconhecer o valor poético de um texto emergente, o(a) docente realiza e afeta o espaço da leitura, construindo um cenário em que o literário não se limita ao cânone, mas se abre para novas vozes, experiências e escritas.

Essa postura é exemplar da função do(a) escridocente, entendido como aquele que escreve para ensinar e ensina ao escrever, instaurando uma pedagogia, que entrelaça docência, autoria e formação crítica. As perguntas que seguem à leitura, como “*Quais são as implicações disso na construção da narrativa?*”, “*Evidencia-se, no texto lido, a presença do sentido figurado ou metafórico?*” ou “*Aponte trechos do texto que indicam uma interpretação metafórica*” (2023, p. 91-92), não visam apenas avaliar uma leitura técnica, mas mobilizar a capacidade interpretativa e criativa dos estudantes, em que se aprende a ler o mundo por meio da linguagem e a se posicionar frente a ele com sensibilidade e criticidade.



Mais do que ensinar conteúdos, o(a) escrivente constrói com os(as) estudantes um espaço de criação compartilhada, onde a escrita fabulosa é ponto de partida para a emergência de subjetividades, para a reescrita de si e para o exercício da autoria. Ao provocar os(as) estudantes a refletirem sobre o narrador autodiegético, o uso de metáforas e o impacto estético da linguagem, o docente evidencia uma prática formativa, que não separa leitura de escrita, análise de criação, ensino de experiência. Assim, a escrita torna-se também um ato de docência, de presença e de invenção, o que reposiciona o(a) professor(a) como sujeito em constante movimento, aquele que, ao ensinar, também escreve e se transforma.

Neste contexto, o presságio, que permeia o trabalho de Lucas Coelho, se revela como uma jornada de descoberta, indicando que os(as) estudantes sejam eles(as) da Educação Básica, sejam universitários(as), “possam se tornar autores dos seus dizeres” (Endruweit, 2022, p. 114), por meio da fabulação das poesias, contos e crônicas habilmente tecidos.

Observe companheiro(a) escrivente, são fabulações que foram escritas sem a pretensão didático/pedagógica, mas que alçaram voos para outras coletâneas. Mesmo que cheguem às mãos de poucos(as) docentes, já refletem a posição desse sujeito em trânsito, que se constitui em estudante/escritor(a)/docente, como Lucas Coelho narra: “*Eu posso dizer que há dois Lucas: o de antes do Lugar de Criação e o de depois. Quando desejei ser professor, não imaginei que poderíamos criar tanto nesse papel; o quanto poderíamos inovar; fazer, de fato, a diferença*” (2025, p. 58).

A exemplo da cena abaixo, de um encontro em que o formador estava utilizando justamente este material, composto por atividades baseadas nas práticas de escrita desses estudantes/escritores(as)/docentes, conforme ilustrado na imagem a seguir:

Figura 29 Coletânea Táticas didáticas em encontros com docentes da rede estadual de educação de Pernambuco



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Dessa forma, o autor da obra *Presságio de um escritor* traz em seus dizeres, efetivados nas suas produções escritas, uma complexidade, que reflete o cotidiano da vida humana, oferecendo um banquete para todos que desejam aventurar-se pelos recantos das narrativas criadas no momento de êxtase ou de leveza. Seja em um último adeus silencioso diante do espelho, ou nas páginas íntimas de um diário, suas palavras ressoam como um bálsamo para os órfãos do paraíso, aqueles, que guardam seus segredos nas sombras da constelação celestial, encontrando consolo e redenção na beleza de suas histórias.

5.1.5 *Natureza Feminina*: rasura como inscrição

No entremeio da docência, o fazer artesanal da linguagem se revela também como rasura enquanto inscrição. A artesanaria do(a) escrivocente manifesta na atuação desse sujeito que, ao escrever para ensinar e ensinar ao escrever, assume a palavra como matéria viva, transformada em narrativas inventadas, marcadas por rasgos, reconstruções e



deslocamentos. Pensar a artesanaria do(a) escridocente é reconhecer a potência de uma prática, que fabula, reescreve e resiste nas margens, onde cada rasura se inscreve como afirmação de presença.

São narrativas de experiência com as práticas de escrita, que trazem em si possibilidades disruptivas, desafiando o *status quo* que, historicamente, silencia tanto a autoria da juventude estudantil quanto a autoria docente. Tais escritas abrem espaços para modos outros de agir, observar e compreender o universo enquanto docente, constituindo um divisor de águas para diferentes perspectivas formativas daqueles, que assumirão as salas de aula da Educação Básica.

Um exemplo sensível desse processo se encontra no poema “Natureza Feminina” de Camila Batista, especialmente em sua última estrofe:

*Sei que essa luta está longe do ultimato,
mas já ouço uma canção,
uma canção ainda em seu anonimato,
mas que há de deflagrar uma revolução (2023, p. 30).*

Como uma andarilha percorrendo as trilhas da pesquisa, não posso ignorar as nuances que o poema “Natureza Feminina” vem assumindo ao longo dos últimos cinco anos. As múltiplas inspirações desencadeadas por essa escrita levaram à sua inclusão na terceira coletânea do (PLC) - *Valsar das Palavras* (2022), em que ocupa as páginas 80 a 83. No ano seguinte, ressurge no livro autoral, que tem esse mesmo título, *Natureza Feminina* (2023), agora ocupando as páginas 30 a 33.

Vale ressaltar que, na versão original de 2019, o poema tinha 15 estrofes. Nas versões de 2022 e 2023, ele se expande para 16 estrofes, evidenciando transformações significativas. Desde o início, observa-se um movimento de rasura e reinvenção: o poema original começou a ser escrito pela última estrofe; nessa última versão, houve estrofes que foram suprimidas e outras adicionadas. Além disso, as edições do Lugar de Criação apresentaram numerações adicionais de páginas, indicando um deslocamento material e simbólico da obra, conforme quadro 1 a seguir.

Quadro 1 Comparativo entre duas versões do poema *Natureza Feminina* de Camila Batista

<i>Natureza Feminina</i> na Coletânea <i>Conversa Afiada</i> (2019).	<i>Natureza Feminina</i> na Coletânea <i>O Valsar das palavras</i> (2022). Obra autoral (2023).
5ª estrofe - p. 50 A natureza é nossa amiga!	6ª estrofe - p. 31 Certa vez, foi dito: “Tenho em mim todos os



<p>Ela nos permite vidas! E mesmo assim a maltratamos Mas, no final por ela, somos acolhidas Assim, como a mãe que tanto julgamos E hoje a ela somos apenas agradecidas.</p>	<p>sonhos do mundo.” E há de ser uma verdade inquestionável. Tenho em mim tudo de mais complexo, mas nada é imutável. Sou sonhadora, mesmo que de modo secreto e, por diversas vezes, sou indecifrável.</p>
<p>11ª estrofe - p. 51 Estamos presentes! Somos Clarices Somos Joanas Escritoras sem mesmices Guerreiras Veteranas E para nós não existem cálices!</p>	<p>11ª estrofe - p. 32 Somos um romance inacabado que foi traçado, mas nunca encerrado. Somos o que podemos, ainda não o que queremos. Um grito alto e implacável que foi silenciado. Construímos uma história que diariamente sonhamos. E com ousadia seguimos cantando.</p>
	<p>13ª estrofe - p. 32/33 E vamos adiante com vontade e medo, pois tememos do momento que nascemos. E existe sobre nós um alvo constante mas, com tudo isso, seguiremos questionando o sistema a todo instante, acreditando que, com coragem, venceremos.</p>
	<p>14ª estrofe - p.33 Coragem! Ora, como temos. Só quem teme diariamente sabe ser resiliente. Só quem chora todo o pranto sabe sorrir. Hoje e sempre, somos persistentes. Criamos mundos sem nunca desistir. Ah, mulheres, que ser inconsequente!</p>
	<p>15ª estrofe - p. 33 E é por isso que, cheia de temores, mas banhada em coragem, grito essa homenagem:</p>

As edições do poema *Natureza Feminina* oferecem pistas sensíveis sobre o que significa formar-se escrevendo e escrever como prática formativa. Nelas, evidencia-se que a prática de rasura - longe de apagar - (re)inscreve sentidos, tensiona lugares de poder e afirma presenças. Escrever, nesse processo, torna-se experiência de deslocamento e afirmação: uma escrita, que não se encerra, mas se refaz, compondo a formação docente como território de criação.

É na rasura, na dobra, no tropeço que a linguagem revela sua potência. A escrita, que pulsa nas versões do poema *Natureza Feminina* é uma escrita, que hesita, que se esquiva de modelos fixados, que escapa ao esperado. É escrita, que se refaz a cada gesto, que habita o intervalo entre dizer e calar. Entre silêncios e desvios, ela se move, desde sua gênese no Ensino Médio até a travessia pela formação docente, acompanhada pela fabulação. Aí, resiste: em modos outros de se constituir. Por essas fendas, escoam a voz, o



ruído, o balbucio, pois *Natureza Feminina* habita o campo da errância e da experimentação. Como Camila narra: *Foi um texto que me engrandeceu como escritora, tanto da primeira versão do poema, produzido durante o Ensino Médio, como quando tive a chance de (re)visitá-lo para publicação no “Valsar das Palavras” (2025, p. 129). ”*

O poema não se oferece para ser explicado, mas para ser acompanhado. Convida o(a) leitor(a) a estar com ele, a experimentar a escrita como quem se faz escridocente: nos rasgos, nas entrelinhas, nos restos, que sobrevivem ao reescrever. Ali, a palavra se torna abrigo, risco, presença. A palavra, que valsa, que treme, mas que insiste: viva. Adélia Prado (2025)¹⁵¹ narra essa revisitação aos seus textos de quando ela tinha 20 anos. “De fato revisitei poemas que no tempo, achei que não estava legal, [...] tira um verso aqui, o poema cantou [...] matei um verso aqui, matei outro acolá”. Assim, Camila Batista se desloca, então, do lugar de autora unívoca para tornar-se crítica de si, fabuladora de suas versões, colocando em crise a autoridade sobre o texto. Nesse processo, a escrita assume uma “performatividade originária, que se dobra às convenções preexistentes” (Derrida, 1994, p. 50), como também as transgride.

Ainda sobre as rasuras feitas no poema *Natureza Feminina*, observa-se que a retirada da estrofe onze na última versão publicada revela uma operação significativa de autoria:

Estamos presentes!
Somos Clarices
Somos Joanas
Escritoras sem mesmices
Guerreiras Veteranas
E para nós não existem cálices!

Trata-se de uma estrofe/manifesto, marcada por afirmações plurais. As figuras de Clarices e Joanas evocam escritoras/guerreiras, que, ao longo do tempo, rasuraram o silenciamento histórico imposto às vozes femininas, são nomes que convocam uma presença ativa de mulheres, que escrevem, resistem e reinventam formas de existir na linguagem. A exclusão desse trecho, longe de apagar o que foi dito, aponta para um outro movimento com a escrita: aquele que (re)inscreve o manifesto como força latente - como semente de outros textos, outras criações, outros agenciamentos possíveis.

Como a própria Camila Batista afirma: “*tudo bem mudar de ideia, tudo bem revisar, tudo bem não saber todas as respostas. O mais importante é seguir escrevendo,*

¹⁵¹ Em vídeo de entrevista ao Programa de televisão *Conversa com Bial* em 06 de maio de 2025. Disponível em: <https://youtu.be/fBAdrSYgYrY?si=MjgTzmBDHuzeZLuQ>. Último acesso em 20 de junho de 2025.



seguir caminhando e seguir descobrindo” (2025, p. 153). Nesse sentido, o ato de rasurar não indica ausência, mas deslocamento, um movimento, que rompe com a ideia de fixidez textual para afirmar a escrita como processo contínuo de formação, hesitação e fabulação. Ainda segundo Adélia Prado (2025), “não tenha medo de cortar [...] e às vezes, aquilo que eu cortava, virava outro poema [...] eu vou aproveitar em outro texto”. O que se retira, portanto, não desaparece: transforma-se. A estrofe torna-se, então, semente para outro texto, outra criação, outro agenciamento.

Esse é um processo de “saber das forças que produzem uma subjetividade, dos pontos de fuga ou constantes processos de singularização” (Moreira, 2016, p. 15). A rasura evidencia essas forças, ao tensionar o que, antes, era verso fixado no poema e transformado em potência de fabulação em outros territórios, abrindo brechas para o surgimento de diferentes vozes e outros modos de existir na escrita. A fabulação, nesse contexto, não é apenas criação literária: é invenção de si, é artesanaria autoral tecida pela linguagem e atravessada pelas experiências que a tornam viva.

Mesmo sem ter essa intenção, é possível observar que a própria escritora se inspira no poema *Natureza Feminina* (2019) para criar outras possibilidades com a escrita, ao mesmo tempo em que ela traz marcas de suas leituras para explorar sua criatividade. Obras como *O Segundo Sexo* (1949), de Simone Beauvoir, ao abordar os desafios das mulheres na sociedade, ecoam nos versos de Camila Batista: *basta um probleminha acontecer/ que logo, eles vão começar/ tudo que já veio a nos pertencer/ Irão prontamente questionar* (2023, p. 30). O conceito de *Lugar de fala* (Ribeiro, 2017) e poemas como *Vozes Mulheres*¹⁵² (Evaristo, 1990), *Mulheres*¹⁵³ (Prado, 1987) e até: *Eu te amo*¹⁵⁴ (Buarque, 1980), reverberam em *Natureza Feminina*. O poema, assim, não se fecha em si, mas se expande como rizoma, linha de escrita, que se conecta a tantas outras. E nesse ato de expansão, ganha mundo em sala de aula, em outras publicações, em convites para que a autora apresente em eventos diversos.

5.1.6 Encronizando

¹⁵² O poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo foi publicado originalmente na coletânea *Cadernos Negros* em 1990.

¹⁵³ O poema faz parte do livro *O Pelicano*, publicado em 1987.

¹⁵⁴ A canção “Eu te amo” de Chico, em parceria com Tom Jobim, faz parte do álbum: *Chico Buarque*, também conhecido como *-Vida -* lançado em 1980.



Ao longo desse processo, encontro-me com esses(as) escridocentes para vivenciar as experiências cartográficas no desenvolvimento da pesquisa, ao mesmo tempo em que aprimoro minhas próprias habilidades com a arte da palavra. Essa interação se revela como um espaço de reflexão sobre os fazeres criativos e docentes, por meio de compartilhamentos e experiências. Surge, assim, a necessidade de reconhecer essas práticas como material orgânico e valioso para a promoção de uma educação mais dinâmica, inclusiva e sensível às singularidades. A troca de saberes e a (co)construção de práticas como essas se tornam fundamentais para o avanço da formação docente, como também para a valorização da criação/narração/fabulação por meio da escrita no exercício da profissão.

A cada palavra, tece-se um bordado agenciado por diversos sentidos, *Encronizando* (2024), termo que é um dos títulos de minhas obras autores que principia uma viagem a qual começa “bem ali” e se expande “bem acolá”, atravessando as minhas “conversas que o vento não leva”. Nessa travessia, a triade “fê-crê-vê” guia os meus passos de um “feliz escrevinhar”, que me desafiei a “deslocar-criar”, como quem responde a um chamado à reinvenção constante de mim. Um processo, que também é desejo de me tornar escridocente. Desejo partilhado com os(a) colaboradores(a) desta pesquisa. Um anseio particular e glória pessoal.¹⁵⁵ Vejo esse movimento refletido em muitos, que participam no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC).

Figura 30 Capa da obra *Encronizando*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

¹⁵⁵ hooks (2013[2017], p. 10).



Em meio ao “rebuliço com as palavras”, observo-me rompendo o fio frágil do medo de transgressão de fronteiras. E, assim, sigo andarilhando pelas minhas práticas de escrita, criação/narração/fabulação, indagando os “ruídos das descobertas”, constituindo-me, também, como uma escrivocente, assim como eles e elas. São ecos de uma mente em ebulição, expressando uma singularidade plural.

Cada página revela “quantas incertezas”, abrindo para o inesperado da criação docente, como o exemplo do “Rey-Toty”, que se configura como um emblemático personagem - ou seriam dois? De qualquer forma, dois já seriam muitos para realeza e universalização, mesmo que local, dessas práticas de escrita desenvolvidas pelo contexto do (PLC).

A obra “Encronizando” (2024) é, talvez, um conjunto de retalhos de um prosear inventivo, que se multiplica em uma tapeçaria de ideias, afetividades e narrativas, costuradas com a linha fina - e potente - da imaginação. Cada narrativa carrega em si “uma fabula-ção”, mesclando o ontem e o hoje, em que a fantasia se transforma em outras realidades, como “um convite para metamorfosear” por meio da palavra escrita. Nesse movimento, também me enredo nessa trama de narrativas de experiência, práticas de escrita dessa juventude, que se deixa atravessar, afetar e recriar pela palavra.

É nesse entrelaçamento de vozes, tempos e sentidos que ganha minha figura de andarilha também ganha forma de uma escrivocente, que, ao tecer minha própria escrita, costuro também a possibilidade de ensinar enredada daquilo que crio. Ao ler os textos de “Encronizando”, reconheço uma pedagogia, que brota da experiência, das experiências com as práticas de escrita estudantil, que valoriza a autoria como força formativa. O(a) escrivocente expõe seus próprios fios, seus rasgos e suas remendas, tornando o ato de ensinar uma partilha sensível de processos. É nesse ato que escrita e docência se entrecruzam como práticas de resistência, de cuidado e de invenção.

5. 2 Os vários possíveis

Companheiro(a) escrivocente, observemos que, nas cinco paragens dessas narrativas de experiência com as práticas de escrita desses sujeitos colaboradores, a possibilidade de utilizar seus próprios textos em sala de aula não só fortalece o desenvolvimento de práticas docentes, ainda minorizadas, como também promove um ambiente de aprendizado no qual a teoria e a prática se entrelaçam, criando um ciclo virtuoso de ensino e aprendizagem. Ao escreverem, esses sujeitos vivenciam, entre outros aspectos, os próprios processos que, mais adiante, irão compartilhar com seus/suas



estudantes, tornando-se, assim, exemplos vivos de suas próprias metodologias pedagógicas.

É uma caminhada em que os graduandos de Licenciatura em Letras - português e suas literaturas - se aprimoram na competência escritora, mergulhados no ato de criar textos literários “é capaz de promover o inesperado de modo plural” (Santos, 2021, p. 135). Ao ingressarem na docência da Educação Básica, carregam consigo mais que um diploma e os conhecimentos sistemáticos adquiridos ao longo dos quatro anos e meio de graduação: levam um alforje de possibilidades, entre elas, seus livros autorais, sejam eles impressos ou digitais, como marcas de uma formação, que articula escrita, autoria e docência.

Essas obras significam um esplendor de acontecimentos ímpar na vida acadêmica desses jovens, pois é perceptível ocular um tangível testemunho de seu crescimento como escritores(as) e como indivíduos, agregados à formação docente. E mais, essas obras têm o potencial de inspirar novos(as) docentes a também fazer uso de textos que estejam mais próximos da realidade dos estudantes secundaristas, intercalando com clássicos e cânones da literatura brasileira e universal.

Mas é preciso perguntar: Onde podemos acessar essas obras? Estes livros estão disponíveis para aqueles que desejam tê-los em suas mãos? Essas questões vão além de uma curiosa indagação; elas tocam em um ponto importante, que mesmo sendo práticas desenvolvidas no interior de uma Universidade Pública, ainda não ultrapassam os limites territoriais para chegar naquilo, que denominamos de democratização do conhecimento e da arte. O acesso às obras dos(as) escrivocentes, como as demais produzidas pelo (PLC), ainda é limitado a círculos daqueles(as) que estão envolvidos com o seu contexto de criação. Ao que deveria estar ao alcance da população, independentemente de sua formação ou posição social, com uma diversidade de vozes e perspectivas, enriquecendo, assim, o panorama de possibilidades em vários segmentos sociais, ainda não tem a garantia de acessibilidade dessas obras.

Que fatores estão implicados na invisibilidade das obras desses(as) *escrivocentes*? O primeiro ponto é o aspecto financeiro. Nas duas primeiras coletâneas publicadas pelo contexto do (PLC), a tiragem foi realizada com uma média de 100 exemplares, tanto para a primeira coletânea *Lugar de Criação em verso e prosa*, quanto para a segunda *Escrita identitária*, pois, na ocasião, o referido programa não dispunha de nenhum recurso financeiro. Logo, cada autor/autora assumia o investimento de seus respectivos exemplares. Somente em 2022, é que o (PLC) teve condição de concorrer a um edital



com recursos, e, assim, foi feita uma tiragem de 150 exemplares do livro *Valsar das Palavras* e 40 para *Táticas Didáticas* volume I, acompanhadas dos seus respectivos e-books.

A tiragem da coletânea *Escrevinhar* do ano de 2023 foi bem menor, em média 60 exemplares, pois foi priorizado o recurso para a publicação de sete e-books autorais. Inclusive, cinco deles são dos colaboradores desta pesquisa. Além do pouco recurso financeiro, ainda falta um maior engajamento de recursos humanos para tornar esses escritos de domínio público, com divulgação em diversos sites especializados.

No início do ano de 2024, houve uma proposta de criação de uma página para que os e-books todos linkados com outras redes sociais para uma ampla divulgação; no entanto, só nos meados de maio de 2025, houve a aprovação da submissão de uma proposta de um projeto de extensão para essa finalidade, assim, dispor de um docente para assumir essas demandas com uma equipe de graduandos extensionistas para essa atividade específica.

Outra proposta desenvolvida no ano de 2024 foi a de consolidar encontros entre os(as) escridocentes e docentes da Educação Básica, promovendo momentos de divulgação e troca em um enredamento entre os(as) estudantes/escritores(as)/docentes e estudantes da Educação Básica. Essa iniciativa vem se concretizando por meio de rodas de conversas realizadas em escolas públicas, no âmbito do projeto *Conversa Afiada*. Gradativamente, têm evidenciado nesse caminhar com as obras em ambientes educacionais, a exemplo do sarau híbrido, que ocorre a cada bimestre, em que os textos produzidos no contexto do Programa *Lugar de Criação* são apresentados por seus respectivos autores. Ao final de cada sarau, há um momento de troca entre os escritores presentes, fortalecendo e fortalecendo o vínculo entre autoria, leitura e formação.

Outros desdobramentos, que merecem destaque, primeiramente, estão relacionados aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Todos colaboradores da pesquisa já defenderam seus (TCC). Dos quatro, três pesquisaram objetos, envolvendo as práticas de escrita do contexto do Lugar de Criação. São eles: Lucas Coelho, que defendeu em maio de 2022, que pesquisou “O ecoar de vozes de mulheres no contexto do Programa de Extensão *Lugar de Criação*”, cujo artigo está sendo revisitado para publicação. Miguel Segundo defendeu seu TCC em abril de 2023, traz como objeto de estudo “as marcas de leituras presentes nos textos escritos por participante do (PLC)” e em novembro de 2023, Vítor Castro traz da defesa de seu (TCC) um estudo paralelo entre as líricas de Gilka



Machado e os textos do (PLC). Todas as três pesquisas optaram, entre outros textos, pelo poema “Natureza Feminina”.

Segundo destaque é que dos cinco, três já concluíram a graduação de Licenciatura em Letras. Vítor Castro e Guilherme Resende em novembro de 2023 e Lucas Coelho em maio de 2024. Camila Batista concluiu no primeiro semestre de 2025 e Miguel Segundo, será no final de 2025, lembrando que, exceto Camila Batista, os demais fazem parte da mesma turma inicial. Miguel Segundo teve que atrasar o curso devido à necessidade de trabalhar. Nesse ínterim, criou encantamento e passou alguns períodos cursando o mínimo exigido de disciplina para aproveitar mais o universo acadêmico, tanto com suas escritas de fabulação, quanto com textos acadêmicos.

Diante do percurso traçado, talvez você, escribedocente, ainda deve se perguntar: O que, afinal, move esta tese? E mais: Em que medida as narrativas de experiência com as práticas de escrita contribuem para a construção de saberes docentes? Essas inquietações ecoam como fios condutores ao longo das trilhas aqui investigadas e se apresentam, agora, como pontos de chegada provisória, abertos a novas formulações. Deslocar o olhar investigativo das práticas de escritas desenvolvidas no PLC e, seguir numa trama das narrativas de experiência com essas práticas de escrita desses(as) escribedocentes responde às indicações, inclusive ao mapear/ouvir/investigar essas narrativas, as minhas também dialogam nessa política de narratividade.

A escuta sensível das cartas/narrativas, em diálogo com os(as) colaboradores(as) e comigo, que, também, inscrevo-me andarilha entre vozes e memórias, como processo de relação com o *outro*, permitindo afirmar que essas narrativas constituem espaços de inscrição de subjetividades. São cenas que anunciam influências, desafios, inspirações, formação, silenciamentos e deslocamentos, entre outras. Nelas, o sujeito em formação se experimenta como autor de sua docência, abrindo frestas para uma formação plural. Assim, a escrita se afirma como ato de criação, resistência e enunciação, tornando-se território onde o sujeito se implica, se desloca e se fabula com a linguagem.

Esse movimento se configura em observar as cenas e os significados emergentes nas narrativas, entendendo-as como modos de articulação entre memória, afetos e práticas de formação. Ao interpretarmos essas cenas como lugares de emergência de saberes em trânsito, compreendemos que a formação docente, quando atravessada pela escrita de si, ganha novos contornos: deixa de ser apenas técnica ou prescrição e passa a ser também estética, ética e política.



Essa articulação se desdobra para uma reflexão sobre os efeitos das práticas de escrita autoral na construção de uma postura crítica, criativa e autêntica dos(as) estudantes/escritores(as)/docentes. No contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação, os textos produzidos apontam para um processo formativo em que os mesmos aprendem a se narrar como docentes em formação. É nessa artesanaria que o(a) escrivente ganha forma: aquele que escreve para ensinar e ensina ao escrever, reinventando a si mesmo e a prática pedagógica a cada nova fabulação. Desse modo, é necessário abrir margens para pensar à docência como experiência sensível, onde a linguagem se torna matéria orgânica e a escrita, uma forma de habitar a formação. O(a) escrivente é uma presença, que tece sua prática entre rasuras e reescritas, inventando caminhos.

Companheiro(a) escrivente, ao longo desta trilha, tornou-se possível consolidar a figura do(a) escrivente como um acontecimento formativo, político e estético, que emerge das práticas de escrita autoral vividas no contexto do Programa Lugar de Criação. As narrativas aqui entretecidas em cartas trocadas, trechos de livros e fabulações, delineiam um sujeito em trânsito, atravessado pela linguagem e pela docência, que se reinventa na borda entre criação e ensino. Trata-se de um marcador crítico-cultural que, ao escrever, resiste às lógicas instituídas de formação, reconfigura os espaços do saber e transforma sua própria trajetória em campo de invenção pedagógica.

A escrita, neste platô, inscreve-se como cartografia viva: um traçado que escapa da linearidade e se enraíza em experiências múltiplas, ora nas margens da escola, ora nas trilhas da universidade, ora no entrelugar narrado pela fabulação. Os textos dos escriventes fabulam outras possibilidades de ensinar, narrar e formar, abrindo frestas onde o ensino se torna também ato criador. Assim, consolidar o escrivente é reconhecer que há potência política na escrita atravessada pelo corpo, pela memória e pelo desejo, e que, por meio dela, a docência pode se afirmar como uma prática de mundo porvir.



O ALFORGE DA PARTIDA TAMBÉM É O DA CHEGADA

PósCrítica, julho de 2025.

A tessitura da travessia

Estimado(a) interlocutor(a),

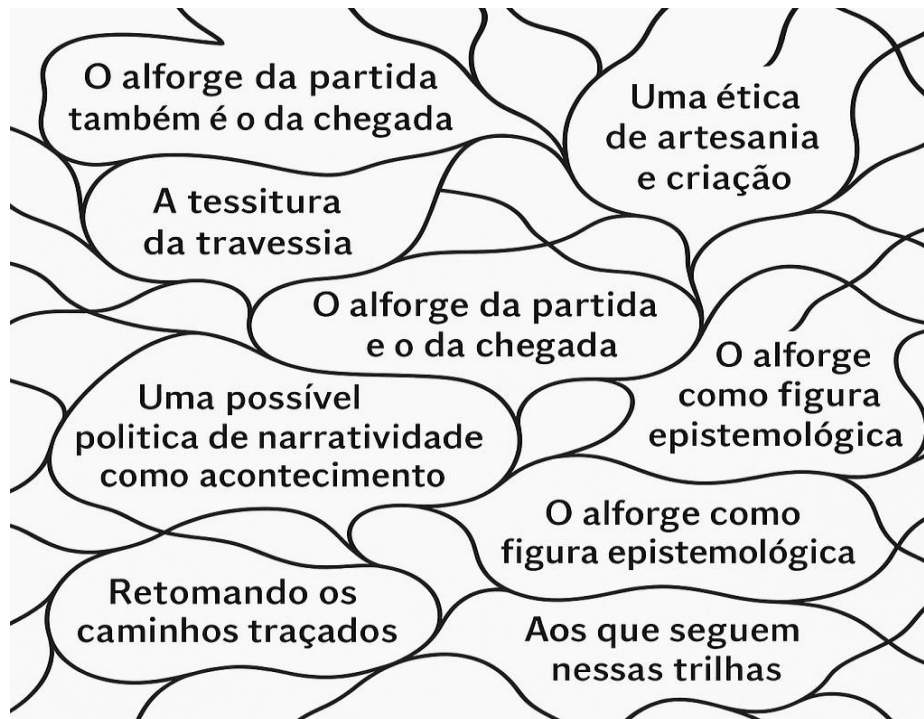
Aventuramo-nos por diversas trilhas entrelaçadas pelas narrativas de experiência com as práticas de escrita desenvolvidas no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC). Ao longo dessa travessia, foi possível tecer um alforge de palavras rasuradas nas cartas/narrativas em escritas autorais - criação/narração/fabulação. Acompanhamos o movimento dos(a) estudantes/escritores(a)/docentes que, em suas escritas, elaboraram modos singulares de narrar-se e formar-se, deslocando-se, assumindo o centro da própria formação.

Na travessia, a minha figura de andarilha entrelaça em um alforge como um lugar-móvel de acolhida e partilha. Nele, acumulam-se os movimentos daquilo, que foi vivido, inventado e fabulado, como abertura para outras trilhas possíveis. Trata-se de um percurso que não se encerra: há sempre novas palavras a carregar, outras formas de existir a fabular.

Nesse contexto, partida e chegada não se opõem, mas se implicam em um ciclo contínuo em que cada movimento refaz o outro. O que parecia ponto de origem revela-se um lugar reinventado. Assim, o alforge é também o tempo da escuta e da escrita, da partilha e da reinvenção. É nesse movimento de ir e vir, de carregar e partilhar, que se pode instaurar uma política de narratividade com experiências em práticas de escrita na formação docente, que se inscreve como prática ética, estética e epistêmica.



Figura 31 Trilha 5 Alforge Escridocente



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

Uma possível política de narratividade como acontecimento

Inspirada por uma gama significativa de teóricos(as), esta tese se sustenta nesta investigação das narrativas de experiências com práticas de escrita na formação docente, constituídas em cartas/narrativas como dispositivos capazes provocar deslocamentos plurais, contribuindo para a construção de saberes docentes e para a emergência do(a) estudante/escritor/docente - escridocente - como acontecimento político, estético e pedagógico.

Como afirma Suárez (2021, p. 100), “toda narrativa é já uma política do dizer, na medida em que afirma uma posição, uma escuta e uma presença no mundo”. Essa política não se impõe nem se prescreve: ela se faz no ato de narrar o vivido, de reinventar a experiência, de dar corpo ao que ainda não havia sido nomeado. O texto “é campo de forças, de prazer, de risco” (Barthes, 1988, p. 57), onde o sujeito se move, se perde e se reencontra.

Nesse sentido, as práticas de escrita autoral afetam diretamente a formação docente. Os efeitos se expressam em uma postura de autoria, escuta e invenção. São escritas, que tensionam o currículo, que desestabilizam o controle normativo da



linguagem e abrem espaço para o que ainda não foi dito. O(a) escrivente é esse sujeito-em-processo, que, ao escrever-se, constrói saberes.

A narrativa de experiência com as práticas de escrita autoral, assim compreendida, afeta a formação docente na Licenciatura em Letras, pois é parte significativa no processo ético, político e epistêmico de tornar-se professor(a). Os efeitos observados nas trajetórias dos(as) colaboradores(a), como o ingresso em programas de pós-graduação, a publicação de obras autorais e a atuação em práticas instituintes, não são apenas conquistas individuais, mas também respostas a um modelo de formação, que, frequentemente, silencia a dimensão criativa com o manejo da escrita.

A escrita, neste contexto, assume-se como lugar de autonomia e potência, como prática indisciplinada, que questiona a normatividade curricular e convoca outras formas de ensinar, aprender e existir. Trata-se de uma artesanaria formativa, tecida no entrelaçamento entre vida, linguagem e invenção, em que cada texto carrega o tempo, o cuidado e a escuta como modos de fabular. É possível afirmar que os(a) estudantes/escritores(as) se tornam mais que licenciandos/extensionistas: tornam-se escriventes. Este marcador crítico cultural, forjado no entrelaçamento entre escrita e docência, nomeia aqueles(as) que, ao escreverem a si e ao mundo, constroem sua formação como prática de autoria e resistência.

Portanto, o(a) escrivente é aquele que fabula a docência pelo atravessamento com a linguagem e que, ao compartilhar sua voz, desloca-se das margens do currículo para inventar outros modos de ensinar e aprender. Essa figura não é estável, nem plenamente definível: é um devir, que se escreve na dobra entre experiência e criação, entre sala de aula e página em branco, entre o que se vive e o que se ousa imaginar e fabular. Constitui-se escrivente porque a linguagem o atravessa.

Uma ética de artesanaria e criação

Esta tese se sustenta em uma postura ética de acolhida das narrativas de experiências com as práticas de escrita e fabulação como atitudes políticas, que atravessaram todo o percurso desta pesquisa. Nesse contexto, a escrita se torna lugar onde cabem as ausências, as presenças, os desvios e os desejos.

Ao longo desta pesquisa, a artesanaria foi se complementando à cartografia rizomática e à figura epistêmica do alforge. Entendida como o fazer cuidadoso e situado, a artesanaria da escrita se constituiu no entrelaçamento entre narrativa, fabulação e



invenção. Assim como a cartografia não parte de um plano fixo e linear, a artesanaria também se inscreve no tempo das dobras, da reescrita e da composição com o outro.

Cada narrativa, cada carta, cada texto autoral foi sendo tecido como quem costura à mão, linha por linha, palavra por palavra. Essa artesanaria se estabelece como prática, pois afirma a escrita como espaço de subjetivação, criação e resistência, especialmente no contexto da formação docente. Ao integrar a cartografia, o alforje e a artesanaria, esta tese constrói uma metodologia, que se alicerça na escuta, na atenção às singularidades, na alteridade e na aposta de que as práticas de escrita é também podem configurar um modo de existir em diálogo com o outro.

Nesses quatro anos de doutoramento, nem sempre a escrita aqui foi técnica nem apressada: foi artesanal. Um tempo de experiência e fabulação. Como no trabalho da costureira, as palavras foram bordadas a mão, em entrelaçamento com o outro. A cartografia, nesse sentido, é um método, que atravessa o narrado e o fabulado. Assim, ao lado da cartografia, a artesanaria configurou-se como prática de criação: um fazer situado, aberto à trama da experiência. Ao considerar a narrativa como lugar de narrar experiências, esta tese acolheu as vozes, os afetos e os deslocamentos dos sujeitos, reconhecendo sua potência formativa e política.

O alforje como figura epistemológica

Recuperar o alforje como mobilidade de figura epistemológica da pesquisa nos permite vê-lo como um lugar de deslocamento na investigação: arquivo móvel de saberes menores, espaço de narrar. Nele, cabem as palavras costuradas nas dobras da vida, os textos escritos nas margens da universidade, os silêncios, que viraram enunciados. O alforje também é um corpo, que carrega e que transborda. O alforje, mais do que metáfora, é uma das figuras epistemológicas desta pesquisa.

Mas, o que ainda cabe no alforje? Quais narrativas ainda não foram ditas? Quais práticas de escrita precisam ser visibilizadas como forma de resistência e reinvenção? Que outras trilhas a escrita podem abrir no campo da formação docente, especialmente em contextos marcados por silenciamento, controle e exclusão? Este alforje segue aberto, pois nele cabem os textos escritos nas margens, as narrativas, que escapam ao cânone, as experiências silenciadas, que ecoam na voz.

Retomando os caminhos traçados



Retomando os caminhos traçados por esta pesquisa, é possível reconhecer que os objetivos delinearam seus próprios contornos ao serem inscritos em uma narrativa de experiência, fabulatória e em constante movimento. O mapeamento rizomático das narrativas de experiências com as práticas de escrita no contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação (PLC) não se deu por linhas diretas, mas por rastros, dobras e enredamentos, que evidenciam os atravessamentos subjetivos e os efeitos formativos na constituição dos licenciandos como docentes: *escridocentes*.

As cenas narrativas emergidas nas cartas foram lidas e interpretadas como territórios de fabulação, em que as subjetividades se escrevem e se desdobram em saberes outros, não normativos, não domesticados, mas insurgentes. Tais cenas, longe de funcionarem como dados a serem decifrados, foram tratadas como manifestações orgânicas de um saber em trânsito, abrindo veredas, que entrelaçam a experiência e a formação.

Refletir sobre os efeitos dessas narrativas com práticas autorais permitiu vislumbrar a construção de uma postura crítica, criativa e autêntica por parte dos(as) estudantes, que, ao escreverem, deslocam o lugar que, tradicionalmente, lhes é reservado na universidade e reivindicam sua própria linguagem como campo de invenção e resistência. Nesse sentido, o que esta tese investigou - e experienciou - foi o modo que as narrativas de experiência com práticas de escrita autoral afetaram saberes docentes, ao mesmo tempo em que configuraram modos de narrar-se, formar-se e resistir.

As trilhas constituídas no decorrer da construção da tese, só foram possíveis por meio de uma artesanaria textual, uma prática de cuidado, escuta e partilha, que permitiu acompanhar cada dobra, cada silêncio, cada lampejo de criação. Assim, essa escrita de tese não é apenas um produto final, mas uma composição em coautoria, feita com e entre os que escreveram suas cartas, suas narrativas, seus deslocamentos.

O plano de composição desta tese é inseparável dessas vozes, que não foram organizadas em uma lógica classificatória, mas sim acolhidas em sua potência de fabular realidades. É nesse contexto que se afirma uma política de narratividade nas experiências com práticas de escrita na formação docente: uma prática ética, estética e epistêmica, que transforma a escrita em lugar de resistência, formação e invenção. Assim, a pesquisa se inscreve não como conclusão, mas como travessia contínua: um alforge, carregando as palavras que ainda virão.



Tripla relevância

A relevância desta tese se desdobra em três dimensões entrelaçadas: política, estética e epistêmica. Politicamente, afirma-se como ato de resistência frente aos modelos normativos de formação docente, ao reconhecer nas práticas autorais de escrita a potência de deslocamento, pertencimento e invenção de si.

Esteticamente, aposta na artesanania como forma de cuidado e composição, em que a escrita se faz com o tempo, com o outro e com a fabulação, construindo um tecido narrativo bordado com singularidades. Nesse entrelaçamento, emerge a tríade criar/narrar/fabular, que atravessa as escritas dos(as) escribedores, fazendo da experiência estética um campo de invenção, em que cada texto se torna um ato de autoria, uma dobra de si e um movimento de criar realidades, pela e com a escrita.

Epistemicamente, propõe uma virada no modo de pesquisar, ao operar com a cartografia rizomática e com o alforge como figura móvel de pensamento, reconhecendo a escrita como prática de conhecimento situada, criadora e insurgente. Nessa trama, inscreve-se também o meu posicionamento epistêmico de (eu)andarilha, cuja escuta atenta, caminhada entre margens e disposição para o risco tece um modo de pesquisar, que se faz em travessia, entre dobras, interlocução e fabulações, acolhendo o que emerge no encontro com o outro como saber em movimento.

Nesse movimento de caminhar com o outro, opto por compor esta tese em formato epistolar, assumindo o(a) leitor(a) como interlocutor(a) constante. Tal escolha sustenta a escrita como prática de encontro, de escuta e de partilha, em que o pensamento se faz na relação. A forma de carta permite que o texto se dirija, convoque e acolha, instaurando uma relação de co-presença entre quem escreve, quem colabora e quem lê. Assim, a escritura da tese também se configura como travessia compartilhada, em que as fronteiras entre autor(a), colaborador(a), leitor(a) e pesquisador(a) se desfazem em favor de um território de criação conjunta.

Nesse percurso, as cartas/narrativas se afirmam como dispositivos fundamentais para narrar experiências com práticas de escrita na formação docente, configurando territórios onde a linguagem e o afeto se entrelaçam na tessitura da narrativa de saberes outros. Ao articular essas dimensões, possibilita uma instauração de uma política de narratividade de experiências com as práticas de escrita como modo de existir, formar e ensinar, abrindo trilhas onde a formação docente se faz escrita e a escrita cria realidades em fabulações.



Aos que seguem nessas trilhas

Estimado(a) interlocutor(a),

Você, que segue nessas trilhas e que caminha comigo ao longo destas páginas, atua como presença silenciosa e ativa: multiplicador(a) de linguagem, artesão(artesã) de sentidos. Ao sustentar esta interlocução entre o vivido e o fabulado, entre a formação e a criação, possibilita que esta escrita de tese se faça também travessia. Que as reflexões aqui reunidas não se encerrem em páginas, mas sigam caminhando, abrindo outras veredas para quem vier depois. Porque escrever, como aprendemos juntos, é também um modo de seguir existindo.

Figura 32 Imagem ilustrativa da andarilha nas trilhas da política de narratividade



Fonte: Arquivo pessoal da autora, adaptado com auxílio de IA (2025).

É com esta imagem de um alforje aberto para diferentes trilhas que a narrativa de outras experiências se faz em trânsito. Um movimento, que toca a terra quente do Sertão,



para que possamos nos inscrever entre livros, palavras e rastros. Nessas trilhas, (eu)andarilha, vislumbro o horizonte, que se alarga a cada passo. Assim, sigo acompanhada por experiências, cartas/narrativas, práticas de escrita e fabulações em obras autorais. Em minha figura de andarilha, carrego, no alforge, os livros/forjados/coletivamente, com palavras bordadas no chão, reafirmando uma política de narratividade na experiência com práticas de escrita situada, insurgente e sensível, que segue viva e se projeta em possibilidades de trilhas futuras de investigação. Que esta imagem também caminhe com você.



REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Gilda de Mello e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ARFUCH, L. (2002). *La vida narrada: Memoria e identidad en la narrativa contemporánea*. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica.
- AGAMBEN, Giorgio (2006[2009]). *O que é o dispositivo?* Tradução de Celso Luiz Paulini e Daniela S. Martucci. Chapecó: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Unochapecó, 2009.
- ALTINHO, Jorge (compositor). *Petrolina e Juazeiro*. Intérprete: Trio Nordestino. Brasil: 1976. Duração de 3:02. Disponível em: [Petrolina Juazeiro - Trio Nordestino](#), último acesso em 31 de maio de 2024.
- AMORIM, Antonio Carlos; JUNIOR, Wencesláo Machado de Oliveira. *Linhas e Multiplicidades*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 07-16.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. 1902-1987 – *Alguma Poesia* / Carlos Drummond de Andrade; Prefácio Manuel Graña Ercheverry – 6ª ed - Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 21ª Edição. Rio de Janeiro -São Paulo: Editora Record, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza*. 1. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Org. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikom, 2011.
- ASPIS, Renata Lima. *Resistência e Confabulações*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 63-74.
- BAKHTIN, Mikhail, (1992[2016]). *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed. 34, 2016. 11-70.
- BAKHTIN, Mikhail, (1992[2011]). *Estética da criação verbal*. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, tiragem 2020.
- BARTHES, Roland (1977[2009]). *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária no Colégio da França, pronunciada em 07 de janeiro de 1977*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2009.



BARTHES, Roland, (1984/1988[2012]). *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora brasiliense, 2012.

BARTHES, Roland, (1973[2015]). *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg, São Paulo: Perspectiva, 2015, 2015.

BATISTA-SILVA, Camila, (2019). *Natureza Feminina*. In: **Conversa Afiada**. Organizado por Nazarete A. Mariano e Camila Batista, Petrolina-PE: Gráfica Franciscana, p. 50-52.

BATISTA-SILVA, Camila, (2022). *Natureza Feminina*. Petrolina-PE: In **O Valsar das Palavras**. Org. Vítor Castro Brito, et al. Petrolina-PE. Oxente, 2022, p. 80-83.

BATISTA-SILVA, Camila, **Natureza Feminina**. Petrolina-PE: Oxente, 2023. (E-book autoral), 2023.

BATISTA-SILVA, Camila, *O menino que não lia*, in: Org. Nazarete A. Mariano, et al. **Lugar de Criação em versos e prosa**. Petrolina-PE: Oxente, 2020. p. 120-121.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENVENISTE, Emile (1976[1991]). *Saussure após meio século*. In: Emile Benveniste. Problemas de linguística geral. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1991.

BLANCHOT, Maurice (1955[2005]). *O espaço literário*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BLANCHOT, Maurice (1959[2018]). *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins, 2018. (Coleção do pensamento moderno).

BOGUE, Ronald. *Por uma teoria deleuziana da fabulação*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 17-36.

BORBA, Francisco S. (Org). *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BEAUVOIR, Simone de (1949[1980]). *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras. Manaus, 2012. Disponível em: Política Nacional de Extensão Universitária. Acesso em: 10. dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação, (2018). *Base Nacional Comum para Formação de Professores da Educação Básica*. Brasília. Última atualização, 18 de dezembro de 2018, 12h46. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/bnc-professor>. Acesso em: 05. dez. 2022.



BRITO, Vítor Castro. *Crontos*. Petrolina-PE: Oxente, 2023.

BRITO, Vítor Castro. *O Valsar das Palavras*. Org. Vítor Castro Brito, et al. Petrolina-PE. Oxente, 2022, p. 63-65.

BRITO, J. D. Tiro de Letra: *Mistérios da Criação Literária*, 2007. Tiro de Letra. Disponível em www.tirodeletra.com.br/poesia/Aakegriadeescrever-Wislawa.htm, acesso em 24/04/2024.

BURAS, Kristian L.; APPLE, Michael W. *Introdução*. In: Buras, Kristian L.; Apple, Michael W. (Orgs.). **Currículo, poder e lutas educacionais: com a palavra, os subalternos**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 9-46.

BUNZEN, Clecio. *Prefácio. Letramentos sociais: abordagens críticas do desenvolvimento, na etnografia e na educação*. In: **Letramentos Sociais**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 07/11.

BUZATO, Marcelo E. K. *Letramentos Digitais e Formação de Professores*. III Congresso **Ibero-Americano Educa Rede: Educação, Internet e Oportunidades. Memorial da América Latina**, São Paulo, BRASIL, 29 a 30 de maio de 2006. Disponível em [\(PDF\) Letramentos Digitais e Formação de Professores | Marcelo Buzato - Academia.edu](#). Último acesso em: 27 de abril de 2024.

BUZATO, Marcelo E. K; LOPES, Rodrigues E. de Lima; BRAGA, Denise Bértoli. *Pós-humanismo e humanidades digitais: Novos marcos epistêmicos para a pesquisa em Linguagens e Tecnologias na Linguística Aplicada da Unicamp*. In: **Linguística aplicada na Unicamp : travessias e perspectivas** [livro eletrônico] / organização Érica Lima. – 1.ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2021. Link Disponível em: [Linguística aplicada na Unicamp: travessias e perspectivas – Canal 6 Editora](#), último acesso em 30 de maio de 2024.

CANDAU, Joël, (2011[2021]). *Memória e Identidade*. Trad. Maria Letícia Ferreira. – 1ª ed. – São Paulo: Contexto, 2021.

CÂNDIDO, Antônio. *Na sala de aula: cadernos de análise literária*. São Paulo: Ática, 1977.

CALVET, Louis-Jean, (1984[2011]). *Tradição oral & tradição escrita*. Tradução de Waldemar Ferreira Neto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CALVINO, Italo (1988[1990]). *Seis propostas para o próximo milênio*. Companhias das Letras, 1990. 1[ed.] Lezioni Americane - Sei proposte per il prossimo millennium, 1988| Tradução: Ivo Barroso.

CERTEAU, Michel, (1990[2012]). *A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer*. 18.ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BUARQUE, Chico. *Eu Te Amo*. Intérprete: Chico Buarque. Compositores: Chico Buarque e Tom Jobim. Brasil: 1980.

BUARQUE, Chico. (1994[2009]). *A Invenção do Cotidiano 2: Morar, cozinhar*. 9 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.



- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, Luciano Bedin. *Estratégias Biográficas: biografema com barthes, deleuze, nietzsche, henry miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- CHARTIER, Roger (2005[2007]). *Inscrever & apagar: cultura escrita e literária*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- COELHO, Lucas Rodrigues. *Presságio de um escritor*. Petrolina/PE: Oxente, 2023.
- COELHO, Lucas Rodrigues, et al, (2021). *Escritas Identitárias*. Org. Lucas R. Coelho, Nazarete A. Mariano, Robismar Alencar da Silva, Vanessa M. Dos Santos Nascimento, Vítor Castro Brito. Petrolina: Oxente, 2021.
- COELHO, Lucas Rodrigues, et al, (2023). *Táticas Didáticas de Criação Docente: Uma arte de fazer com*. Volume II Organizado por Lucas R. Coelho et al. Petrolina/PE: Oxente 2023.
- DELEUZE, Gilles, (1953/2001[2012]). *Empirismo e Subjetividades: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Trad. Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, Gilles, (1964[2022]). *Proust e os signos*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, Gilles, (1968/1988[2021]). *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. - 3ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra.
- DELEUZE, Gilles, (1969/1974[2009]). *Lógica do sentido*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, Gilles, (1987[1999]). *O ato de criação*. Tradução de José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, v. 27, n. 06, São Paulo.
- DELEUZE, Gilles, (1988[1995]). *Documentário abecedário de Gilles Deleuze*. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. Disponível em: http://clinicand.com/wp-content/uploads/2021/02/Gilles_Deleuze_Claire_Parnet_Abeced_rioz-lib.org_.pdf, acesso em 19 de jan. de 2023.
- DELEUZE, Gilles, (1990/1992[2013]). *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, Gilles, (1993/1997[2011]). *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, (1980/1995[2011]). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, (1980/1995[2011]). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, (1980/1996[2012]). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, (1980/1997[2012]). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, (1980/1997[2012]). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34.

DELEUZE, Gilles, PARNET, C. (1977[1998]). *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta.

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: 20024.

DERRIDA, Jacques. (1967[2011]). *A Escritura e a diferença*. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DERRIDA, Jacques. (1968[1997]). *A Farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DERRIDA, Jacques. (1976[2021]). *Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*. Trad. Guilherme Cadaval; Arthur Leão Roder Rafael; Haddock-Lobo. Rio de Janeiro: Zazie Edições.

DERRIDA, Jacques. (1952[2023]). *Universidade sem condição*. São Paulo: Estação Liberdade, 2023.

DERRIDA, Jacques. (1983[2014]). *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

DERRIDA, Jacques. (1989). *Entrevista com Christian Descamps*, em Jacques Derrida: **uma teoria de la estrategia de la desconstrucción**. Barcelona: Anthropos, 1989.

DERRIDA, Jacques. (1990), Limited inc a b c... In: *Limited Inc*. Paris, Galilée.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1994.

DIAS, Guilherme Cristian Resende. *Versos da Alma*. Petrolina-PE: Oxente, 2023.

Dias Susana, WUNDER Alik. *Fabulografias: in-ventar por áfricas-cartões-postais*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 89-102.

DURÃO; CECHINEL. *Ensinando Literatura: a sala de aula como acontecimento*. São Paulo: Parábola, 2022.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires Autobiográficos: a atualidade da escrita de Si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.



ENDRUWEIT, Magali Lopes, (2022). *Repensando a escrita*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014.

FARIAS, Valter. Olodum (intérprete). *Deusa do amor*. In: **álbum Sol e mar ao vivo**. Rio de Janeiro. Warner Music Brasil gravadora. 1995. Duração de 3:39. Disponível em: <https://youtu.be/BHZGR-b7kk3s>, acesso em: 09 de agosto. 2023.

FÉLIX, José Carlos. *Prefácio*. Org, CASTRO, Vítor et al. **O Valsar das Palavras**. Petrolina/PE: Oxente. 2022.

FIAD, Raquel Salek; SIGNORINI, Inês. *Dois percursos acadêmicos individuais no campo dos estudos do letramento no Departamento de Linguística Aplicada (DLA)*. In: **Linguística aplicada na Unicamp : travessias e perspectivas** [livro eletrônico] / organização Érica Lima. – 1.ed. – Bauru, SP : Canal 6, 2021. Link Disponível em: [Linguística aplicada na Unicamp: travessias e perspectivas – Canal 6 Editora](#), último acesso em 29 de maio de 2024.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A nebulosa do (auto)biográfico: Vidas vividas, vidas escritas*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2022.

FIORIN, José Luiz. *A respeito dos conceitos de debreagem e de embreagem: as relações entre semiótica e linguística*. In: **Casa**. Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 15, n. 1, p. 12-38, 2022. [A respeito dos conceitos de debreagem e de embreagem: as relações entre semiótica e linguística](#), acesso em 21 de abril de 2024, às 19:39.

FIORIN, José Luiz. (2013[2017]). *O projeto de Semiologia*. In: **Saussure: a invenção da linguística**. Organizado por José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2017, p. 99-111.

FIORIN, José Luiz et al. Por que ainda ler Saussure. In: FIORIN, José Luiz et alli. **Saussure e a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, Valdir, N. *Mostrar ao linguista o que ele faz: as análises de Ferdinand de Saussure*. In: **Saussure a invenção da linguística**, (org) José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan.

FONSECA-ANDRADE, Rute. *Independência não é Silêncio*. In: **Lugar de Criação em versos e prosa**. Org. Nazarete Mariano, et al. Petrolina-PE. Oxente, 2020, p. 49-51.

FONSECA-ANDRADE, Rute. *Eu estava dançando no salão*. In: **O Valsar das Palavras**. Org. Vítor Castro Brito, et al.. Petrolina-PE. Oxente, 2022, p. 63-65.

FONSECA-ANDRADE, Rute. *Independência não é Silêncio*. In: **Lugar de Criação em versos e prosa**. Org. Nazarete Mariano, et al. Petrolina-PE. Oxente, 2020, p. 49-51.

FONSECA-ANDRADE, Rute. *Eu estava dançando no salão*. In: **O Valsar das Palavras**. Org. Vítor Castro Brito, et al. Petrolina-PE. Oxente, 2022, p. 63-65.

FOUCAULT, Michel. (1969[2008]). *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.



FOUCAULT, Michel. (1975; 1987[2017]). *Vigiar e punir, nascimento das prisões*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes. 1987. GAIVOTA, Daniel. **Poética do Deslocamento: Nomadismo, Diferença e Narrativa na Escola - viagem**. Coleção Teses e Dissertações. Volume V. Rio de Janeiro: NEFI, 2017.

FOUCAULT, Michel. (1979[2009]). *O que é autor?* Lisboa: Vega.

FOUCAULT, Michel (1980[2014]). *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. (1981[2010]). *Conversa com Michel Foucault*. In: -. **Repensar a política. Ditos & Escritos VI**. 1 a. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010a, pp.289-347.

FOUCAULT, Michel. (1984[2014]). *A escrita de si*. In: **Ética, Sexualidade, Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel. (1982/1983[2010]). Aula de 5 de janeiro de 1983 - *Primeira hora*, in: **Governo de si e dos outros**, Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 03-23.

FREIRE, Crizeide Miranda. Posfácio. In: **O Valsar das Palavras**. Org. Vítor Castro Brito, et al.. Petrolina-PE. Oxente, 2022, p. 308-309.

FREIRE, Paulo. (1968; 1972[2011]). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro - 50ª ed.-: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo (1978). *Cartas à Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4 ed. 1978.

FREIRE, Paulo (1997). *Professora sim, tia não! Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação* / Sílvio Gallo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Sílvio. *Por uma Educação Menor*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 27 n. 2, p. 169-176, jul./dez. 2002.

GALLO, Sílvio. *Em torno de uma educação voltada para a singularidade*. In: **Nietzsche/Deleuze: Imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia**. 2005 / organizador Daniel Lins - Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

GALLO, Sílvio. *Filosofia: experiência do pensamento*: volume único / Sílvio Gallo. -- 2. ed. -- São Paulo: Scipione, 2016. Disponível em: [Sílvio Gallo](#), último acesso em 30 de maio de 2024.



GALLO, Silvio; MONTEIRO, Alexandrina, (2020) . *Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra*. REMATEC: **Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, Ano 15, Número 33, p.185-200. Disponível em: [Educação Menor Como Dispositivo Potencializador De Uma Escola Outra | REMATEC](#), último acesso em 30 de maio de 2024.

GALLO, S. (2002). *O caminho da terra*. Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).
GERALDI, Wanderlei João. (1997[2004]). **Da redação à produção de textos**, in: (Org.) J. Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli, **aprender e ensinar com textos** de alunos - 7ª ed - São Paulo:Cortez, p. 17-24.

GERALDI, Wanderlei João. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GIARD, Luce. (1990[2012]). *História de uma pesquisa*, in. **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer** / Michel de Certeau; 18 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GIARD, Luce. (1994[2009]). *Momentos e Lugares*, in. **A Invenção do Cotidiano 2: Morar, cozinhar** / Michel de Certeau; 9 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GINZBURG, Carlo. (1976;1986[1989]). *SINAIS: raízes de um paradigma indiciário*, in. Trad. Frederico Carotti. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 143-179.

GONÇALVES, Juliana A. Jonson. *Escrita dos perceptos: de palavras a imagens-sensação*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 115-126.

GODOY, Ana. *Uma escrita para um combate incerto*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 37-48.

GONZAGA, Luiz; Guio de Moraes (1952). *Pau de arara*. In: **álbum pau de arara**. RCA EMI-Odeon Discos Copacabana, Rio de Janeiro, 1952. Duração 3:31. Disponível em: [Pau De Arara/Juazeiro \(Ao Vivo\)](#), último acesso em 30 de maio de 2024.

GUATTARI, Félix. (1989[2012]). *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik: Campinas-SP: Papirus.

RESENDE. Guilherme. *Quem sou eu? Eu sou você*. In. **Escritas Identitárias**. Orgs Lucas Rodrigues Coelho et al... Petrolina/PE: Oxente, 2022. P. 112-113.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Primeira pedrinha - sobre a severinidade*. In: **Por uma ética severina**, Francisco Veríssimo. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020. p. 11-13.

HALL, Stuart. (2003[2009]). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Organizado por Liv Sovik; tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 50-95.



HOOKS, bell. (2013[2017]). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla – 2ª. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Conciso*. Org. Mauro de Salles Villar. São Paulo: Moderna, 2011.

KALMAN, Judith. *Saber lo que es la letra: una experiencia de lectoescritura con mujeres de Mixquic*. México: UNESCO Institute for Education, 2004. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000149457>.

KATO, Mary A. (1986). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática.

KING, Stephen (2000[2015]). *Sobre a escrita: a arte em memórias*. Tradução de Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KLEIMAN, Angela Bustos. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Pontes, 1985.

KLEIMAN, Angela Bustos. *Modelos de Letramentos e as práticas de alfabetização na escola*. In: KLEIMAN, A. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre as práticas sociais da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995).

KLEIMAN, Angela Bustos. (1985[2008]). *Leitura: Ensino e pesquisa* – Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª edição.

KLEIMAN, Angela Bustos. *Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho?* In: KLEIMAN, Ângela. (Org.). **A formação do professor: perspectiva da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KLEIMAN, Angela Bustos. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler a escrever?*. In: *Linguagem em foco / Ministério da Educação*, 2005. Disponível em: [Preciso "ensinar" o letramento?](#). Último acesso em: 24 de abril de 2024.

KLEIMAN, Angela Bustos. (2009[2001]). *A Formação do Professor: Perspectivas da Linguística Aplicada*. Campinas, SP.

KLEIMAN, A. B.; SANTO-MARQUES, I. B. A., (2020). *Letramento crítico em contextos de crise: o papel da escola na era da pós-verdade e de fake News*, in: KERSCH, D. F.; TINOCO, G. A.; MARQUES, R. G.; FERNANDES, V. A. (org.). **Letramentos na, para a, e além da escola**. Campina, SP: Pontes Editores, p. 29-55.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Universidade de Barcelona, Espanha. Scielo. Tradução de João Wanderley Geraldi. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. p.20-28.

LEVY, Tatiana Salem, (1979[2011]). *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Civilização Brasileira, 2011. Formato epub. Disponível em: [A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze - Tatiana Salem Levy - Google Livros](#), último acesso e 28 de maio de 2024.

LIMA, Letícia Fernanda Hipolito. *Sou mulher*. In: **O Valsar das Palavras**. Org. Vítor Castro Brito, et al.. Petrolina-PE. Oxente, 2022, p. 285.



- LOPES, Cristian Javier, (2023). *Prefácio*. In: **Crontos**, BRITO, Vítor Castro. Petrolina-PE: Oxente, 2023.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaios e Conferências*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.
- MALDONADO-TORRES, Nelson, (2018[2020]). *Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*. In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Org. Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel - 2. ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MARIANO, Nazarete A. (2018). *Professoras Inventoras: das práticas de invenção à pesquisa-formação-ação*. Paris - França: Edilivre, 2018.
- MARIANO, Nazarete A. (2020). *Encontros: poesia, prosa, palavras...* Org. Nazarete A. Mariano, et al. Petrolina-PE: Oxente.
- MARIANO, Nazarete A. (2020). A cada palavra um agenciar de sentido, in.: **Encontros: poesia, prosa, palavras...** Org. Nazarete A. Mariano, et al. Petrolina-PE: Oxente, p. 58-59.
- MARIANO, Nazarete A. (2021). *Paisagens de si*. Petrolina-PE: Oxente, 2021.
- MARIANO, Nazarete A. (2024). *Encronizando*. Petrolina-PE: Oxente, 2024.
- MARIANO, Nazarete A.; SANTOS, Camila Batista da dos. *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil*. Petrolina-PE. Editora Gráfica Franciscana, 2019.
- MARIANO, Nazarete A.; SEGUNDO W. Miguel (2025). *Cartas/narrativas: um insurgente dispositivo*. 1ª ed. – Petrolina/PE: Oxente, 2025.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2001[2010]). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.
- MARQUES, Davina. *Vida, literatura e cinema: fabuloviver, fabulocriar*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 49-62.
- MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Cia. De Bolso, 2009.
- MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira, (2008). *O ARTESANATO DE SI: uma leitura do devir matriarcal a partir de Raquel de Queiroz*. Tese de doutoramento: UFBA, Salvador: Instituto de Letras.
- MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira, (2015). *Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais*, in: **Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**.V. 7, n. 13. Rio de Janeiro: UFRJ. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Disponível em: [Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais | Moreira | Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea](#). Acesso em: 04 de abril. 2024.



MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira, (2020). *Microtecnologia subjetiva de escritoras negras em sala de aula*, in: (Org.) SANTIAGO, Ana Rita; OLIVEIRA, Maria Anória, **Literaturas afro-brasileiras e africanas**. Campinas: Mercado de Letras, p. 203-222.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira, (2020). *A força ativa Maria Bonita no movimento de reescrita de si de mulheres nordestinas*. In: **Outros olhares sobre o Sertão nordestino: gênero, masculinidades e subjetividades** Organizado por Caroline de Araújo Lima; Clovis Carvalho Britto; Jailma dos S. Pedreira Moreira. Salvador: EDUNEB, 2020, p. 155-183.

MONTE, Marisa (2000). *Gentileza*. In: álbum **Memórias, Crônicas e Declarações de amor**. Rio de Janeiro: Gravadora: Phonomotor, 2000. Disponível em: Marisa Monte - Gentileza (Videoclip), último acesso em 31 de maio de 2024.

NEVES, Cynthia Agra de Brit. *Letramentos literários em travessias na Linguística Aplicada: ensino transgressor e aprendizagem subjetiva da literatura*. In: **Linguística aplicada na Unicamp: travessias e perspectivas** [livro eletrônico] / organização Érica Lima. – 1.ed. – Bauru, SP : Canal 6, 2021. Link Disponível em: Linguística aplicada na Unicamp: travessias e perspectivas – Canal 6 Editora, último acesso em 29 de maio de 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. (1901[2009]). *Cartas de Nietzsche*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Hedra, 2009.

NÓVOA, António, (1992[2008]). *Profissão Professor*. Porto – Portugal: Porto Editora.

NOGUEIRA, Sayonara Cordeiro de Marins. *Prefácio*. In: **Presságio de um escritor**, autoria de Lucas R. Coelho. Petrolina/PE: Oxente, 2023.

OLIVEIRA, Adelson; SUÁREZ, Daniel H. *Documentação narrativa de experiências pedagógicas como escrita de si: dimensões formativas, teóricas e epistemopolíticas*. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 15, n. 33, p. 101-113, maio/ago. 2023. Disponível em: Documentação Narrativa De Experiências Pedagógicas Como Escrita De Si: Dimensões Formativas, Teóricas E Epistemopolíticas.

ORLANDI, Eni P. (1990[2008]). *Prefácio*. In: **O discurso: estrutura ou acontecimento/** Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlandi - 5ª Edição, Campinas, SP Pontes Editores.

ORLANDI, Luiz, (2014). *Prólogo: Um gosto pelos encontros*. **Territórios de filosofia**. Disponível em: Um gosto pelos encontros - Luiz Orlandi -Territórios de Filosofia, último acesso em 22 de abril de 2024, às 12:24.

ORWELL, George. *Por que Escrevo*. São Paulo: Penquin-Companhias das Letras, 2021.

PALMA, Daniela; LIMA, Érica; VERAS, Viviane. *Linguagens, Transculturalidade e Tradução: tramas e trânsitos entre linhas de pesquisa*. In: **Linguística aplicada na Unicamp : travessias e perspectivas** [livro eletrônico] / organização Érica Lima. – 1.ed. – Bauru, SP : Canal 6, 2021. Link Disponível em: Linguística aplicada na Unicamp: travessias e perspectivas – Canal 6 Editora, último acesso em 30 de maio de 2024.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, Escóssia, Liliana da, (2015). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre/RS: Sulina, 2015.



PÊCHEUX, Michel. (1990[2008]). M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*/ Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlandi - 5ª Edição, Campinas, SP Pontes Editores, (1990[2008]).

PÊCHEUX, Michel. (2011[2023]). *Língua, linguagens, discurso*. In: **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. Organizado por Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2023, p. 63-75.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Letramentos, empoderamento e aprendizagens*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2018.

PEREIRA, Aurea da Silva; MORAIS, Irismara de Matos. *Estética e letramento na produção dos beijos: saberes de mulheres “beijuzeiras”*. In: PEREIRA, Áurea da Silva; CRUZ, Maria de Fátima Berenice (Orgs.). **Letramentos, identidades e formação de educadores: pesquisa e formação: práxis pedagógicas**. 1. ed. Campinas, S.P: Mercado de Letras, 2020.

PEREIRA, Aurea da Silva; MOTA, Kátia S. “*Espaços biográficos*”: o lugar das memórias autobiográficas. In: PEREIRA, Aurea da S. (Org.). **Práticas de pesquisa autobiográfica: letramentos, memórias e narrativas**. 1. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. p.108-117.

POSSENTI, Sirio. *Notas sobre a questão da autoria*. matraga, Rio de Janeiro, v.20, n.32, jan./jun. 2013, p. 239-250. Disponível em: Vista do NOTAS SOBRE A QUESTÃO DA AUTORIA, último acesso em 31 de maio de 2024.

POSSENTI, Sirio. *Notas sobre condições de possibilidade da subjetividade, especialmente na linguagem*. Cad.Est.Ling., Campinas, (35):95-107, jul./dez. 1998. Disponível em: Notas sobre condições de possibilidade da subjetividade, especialmente na linguagem | Cadernos de Estudos Linguísticos, último acesso em 31 de maio de 2024.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 1976.

PREVE, Ana Maria. *Uma educação em linhas de fuga*. n: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 75-88.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Lição de casa*. In: BARTHES, Roland (1977[2009]). **Aula**: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária no Colégio da França, pronunciada em 07 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2009, p. 51-89.

RAMALHO, José. *Avôhai*. In: álbum Coletivo de Música Paraibana. Rio de Janeiro. Descobertas: 1976. Disco de vinil. Duração, 4:58. Disponível em Avôhai - YouTube, acesso em 21 de abril de 2023, às 14:35.

RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de Fala: feminismo plurais*. São Paulo: Pólen Livros, 2017.

RICARDO-BORTONI, Stella Maris. *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações, contemporâneas do desejo*. 2ª ed., Porto Alegre. Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. *Micropolíticas do cotidiano: artes do existir e ethos de resistência*. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.



SACRISTÁM. J.Gimeno(1999[2008]). *Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores*. In: **Profissão Professor**, organizado por Antonio Nóvoa. Porto Portugal: Porto Editora, p. 63-92.

SANTOS, Cosme Batista. *Letramento e senso comum*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SANTOS, Cosme Batista. (2018). *Prefácio*. In: **Professoras Inventoras: das práticas de criação à pesquisa-formação-ação docente**: Edilivre, 2018.

SANTOS, Cosme Batista. (2020). *Prefácio*, in: MARIANO, Nazarete Andrade *et al...* **Lugar de Criação em Versos e Prosa**. Petrolina-PE: Oxente, p. 15-19.

SANTOS, Eider Ferreira. *Experiência de leitura literária subjetiva em ambiente digital*. In: **Letramentos literários e abordagens culturais**. Organizado por Maria de Fátima Berenice Cruz e Carlos Magno Gomes. Aracaju-SE: Criação Editora, 2021, p. 127-140.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Primeiros passos de um crítico cultural*. Salvador: EDUNEB, 2015.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Gilles Deleuze e a potência do pensamento subalterno: por um arte-educador menor*. Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 25, p. 95-111, 2016. Disponível em: [GILLES DELEUZE E A POTÊNCIA DO PENSAMENTO SUBALTERNO: POR UM ARTE-EDUCADOR MENOR | Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura](#), último acesso em 25 de maio de 2024.

SANTOS, Osmar Moreira dos. (2019). *Platô de crítica cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor*. In: **40 anos do GELNE** (livro de referência sobre programas de pós-graduação em Letras no Nordeste), 2019. p. 247-270. Disponível em: [Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura - Volume I - Pontes Editores](#), último acesso em 29.05.2024.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Objetos, teorias e métodos num Programa de Crítica Cultural, situado no campo linguístico-literário, a partir da UNEB*. Seminários Avançados Perfil do Crítico Cultural/2020 - Pós-Crítica/UNEB, p. 375-410.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Literatura indígena (nativa): um fantasma para as literaturas nas Américas*. *Interdisciplinar*, v. 33, p. 188-200, 2020. Disponível em: [Literatura indígena \(nativa\): um fantasma para as literaturas nas américas | Interdisciplinar](#), último acesso em 25.05.2024.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Um banquete antropofágico: violência originária e táticas de negociação cultural emergentes no Brasil*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2020. (Coleção Pós-Crítica).

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A Língua que nos resta, em tempos de barbárie*. In: *ponto de Interrogação: Revista de Crítica Cultural* (Digital), UNEB. Dossiê **Signos: modos de criar, modos de reinventar, como um direito à cidadania cultural**, v. 12, n.1, jan./jun./2022, p. 7-15. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/14994/10088>, último acesso em 29.05.2024.



SANTOS, Osmar Moreira dos. *Literatura e Linguística: signos e paisagens por uma ciência aberta*. **Pontos de interrogação** (Digital), v. 12, p. 237-256, 2022. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/16410>, último acesso em 29.05.2024.

SANTOS-SILVA, Witoria dos. *Valente, Forte e Guerreira*. In: **Lugar de Criação em versos e prosa**. Org. Nazarete Mariano, et al. Petrolina-PE. Oxente, 2020, 61-63.

SARAIVA, Valuzia Maria. Prefácio. In: MARIANO, Nazarete Andrade et al. (org.). *Encontros: poesia, prosa, palavras...* Petrolina: Oxente, 2020. p. 14-15.

SAUSSURE, Ferdinand de, (1916[2012]). *Curso de Linguística Geral*. Orgs. Charles Bally, Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein, 28° ed. - São Paulo: Cultrix, 2012.

SAVIANI, Dermeval, (2013). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas/Sp: Autores Associados, 2023. (Coleção memória da educação).

SEGUNDO, Miguel. *Não se Cale*. In: MARIANO, Nazarete Andrade et al... **Lugar de Criação em Versos e Prosa**. Petrolina-PE: Oxente, p. 57.

SEGUNDO, Miguel. *Escrevinhar*. Org. Miguel W. Segundo, et al. Petrolina/PE: Oxente, 2023.

SEGUNDO, Miguel. *Criar... Escrevinhar...* In: **Escrevinhar**. Org. Miguel W. Segundo, et al. Petrolina/PE: Oxente, 2023. p 23-25.

SEGUNDO, Miguel. *Segundo Multipolar*. Petrolina-PE: Oxente, 2023.

SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Franciane B. da Silva; MARIANO, Nazarete Andrade. *As escrevivências de jovens escritoras oriundas do Ensino Médio: um olhar sobre as práticas de letramento em um contexto de escola pública*. Revista Veras, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 106-129, jan-jun 2021. DOI: 10.14212/veras.v. 11, n1, p. 106-129, ano 2021. Disponível em: [As escrevivências de jovens escritoras oriundas do Ensino Médio: um olhar sobre as práticas de letramento em um contexto de escola pública | da Silva | Veras](#), último acesso em 31 de maio de 2024.

SILVA, Robismar Alencar da PANTA, Francisco de Assis Silva (2022). *Táticas Didáticas de Criação Docente: uma arte de fazer com*. Organizado por Robismar Alencar da Silva e Francisco de Assis Silva Panta. Petrolina/PE: Oxente, 2022.

SKLIAR, Carlos, (2003[2008]). *A escrita na escrita: Derrida e Educação*. In: **Derrida & Educação**. Organizado por Carlos Skliar. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SKLIAR, Carlos, (2017[2023]). *Cartas Educativas: Una correspondencia pedagógica con los colectivos docentes*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Noveduc.

SKLIAR, Carlos, (2020). *Lectura y educación*. 1ª ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Ministerio de Educación de la Nación, 2020.



SKLIAR, Carlos. *Lo escrito, lo dicho, lo ignorado. Ensayos mínimos entre educación, filosofía y literatura*. Miño y Dávila Editores, Buenos Aires, 2010.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STREET, Brian V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. (2010). *Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas*. In: **Cultura escrita e letramento**. Organizado por Marildes Marinho e Gilcinei Teodoro Carvalho. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2010, p. 33-67.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno - 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. Campinas: Parábola, 2011.

SUÁREZ, Daniel H. *Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares*. In: Sverdlíck (Comp.), **La investigación educativa: una herramienta de conocimiento y acción**. Buenos Aires: Noveduc, 2007.

SUÁREZ, D. *Experiencia interrumpida, narrativas de sí y redes de investigación-formación-acción docente. Reflexiones pedagógicas contemporáneas*. In: **Pontos de Interrogação**, vol.11, nº2, jul-dic 2021, 445-462. Salvador: Universidad del Estado de Bahía, 2021. Disponível em: [Experiencia interrumpida, narrativas de sí y redes de investigación-formación-acción docente: reflexiones pedagógicas contemporáneas | Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural](#). último acesso em: 02 de fevereiro de 2025.

SUÁREZ, Daniel Hugor. *Comentários de lectura en conversación con una obra pedagógica*. In: **Documentação narrativa de experiências pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica**, (Org.) Jane Adriana Vasconcelos P. Rios. Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. Vol.1 São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P 09-20.

SUÁREZ, Daniel. *Memória, transmissão e saber pedagógico: documentação narrativa de experiências pedagógicas na área judaica*. São Paulo: Editora Narrativa Docente, 2021.

VALENÇA, Alceu. *Anúnciação*. In: **Álbum Anjo Averso**. Rio de Janeiro. Ariola Discos / Polygram: 1983. Disco de vinil. Duração, 4:59. Disponível em <https://youtu.be/xAwkmBrWbGE>, último acesso em: 20 de abril de 2024.



VELOSO, Caetano. *Sampa*. In: **Álbum dentro da estrela azulada**. Rio de Janeiro. Philips/PolyGram. 1978. Duração 3:43. Disponível em: [Caetano Veloso, Gilberto Gil - Sampa \(Vídeo Ao Vivo\)](#), acesso em: 09 de maio. 2024.

VELOSO, Caetano. *Oração ao tempo*. In: **Álbum Cinema transcendental**. Rio de Janeiro. Philips/PolyGram. 1979. Duração 3:38, Disponível em: [Caetano Veloso - Oração Ao Tempo \(Ao Vivo\)](#), acesso em: 09 de agosto. 2023.

VELOSO, Caetano; COSTA, gal (intérprete). *Força Estranha*. In: **Álbum Gal tropical**. Rio de Janeiro. Universal Music. 1979. Duração, 3:35. Disponível em: [Força Estranha](#), acesso em: 09 de agosto. 2023.

VIEIRA, Wellington Neves; SOUZA, Lícia Soares de. *Crítica Cultural e o ensino da literatura na BNCC*. In: **Letramentos literários e abordagens culturais**. Organizado por Maria de Fátima Berenice Cruz e Carlos Magno Gomes. Aracaju-SE: Criação Editora, 2021, p. 68-81.

Veríssimo, Francisco. *Por uma Ética Severina*. (Org) Rafael Haddock-Lobo. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

Veríssimo, Francisco. *Prefácio*. In: **Escrevinhar**. Organizadores Miguel Segundo et al. Petrolina/PE: Oxente, 2023.

TFOUNI, Leda Verdiani, (2021). *Letramento e autoria: dispersão e deriva dos sentidos*. In: **Cadernos de Linguística da Abralin Letramento e autoria**. V. 2, N. 1, 2021. p. 1-20. Disponível em: [LETRAMENTO E AUTORIA](#), último acesso em 30 de maio de 2024.

TORREZAN, Gustavo. *Rastro de vapor, não é, mas está sendo*. In: Antonio Carlos Amorim, Davina Marques, Susana Oliveira Dias (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 103-114.

ZARATIM, Daniele A. P. *Prefácio*. In: **Segundo Multipolar**. SEGUNDO, Miguel. Petrolina-PE: Oxente, 2023. p. 13-14.

(ZACHARIAS, Pamela; ZEPPINI, Paola Sanfelice. *Sobre aprender e fabular em educação*. Linha Mestra, N.35, p.278-285, maio-ago, 2018. Disponível em: [Sobre aprender e fabular em educação](#), último acesso em: 25 de maio de 2024.

ZOURABICHVILI, Francois. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Trad. Luiz B.L. Orlandi: São Paulo, Editora 34, (2004[2016]).

WOODS, Peter, (1999[2008]). *Aspectos da criatividade do professor*. In: **Profissão Professor**, organizado por Antonio Nóvoa. Porto Portugal: Porto Editora, p. 125-154.

WOODWARD, Kathryn, (2000[2014]). *Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual*. In.: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. (Org.) Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, Reimpressão, 2020. P. 7-72.



APÊNDICE E ANEXOS

https://docs.google.com/document/d/1znH5K7_ICAO6haD95TdHz5GTzIA5oDoNszv_Siyh9fU/edit?usp=sharing

ou

Apontar a câmera do celular para a imagem – QR Code abaixo – para acessar os arquivos.

